

# A LISTA DE *Instruções*



MARCIEL OLIVEIRA

MARCIEL OLIVEIRA

A LISTA DE

*Instruções*

Copyright © 2017 by Marciel Oliveira  
Letras e Versos  
Rua Vaz de Toledo, 536 - Engenho Novo - Rio de Janeiro-RJ  
CEP: 20780-150 - Tel: 21 2218-6026

Projeto Gráfico  
Marciel Oliveira / Marco Mancen / Manoela Costa

Diagramação  
Marciel Oliveira

Capa  
Marco Mancen / Manoela Costa

Revisão  
Marciel Oliveira / Luiza Santos / Juliane Bauer

Este livro foi editado segundo as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, vigente.  
CATALOGAÇÃO NA FONTE - PARTHENON Centro de Arte e Cultura

---

O48l Oliveira, Marciel

A lista de instruções / Marciel Oliveira. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2017.

366 p.; 23 cm

ISBN-978-85-5700-158-9

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. I. Título.

CDD: B869 | B869.3

CDU: 82

---

**Impresso no Brasil**

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização do autor.

Este livro foi feito para pessoas que moram no meu coração: minha mãe, meu pai, minhas irmãs, meu irmão, primos e primas, tios e tias, especialmente, para você que está segurando o sonho da minha vida em suas mãos.

“Desde criança sempre gostei de uma boa história. Eu acreditava que histórias ajudavam a nos enobrecer, a consertar o que estava quebrado em nós e nos ajudavam a nos tornar as pessoas que sonhávamos ser.”

— Trecho do discurso do personagem Dr. Ford na série Westworld, da HBO.  
Roteiro: Lisa Joy e Johnathan Nolan. Tradução: Legendas. TV

# PRÓLOGO

Era uma manhã ensolarada quando Felicity saiu de casa em sua bicicleta. As ruas largas e sombreadas pelas árvores se tornaram infinitas. O Jardineiro, bairro onde morava, era um dos mais nobres da cidade, havia algumas casas simples envoltas de suntuosas mansões e alguns prédios próximos.

Em seu passeio, passou por uma casa em que uma senhora estava jogando lixo em grandes baldes. Um carro preto passou em direção oposta quando começou a pedalar mais rápido; um gato listrado cortou seu caminho pregando um susto nela, falou baixinho para si: filho da mãe. Olhou rapidamente atrás de si e viu o veículo preto se aproximar. Voltou a olhar para frente e as casas ficaram para trás.

O carro se aproximou veloz, o coração começou a palpitar, ela olhou para trás e para frente, a linha amarela que dividia a pista parecia não ter fim, seus pés pisaram no pedal com mais força e guiou a bicicleta para o acostamento. O barulho do motor estava cada vez mais perto. Na última olhada o carro estava a pouco mais de um metro de distância, bem próximo de si, o susto foi grande, ela abaixou a cabeça e gritou alto.

O veículo fez uma manobra e ultrapassou a garota, em poucos segundos percebeu que não estava rolando pelo chão, nem com ferimentos graves em seus braços e pernas como imaginava que aconteceria. Apertou o freio assim que viu o vulto preto tomar a sua frente. O veículo seguiu e a bicicleta foi perdendo velocidade aos poucos. Ela começou a gritar no meio da rua, chamando o motorista de filho da mãe, desgraçado, maldito, imbecil. Foram muitos palavrões até perdê-lo de vista.

Alguém tentou assustá-la, estava certa disso porque deixou o caminho livre. Mesmo assim o veículo seguia pela encosta e notou que a velocidade era diminuída bruscamente quando se aproximava demais, depois era velozmente jogado contra ela.

*Algum engraçadinho.*

Seus cabelos vermelhos brilhavam ao sol. O tom flamejante evidenciava que os fios foram tingidos ou retocados recentemente. Eram cortados na altura do pescoço. Felicity pisou no pedal e fez a volta, decidiu pedalar em uma área mais segura. Ela passava por algumas casas quando ouviu um barulho estranho, era o piar de uma coruja, só que não parecia natural.

O som vinha de trás e começou a ficar mais próximo. Parou a bicicleta e voltou o olhar para um objeto estranho sobrevoando o céu, bem baixo, se aproximando. O barulho vinha dele. A menina encostou a mão na testa para proteger a visão do sol e pôde ver algo estranho, era uma ave, especificamente uma coruja, suas asas estavam abertas, mas elas não se moviam, havia um envelope vermelho preso nas patas do animal.

Por um breve instante, Felicity imaginou que, finalmente, receberia sua carta para Hogwarts. Ela esboçou um sorriso leve, sentindo-se trouxa pelo pensamento que teve. Quando o pássaro se aproximou notou que o animal estava preso a *um drone*.

A menina se posicionou e começou a pedalar rápido e ganhou velocidade. Sua pele branca ficou avermelhada, gotículas de suor se formaram em seu rosto.

Metros mais adiante, viu algo cair do céu, não percebeu bem de qual altura o borrão cinza invadiu seu campo de visão, ela freou rápido para não passar por cima, deitou a bicicleta no chão e aproximou-se, assustada e curiosa ao mesmo tempo. Quando chegou bem perto, viu a coruja estatelada no chão, morta, presa ao drone e a uma caixinha preta de onde era emitido o som que ouvia. Ela mexeu no bicho com o pé, revirando-o e viu o envelope vermelho no qual estava escrito:

***Convite para o jantar: Srta. Felicity Ventura.***

A garota franziu o cenho ao ler aquilo, abaixou-se e desprendeu o papel vermelho do cordão ao qual estava preso. Tirou de dentro um cartão preto, era um tipo de papel mais duro, estava escrito em letras brancas:

*Convidamos a Srta. Felicity Ventura a se fazer presente no jantar especial, dia quatorze de abril, na rua das orquídeas, número sete. Compareça caso queira informações de onde está seu diário secreto.*

Uma onda de medo invadiu seu estômago e subiu como ondas elétricas se espalhando por todo o seu corpo. Ela pegou o papel, prendeu na cintura por baixo da blusa, afastou-se do animal e pegou sua bicicleta, montou e saiu em disparada. Sua respiração estava pesada, os músculos das pernas estavam enrijecidos de tanto pedalar.

O diário havia sumido. Agora ela sabia que alguém o roubou e ninguém podia saber o que estava escrito nele.

Assim que Felicity desapareceu, o tal veículo preto surgiu na estrada, fazendo o caminho de volta ao qual havia seguido. Parou ao lado da coruja por alguns segundos.

Por baixo do carro dava para ver pés calçando botas pretas saírem do veículo, foram apenas dois passos para frente e dois para trás. O carro seguiu. Na estrada, restava apenas o corpo da pobre coruja e o vento soprando suas penas acinzentadas.

O objeto voador fora levado.



Os sapatos vermelhos produziam um som irritante, mas praticamente impossível de identificá-los em meio a dezenas, centena de outros sapatos também irritantes. As vitrines exibiam joias, vestidos, bolsas, perfumes, objetos de consumo desejados pelos olhos femininos. Os sapatos alcançaram a escada rolante. A dona dos pés usava uma minissaia provocante, suas pernas eram um chamariz para os

olhares atentos, a blusa era mais comportada, tinha mangas curtas na altura do ombro e passava um pouco além da cintura, era de cor lilás. Um colar dourado com um pingente da imagem da Virgem de Guadalupe que ganhara do avô quando pequena cintilava em seu pescoço. Pulseiras douradas, cabelos longos e lisos, volumosos e cheios de vida, castanhos claros como os olhos da moça, uma bolsa a tira colo e três sacolas na mão esquerda, uma na cor amarelo limão, outra vermelha e mais uma azul.

Amanda estava fazendo compras no shopping, já havia passado em algumas lojas, mas ainda queria conferir mais novidades, estava subindo para o terceiro andar. Chegou ao fim da escada rolante e continuou sua caminhada, maravilhada com as vitrines. Estava distraída olhando alguma coisa quando um sujeito de boné e jaqueta de couro esbarrou nela, quase caiu, mas o rapaz a segurou, suas sacolas que foram ao chão. No vai e vem de pessoas, o rapaz abaixou-se rapidamente para pegá-las, ficando de costas para a moça que esbravejava, perguntando se ele era cego e não olhava por onde andava.

O homem foi rápido quando tirou um envelope vermelho de dentro da jaqueta e colocou dentro da sacola amarela, juntou as outras duas apressadamente e entregou à garota.

— Cego, eu? Você que estava feito uma tonta olhando para as vitrines — disse o homem ao entregar as sacolas.

— Tonta? Olhe para mim e veja se tenho cara de tonta. — Amanda arrancou as sacolas de suas mãos, sem perceber que ele colocara algo dentro. — Eu acho que quebrei algumas costelas com esse seu peso, você parece ser feito de metal.

— Sou o homem de ferro, queridinha, não está vendo? Não vou discutir com você. Se é desculpas que quer, eu peço desculpas, agora me dê licença, eu preciso ir. Pode continuar com suas compras.

— Seu mal educado. — A moça seguiu irritada.

O homem aparentava ter cerca de trinta anos, bem apessoado, alto e o corpo em forma, quase derrubava a garota a metros de distância. Ela era pequena mas ganhava um pouco mais de altura com seus saltos sinuosos. Amanda entrou em uma loja de sapatos e passou alguns bons instantes provando diversos modelos, cansou a vendedora, mas saiu de lá com três pares, pagos à vista. Ainda deu longas voltas por outras lojas, tirara o dia para gastar. E lá se foi aquela tarde de sábado.

Estava sentada em um banco de uma pequena pracinha, graciosa por sinal, com alguns vasos de plantas decorativos. Suas sacolas em um número bem maior ocupavam todo o resto do banco. Ela discou o número da mãe, já impaciente, cansada e com dores nas pernas.

— Mãe, onde a senhora está?

— Amanda, espera só mais um pouco. Estou terminando a unha, meu amor. Chego em alguns minutos.

— Vê se não demora, já cansei de bater perna.

— Não se preocupe, chego logo. Encontrou tudo o que queria?

— Algumas coisas, mas já é suficiente. Vou desligar, ainda estou na pracinha e não pretendo sair daqui até que a senhora chegue.

Amanda cruzou as pernas e começou a mexer no smartphone, seu dedo

deslizava na tela e os olhos acompanhavam o movimento das imagens, mas sua mente reproduzia cenas da noite anterior. Ela sorria lembrando-se dele agarrando-a no banheiro, lembrava do beijo quente, do calor e da ousadia. Amanda gostava de ser surpreendida.

Alguns rapazes passaram e soltaram cantadas baratas como “Gostosa”, “Meu pequeno avião, deixa eu voar nas tuas asas”, “Parabéns, pelas pernas”, “Nossa, que gata, meu”. Amanda não deu ouvidos, alguns mais corajosos ainda se aproximaram da moça e tentaram algum papo furado, mas ela, educadamente e com um sorriso no rosto disse que era comprometida e que estava esperando o namorado.

As cantadas podiam ser baratas, mas o fato dos rapazes prestarem atenção nela fazia com que se sentisse, de alguma forma, desejada. Não cederia para nenhum, mas isso confirmava todo seu poder de sedução. Ser desejada fazia bem para sua autoestima, mais bem ainda para seu humor, pois se divertia com a cara de bobo que eles faziam.

Ela atendeu a uma chamada em seu telefone.

— Rebeca, finalmente. Liguei tanto pra você...

— Desculpe, estava sem condições.

— Ah, me conta logo quem era aquele cara, você sumiu. Não me diga que dormiu com ele?

— Dormi sim — disse Rebeca, empolgada. — Preciso falar dele pra você.

— Meu Deus, temos que ter essa conversa pessoalmente.

— Sim, tudo bem. Não posso falar agora, só liguei pra dizer que estou viva.

Uma voz, por trás da moça pronunciou seu nome.

— Amanda. — Ela virou-se para ver quem era. — Estou pronta, vamos?

— Rebeca, tenho que desligar, minha mãe chegou. Beijo.

Amanda desligou e guardou o telefone na bolsa.

— Até que enfim — disse a garota ao avistar sua mãe, uma mulher elegante e bonita como a filha, cabelos um pouco abaixo do ombro. — Me ajuda aqui?

A filha lamentava não ter herdado a altura da mãe.

— Vejo que valeu a pena o passeio dessa tarde — disse Sarah, agarrando algumas sacolas da filha.

— Achei cada coisa linda. Vamos logo, quando chegarmos em casa mostro pra senhora. — As duas saíram andando com as bolsas. — Ah, encontrei uma amiga sua, não lembro bem o nome, mas ela já esteve lá em casa. Uma loira meio perua.

— Ah, deve ter sido a Pâmela. Mas não fale assim dela.

Já era noite quando deixaram o interior do shopping, o carro delas seguiu caminho pelo trânsito que fluía bem. Meia hora depois, o veículo entrou em uma luxuosa casa cercada por um muro alto. Quando desceu do carro a garota olhou para cima e viu o irmão de onze anos gritando por ela na varanda.

— Cuidado pra não cair, seu louco. — O menino estava de braços no parapeito.

Ela passou pela sala, subiu as escadas apressadamente e largou as compras em cima da cama. Livrou-se de suas pulseiras, colar e outros acessórios, deixando-os em cima da penteadeira e foi tomar banho.

Amanda estava enrolada em uma toalha branca quando começou a revirar as compras. Tirou várias blusas, saias e shorts, e se perguntou qual deles renderia

boas fotos. Provou um vestido curto com um decote sugestivo, experimentou dois pares de sapatos para ver qual combinava mais.

Amanda fez algumas fotos no espelho que tomava toda a porta do seu closet, depois voltou a revirar as sacolas, havia algumas que ainda estavam intactas e foi mexer justamente na sacola amarelo limão.

O que tinha dentro eram algumas peças íntimas e um envelope vermelho. Ela pegou o papel e olhou para ele, estava gravado seu nome: Amanda Castillo. Ficou muito curiosa para saber do que se tratava.

— Ah, uma declaração de amor — disse para si. — Algum admirador... — Ela não conseguiu terminar a frase quando leu o que estava escrito no cartão preto, com letras brancas:

*Convidamos a Segunda Dama a se fazer presente no jantar especial, dia quatorze de abril, na rua das orquídeas, número sete. Compareça caso não queira perder seu posto.*

Ela caiu sentada na cama. Olhos arregalados e a boca aberta. Em uma mão o envelope, na outra o cartão negro. Não era possível alguém saber, sempre fora tão discreta. E que jantar seria esse? Sua mente começou a dar voltas, ela caiu deitada e ficou olhando para o teto. Em seguida, ouviu umas batidas na porta.

— Amanda, quero ver o que você comprou. — A mãe entrou sorridente. A garota apressou-se em esconder o papel misterioso embaixo do travesseiro, sua cama já estava bagunçada, cheia de peças de roupas e sacolas.

— Não repara a bagunça que já fiz. — Ela estava sentada na cama com as pernas cruzadas. — Mas olha, foi tudo isso que comprei. — Ela disfarçou o nervosismo com um sorriso.

— O que é isso? — perguntou Sarah, ao tirar de uma sacolinha uma lingerie preta com cinta liga. — Desde quando você usa essas coisas? — A expressão da mulher se fechou.

— Comprei pra você, mãe. — Amanda forçou ainda mais o seu sorriso.

— Amanda...

— Tudo bem, é meu. Mas qual o problema em usar lingerie?

— Problema nenhum, mas esse tipo de coisa eu costumo usar quando estou à beira de uma crise com seu pai.

— Mãe, me poupe desses detalhes. — Amanda levantou-se da cama e tomou a peça das mãos da mãe e enfiou dentro de uma gaveta de um cômodo branco. — Mas olha, isso aqui é seu. Escolhido por mim, tá? — Ela entregou uma caixinha vermelha que retirou de uma das bolsas.

— Que maravilha. Adoro seus gostos, acho que vou te contratar como minha personal stylist. — Os olhos de Sarah brilharam diante do par de brincos, cada peça era formada por três corações pequenos de diamantes, um encaixado no outro. — Me ajude a colocar.

— Mas olha, isso daí eu passei no cartão de crédito. — Amanda encaixou um brinco na orelha direita da mãe. — Aquele que no fim das contas quem paga é a senhora, sabe?



— Força Gabriel, você consegue. Vamos! — O suor tomou conta do rosto do rapaz e começou a escorrer pela nuca, o garoto usou toda força que tinha para levantar vinte e cinco quilos de cada lado da barra a qual utilizava no exercício de supino.

— Caralho! — disse o rapaz ao sentar no banco depois de largar a barra no apoio.

— Isso aí garoto — disse Joaquim. — Eu já terminei, vai fazer mais algum exercício?

— Não, mas vou tomar banho antes de ir.

— Vamos lá.

Os dois caminharam entre os aparelhos e homens e mulheres que levantavam pesos.

Eles terminaram, pegaram suas coisas e saíram da academia em direção ao carro que estava estacionado a alguns metros. Joaquim encontrou algo no para-brisa do carro.

— Acho que é pra você.

— O que é? — perguntou Gabriel.

— Não sei, tem seu nome. Deve ser uma cartinha de amor, toma.

Gabriel pegou o envelope vermelho e viu seu nome gravado, ficou intrigado com aquilo. Joaquim entrou no carro e o rapaz deu a volta, entrou já abrindo o envelope e sentiu sua alma resfriar ao ler aquilo.

Imediatamente colocou o envelope dentro da mochila e tentou não transparecer desconforto. Disse a Joaquim que o envelope estava vazio.

Um tempo depois, Gabriel chegou em casa e disparou para o quarto, sentou-se na cama e voltou a ler aquelas palavras.

# PARTE UM: SEGREDOS

Um segredo é uma coisa estranha. Há três tipos de segredos. Um é do tipo que todo mundo conhece, do tipo que precisa de pelo menos duas pessoas. Uma para guardá-lo. Outra para nunca sabê-lo.

Maggie Stiefvater, *Ladrões de Sonho*.

# CAPÍTULO 1

## O RIO

### DIAS ANTES

A água da cachoeira descia pelas pedras como se fosse uma luz prateada de magia. Murilo podia jurar que aquela garota era uma fada sendo coberta por aquela luz que a deixava mais encantada que o normal.

Amanda estava embaixo da queda d'água prestes a dar um mergulho. Ela deu alguns passos para trás, correu e pulou da pedra onde estava.

Murilo a viu ser engolida pela água. Ela usava um biquíni que o deixava com o sangue borbulhando.

Ele submergiu, nadou e a encontrou no fundo. Os dois emergiram de uma maneira fugaz.

— Seu louco, você me assustou. — Amanda sentiu as mãos dele em sua cintura ainda embaixo d'água, o que a fez ter um susto. Ela ofegava jogando água nele, tentando acertá-lo com as mãos.

Murilo riu e nadou para fugir dela.

Era uma quarta-feira iluminada e a escola estava sendo dedetizada, então tiraram o dia para nadar.

— Vem me pegar — ele gritou e a menina nadou atrás dele.



— Você gosta dele, não é Vic? — Rebeca estava com os cabelos molhados, dentro d'água e sua amiga sentada em uma pedra.

Vic sorriu e não precisou dizer mais nada porque Rebeca viu o brilho dos olhos dela e como o sorriso estava alinhado com os traços do rosto da menina. A garota olhava admirada para Gabriel que estava a alguns metros de distância conversando com Raphael.

— Ele é lindo — falou. — Mas não faço o tipo dele.

— E qual é o tipo dele? — Rebeca aproximou-se de Vic, impulsionou as mãos na pedra, e sentou-se ao lado da amiga.

— Garotas bonitas como você. Eu vejo, Rebeca, que ele dá em cima das gostosonas do colégio. Como ele iria gostar de alguém que parece um cadáver?

Rebeca riu.

— Não seja dramática. Você é bonita, Vic. Só precisa se valorizar mais.

— Rebeca tem razão — falou Felicity que estava ao lado de Vic. A menina

mexia no celular.

— Me dar valor não vai me deixar mais bonita. Não vai aumentar meus peitos nem me dar curvas. — Vic falou de modo descontraído sem imprimir um tom dramático à sua voz.

— Quem disse que não? Seus olhos podem brilhar diferente, se você sorrir sem medo, livre da opinião dos outros e da sua própria opinião negativa. Combinando com seus traços sua expressão pode ganhar outra vida. Isso é beleza. Você não precisa ganhar peito nem curvas acentuadas. Os meus são pequenos, olhe — ela disse segurando-os com as mãos.

— Mas sua cintura é como a de um violão. Eu sou reta, pareço uma tábua. — Vic colocou uma mecha dos seus cabelos crespos atrás da orelha. — Sem falar que você nasceu ruiva e com olhos azuis. Já é difícil nascer ruiva, e com olhos azuis? Definitivamente, você é muito sortuda, Rebeca.

— Exagerada você. — As palavras de Vic provocaram uma onda de inquietação dentro de Rebeca. Era sempre assim que as pessoas a viam, uma garota rica, bonita e com todos os requisitos para superar os problemas da vida.

Mentalmente, ela começou a pensar que estava em um mundo imaginário, que ela não era a Rebeca que todos conheciam. Era outra garota, sem ligação alguma com o mundo real.

— Apenas precisa assumir sua beleza — disse, forçando um sorriso. — Abandone suas tranças e solte esse cabelo

— Ah não. Solto só quando estiver molhado como agora, tirando isso, nunquinha. Ele fica todo armado, os passarinhos vão acabar querendo fazer ninho.

— Não seja boba Vic. — Felicity ainda teclava no aparelho. — Seu cabelo ficaria lindo se soltasse. É estiloso ter um cabelo armado.

— E outra, você tem que ter postura — continuou Rebeca. — Desculpe, mas você anda muito desengonçada. Ergue a cabeça, coluna reta e estufa o peito, quem sabe eles crescem. E sorri Vic, tem que sorrir.

Vic e Felicity riram ao ver a amiga se contorcendo quase com um robô.

— E quando for olhar, sempre olhe por cima do ombro. Sempre pra cima.

— Assim? — Vic ergueu a cabeça e olhou para o céu.

— Não seja palhaça, você entendeu — disse Rebeca, sorrindo.

Elas ouviram um estrondo. Um corpo se chocando contra as águas.

Gabriel emergiu e sacudiu os cabelos.

Vic o viu sorrindo com aqueles dentes que pareciam ter sido projetados para o rosto dele, perfeitamente alinhados, eram retos e suas presas pouco acentuadas. O peito dele arfava e a garota estremeceu toda quando ele gritou alguma coisa que ela não entendeu bem.

— Aii, ele está vindo Rebeca. Nossa, até o Gabriel tem o cabelo bom e eu não.

— Relaxa amiga.

Vic se sentiu um pouco frustrada quando viu Gabriel nadando de volta para a pedra de onde havia saltado. Lá estavam Murilo e Amanda gritando por ele. Mas ela se animou quando o rapaz saiu da água e caminhou por terra. Ele usava uma sunga preta e seu corpo branco e musculoso arrancaram suspiros das garotas.

O local era cercado por árvores com muitos pedregulhos e areia em algumas

áreas. O som do ambiente ficava por conta da cachoeira num dueto com o canto dos pássaros.

— Ele é tão forte Rebeca. Parece indestrutível — Vic falava com o olhar fixo em Gabriel se movendo, tentando se equilibrar no caminho que fazia. — É como se ele fosse feito de um material diferente, como se não quebrasse.

— Não se engane Vic, todos nós quebramos. — e Rebeca se referia não apenas a quebrar ossos, mas a quebrar a alma também. — De alguma forma nós quebramos.

— Talvez você tenha razão. Eu vivo no mundo da lua. Imagino as coisas de um jeito diferente. Posso vê-lo de asas ou feito de ferro. Posso vê-lo como um animal feroz ou como um tubarão.

— Nossa, quanto romantismo de vocês duas — falou Felicity.

— Menina, o que é que você tanto escreve nesse celular? — perguntou Vic.

— Estou tirando umas dúvidas da última aula de química com a Beatriz.

— Fê, a gente veio aqui se divertir, não estudar — disse Rebeca. — Larga isso.

— Tá, tudo bem. Vou guardar. Deixem de conversa e vamos nadar um pouco. — Felicity levantou-se e começou a caminhar em direção à barraca onde estavam suas coisas.

— Acho que todo mundo tem um mundo particular — disse Rebeca para Vic retomando o assunto. — É necessário ter um para poder fugir. Quando estou cansada do mundo, me deito e fecho os olhos. Eu me transporto para Radley.

Vic fez uma cara confusa.

— Não me olhe assim. — Rebeca sorriu. — Meu mundo particular tem nome, se chama Radley. Lá as coisas são como eu quero. Todo mundo é feliz e não existem doenças, tristeza, guerras. Gosto de pensar que as pessoas podem ser o que elas quiserem. E também as transformo em criaturas.

— Como assim? — questionou Vic, interessada.

— Exatamente como você imagina o Gabriel. Com asas ou feito de ferro. Indestrutível.

— Você também o vê dessa forma?

— Não dessa forma. Em Radley, Gabriel é um grande lobo feroz, com pelos brancos e olhos vermelhos como dois rubis.

Vic passou a imaginar Gabriel se transformando em um lobo. Na imaginação dela, ele teria caninos afiados, a língua rosada e conseguiu ver um linha fina de baba que ligava o dente inferior ao superior. Ela montaria nele e correria pela floresta para onde quer que ele a levasse.

— Achei que só eu gostasse de imaginar como as pessoas seriam se fossem animais ou criaturas mágicas. Você cria essas histórias?

— Crio e escrevo algumas, outras ficam só na minha imaginação.

— Que legal e você nunca pensou em publicar?

— Ah não. Elas são minhas. É um mundo que quero só pra mim. Não sei por que te contei sobre isso.

— Relaxa, não vou contar pra ninguém. E o que eu sou em Radley? Uma bruxa? — Vic continuava desdenhando de si.

— Você é uma sereia e não usa tranças. Seu cabelo é estiloso, bem diferente

da Ariel.

Vic deu risada se imaginando uma sereia.

— Faça-a se apaixonar por um lobo, por favor.

— Vou pensar no seu caso.

Rebeca entrou na água.

— Vamos nadar — disse ela. — Estamos perdendo tempo. Vamos nos juntar aos outros.

Elas viram Gabriel saltar de uma altura de pouco mais de três metros. Depois Murilo pulou e Amanda em seguida. Vic pulou na água e as duas nadaram até alcançarem a rocha de onde os amigos estavam pulando.



— Desencana, Rafa — disse Gabriel. — A Fê só pensa em estudar. Se ela estivesse afim de outro cara não teria aceitado sair com você.

— É... só que ela me deu um bolo. Ela foi lá e não teve coragem de entrar. Não entendo essa garota, vai ver ela só está brincando comigo.

Eles haviam marcado um encontro em um Café. Estava tudo certo e Raphael compareceu ao local. Ele a esperou e teve esperanças de que ela chegasse até ver uma garota passar na calçada, jurou que era Felicity.

O rapaz largou o cardápio sobre a mesa e correu para a rua, mas não conseguiu mais ver a garota. Ele deu algumas voltas e se aborreceu instantes depois, ao notar que ela não chegaria. Ligou, mas não foi atendido.

Raphael estava certo de que aquela garota era Felicity, por alguma razão, a menina passou direto.

— Não acredito que a Fê seja disso. Ela só não está afim. Acho que você pode ter confundido. Ela não te disse que estava com dor de barriga?

— Falou, mas foi horas depois. Podia ter desistido antes. Além do mais, essa desculpa não colou. Tenho certeza de que era ela.

— Você tem que procurar outra garota e aprender a gostar de quem gosta de você, cara. Tem um monte de gata na escola te dando bola. Você vai acabar feito o Murilo. A Amanda faz ele de gato e sapato.

— Fazer o quê se eu gosto dela? Nunca teve uma garota por quem você só tenha tido olhos pra ela?

— Nunca terei olhos só pra uma. Mas tem uma gata que eu me amarraria...

— Ah, quem é? Fala logo, você nunca contou.

— Alguém que você não conhece. É quase um amor proibido.

Gabriel colocou a mão na nuca do amigo.

— Sai fora desse lance de amor enquanto é tempo. Agora desce lá, entra na água pra tirar uma foto minha. Me pega no ar, falou? — Ele deu tapas nas costelas do amigo.

— As pessoas surpreendem mesmo. Quem diria, você com uma centena de

namoradas, sofrer por amor.

— É a vida meu caro, não sabemos o que as pessoas escondem atrás de um sorriso. Corre lá. — Gabriel deu uma piscadela de olho e seguiu caminho para a rocha onde estavam Murilo e Amanda se agarrando.

Raphael correu até aonde as coisas deles estavam em uma barraca montada embaixo de uma árvore. Revirou uma mochila e tirou um smartphone à prova d'água de dentro.

Felicity entrou na barraca antes que ele saísse.

— Ah, me desculpe. Não sabia que estava aqui.

— Já estou saindo, só vim pegar o celular pra fazer umas fotos.

— Eu vim guardar o meu. — Felicity localizou sua mochila rosa, abriu o zíper e jogou o aparelho dentro. Ela usava um shortinho preto com um top lilás.

Raphael ficou de boca aberta observando a garota agachada mexendo na mochila.

— O pau de selfie pode ser útil — disse ela, mostrando o objeto para o rapaz.

Ela era um anjo com aquele sorriso, pensou Rafa e no mesmo instante lembrou-se do que Gabriel falou.

— Claro — disse ele, meio que acordando de uma viagem mental. — Será útil. Vamos lá?

Raphael queria mesmo puxar assunto com Felicity, passar mais alguns minutos admirando a beleza da menina. Ele notou que seus cabelos tingidos de vermelho estavam perdendo a cor na raiz e revelando os fios loiros. Ficou imaginando como ela seria com aqueles olhos verdes e loira.

— Eu queria te falar uma coisa — ela disse meio sem jeito.

Raphael estava de cócoras, com os cotovelos apoiados nas coxas. Ele nem acreditou que ela mesma estava puxando assunto.

— Claro, pode falar.

O rapaz usava um short de banho e estava sem camisa. Seus cabelos estavam úmidos com alguns fios já secos.

— Queria te pedir desculpas pelo bolo que dei.

Felicity começou a ficar vermelha e ele quis poupá-la de passar por aquilo.

— Esquece isso, já passou — disse ele, cortando a fala dela. — Podemos marcar outro dia. — Os olhos do garoto se encheram de entusiasmo.

Felicity o encarou com pena.

— É que... era eu a garota que você viu aquela noite. Eu fui até lá e fugi de você. Vi quando se levantou. Foi errado o que fiz...

Na ocasião, escondeu-se em um restaurante e encobriu o rosto com um cardápio. Viu por cima, através da vitrine que dava para a rua, um garoto procurando por algo ou alguém. Procurando por ela.

Depois que ele sumiu, esperou alguns minutos para poder sair, correr dali para longe. Entrou em um táxi e quando chegou em casa, enviou uma mensagem para o rapaz alegando que estava com dor de barriga.

Ainda não estava preparada para encontros.

— Não precisa falar isso, não me importo. Não sei o que levou você a agir assim, não podemos voltar no tempo para aquele encontro, mas podemos ter outro

no futuro. — Ele aproximou-se dela e segurou-lhe a mão direita com suas duas. — Ou no presente... agora.

Ela quis puxar de volta, mas deixou que ele segurasse por alguns instantes. Estavam de joelhos de frente um para o outro.

— Não é o que quero no momento. Conhecer um garoto, quero dizer. Não estou afim de beijar, namorar, não quero nada disso.

Raphael soltou a mão dela lentamente como se estivesse perdendo suas forças e fosse incapaz de segurá-la.

— Não quero que alimente alguma esperança em relação a isso. Seremos apenas amigos.

— Gosta de outro? — As palavras dela resfriaram o peito do garoto.

— Não, não gosto de ninguém, não nesse sentido.

— Todo mundo gosta de alguém.

— Isso não é verdade, meu coração está sozinho.

— Então significa que posso tentar fazê-la gostar de mim. — O coração do garoto voltou a ficar aquecido.

Felicity esboçou um sorriso que devolveu a alegria de Raphael.

— Você é teimoso.

— Não vou desistir de você.

Eles ouviram gritos vindos de fora.

— Acho que estão nos chamando — disse Felicity.

— Vamos lá então.

Felicity saiu primeiro e ele veio em seguida.

— Por que você pinta o cabelo? — perguntou enquanto caminhavam.

— É uma pergunta um pouco difícil de responder. — A garota ficou incomodada, mas disfarçou dando uma resposta simples. — Eu gosto dele nessa cor.

— Você é loira natural?

— Sou sim. Vejo que já estou precisando retocar a raiz.

— Tanta mulher sofrendo pra ficar loira e você sendo uma natural pinta de vermelho. Vocês são complicadas.

Felicity apenas riu e não disse mais nada.

Os dois entraram na água e caminharam por um trecho raso até chegarem em um ponto que seria possível fotografar os amigos pulando da formação rochosa. Raphael aproveitou para fazer fotos da garota sem que ela percebesse.

— Estou pronto — gritou Raphael focalizando os amigos na câmera do celular. — Não vai pular? — ele perguntou para Felicity.

— Não mesmo, morro de medo de altura.

— Ah, fala sério, são poucos metros.

Felicity ainda segurava o bastão de selfie. Ela abria e fechava os braços na água em movimentos leves.

— Aí vou eu — gritou Gabriel lá de cima. Ele se afastou, correu e pulou abraçado aos joelhos.

Raphael conseguiu fazer boas fotos panorâmicas dele.

— Não acredito que a Amanda vai pular — falou Felicity no instante que a garota desceu em queda livre.

Murilo veio em seguida. Gabriel, que ainda dava braçadas na água, foi em direção à queda d'água e ficou tomando banho no chuveiro natural. Amanda e Murilo se juntaram a Raphael e Felicity; Rebeca e Vic saltaram juntas.

— Gabriel, vem sair na foto — gritou Felicity.

O rapaz pulou no instante em que Vic emergiu das águas. Seu coração palpitou ao vê-lo afundar e em seguida viu a cabeça dele romper a superfície. Os cabelos pretos cobriam sua testa, de novo ele sacudiu a cabeça deixando a garota com um pouco menos de fôlego.

Gabriel juntou-se ao grupo. Rebeca estava ao lado dele e gritou por Vic para que se juntasse a eles. Rebeca agarrou o braço da amiga assim que ela se aproximou e a fez ficar próxima do garoto.

— Deixa que eu seguro, Fê — disse Gabriel. Felicity passou o pau de selfie com o celular já encaixado.

Gabriel esticou o braço com todos já posicionados atrás dele e apertou o botão.



— Pode me dizer o que é isto, mocinho?

Ricardo entregou o celular a Gabriel para que ele visse uma foto. O rapaz caminhou até a cozinha sem entender como aquela fotografia havia ido para em seu Facebook, postada por ele mesmo.

Mas como? Perguntou-se.

— Você me seguiu? Estava nos espionando?

— Como tem a cara de pau de perguntar se eu estava te espionando se você mesmo postou a foto?

— Eu não poste nada disso, pai. Deve ter sido alguém que postou por mim.

A imagem mostrava Gabriel nadando no rio. O garoto passou o dedo na tela e viu que tinha outras.

— Gabriel, eu não tenho sua idade, mas não sou burro para não saber que você mesmo postou.

— Ok, tudo bem. Eu estive no rio hoje pela manhã, mas não estava sozinho. — O menino sabia que não adiantava bater boca com seu pai, era melhor não irritá-lo mais ainda.

— Gabriel, eu já te disse um milhão de vezes que não te quero perto daquele rio. Além do mais você mentiu pra mim, disse que iria passar a manhã no parque aquático.

— Ah pai, relaxa. Não aconteceu nada. Eu estava com uns amigos do colégio. — Gabriel abriu a geladeira e tirou uma caixinha de leite. — Além do mais eu nado bem. E ficamos a maior parte do tempo na cachoeira. E se tivesse dito que era o rio você não me deixaria ir.

— Pouco me importa se você nada bem. Você não é um peixe para respirar

embaixo d'água. — Ricardo estava mesmo furioso com Gabriel. — Não deixo mesmo você chegar perto daquelas águas. É perigoso, meu filho. Pessoas tão boas quanto sereias já morreram naquele rio. Espero que tenha aproveitado, pois foi sua última vez lá, estamos entendidos?

Gabriel estava de pé, vendo seu pai gesticulando para ele e a pele do pescoço ficar vermelha. O rapaz estava imóvel, segurando a caixa de leite em uma mão e o copo na outra. Usava uma calça moletom, estava de chinelo e sem camisa. O cabelo estava assanhado como se um pássaro tivesse tentado fazer um ninho ali.

— Tudo bem — disse Gabriel. — Posso tomar meu leite agora?

— Agora pode. — Ricardo suspirou e retirou-se da cozinha.

— Eu hein, tudo isso por uma foto? — falou baixinho para si, enquanto enchia o copo. Mas pensava em como raios aquelas fotos foram parar em sua linha do tempo. Será que tinha alguém espionando eles? Todos combinaram que ninguém postaria fotos justamente para evitar esse tipo de incômodo. Não era a primeira vez que ia naquele rio nem muito menos a primeira vez que levava bronca do pai por se arriscar.

Gabriel subiu para seu quarto, pegou o smartphone e sentou-se na cama. Olhou seu Facebook e viu várias fotos do rio. Viu também que tinha várias mensagens no grupo de amigos.

**Amanda:** Gabriel, você ficou louco? Postou todas aquelas fotos?

**Felicity:** OMG. Minha mãe quase enfartou quando me viu naquelas fotos.

**Amanda:** N aguento meu pai no meu ouvido, não para um segundo.

**Murilo:** Vc vacilou cara. Sabia que eles são bolados com aquele rio.

**Rebeca:** Minha mãe nem ficou sabendo, ainda.

Gabriel leu as mensagens e digitou:

Eu não posteí aquelas fotos!

**Amanda:** Como não? Estão no seu face.

**Gabriel:** Vocês não repararam nos ângulos que foram tiradas? Como eu ia tirar aquelas fotos? Tem imagens que foram captadas de cima, tem outra de todos nós juntos. Alguém teve de segurar o celular ou a câmera.

**Amanda:** O que você está querendo dizer? Que tinha alguém nos observando?

**Gabriel:** Até que enfim entendeu né? Vocês não prestam atenção?

**Amanda:** Mas como foram parar no seu celular?

**Gabriel:** A coisa mais fácil desse mundo é hackear um Facebook.

**Amanda:** hahahah, fácil pra você!

**Gabriel:** Estou falando sério, alguém fez isso.

**Amanda:** Mas quem????

# CAPÍTULO 2

## BLACKSTAR

O céu estava estrelado. O vento serpenteava sutilmente espalhando leves ondas de frio. A frente da boate começava a ficar movimentada. Carros e pessoas em um vai e vem anunciavam que a festa estava começando e que a noite de sexta-feira seria agitada. A BlackStar era toda pintada de preto, com uma porta metálica e uma grande estrela luminosa acima dela. Seu interior estava bem iluminado com jogo de luzes na pista de dança e uma música eletrônica tomava conta dos ouvidos das pessoas que estavam lá dentro.

Um grupo de amigos se aproximava da entrada da boate. Uma garota alta de cabelos ruivos vestia um vestido tomara que caia bem curto com algumas pedras douradas do lado direito que formavam o desenho de uma flor. Outra garota mais baixa desfilava em seus pés um sapato vermelho bem chamativo e usava vestido, ambas carregavam bolsas pequenas nas mãos. O rapaz era alto, cabelos negros, músculos realçados por uma camiseta apertada, usava calça jeans e tênis. Rebeca, Amanda e Gabriel, todos menores de idade e festeiros. Um outro rapaz os acompanhava. Murilo era primo de Gabriel, o amigo maior de idade que dirigia para eles, quase um motorista particular. Pegaram uma fila que não demorou muito até alcançarem o segurança.

— Adoro quando você deixa a barba crescer, Gabriel — disse Rebeca que estava apoiada ao ombro do rapaz. — Combina com meu cabelo.

— Acho que formamos um belo casal — disse ele.

— Documento, por favor — disse um homem grande e moreno. A BlackStar não permitia que menores frequentassem o ambiente sem um responsável. Neste caso, Murilo não seria o responsável.

— Aqui, moço. — Rebeca apontou o documento preso entre os dedos como se fosse um cigarro. Ele conferiu e devolveu.

— Pode entrar.

Amanda foi a próxima, depois Gabriel e, por último, Murilo. Todos passaram. Quase todas as informações no documento eram verdadeiras, exceto o ano de nascimento. Era uma cópia falsificada com dados verdadeiros e apenas um número diferente do original. Eles conseguiram essa façanha com Gabriel, que, segundo ele, descolou o tal documento com um amigo. O primo sabia de tudo.

Um painel de bebidas se erguia atrás do balcão de madeira, era iluminado por uma luz roxa. Havia dois amigos, um de frente para o outro gargalhando quando Rebeca entrou, ela os viu de relance. Amanda veio logo atrás da amiga, Murilo a puxou pela mão alegando ter encontrado uma mesa vazia. Gabriel chamou a atenção de Rebeca para acompanhá-los. Um sujeito deu de ombro com Gabriel, nada demais a não ser um pedido de desculpas mútuo.

Sentaram-se os quatro à uma mesa. Murilo cochichou ao ouvido do garçom, o jovem anotou o pedido e retirou-se.

Instantes depois, o garçom voltou com um balde de gelo cheio de cervejas e mais copos coloridos. Gabriel afastou as bolsas das garotas para ajudá-lo. O rapaz largou a comanda na mesa e retirou-se.

As mesas eram dispostas pelas laterais deixando um espaço vazio no meio do salão para circulação das pessoas. Nos fundos, seguindo pelo lado direito havia uma sinuca onde homens jogavam à vontade, pela esquerda um vão com algumas mesas e no fim uma porta que separava a pista de dança do bar.

Murilo pegou um copo com um líquido azul, gelo e um limão decorativo, ia levá-lo à boca, mas Amanda tomou o copo de suas mãos e deu um gole primeiro.

— Tá liberado, pode tomar.

— Não tem álcool. — Murilo pegou o copo volta.

— Preciso me certificar, quero chegar viva em casa. — Amanda pegou uma bebida que era uma mistura de morango e gelo, quando ingeriu sentiu o gosto de vodka. — Tá uma delícia Rebeca, prova esse aqui.

— Deixa eu ver. — Rebeca largou o canudo que sugava a caipirinha no mesmo copo em que Gabriel bebia com o canudo também. — Toma, prefiro minha caipirinha. — Devolveu o copo de Amanda e pegou o seu de volta.

— O que houve com a Fê que não quis vir? — perguntou Gabriel

— Disse que não estava bem... dor de cabeça — respondeu Rebeca.

— Hum, minha mãe ligando. Eu já volto. — Amanda saiu apressada em direção ao banheiro.

Ela esbarrou em algumas pessoas, pediu licença e depois de alguns passos alcançou o banheiro. As paredes eram pintadas num tom cinza quase prateado e o piso era branco. O som da música ficou mais distante e duas garotas saíram no momento em que ela entrou.

— Mãe, aconteceu alguma coisa?

— Não, meu bem. Só queria saber se vai precisar de alguém para buscá-la.

— Não mãe, o Murilo me deixa em casa, não se preocupe. — A garota se olhava no espelho mexendo nas madeixas. — E em casa tudo em paz?

— Tudo. — Amanda ouviu um bocejo do outro lado da linha. — Se precisar, não hesite em ligar e tome cuidado pelo amor de Deus, não se meta com gente estranha, nem chegue perto de bebida e o mais importante, não fique grávida.

— Ai mãe, desencana. Ninguém vai beber. Beijo, tenho que voltar.

— Assim espero. Beijo querida.

Amanda desligou o celular e o colocou na minúscula bolsa, de dentro tirou um batom rosa claro e começou a passar nos lábios. Ela estava de cabeça baixa guardando o objeto na bolsa quando a mão de um homem tapou sua boca de repente. O sujeito agiu muito rápido, em segundos ele a arrastou para uma das cabines, a garota conseguiu levar a bolsa consigo, mas o batom caiu no chão. O nervosismo tomou conta. No cubículo, seus olhos estavam marejados quando o homem misterioso girou seu corpo bem devagar, permitindo que ela ficasse cara a cara com ele.

Ao vê-lo, uma onda de alívio tomou conta do seu interior e ao mesmo tempo uma raiva surgia de suas entranhas. Ele fez um chiado pedindo silêncio, dando a entender que largaria sua cintura que estava presa ao corpo dele. Ela fez sinal com

a cabeça de que ficaria quieta. Ele tirou a mão da boca dela, mas não a soltou. Ficou admirando a beleza da jovem, os olhos, os lábios tão macios, e tão logo, colados nos seus.

— O cara tá louco por mim, estou só me fazendo de difícil, mas eu quero mesmo ir pra cama com ele. — Amanda ouviu a voz do outro lado.

— Segura o homem antes que ele desista, enquanto você fica aqui, deve ter um monte de perua em cima — disse outra voz. — Olha, um batom aqui no chão. Achado não é roubado, né? Adorei essa cor. — Amanda fez cara de ódio para o homem que prendia a respiração.

— Vamos logo, antes que roubem meu homem — disse a outra.

Passos foram ouvidos.

— Eu quero meu batom de volta — sussurrou a jovem. O homem estava sentado na privada com as pernas abertas para que ficassem escondidas, impedindo que alguém do outro lado visse por baixo da porta. Ele tentou segurar o riso.

— Eu compro outro pra você — disse, baixinho.

— Você quase me mata de susto. — Ela o beijou rapidinho. — Você é louco. — Outro beijinho. Ele estava com um sorriso largo.

— Sou louco. Faço isso por você, minha pequena. Sou louco por você.

— Já pensou se todos soubessem que o prefeito tentou estuprar uma jovem donzela num banheiro de boate?

— Não faz drama. Além do mais, você anda sumida, não me atende mais. Está desistindo de mim?

A garota soltou a respiração.

— Precisamos conversar. Não quero passar a vida me encontrando às escondidas. — As palavras saíram difíceis, quase trôpegas. Não era o que queria que acontecesse, mas era necessário. *Nem sempre o que é necessário é bom pra nós*, dizia sua mãe. Ela lembrou-se dessas palavras.

— Amanda. — Essa voz veio de fora cortando o clima de romance entre os dois. Era Rebeca. — Amanda você está aí?

A garota arregalou os olhos. Rebeca estava dentro do banheiro.

— Oi, o que houve? — Amanda saiu do cubículo rapidamente deixando a porta fechada para que ela não percebesse. O prefeito ficou sentado na privada com os pés levantados. — Já estava indo. — Ela foi em direção à pia, colocou a bolsa do lado e lavou as mãos. — Me empresta seu batom... ai nem te conto. — Ela parecia nervosa, Rebeca apenas a observava sem entender muito. — Um louco me agarrou na porta do banheiro e me beijou. Borrou todo meu batom, acho que esqueci o meu. Me empresta?

— Claro. — Rebeca tirou o objeto da bolsa e entregou. Amanda começou a passá-lo nos lábios ao mesmo tempo que empurrava Rebeca para fora do banheiro.

— O que deu em você? Está esquisita.

— Não quero que o Murilo desconfie, você sabe como ele é. Pode ficar triste comigo.

— Você não quer nada com ele, não tem com o que se preocupar. — Elas já estavam em meio às pessoas.

— Mas ele quer comigo. E o mercado de homens está em crise, é melhor

garantir um backup.

— Acho que está na hora de irmos pra pista. Adoro essa música — disse Rebeca assim que chegaram à mesa onde os rapazes ainda esperavam por elas.

— Ah, David Guetta, adoro. — Amanda ficou muito animada ao ouvir a música tocando e começou a cantar. — We'll find away, we'll find a way...

Murilo a acompanhou no trecho seguinte.

Eles andaram um atrás do outro, atravessaram as portas duplas e se juntaram ao amontoado de pessoas que dançavam ao som da música.

Rebeca estava dançando, embalada pela música, ao lado de Gabriel. Eles se remexiam numa coreografia que parecia muito bem ensaiada, mas na verdade era a dança mais fácil de ser realizada, pois os movimentos não obedeciam a nenhuma marcação lógica. Algumas pessoas pulavam abraçadas umas a outras em um trecho mais empolgante da música. Os quatro amigos ainda dançavam próximos e entoaram juntos da multidão o trecho “We're burnin up/We might as well bel overs on the sun”, repetindo algumas vezes.

O jogo de luzes deixava Amanda ainda mais bonita, Murilo a admirava, procurava estar perto dela, dançando, abraçando-a, tentando beijá-la. Amanda era uma garota difícil, Murilo se esforçava para conquistá-la.

Gabriel sumiu por alguns instantes e voltou com duas latinhas de RedBul, ofereceu a Rebeca que tomou e repassou a Amanda, Murilo continuava tentando impressionar sua pretendente, fazia uma dancinha estranha para ela.

A música seguinte continuava no repertório de David Guetta, Titanium começou a tocar, alguns gritos foram ouvidos. Os pés de Rebeca não pararam um segundo, nem suas mãos, nem seu corpo todo, ela estava sendo observada por alguns homens. Um sujeito aproximou-se e ainda conseguiu atenção por algumas estrofes da música, ele estava com um copo na mão que continha um líquido amarelado, ofereceu a ela, mas a mesma rejeitou. De fininho, Rebeca se livrou dele e continuou sacudindo os braços e remexendo o esqueleto.

Foi no trecho “I'm bulletproof, nothing to lose/Fire away, fire away” que ela viu um homem de cabelos louros da cor de mel, de porte atlético, usava uma camisa verde musgo com linhas pretas na horizontal que demarcavam espessuras de pouco mais de cinco centímetros, com apenas um botão fechado, deixando um pouco do peito à mostra, as mangas iam até metade do antebraço.

Ele veio caminhando a passos firmes em direção à Rebeca. Ela viu quando uma garota aproximou-se dele e começou a falar alguma coisa que ela não conseguia ouvir. O homem cedeu o ouvido à garota, mas seus olhos estavam fixos em Rebeca.

A música continuava e Rebeca procurava não perdê-lo de vista.

Ela o viu se movendo no meio das pessoas, sorrateiramente como um animal prestes a agarrar sua presa. Estava caminhando em sua direção e seu coração disparou. Ela o achou bonito, tinha algo nele que a atraía como um ímã. O jeito sério dele fazia o tipo que Rebeca costumava admirar. E era estranho achar que o conhecia, talvez já o tivesse visto antes.

Ele estava se aproximando cada vez mais e chegou perto o suficiente para ela notar o movimento dos lábios dele.

— Oi — ele disse.

— Oi — respondeu Rebeca.

— Adoro essa música.

— Eu também adoro — disse Rebeca com um sorriso que não tinha tamanho.

Ela dançava de forma mais lenta e ele tentava seguir o ritmo dela.

— “Shoot me down...” — O homem acompanhou a música nesse trecho, cantando para Rebeca como se estivesse fazendo uma serenata de amor. Seus olhos brilhavam, era como se ele estivesse reencontrando-a depois de longos anos. Ele nunca havia encontrado outro par de olhos azuis como aqueles.

— “I am Titanium” — eles cantaram juntos.

Rebeca riu e ficou encantada com ele.

— Essa música combina com você — falou, despertando a garota dos pensamentos.

— Comigo? Por quê?

— Eu sou de titânio — disse como se recitasse um poema. — Você parece de titânio, seu jeito intrigante. Resistente. Incorrosível.

— Hum, vejo que é bom em Química.

— Nem tanto, a música ajudou, então associei ao seu estilo.

— Mas você acabou de me conhecer. Como pode saber algo a meu respeito?

— Talvez eu saiba mais de você do que possa imaginar. Consigo sentir a energia das pessoas. E sinto que você tem uma energia forte, vibrante.

— Nossa... Anda me perseguindo, só pode. Apresente-se. Qual é seu nome?

Ele teve vontade de segurar em seu pescoço e puxá-la para perto de si, quis sentir seus lábios, mas conteve-se e disse:

— Meu nome é Thomas.

A música rolava e as pessoas dançavam, o mundo girava enquanto os dois estavam quase parados, levando um empurrão ou outro e balançando o corpo em câmera lenta.

— Como? — gritou, pois não ouviu por conta da música que ela nem sabia mais qual era.

— Thomas. Thomas Hawk, prazer. Frequenta sempre a boate?

— Só quando o mundo real me cansa. E você?

— Primeira vez. Então isso aqui não é real pra você? Quer dizer que eu não sou real?

— Você é real. Eu que, na verdade, sou um sonho.

Rebeca soltou um riso provocador, como se dissesse “vem me pegar”.

— Então não quero acordar desse sonho.

— Você veio de onde? — quis saber.

— Londres.

— Ah, é de fora. Isso é legal. Mas você quase não tem sotaque. — Eles dançavam enquanto se falavam. — Pretende ficar muito tempo ou só veio de passagem?

— Sempre mantive contato com o país, então não perdi meu sotaque. E dependendo do que eu encontrar aqui, talvez fique mais tempo ou volte mais vezes.

— Sou louca pra conhecer Londres.

— Posso te levar um dia se você quiser. Vamos pro bar, é mais sossegado lá.

— Eu gosto tanto disso.

— Prometo que vai ser agradável. Vamos?

Rebeca olhou em volta, não viu mais os amigos por perto, mas acabou aceitando o convite. Eles sentaram a uma mesa distante da agitação. Thomas pediu que ela esperasse e em minutos voltou com dois copos de uísque.

— Você quer me dar um boa noite cinderela — disse Rebeca ao segurar o copo.

— Ah, não. Não pense isso de mim.

— Então beba desse. — Ela levou o copo à boca do homem e ele deu um gole.

— Vou esperar alguns minutos pra ver se você não passa mal.

— Você é esperta. — Thomas olhava para as pernas compridas de Rebeca que estavam cruzadas, seu vestido curto era provocante. — Eu gosto de garotas espertas.

— Foi-se o tempo em que podíamos confiar em estranhos. Me diga, o que veio fazer na cidade?

— Os negócios me trouxeram pra cá. Acho que vou passar uma bela temporada. Sou construtor, tenho projetos a serem desenvolvidos aqui.

— Hum, que legal. Você constrói o que?

— Shopping Centers, condomínios de luxo...

— Não constrói castelos?

— Ainda não, mas se quiser um, posso construir pra você.

Rebeca riu alto, estava gostando dele, era um homem interessante e sedutor. Percebeu que ele estava se soltando, baixando a guarda. Notava que ele sorria e observava os olhos verdes dele, os braços fortes, cabelos louros espetados.

— Acho que estou passando mal — disse Thomas, forçando a respiração, ele puxava o ar.

— O que foi? — perguntou Rebeca, preocupada.

— Não estou me sentindo bem, acho que vou desmaiar.

— Ai meu Deus, tinha alguma coisa na bebida, você é burro de ter tomado, vou chamar alguém. — A garota se levantou e ele começou a rir, ria muito.

— Você é boba. — Deu gargalhadas. — Boba, você acreditou.

— Você é mais bobo ainda. — Ela voltou a sentar-se ao lado dele, furiosa, bebeu um gole da bebida que havia deixado em cima do próprio sofá. — Ao menos, agora eu sei que você não deve ser o lobo mau.

— Você me parece muito nova pra estar aqui. Não tem medo de encontrar lobos soltos por aí, chapeuzinho? — Thomas deu um gole na bebida.

— Já sou maior de idade, veja. — Ela entregou seu documento que tirou de sua bolsa.

— Hum, então já posso te fazer uma proposta indecente. — Ele devolveu o documento e ela guardou. — Qual a chance de você me beijar agora?

Rebeca o olhou por um instante, mordeu o lábio e respondeu:

— Uma em um milhão. — Rebeca encurtou a distância entre os dois, a garota fixou o olhar nos lábios do rapaz. De repente tudo estava escuro, restava o som da música e os lábios de Thomas. Ele se embriagou na maciez do beijo de Rebeca e seu coração palpitou.

— Posso me considerar um sortudo então — disse Thomas ao largar os lábios dela, mas ainda com a testa encostada na de Rebeca.

— Talvez eu que tenha tido sorte em ter encontrado você.

— Você é linda. — Thomas passava os dedos na bochecha de Rebeca, admirando a beleza da jovem.

Rebeca deu um gole no uísque, em seguida mergulhou dois dedos no copo e molhou os lábios de Thomas, lentamente. Ele ficou estático. Segundos depois, sentiu os lábios da garota sugarem os seus, ela mordeu o inferior de leve, ele reagiu e pôs a mão em sua nuca, a puxou para junto de si, beijando-a com vontade.

— Quer dar uma volta de carro?

— Vai me levar pra onde?

— Se quiser conhecer minha casa, moro sozinho. Está um pouco bagunçada porque ainda estou me mudando, mas o quarto tá completinho, tem cama. Podemos ficar mais à vontade lá.

— Hum, você é muito safadinho. — Rebeca deu um beijinho rápido.

# CAPÍTULO 3

## O QUARTO MISTERIOSO

— Jura que você mora no jardineiro?

— Sério — disse Rebeca no momento em que o carro cruzou o portão. — Mas não tenho uma casa tão espetacular quanto a sua. — Ela ficou encantada ao ver o jardim da casa e uma piscina enorme frente à entrada. Thomas parou o carro do lado direito, ele desceu e abriu a porta para a garota.

Ele quase esgotou seu vocabulário tentando convencer Rebeca a sair com ele. Ela teria aceitado sem que pedisse muito, mas não fazia seu tipo ser muito fácil.

— Comprei há alguns meses e mandei reformar. Como falei, faz poucos dias que estou na cidade, estava em um hotel, aí minhas coisas começaram a chegar, então decidi vir logo. Gostou da piscina? — perguntou.

— Adoro piscina — disse Rebeca, agachada e passando a mão na água.

— Vamos entrar?

A piscina era em formato curvilíneo. A casa era alta, acima havia um andar repleto de janelas e uma varanda do lado esquerdo com um parapeito de vidro. Na parte de baixo havia um hall de entrada. A grama estava bem cortada e havia uma passarela de pedras que passava ao lado da piscina e ia em direção ao portão de saída. Rebeca caminhava de costas, abraçada à cintura de Thomas enquanto ele a beijava e sussurrava no ouvido dela.

Ele alcançou a porta, tirou as chaves do bolso e tentou abrir.

— Estou quase acertando, calma. — Thomas ria com os lábios colados nos de Rebeca. — Calma, quase lá... quase... entrou.

— Não seja bobo — disse Rebeca, rindo.

Thomas girou a chave e a porta abriu.

Havia muitas caixas, alguns móveis cobertos por plásticos em uma sala ampla. Um sofá grande no qual Thomas caiu por cima de Rebeca, afogando-a em beijos e carícias.

Thomas a puxou pela mão indicando que subiriam as escadas. Rebeca livrou-se de seus sapatos e subiu com ele. Ao chegarem ao corredor, Rebeca notou algumas portas, pensou em qual delas entrariam.

Ele a pegou no colo, ela deu um grito com o susto e começou a rir. O homem caminhou com a garota nos braços até uma porta, pediu que ela girasse a maçaneta e assim o fez.

O quarto não parecia ser da mesma casa, estava bem organizado, limpo, com cortinas brancas nas janelas, móveis e uma cama enorme onde Thomas jogou Rebeca.

— Sabia que o titânio é tão forte quanto o aço? — A voz de Thomas saiu entre sua respiração pesada. Ele estava por cima dela. Rebeca disse “Não”, num sussurro.

— Vai me dar uma aula de química, agora? — perguntou, depois que ele soltou

seus lábios.

— Que é um metal leve, resistente — ele continuou. — Tem baixa condutividade térmica e alta condutividade elétrica.

Rebeca imaginou que seria muito mais fácil aprender química com ele do que com seu professor. As palavras dele eram como se fossem uma melodia.

— Sabe o que acho mais interessante? — perguntou após um instante apreciando os olhos dela.

A garota balançou a cabeça em negativa.

Thomas respirou e falou:

— Ele queima quando aquecido.



Amanda estava suada e cansada, sentia a tensão nas pernas, mas estava feliz, sorrindo quando saiu da boate. Já era madrugada. Ela passou a mão no cabelo, a outra estava presa à de Murilo que vinha logo atrás dela. A brisa resfriou seus corpos, um vento gelado os envolveu dos pés até a cabeça.

— Estou exausta — disse Amanda. — Acho que já está na hora de irmos.

Murilo a agarrou ali na calçada, prendeu os braços na cintura dela. Vários carros estavam estacionados em fileira, pessoas caminhavam pela rua. O jovem se embriagava no sabor da pele de Amanda. Ele sugava o pescoço dela como um vampiro.

— Por mim, a gente espera o sol nascer.

— Não, já quero ir. — Amanda se soltou dele e deu uma corridinha. — Vou embora sem você.

— Não fuja de mim — disse Murilo. Ele correu e a pegou novamente envolvendo-a em seus braços. Os lábios dela estavam tão macios e quentes que ele teve vontade de mordê-los. Sentiu o gosto amargo da bebida, era como comer uma fruta cítrica e sentir o ácido no canto das bochechas, um ácido que aguçava todos os outros sentidos do rapaz.

— Quando é que você vai me dar uma chance? — perguntou Murilo com os olhos brilhando à luz do luar.

— Você já está tendo mais que uma chance — ela disse. — Estamos em uma rua fria nos aquecendo no calor um do outro. As pessoas passam e eu nem noto, nem sei que lugar é esse, nem sei o caminho de volta pra casa. Estou em suas mãos, o que você quer mais?

— Quero que aceite namorar comigo — suplicou.

— Já falamos sobre isso. Eu prefiro continuar vivendo momentos como este. Não quero ficar presa a ninguém. Eu nunca enganei você.

Amanda forçou e ele a soltou. Ela virou-se de costas e deu alguns passos. Murilo passou na frente dela e curvou-se, pousou seu joelho esquerdo no chão e lhe estendeu as mãos.

— Aceite namorar comigo ou então case-se comigo, aceito que escolha qualquer uma das opções, mas fique comigo Amanda.

Ela não esperava que ele agisse daquela forma, se ao menos estivesse bêbado ela relevaria, mas Murilo era espontâneo e romântico demais, não precisava de bebida para dizer o que sentia. Não que Amanda não gostasse de romantismo, mas é que seu coração batia mais forte por outro. Ela namoraria Murilo, casaria e teria filhos, mas sempre ouviu da mãe que só devia casar por amor.

Amanda sempre achou que o amor age de forma estranha, era tão simples ela se apaixonar por Murilo e ser feliz a vida toda, mas ele escolhe sempre o caminho mais difícil.

Amanda encarou Murilo por um instante sem saber o que dizer. Quais palavras usar para não magoar um coração apaixonado? Ela queria apenas agachar-se e beijá-lo, calar suas palavras, mas isso seria um sim. Ela queria dizer que não dava, que ela não podia se envolver além daquela noite.

Para surpresa dela, Gabriel apareceu na calçada, cambaleando em seus passos. Ele estava bêbado.

— Mano, levanta daí — disse Gabriel segurando Murilo pelo peito, tentando levantá-lo. O rapaz ficou de pé, mais para ajudar o amigo.

— Gabriel, você está muito bêbado. Exagerou demais. — Murilo olhava para Amanda como quem esperava uma resposta. A garota foi para o outro lado do bêbado e apoiou o braço dele em seus ombros.

— Temos que levá-lo para o carro — ela disse.

— Me soltem, ainda consigo andar.

— Quietinho ou eu chamo o seu Ricardo — disse Murilo num tom ameaçador.

— Ai não, meu pai não. Ele não pode me ver assim. Se souber que ando bebendo...

— Vai sobrar pra mim — completou Murilo. — Você não vai voltar pra casa desse jeito. Melhor dormir lá em casa hoje.

— Onde está a Rebeca? — perguntou Gabriel.

— Ela já foi embora — respondeu Amanda.

— Embora como? Ela foi sozinha?

— Vamos andando, Gabriel. Pare de fazer perguntas — falou Murilo.

Eles caminharam com Gabriel apoiado nos ombros deles por alguns metros até chegarem ao carro no estacionamento. Rebeca havia mandado uma mensagem para Amanda dizendo que tinha arranjado companhia e que não voltaria com eles.



Os raios do sol cintilavam as cortinas brancas do quarto de Thomas, ele estava deitado de bruços e Rebeca ao seu lado com o braço por cima da cintura dele. O travesseiro estava aconchegante demais para deixá-lo, mas Rebeca estava consciente, tinha noção de estar deitada em uma cama com um homem, mas suas

pálpebras pesavam e a forçava a continuar com a cabeça deitada no macio travesseiro. Thomas se mexeu, virou-se de lado, abriu os olhos com dificuldade e viu a moça dormindo, achou-a tão linda que lutou contra o pesar do sono para poder admirá-la, e assim ficou por alguns instantes.

Quando Rebeca abriu os olhos, Thomas já não estava na cama. Não percebeu o momento em que ele saiu. A moça olhou em volta do quarto, levantou-se envolta em um lençol, caminhou até o banheiro, chamou-o pelo nome, mas não obteve resposta. Verificou a varanda e quando abriu a porta sentiu um vento frio no rosto. Percebeu que seu vestido estava sobre uma cadeira ali no quarto, mas preferiu vestir um roupão que estava ao lado e saiu. Agora podia ver bem o corredor, havia duas portas de frente ao quarto onde estava, mais uma ao lado da sua e outra no final do corredor. As portas das laterais estavam abertas, ela verificou todas à procura de Thomas, todos os quartos estavam vazios e com janelas abertas.

Rebeca caminhou em direção à porta do final do corredor, estava descalça, o silêncio pairava no ar. Alcançou a maçaneta, quando forçou notou que estava trancada. Seu corpo estremeceu no momento em que ouviu a voz grave de Thomas pronunciar seu nome.

— Rebeca. — Ele estava na outra ponta, sem camisa, usando um pijama. Seu olhar estava penetrante, a expressão séria.

— Ah, me desculpe Thomas — disse Rebeca, sem graça e aliviada do susto. — Eu estava te procurando, então saí e vi esses quartos abertos. — Ela caminhou até ele. — Pensei que você estivesse em algum deles e como só restou esse, achei que a porta estivesse aberta.

Rebeca o alcançou e deu um beijinho nos lábios dele, pousando as mãos sobre o peito de Thomas.

— Não se preocupe. — Ele esboçou um sorriso. — Eu sempre abro as portas e janelas pra entrar vento. — Thomas segurou a mão de Rebeca e beijou-a.

— Só esqueceu de abrir aquela, está fechada.

— Ah, devo ter esquecido mesmo, não se preocupe. Vamos pra cozinha, estou preparando nosso café.

— O que você guarda lá? — perguntou ao descer as escadas.

— Hum, não tem nada, só umas coisas velhas. Ficou curiosa?

— Um pouco. Por um momento achei que você tivesse gostos peculiares.

— Eu não tenho gostos peculiares — respondeu rindo. — Digamos que meus gostos são... hum... normais.

Rebeca era naturalmente curiosa. Se dentre os cinco quartos aquele era o único que não estava aberto, certamente, ele guardava algo que merecia sua atenção. Mas seu pensamento bobo logo foi afastado pela lembrança de que todo mundo tem em casa um cômodo em que guarda todas as tralhas que não podem ser jogadas fora.

— O que você está fazendo? — perguntou Rebeca ao entrar na cozinha. Era muito espaçosa e estava muito limpa e toda montada, diferente do que viu na sala.

— Fritando ovo — disse Thomas. Ele segurava a frigideira. — Já viu alguém fazer isso? — Ele estava se preparando para virar o ovo no ar.

— Não me diga que você vai fazer isso? — Rebeca pôs as mãos na boca. —

Cuidado, não vá incendiar tudo.

Thomas balançava a frigideira e sorria como um garoto brincando com um brinquedo novo.

— Preparada? Aaaaah...

Ele soltou um grito e riu alto. Rebeca o observava achando aquilo muito sem graça, como alguém podia ficar tão feliz em virar um ovo?

— São anos de prática. Duvido que você consiga.

— Ah, não seja bobo.

Thomas apertava o ovo com uma colher de plástico para que fritasse bem, em seguida o colocou em um prato.

— Agora é sua vez — ele disse.

— Eu não vou fazer isso.

— Ah, não seja boba — falou enquanto quebrava o ovo, num tom sarcástico. — Se quiser casar comigo tem que saber ao menos fritar um ovo. Adoro ovos no café.

Rebeca aproximou-se e pegou a colher da mão dele. Thomas a abraçou por trás e cheirou o pescoço dela.

— Vou me queimar desse jeito, me solte.

— Vou até sair de perto. — Thomas correu para longe e ficou olhando, fazendo cara de drama.

— Não me deixe nervosa. — Rebeca mexia na frigideira tentando manter o corpo à distância.

— Ah meu Deus — gritou Thomas.

— Pare com isso — retrucou Rebeca.

— Você consegue, vamos.

Rebeca estava nervosa. Um simples ovo frito a estava deixando nervosa, mas ponderou que o nervosismo também fosse por estar com um homem que viu uma única vez na vida e aceitou o convite de passar uma noite com ele.

Ela nunca teve uma manhã como aquela, estava sendo divertido vendo-o fritar ovos. Ele parecia um menino bobo. Rebeca achava estranho que ele estivesse tão à vontade como se já a conhecesse há tanto tempo.

— Não vou conseguir — ela disse, enquanto tentava definir o momento em que impulsioneira a frigideira. Percebeu que já estava no ponto.

— Vai, agora.

E ela foi.

Aquele disco branco com uma parte amarela no meio voou. Ela o viu flutuar, olhou de volta para a frigideira, olhou para o ovo no ar em fração de segundos e tentou acertar, mas errou por pouco. O disco acertou na borda, quebrando-o ao meio e levando metade dele ao chão.

Thomas riu da cena e aproximou-se dela.

— Tudo culpa sua, me deixou nervosa.

— Não faz mal. — Ele deu um beijo em sua bochecha. — Já tem ovo demais. Vamos comer. Ele retirou os pratos com ovos fritos do balcão e levou-os à mesa. — Venha. Não pense que vamos comer ovo puro. Temos torradas, pão integral, queijo e tudo isso aqui.

Thomas puxou a cadeira e Rebeca sentou-se.

— Você é sempre tão atencioso com todas?

— Naturalmente com todas as pessoas, sem distinção.

— Falo de mulheres. — Rebeca passava manteiga em uma torrada.

— É ruim ser atencioso com todas?

— Não exatamente, é que nós gostamos de um pouco de exclusividade. — Ela deu uma mordida. — Você pode ser atencioso com todas, mas tem que ter algo em particular que você faça uma mulher se sentir especial.

— Tipo o que?

— Ah, não sei. Pode ser certas coisas que você fala, alguma frase especial. Se você diz que ela é “seu brilho de todas as manhãs”, não pode repetir pra outra, entende?

— Acho que entendo. Então quer dizer que não posso ensinar outra garota a virar o ovo como fiz com você?

— A menos que eu seja só mais uma em sua vida.

Thomas largou a xícara de café que tomava e segurou a mão dela. Ele ficou imóvel por um instante. Rebeca viu aqueles olhos verdes fixos nos dela, observou o peito dele se movimentar com a respiração.

— Pode parecer louco, mas você é especial para mim. — Ele puxou a mão dela e deu um beijo nos nós dos dedos. — Você é meu brilho de todas as manhãs.

— Isso é falta de criatividade. — Rebeca puxou sua mão de volta.

— Não é falta de criatividade quando se está sendo sincero. — Ele disse, ainda num tom romântico. — Você é o brilho das minhas manhãs e eu prometo jamais falar isso pra nenhuma outra garota.

— Ah, então quer dizer que haverá outras?

— Haverá. A menos que eu não seja só mais um em sua vida.

— É muito cedo pra falar disso.

— Mas você não gostou de mim?

— Gostei. Gostei muito. Mas nos conhecemos ontem.

— Que mal há nisso?

— O mal é que eu não me apaixono tão rápido assim.

— Ok. De quanto tempo você precisa?

— De quanto tempo eu preciso pra me apaixonar?

— Por mim, pra ser mais exato.

— Hum, não sei bem. Mas pode ser um dia, uma semana, alguns anos, quem sabe? E você, quanto tempo levaria para se apaixonar por mim?

— Levaria o instante necessário para perceber que se está vivo ou o instante necessário para sentir o fogo queimando a pele.

— Você é muito intenso nas palavras.

— Posso ser mais intenso nos meus atos.

Thomas levantou-se, segurou na mão dela e a fez ficar de pé. Ele a abraçou enchendo-a de beijos.

— Quero continuar meu café. — Rebeca soltava risos. — Estou com fome, Thomas.

Ele a pegou no colo de súbito. Ela deu um grito.

— Pegue tudo o que conseguir. — Thomas se aproximou da mesa e Rebeca

conseguiu pegar uma banana, uma maçã e um cacho de uvas. — Preparei um banho de banheira pra nós. — Ele correu com ela nos braços.

Rebeca deu uma mordida na maçã.

— Seu louco, você vai me derrubar — falou enquanto mastigava a fruta. Thomas subiu as escadas. Empurrou a porta com o ombro e a pôs no chão na porta do banheiro. Ele pegou as uvas e a deixou apenas com a maçã.

Rebeca viu um caminho de pétalas vermelhas até a banheira, ela seguiu por ele. Tirou o roupão que usava e entrou na espuma. Por um momento achou que pudesse ser um daqueles sonhos reais que tinha em algumas ocasiões. Ela se perguntava como esse homem que caminhava em sua direção podia ser tão romântico em um primeiro encontro.



— Moramos pertinho um do outro — disse Thomas. Ele estava em seu veículo com Rebeca. Estavam em frente ao prédio onde a garota morava. — Espero ver você em breve.

— Também espero, gato. — Rebeca deu um beijo na bochecha dele.

— Por favor, me ligue.

— Vou pensar no seu caso — falou com um sorriso provocador.

— Salvou meu número, né?

— Vou deixar você com a pulga atrás da orelha.

Rebeca não lhe deu seu número, mas salvou o dele para um possível reencontro. Thomas a puxou para um beijo.

— Espero não ter causado problema pra você com sua mãe.

— Não se preocupe. Disse que dormiria com a Amanda, minha amiga. Além do mais, ela me dá muita liberdade. Agora preciso ir, obrigada pela noite maravilhosa. — Rebeca deu um último beijo e saiu do carro.

Thomas a observou caminhar. Ele gostava do jeito provocador de Rebeca. Ela caminhava como uma menina despreocupada e ao mesmo tempo como uma mulher elegante. Quando chegou ao portão, ela deu uma última olhada e um sorriso que fez ele suspirar.

Thomas dirigiu de volta à sua casa.

Quando chegou, foi até o quarto e revirou a gaveta do criado mudo que ficava ao lado da cama, ele retirou da última gaveta uma caixinha de madeira, dentro havia uma chave e uma fotografia rasgada ao meio. Era uma garotinha de sete anos de idade, seus cabelos eram ruivos, longos e ondulados. Os olhos eram azuis. Ela sorria na foto e lhe faltava um dente na arcada inferior. Dava para perceber que havia um menino abraçado a ela, pois uma mãozinha aparecia no ombro dela e parte de cabelos loiros.

Thomas sentou-se na cama, passou os dedos na imagem. Ele olhava com ternura. Massentiu como se tudo se desmanchasse por dentro, era como se ele

fosse feito de areia e estivesse desmoronando.

Ele beijou a foto e disse:

— Me perdoe.

Thomas guardou a fotografia no mesmo local. Saiu do quarto e caminhou pelo corredor em direção à porta do final, a mesma que Rebeca tentou abrir e não conseguiu. Ele encaixou a chave e girou.

A porta abriu.

Era um quarto, mas do lado esquerdo havia uma passagem para o que parecia ser um porão. Degraus brancos mergulhados na escuridão.

Thomas desceu as escadas como se estivesse entrando em um lago, seu corpo foi sumindo à medida que descia.

Ele bateu a parede até encontrar o interruptor.

A escuridão foi engolida pela luz que acendeu.

# CAPÍTULO 4

## O COMEÇO DE TUDO

A pia branca estava manchada com gotas vermelhas e manchas serpenteadas da mesma cor. Felicity usava luvas brancas sujas de vermelho. Ela bem que tentou não derramar a tinta que preparou para tingir seu cabelo, mas acabou fazendo uma grande sujeira. Ela olhava-se no espelho e passava o pincel na raiz do cabelo onde o loiro estava começando a aparecer. Não dava para perceber muito, mas Raphael notou aquele dia no rio.

Sua cabeça estava cheia de piranhas que separavam suas mexas.

Bem quis ir a um salão de beleza, mas estava sem saco para permitir que outra pessoa mexesse em seus fios.

O cabelo era curto na altura do ombro, então imaginou que não teria muito trabalho.

Enquanto estava ali pincelando sua cabeça imaginava que seus amigos estavam se divertindo na boate e que ela estava ali tentando passar uma tinta vermelha no seu passado.

Depois que terminou, arrumou a bagunça que fez. Secou os cabelos e quando olhou-se no espelho sentiu-se mais aliviada.

Antes de dormir, pegou seu livro de biologia e leu algumas páginas dele. Era sua matéria preferida e precisava dominar os conteúdos para se dar bem quando fosse tentar entrar no curso de medicina.

A garota passou algumas horas na cama estudando até que pegou no sono. Quando percebeu, a luz do sol entrava pela janela. Seria uma manhã ensolarada, pensou ainda na cama. Isso deu ânimo para que se levantasse, pois estava com vontade de andar de bicicleta. Ela tomou seu banho e vestiu a roupa para pedalar.

— Estou faminta — disse Felicity para sua avó que estava sentada à mesa. A garota deu um beijo na bochecha da senhora.

— Já está pronto, meu bem. Sente-se. Vai pedalar tão cedo? — perguntou ao notar a roupa que a neta usava.

— Vou aproveitar antes que o sol es quente. E o vovô? — Felicity pegou um copo e encheu com o leite que estava sobre a mesa.

— Saiu com seu tio. Coma bem, pois estou achando você muito magra, você anda pedalando demais, tem que se alimentar.

— Eu como bem, vó. — A menina passou manteiga na torrada e deu uma mordida. — Não estou tão magra assim.

— Ah não, só estou vendo suas costelas marcando a roupa — falou ironizando. A avó pousou a xícara de café que tomava no pires. — Vai acabar ficando doente se não comer.

— Estou ótima, tenho até disposição para fazer exercícios físicos, enquanto a senhora...

— Já não tenho mais idade pra isso.

— Tem idade suficiente, é só deixar de preguiça, dona Amora.

— Hum, vejo que retocou de novo o cabelo — disse, tentando mudar o foco da conversa.

— É — a menina respondeu apenas. Desejou que ela não tivesse tocado no assunto.

— Você é tão linda de cabelos loiros. — A senhora colocou a mão no rosto, admirando a beleza da neta. — Sempre que vejo um fiozinho natural na sua cabeça torço para que você deixe na cor dele.

— Ah vó, não vamos falar disso. Eu gosto de ser assim, gosto dessa cor.

— Tudo bem, como queira. Quando você crescer, espero que mude de opinião. Sempre mudamos quando ficamos adultos. Continue comendo, adoro quando você come.

Felicity sorriu ainda com um pedaço do pão com queijo na boca. Ela tomou um gole de leite.

— Estou com uma fome de monstro.

Amora curtiu ver a neta se alimentar.

Logo depois, Felicity montou em sua bicicleta, pisou o pé no pedal e partiu pelas ruas com o sol aquecendo sua pele e o vento soprando o seu rosto.



Havia algo solto dentro de seu crânio, algum parafuso frouxo que fazia as partes do cérebro se chocarem umas com as outras de forma violenta. Era assim que Amanda imaginava que fosse seu cérebro, como uma máquina que funcionava com engrenagens e parafusos. Não tinha muitas lembranças da noite anterior, apenas alguns borrões, algumas cenas soltas.

Aos poucos ia se dando conta de que estava esparramada em sua cama com um edredom que cobria partes do seu corpo, deixando suas pernas de fora, e que era uma manhã de sábado, além de perceber que estivera em uma festa com seus amigos.

Ela abriu os olhos com dificuldade e olhou em volta. Seu vestido estava no chão, sapatos jogados, calcinha, uma toalha sobre a cadeira que ficava de frente para a mesinha do computador. A garota, por um momento, imaginou que aquele seria um cenário de uma tórrida noite de amor, mas decepcionou-se quando viu algo muito estranho que ela se recusou acreditar se tratar do seu próprio vômito no chão, mas aquilo era real demais para ser mentira.

A dor de cabeça era insuportável. Qualquer movimento dava a sensação de que recebia uma martelada na cabeça.

As batidas na porta foram como o barulho de uma britadeira.

— Amanda, acorde. Já é meio dia.

Era sua mãe, batendo.

A garota arrastou-se da cama e foi abrir a porta envolta em seu edredom.

— Ai mãe. O que houve?

— Combinamos de ir almoçar no shopping, esqueceu?

A mulher entrou no quarto da filha e sentiu o odor azedo do vômito.

— Amanda, você andou bebendo?

— Claro que não, mãe. Acho que comi alguma porcaria estragada.

— Não minta pra mim. Vou começar a proibir suas saídas se isso se repetir.

— Mãe, eu não bebi.

Amanda voltou a deitar-se em sua cama. Sarah puxou o cobertor.

— Levante-se. Combinamos de ir ao shopping e nós vamos.

— Mãe, estou cansada. Prefiro não ir.

— É claro que você vai, honre o compromisso que fez com a sua mãe. Anda, vamos fazer compras.

Duas palavras eram melhor que um analgésico para Amanda: fazer compras. De repente, sua dor de cabeça começou a diminuir. Andar pelo shopping e gastar dinheiro em roupas e sapatos curava qualquer ressaca.

Amanda saiu da cama mais animada.

— Tudo bem, nós vamos. Mas fique a senhora sabendo que hoje estou com muita vontade de gastar — falou enquanto caminhava até o banheiro.

— Peça para a Matilda dar um jeito nesse quarto — gritou a mãe.



Seus músculos tencionaram quando ele começou os movimentos de cima para baixo.

Todos os seus músculos se enrijeceram, a respiração pesada e os movimentos cada vez mais vigorosos. Ele soltava um rosnado baixo quase como um animal.

Seu telefone tocou, então teve de parar para atender.

— E aí? — falou, tentando recuperar o fôlego. Sua testa estava cheia de gotículas de suor. A pele estava avermelhada.

— Tô atrapalhando alguma coisa? — perguntou Joaquim.

— Não... claro que não.

— E essa respiração?

— Estava fazendo algumas flexões.

— Tudo bem. E aí, vamos treinar hoje?

— Vamos sim. Vai passar aqui?

— Meia hora tô passando, beleza?

— Fechado. Falou!

# CAPÍTULO 5

## A COLA

John andava pacientemente entre as fileiras observando os alunos resolver as questões do teste final. Ele parou na carteira de Rebeca, viu os cálculos que a garota desenvolvia no rascunho e esboçou um sorriso leve, deixando transparecer que ela estava indo bem.

O professor continuou andando e encontrou o olhar de Amanda direcionado ao dele. A menina desviou rapidamente, mas ele foi em direção a ela e viu que a garota ainda não tinha sequer feito um risco na folha.

Amanda apoiou a mão na testa e inclinou-se para cobrir sua folha de respostas com o corpo, começou a escrever os números em sequência no rascunho. 1, 2, 3... era tudo o que conseguia fazer, pois era uma sequência automática. Seus pensamentos estavam naquele maldito convite, não conseguiu dormir bem, foram apenas alguns minutos espaçados durante a noite longa.

Alguém sabia do segredo dela, mas quem? As palavras se repetiam em sua mente, martelando como uma dor de cabeça. Ela tentou ler as questões, mas nem isso conseguiu, o jeito foi apelar.

Ela escreveu em um pedaço de papel: *Vic, me ajuda, preciso de respostas!* E jogou na mesa da garota que estava logo atrás dela. Vic se assustou, mas foi rápida e evitou que o professor que caminhava do lado oposto visse alguma coisa.

— Espera — cochichou.

— Psssssiu! — John ouvia até mesmo um alfinete cair no chão.

Rebeca havia passado cola para Felicity, a garota também não estava conseguindo pensar nas questões, apesar de ter estudado. Ela passou a noite tendo pesadelos com a coruja que lhe entregou aquele convite. Sonhou que estava em Hogwarts, à mesa da grifinória e uma coruja gigante pousava suas patas enormes destruindo o banquete. Quando o animal direcionou as garras para pegar Felicity, ela acordou. E o sonho se repetiu até o sol nascer.

Rebeca já havia respondido tudo no rascunho e ainda copiou todas as respostas em um pedaço de papel com letras minúsculas para repassar para a amiga. Ela achou estranho que Felicity estivesse pedindo cola, pois a menina era ótima aluna, notou que provavelmente não havia dormido bem. Nem ela, nem Amanda, nem Gabriel.

Que estranho, pensou Rebeca.

John notou uma movimentação estranha de um aluno que tentava ver a prova dela.

— Rebeca, meu bem — disse John, quebrando o silêncio. Alguns alunos levantaram a cabeça. — Se importa de trocar de lugar?

— Por mim, pode ser. — Por um instante achou que ele a tivesse visto passando a cola, mas preferiu não levantar sua defesa.

John pediu que Rebeca sentasse na fileira à sua direita o que a deixou ao lado

de Amanda. A garota notou que sua amiga ainda não tinha feito muita coisa da prova e tentou perguntar se ela precisava de ajuda.

— Amanda — sussurrou Rebeca num tom inaudível. — Amanda...

— Psssssiu! — Era John novamente

Depois de instantes, Rebeca tentou uma leitura labial perguntando: Quer ajuda?

Pela cara de Amanda, Rebeca notou que ela não entendeu, então decidiu ficar quieta, estava quase terminando de passar as questões a limpo.

A cola que Rebeca passou para Felicity já havia passado por outros alunos até que finalmente chegou nas mãos de Vic, que conferiu suas respostas e estavam de acordo com as de Rebeca. Vic ficou feliz em ter recebido o papel, pois teve certeza de que seus resultados estavam certos e não teria o trabalho de copiar as questões para Amanda.

Vic levantou-se e soltou o papel no colo de Amanda. Ela caminhou até o professor e entregou seu teste.

Amanda sentiu-se mais aliviada, colocou a cola embaixo da prova e começou a copiar. Ficou nervosa com o passear constante de John entre as fileiras, mas sempre que se distanciava ela continuava colando.

Depois de alguns instantes, Rebeca voltou a cochichar para Amanda, ela queria saber se a amiga tinha conseguido fazer as questões.

Mas Amanda não entendeu.

— Você quer cola? — perguntou tão baixo que Rebeca não ouviu.

John soltou outro *psssiu!*

Rebeca desistiu de tentar. Quando estava assinando seu nome, um pedaço de papel amassado caiu na sua mesa. Seu coração congelou. Ela tentou esconder.

— Rebeca — disse John que estava a duas fileiras à sua esquerda. — Que papel é esse, pode me mostrar? — O professor caminhou apressado até a garota.

— Não é meu professor.

— É sua letra — disse ao tomar o papel da mão da garota. — Você estava colando? — Rebeca viu a cara de decepção do seu professor.

— John... — ela queria dizer que não era dela, que Amanda jogara em sua mesa. Mas a letra era sua e provavelmente John não viu de onde o papel veio, apenas que estava com ela.

Poderia falar que passou cola para os colegas, que as respostas voltaram para si, mas que respondeu tudo sozinha. De toda forma, John a puniria pelo seu ato e até mesmo a seus colegas. Então preferiu não falar nada.

— Não estava colando professor, já ia entregar a prova.

— Bom, lamento muito que esse pedaço de papel desfaça sua verdade. Menos dois pontos para você Rebeca.

— Isso não é justo, John — disse Rebeca, furiosa. Ela levantou-se, pegou sua mochila e o casaco rosa e saiu da sala fuzilando Amanda com um olhar de raiva.

Amanda se sentiu como se estivesse sobrando no mundo, como alguém que tentava ajudar, mas acabava atrapalhando. Que diferença faria ela falar que tinha jogado o papel para Rebeca? A amiga estaria colando do mesmo jeito, só aumentaria o número de prejudicados.

Ainda faltava copiar uma questão que estava na outra metade do papel que ficou com ela, mas estava tão culpada que decidiu deixar pela metade e entregar a prova.

— Silêncio — falou John para conter os burburinhos que começaram a surgir.



— Amiga, me desculpa. — Amanda sentou-se no banco da pracinha do colégio onde estava Rebeca e a abraçou. — Achei que você estivesse me pedindo cola.

— Cola, Amanda? Eu estava perguntando se você estava precisando de ajuda. Aquela cola que você jogou pra mim fui eu quem fez, será que você não reconheceu minha letra?

— Estava nervosa, não prestei atenção nisso.

— Ah, que legal. Agora depois de ter estudando muito, ter ajudado um monte de gente que não tentou resolver uma questão sequer, vou me dar mal.

— Foram só dois pontos.

— Só dois pontos? — disse Rebeca indignada. — Pra mim cada questão valia meio ponto porque fiz o pré-teste, esqueceu? Se eu acertar todas, vou ficar com três junto com os três do pré-teste quanto que fica minha nota?

— Seis? — falou Amanda, mais perguntando que respondendo com uma expressão de quem estava com medo da resposta da amiga.

— Seis, Amanda! Isso significa que vou ficar abaixo da média.

Felicity e Gabriel chegaram ao local.

— O que foi que houve na prova do John? — perguntou Felicity.

Rebeca estava com as pernas cruzadas e com a mão na testa sem querer olhar para o lado.

— Achei que ela estava me pedindo cola, então joguei um pedaço de papel pra ela e o John acabou vendo, mas ele só viu que estava nas mãos dela.

— A cola que eu fiz pra você, Felicity — falou Rebeca, encarando a amiga. — Passou pela sala toda e veio parar na minha mão.

— Nossa... não achei que fosse dar nisso. Me desculpe.

— Vocês não estudaram?

— Ah, eu fiz uma boa prova — disse Gabriel. Ele estava parado, segurando a alça da mochila presa nas costas. — Não precisei colar. — Diferente das meninas, Gabriel sabia lidar com as emoções.

— Meu fim de semana não foi tão bom — falou Amanda. — Não consegui estudar e você sabe que não sou boa em matemática.

— Eu estudei um pouco, mas estava sem concentração na hora — disse Felicity.

Gabriel deu um passo à frente para sentar-se no banco.

— Não Gab, fica onde você está — pediu Amanda ao receber os raios do sol no rosto quando Gabriel deixou de bloqueá-los. — Você está nos protegendo do sol.

— Hahaha, engraçadinha, enquanto isso eu queimo minhas costas? — Ele

sentou-se do lado esquerdo de Rebeca. — Relaxa, Beca, nosso passado é escrito com piloto permanente, não dá pra apagar — disse, recordando-se do acontecido com o desenho de Arabela. — O que passou, passou. Não adianta se estressar, ficar remoendo.

— Sou feita de carne, ossos e emoções — bradou Rebeca. — Não consigo fingir que não estou chateada.

Ninguém falou nada por um breve instante.

Gabriel deu um beijo na bochecha dela e Rebeca soltou algo parecido com um sorriso. Em seguida Amanda beijou o outro lado da bochecha e sua raiva foi desaparecendo como fumaça no vento.

— Me perdoa, amiga — Amanda a abraçou forte. Rebeca sorriu de verdade.

— Perdoa também — falou Felicity fazendo bico.

— Eu amo todos vocês — disse Rebeca, soltando a respiração. Felicity sentou-se no colo de Amanda e tentou abraçar Rebeca. — Mas, por favor, nunca mais façam isso comigo.

Amanda deu um tapa na bunda de Felicity.

— Esse momento merece uma selfie. — Gabriel inclinou-se na ponta do banco e estendeu o braço com o celular, registrando a foto com suas amigas atrás dele.



— Nem tivemos tempo de conversar sobre a boate — falou Rebeca assim que Gabriel foi embora.

— Verdade, você sumiu e não explicou bem aonde foi — disse Amanda. — Conte agora quem era aquele gato que você arranjou.

Rebeca sorriu entusiasmada.

— Ele se chama Thomas. Disse que mora em Londres e está na cidade por conta do trabalho, me parece que tem algum projeto na área de construção civil aqui.

— Ele é bem mais velho que você, deu pra notar.

— Sim, mas não me importo com isso.

— Pra onde vocês foram?

— Fui pra casa dele.

— Espera — disse Felicity. — Você foi sozinha na casa de um cara que acabou de conhecer?

— Foi amiga, mas conversamos bastante antes de topar sair com ele.

— Meu Deus, Rebeca. Como você teve coragem de sair com um homem que viu uma única vez na vida? — perguntou Felicity com a expressão de quem estava confusa.

— Para com isso, Fê. Você está parecendo uma velha de setenta anos — disse Amanda.

— Verdade, por isso ainda não beijou na boca — falou Rebeca. — A vida é muito curta para deixarmos as oportunidades irem embora. Além do mais ele mora

no mesmo bairro que a gente.

— Mentira! — exclamou Amanda.

— Certas oportunidades é melhor que passem despercebidas — resmungou Felicity, sem despertar a atenção das amigas.

— Sério, bem pertinho de nós.

— Ai amiga, conta tudo o que aconteceu — pediu Amanda.

— Ele podia ter te sequestrado, estuprado você, sei lá — interrompeu Felicity antes mesmo de Rebeca abrir a boca.

— Fê, calma — disse Amanda. — Ela está inteirinha aqui do nosso lado.

Mas podia não estar, pensou a menina, só não quis responder em voz alta.

— Escuta, Fê — pediu Amanda.

— Tudo bem, fala logo.

— Ele é incrível, tão romântico. É um pouco mais velho na idade, mas tem um espírito jovem. — Rebeca contou detalhes da noite que tivera, dos momentos embaraçosos tentando fritar ovo, do banho de banheira, das palavras. — Mas notei algo estranho nele — disse por fim.

As garotas ainda estavam sentadas no banco da praça. Rebeca no meio e uma amiga de cada lado.

— Estou dizendo que é perigoso — falou Felicity quase como um sermão.

— Não, não é nada disso. Só que achei ele meio desesperado. Não sei... como se já esperasse por mim.

— Mas isso é coisa de psicopata — insistiu Felicity.

— Não liga pra ela Rebeca, vai acabar feito a Arabela.

Felicity deu de ombros.

— Você não deu seu telefone pra ele, deu?

— Claro que não, mas tenho o dele. Disse que ligaria, mas não vou bancar a garota apaixonada. Foi só uma noite, nem sei se quero vê-lo novamente, apesar de ter sido tão bom.

O sorriso no rosto dela não negava que tinha sido bom. Rebeca estava animada, ainda com os flashes da noite que teve sendo rebobinados em sua mente.

— Sua cara não nega que vai querer vê-lo de novo — falou Amanda.

— Vou esperar passar o período de quarentena.

— Período de que, menina?

— As quarenta horas seguintes a uma relação tão intensa são cruciais para você se apaixonar. Então é melhor manter distância do cara nesse período.

— De onde você tirou isso?

— Acabei de inventar — respondeu Rebeca, sorrindo.

— Tá, mas creio que já passaram mais de quarenta horas desde o último momento em que se viram.

— Sim, mas o problema é que não consigo parar de pensar nele e eu não quero me apaixonar.

O sinal tocou.

— Finalmente — disse Felicity, após passar um bom tempo calada ouvindo as garotas conversarem. — Melhor irmos andando, não dou cinco minutos pra o inspetor passar por aqui nos expulsando.



# CAPÍTULO 6

## O JANTAR

Os últimos dias foram tensos para Amanda, Felicity e Gabriel. Os três foram convidados para o mesmo jantar misterioso, mas não sabiam que se encontrariam lá. Em nenhum momento passou pela cabeça deles que mais pessoas tivessem sido convidadas. Cada um tinha algo a esconder e alguém sabia de seus segredos. O pensamento era o mesmo: quem estaria por trás daquilo? E o que queriam, afinal?

Rua das Orquídeas, número sete. O endereço não saía da cabeça deles. As circunstâncias pareciam lembrá-los o tempo todo que tinham um compromisso marcado. Dois dias depois de encontrar aquele papel em uma de suas sacolas, Amanda recebera flores de presente, especificamente, orquídeas. Isso a deixou intrigada e assustada, estavam fazendo ela não esquecer. Sua mãe ficou muito curiosa em saber quem era o admirador secreto da filha, que afirmou não fazer ideia. Felicity também foi presenteada com orquídeas, ela teve mais sorte, pois conseguiu escondê-las dos avós com quem morava e teve tempo de jogá-las no lixo antes que ficassem curiosos. Gabriel teve de enfrentar uma situação mais embaraçosa com pai, pois ele foi quem recebeu a encomenda para o filho, insistiu em saber quem era a garota que mandaria flores para o rapaz. Constrangido com a situação, Gabriel disse que poderia ser piada de alguns amigos, que não tinha noção de quem poderia ter enviado aquela planta.

As aulas estavam passando despercebidas, nem Felicity, que era a mais estudiosa, estava conseguindo se concentrar; Amanda faltou por dois dias seguidos; Gabriel esforçava-se para não transparecer alguma preocupação. Quem mais observava o comportamento do trio era Rebeca, amiga deles, todos do segundo ano do ensino médio. A garota era observadora e perspicaz, mas a moça não tinha muito do que desconfiar, notava os amigos ansiosos, pensativos e aceitava as desculpas como a de Felicity: “dormi até tarde vendo filme e não estou legal”; “estou adoentada”, dissera Amanda, simplesmente; “não tem nada de errado”, foi o que Gabriel falou.

Aparentemente tudo estava bem e foi de aparências que eles conseguiram sobreviver até a quinta-feira, quatorze de abril. Durante esses dias que antecederam, pensaram em nunca comparecer ao jantar, ou sumir do país, fugir para longe, mas as consequências seriam piores, imaginaram. Então não teve jeito.

Na manhã do dia quatorze, Gabriel recebeu uma encomenda quando estava de saída para escola, reconheceu a sacola de uma loja de roupas masculinas, achou tudo muito estranho, mas deu uma olhada no pacote e viu que era um traje de gala, um fraque. Uma onda de raiva se formou em seu peito, sabia exatamente do que se tratava o embrulho. Gabriel recusou e disse ao entregador que podia ficar com a roupa, fazer o que quisesse, mas o homem não quis receber, disse que tinha ordens para entregar, então o rapaz assinou a ordem de entrega e falou que estava dando um presente ao homem, ele não teve outro jeito a não ser ficar com o presente.

Felicity não teve problemas em receber seu embrulho, mas no momento em que o senhor responsável pela entrega deu as costas, ela caminhou até o imenso latão de lixo que havia embaixo de uma árvore, que ficava em frente à sua casa, e jogou o pacote dentro.

Amanda agiu de forma diferente, recebeu, abriu a encomenda e gostou do vestido, apesar do significado ruim que ele trazia. Não podia negar que era uma bela peça, dispôs o recorte de tecido preto em cima da cama e o admirava, pensando se usaria ou não.

Às sete da noite o porteiro da casa de Amanda avisou que um táxi a esperava lá fora. Ela saiu de casa, disse a mãe que estava indo na festa de uma amiga da escola.

— Com licença — disse Amanda, batendo no vidro do carro.

— Sim, sim. A senhorita Amanda Castillo? — perguntou um homem de pele avermelhada, ao baixar os vidros. De bigodes brancos e grandes e uma barriga que quase encostava na direção do veículo.

— Sou eu. O senhor pode me dizer quem o mandou? — Amanda estava inquieta e amedrontada.

— Ah, tenho orientações em levá-la até a rua das orquídeas. Não foi a senhorita mesma quem contratou os meus serviços?

A situação parecia embaraçosa, se alguém já sabia do segredo de Amanda era melhor que mais ninguém soubesse, então ela decidiu desconversar e disse ao homem:

— Bom, na verdade não foi exatamente eu, foi a empregada. É que eu só queria confirmar se era o senhor mesmo, pra evitar que outro táxi perca a viagem. Mas tudo bem, vamos lá. — Amanda abriu a porta e entrou no banco da frente.

— A senhorita está muito bonita.

— Obrigada, mas prefiro que não preste atenção em mim.

— Tudo bem, vamos ao próximo passageiro.

— Próximo? Quer dizer que tem mais gente? — perguntou a moça, de olhos arregalados.

— Tenho algumas instruções a seguir. — O carro virou a esquina e Amanda conhecia a rua, ainda estava no mesmo bairro.

— Não pode ser — disse incrédula por causa do que estava pensando.

— O que não pode ser?

— Estou pensando em quem o senhor está indo pegar.

— Ah, um rapazinho. Segundo o endereço, ele mora na rua das tulipas, trezentos e oito — falou o homem com um olho no pedaço de papel e o outro na rua.

— Oh — suspirou Amanda. — É a casa do Gabriel.

— Que belas casas tem nesse bairro — disse o homem, admirado com as construções, a rua era larga como todas as outras do Jardineiro e bem iluminada. — O que acho mais curioso são os nomes das ruas. Todas têm nomes de plantas, certo?

— É, todas para fazer jus ao nome O Jardineiro.

O carro parou em frente à casa de Gabriel que já estava na porta, esfregando as mãos próximas da boca. Fazia frio. Ele viu o táxi se aproximar, já o esperava,

pois o gordão havia ligado antes avisando que tinha recebido orientações para levá-lo ao tal endereço.

— Amanda? — perguntou o rapaz ao aproximar-se do carro. — O que você faz aí dentro?

— Parece que fomos convidados para a mesma festa.

O rapaz abriu a porta traseira e entrou no veículo num pulo.

— Você recebeu o convite?

— Hum, festinha surpresa. Os jovens de hoje têm muita criatividade para se divertirem. Pelo que estou vendo, vocês não sabem quem os convidou. Estou certo?

— Bom... saber não sabemos, mas temos uma ideia — disse Gabriel, pausadamente, depois de um breve silêncio.

— Sabemos? — perguntou Amanda de súbito.

— Eu pelo menos tenho meu palpite, você não lembra que eu acertei quem era o anfitrião na última festa?

— Oh, sim. — Amanda entendeu o que Gabriel queria, que era não dar pista ao taxista. — Lembro, lembro sim, eu até perdi a aposta com a...

— Não — disse Gabriel, impedindo que sua amiga terminasse a frase.

— O que foi?

— Estamos parando em frente à casa da Fê.

— Eu não teria coragem de ir numa festa dessas — falou o homem ao parar o carro. — Eu hein, vocês são malucos, vai que lá tem um psicopata que queira sequestrar vocês e pedir um resgate?

Amanda e Gabriel se entreolharam pálidos.

— A não ser que o senhor seja esse psicopata — disse Amanda.

— Olhe pra esse velho, minha filha — disse o homem numa gargalhada. — Que mal posso fazer a vocês?

— Vai saber — respondeu a garota.

Gabriel olhava ansioso pelo vidro, viu a luz da janela acima se apagar. Instantes depois, ela surgiu no portão e caminhou pela pequena passarela que dividia o jardim em direção ao veículo. A menina usava um casaco e calças pretas, seus cabelos vermelhos se destacavam.

— Meu Deus — disse Felicity ao entrar no carro, ela ficou atrás do banco do motorista — O que estão fazendo aqui? Também receberam...

— Está ficando cada vez mais misterioso — disse o homem ao dar partida.

— Agora estou mais tranquila por não estar sozinha nessa — disse Amanda.

— Eu preferiria estar só — falou Gabriel. — Senhor, pode me dizer se vai pegar mais alguém?

— Não, a garotinha foi a última. Vamos nessa.

Durante o percurso, que não foi longo, ficaram calados e pensativos, nem mesmo o taxista disse alguma palavra. O trio de amigos parecia estar na mesma vibração, pois o pensamento era único: o que eles têm a esconder? Pois se cada um recebeu um convite ameaçador significava que seus outros dois colegas também tinham algo a esconder e para estarem ali, era algo grave, todos sabiam disso.

Finalmente, o táxi parou na rua das orquídeas, número sete. A casa era cercada por um muro alto, coberto de raízes e folhas verdes. O veículo parou e o

senhor desejou boa sorte aos três. Não foi preciso tocar a campainha, o portão abriu-se. A rua estava silenciosa e deserta, outras casas enfeitavam os arredores, ao longe viam-se prédios iluminados.

Amanda, Felicity e Gabriel entraram na mansão, assustados e curiosos. O caminho de pedras levava até a entrada da casa, as luzes acesas adornavam a beleza da construção, menos as grandes janelas da parte superior que estavam escuras. Os amigos caminhavam olhando para os lados, viam apenas o jardim. Chegaram ao hall de entrada, Gabriel olhou pelas partes de vidro da porta, girou a maçaneta e ela abriu. O piso era de mármore e havia setas vermelhas indicando um caminho à esquerda, Felicity e Amanda seguiram o rapaz. A sala era grande e luxuosa, uma escada dava acesso ao andar de cima. Eles seguiram a indicação e chegaram a outra porta grande, mas não conseguiam ver nada por trás de suas partes de vidro, estava escuro. Então o rapaz aproximou-se e abriu, localizou o interruptor e as luzes se acenderam.

Era outra sala com uma mesa repleta de cristais, havia apenas três lugares, à cabeceira estava o nome de Gabriel na cadeira, à esquerda dele ficou Amanda, e à direita, Felicity. No fundo da sala, uma enorme televisão estava com faixas coloridas, como quando a TV sai do ar.

— O que é isso? — perguntou Amanda.

— Um jantar — respondeu Felicity, como se fosse óbvio.

— Sabemos porque estamos aqui, certo? Então eu acho que isso faz parte do que planejaram pra gente. Eu tenho um motivo para estar aqui, e você, e você — disse Gabriel apontando para as garotas. — Temos apenas que esperar.

Um ruído começou na televisão. Amanda assustou-se com o som. Felicity ficou paralisada e o rapaz voltou sua atenção para a TV. Começava uma espécie de programa, uma música instrumental tomou conta do ambiente. Surgiu na tela a letra T, depois O, N, Y, formando um nome, em seguida a palavra Show. Tony Show era o nome do programa, envoltas nas letras azuis, três estrelas giravam até posicionarem o logotipo no canto inferior direito da tela. As luzes acenderam e o cenário ficou iluminado, imagens que mostravam a cidade preenchiam o fundo.

— Booa Noite, caros telespectadores. — A voz grave do homem ecoou na tela da televisão. Ele vestia um terno dourado brilhante, seus cabelos pretos formavam um topete sinuoso. Gabriel e as meninas estavam atentos. — Boa noite Amanda, Felicity e Gabriel.

O rapaz franziu a testa ao ouvir seu nome, as garotas ficaram visivelmente perturbadas. Era ao vivo o tal programa? Estaria aquele homem vendo-os no momento ou era apenas uma gravação?

— Ora, não façam essa cara — disse o apresentador, sorridente. — Vamos, sentem-se. O show vai começar. — Uma vinheta do programa tomou conta da tela, enquanto isso os garotos sentaram-se em seus lugares. Quando o homem voltou já não estava mais em pé no seu cenário vazio, mas sim em um sofá luxuoso, segurando um tablet na mão. — Vocês devem estar muito ansiosos para o que vem pela frente. — O apresentador fez cara de quem esperava uma resposta.

— Muito — respondeu Felicity com uma certa fúria, o medo começava a se dissipar. — Não entendo o que você ganha nos trazendo aqui. Podia começar

explicando do que se trata isso. Quem é você? O que te fizemos? Que porcaria de jantar é esse? — A garota encarou o sujeito, prestando atenção em seus lábios finos.

— Amanda. — A voz de Tony assustou a moça que descobria a bandeja que estava diante de si. — Peço que não destampem, não agora. Pode ser?

— Claro. Mas pode ficar tranquilo porque eu não vou comer o que quer que tenha aqui.

— É melhor você começar a dar seu showzinho de uma vez — disse Gabriel num tom arreadio.

— Vocês devem estar com ódio de mim a essa altura. Mas quero deixar claro que eu não tenho nada a ver com o que vai acontecer com vocês. Estou apenas seguindo instruções. Não sei do que se trata. O que eu falo é apenas um texto escrito que passa na minha frente, como aquelas letrinhas do jornal que vão subindo na tela quando termina. Então, assim como vocês foram obrigados a estarem aqui, eu também estou sendo forçado.

— Como vamos saber que não está mentindo? — perguntou Felicity.

— O que eu ganharia com isso? — falou. — Nem ao menos sei o que vocês fizeram. Sei apenas que você, a garota dos cabelos de fogo, tem um diário secreto que foi roubado e nele está escrito algo importante. — Enquanto ele falava, a tela se dividiu em duas e na segunda um vídeo de um local escuro onde o diário estava sobre uma mesa e uma mão com luvas pretas folheando-o. — Volta pra mim. — A tela voltou a enquadrar apenas o apresentador. — Acho melhor vocês acreditarem.

— Você não faz ideia de quem está por trás disso, então? — indagou Amanda.

— Ele está mentido. É dinheiro que você quer? Podemos conseguir pra você — disse Gabriel.

— Bom, fui contatado, por uma voz misteriosa no celular me oferecendo algo que eu queria muito. Mas para conseguir o que quero, tenho que seguir uma lista de instruções. A proposta foi muito interessante e cá estou. Significa que vocês terão de seguir uma lista se não quiserem que seus segredos sejam revelados. Felicity, seu diário será entregue à polícia ou a alguém que esteja mais interessado, caso você não execute as instruções.

Uma onda de medo voltou a invadir não apenas Felicity, mas também os outros dois. Por que tudo isso? Quem? Quem? Quem? Inútil tentar adivinhar. Por mais que Gabriel quisesse colocar na cabeça que era aquele homem o responsável por tudo, sentia que ele não estava mentindo.

— É melhor você falar logo o que quer de nós.

— Bom, já que insiste. O primeiro desafio de vocês está embaixo desses pratos prateados. Deverão comer o que tem dentro.

— Como vamos saber se a comida não está envenenada? — perguntou Amanda.

— Esse é o início da lista. Então vocês terão de continuar vivos para executar as demais. Seremos cavalheiros, Gabriel, vamos deixar que a senhorita Amanda comece, depois a cabelo de fogo e você por último.

— Cabelo de fogo é a sua mãe — disse Felicity, baixinho.

— Tantantantammmmm. — O apresentador reproduziu o som da música

instrumental que começara. — Bom apetite.

— Ah, mas é isso? Pensei que seria mais difícil, como sabe que gosto de laranjas? — Uma laranja partida ao meio, bem amarela, era esse o desafio de Amanda. Um certo alívio tomou conta da expressão dura de Gabriel.

— Se for como ganhar na loteria, eu estou ferrada — disse Felicity.

— Hum, nossa. Tony... Tony é seu nome, certo? — perguntou Amanda sentindo o doce sabor invadir sua boca.

— Sim e não.

— Nunca experimentei uma laranja tão doce. Ah, se você puder me falar onde comprou, eu serei grata.

— Oh, querida não se preocupe. A produção vai te mandar um saco delas pra você.

Gabriel e Felicity ficaram muito impressionados com o apetite que Amanda devorou as duas metades da fruta.

— Cabelo... Hum, hum... desculpe. Felicity, a sua vez.

Ela destampou o prato.

— Oh, que diabos é isso? Não vou comer essa porcaria. — A garota sentiu um embrulho no estômago e pôs a mão na boca. Sua cara era de nojo.

— Lembre-se do diário — disse Tony.

— Vamos Fê, você consegue — disse Gabriel segurando a mão da garota. Ele estava igualmente enojado e preocupado com o que tinha para ele.

— Pode ao menos explicar o que é isto? — perguntou, olhando para o prato ensanguentado e com pedaços de carne visivelmente crua.

— A produção está me dizendo que se trata de carne de coruja. — Tony fez cara de nojo. — Veja pelo lado bom, são bichos inteligentes, então talvez te ajude nos seus exames. Oh minha nossa. — O apresentador viu Felicity se curvar para o lado para poder botar para fora tudo o que tinha no seu estômago.

— Meus sapatos — gritou Amanda ao sentir respingos do vômito em seus pés.

Gabriel colocou água da jarra de vidro que estava sobre a mesa em um copo e levantou-se da cadeira para ajudar a amiga.

— Toma, vai te ajudar. — Ele passou a água para a garota.

Felicity se recompôs, pegou o garfo e espetou um pedaço da carne, observava os pingos vermelhos caírem no prato. Amanda olhava com os olhos cheios de lágrimas segurando um guardanapo encostado à sua boca. Gabriel estava com o cotovelo direito sobre a mesa pressionando o polegar contra os lábios.

O gosto da carne era estranho, Felicity não conseguiu mastigar mais que uma vez e engoliu. No segundo pedaço, sangue escorreu pelo canto da boca da jovem, ela tossiu algumas vezes, pareceu que ia vomitar novamente. Depois de muito esforço, botou para dentro os quatro pedaços.

— Palmas, palmas. Você é corajosa, garota. — Foi reproduzido o som de palmas e de gritos de uma plateia apesar de não existir ninguém além de Tony no cenário. Felicity mostrou o dedo do meio para ele. — Vamos bonitão, chegou a sua vez.

— Oh, Deus. — Gabriel sentia que seria algo ruim, mas não imaginou que fosse... — Sangue! Isto é sangue? Você quer que eu beba? — Bolinhas de suor

começaram a se formar em sua testa que estava franzida. Ele ainda segurava o prato que cobria a taça, pôs sobre a mesa e ficou admirando o cristal com aquele líquido avermelhado. Seu estômago revirava como se houvesse um animal lá dentro, sentiu algo ruim chegar à sua garganta, mas conteve o vômito. — Que animal, vocês mataram dessa vez?

— Oh, temo que não seja de um animal — disse o apresentador, visivelmente enjoado.

Gabriel respirava pela boca de forma frenética, as garotas o encorajaram.

— Vamos Gabriel, acabe logo com isso. Vamos embora daqui — disse Felicity numa voz suave.

— Você consegue Gab — sussurrou Amanda.

O rapaz virou a taça, o líquido desceu com muita dificuldade, deu goles grandes e rápidos para não sentir o gosto, mas foi impossível não imaginar que algo estava enferrujando em sua boca. Ele levantou-se de súbito empurrando a cadeira com as panturrilhas, que foi ao chão, e num berro atirou a taça contra a tela da televisão que ficou manchada de vermelho. Ele bufou enraivecido, algo parecido com raízes vermelhas tomou conta do branco dos seus olhos.

— Mande um recado pro seu diretor, Tony — falou, apontando o dedo para a televisão. — É melhor ele parar com isso, ou se não quiser parar, se esconda bem, porque se eu encontrá-lo, eu juro que o mato. E é melhor você se preparar também. — Gabriel dirigiu-se à porta pela qual havia entrado, mas estava fechada. — Qual é? — O sangue que bebeu havia escorrido pelo pescoço e alcançou sua camisa verde, deixando-a manchada. — Ainda não terminou seu showzinho?

As garotas estavam de pé, num canto.

— Estamos quase acabando — disse Tony, agora mais sério. Não conseguia mais dar um sorriso. A parede lateral começou a se abrir pelo meio, parecia estar sendo engolida. — O verdadeiro banquete. Não chega a ser como a mesa da grifinória, mas está bastante atrativa.

Eles viram uma sala com uma mesa comprida cheia de comidas de verdade e muito diferentes do que haviam experimentado. Caminharam devagar e observaram o que tinha ali. As paredes eram rodeadas por espelhos de cerca de sessenta centímetros de altura que reproduziam o ambiente. Uma luminária em cascata pendia no teto. Amanda avistou uma pirâmide de laranjas descascadas e brilhantes; Felicity olhava curiosa para o porco que tinha no centro da mesa, com uma maçã avermelhada na boca, o animal brilhava como se estivesse caramelado, ela pensou se ele seria de verdade mesmo ou era apenas um enfeite; Gabriel fitou o olhar em uma taça que continha um líquido parecido com o que tomou a pouco, mas era vinho. Frutas convidativas como maçãs, uvas, pêras, mangas gigantes, kiwi, melancia e outros tipos desconhecidos adornavam a mesa; Felicity sentiu o cheirinho de pão francês invadir suas narinas.

Travessas com arroz branco, salada, macarronada, peru assado inteirinho como no natal, frango, carnes vermelhas, várias garrafas de champanhe, vinhos, jarras de suco e muitos doces no finalzinho, eram crepes, chocolates, bolos enfeitados, cocadas. Estavam tontos com tanta comida.

— Digamos que seja uma recompensa por terem passado pelo primeiro

desafio.

— Não vou comer nada — gritou Gabriel. — Só quero que abra a porra da porta e nos deixe ir embora.

— Tudo bem, mas antes, peço que peguem um papel que está colado embaixo da cadeira na qual estavam sentados. É a lista de instruções que terão de seguir. Caso consigam completá-la, o anfitrião compromete-se a destruir todas as provas que tem contra vocês.

— Eu vou embora — disse Gabriel. Em seguida voltou à cadeira e abaixou-se para pegar o tal papel, era vermelho e estava dobrado em três partes, abriu-o e leu algumas linhas, ficou um pouco assustado e enfiou no bolso. Felicity veio logo atrás, pegou o seu e guardou na bolsa.

— Tony, vá para o inferno você e seu anfitrião — disse Amanda após dar uma mordida na laranja e ler o que tinha nas mãos. — Eu não vou fazer nada do que tem aqui, está me ouvindo? — Ela atirou a laranja que tinha na mão direita na televisão. — Idiota, paspalho, eu quebro todos os seus dentes se te encontrar na rua, você passa longe de mim. — Gabriel a puxou pelo braço e ela continuou esbravejando. — Maldito, infeliz.

# CAPÍTULO 7

## O SANGUE NA CAMISA

— Fê, o que vamos fazer agora? — perguntou Amanda para Felicity, ainda tensa com o que estava acontecendo, enquanto Gabriel estava de joelhos na grama botando tudo o que podia para fora.

— Eu não sei, não faço ideia. O que tem na sua lista? — perguntou Felicity num sussurro. Estava impaciente, queria sumir dali o mais rápido possível e esquecer aquela noite.

— Eu prefiro não te falar. Acho melhor cada um ficar na sua, não estou afim de contar meu segredo e acho que você também não está.

— Mas temos que descobrir quem está fazendo isso com a gente. É alguém que nos conhece com toda certeza. Como iam saber que eu tinha um diário?

— Eu já vi você escrevendo em seu caderninho lá na escola, alguém pode ter visto e ficado curioso. Aliás, como foi que você o perdeu?

— Primeiro, não é um caderninho, Amanda. E a casa foi invadida numa manhã. Quando cheguei da escola meu quarto estava destruído, alguém revirou tudo e acharam o diário em um fundo falso do meu guarda-roupa. Fazia tempo que ele estava lá. Só não sei como descobriram isso.

— Acho que estamos sendo vigiadas.

— Vamos deixar de conversa mole e dar o fora daqui antes que o apocalipse zumbi comece — disse Gabriel aproximando-se das garotas. Ele estava pálido e descabelado.

— Você está horrível, amigo — disse Amanda.

— Não liga pra ela, continua sendo nosso amigo gato. — Felicity tentou soar engraçada, mas não tinha sal nas palavras dela.

— Obrigado vocês duas — disse Gabriel, num tom de desdém. — Mas é uma péssima hora para elogios. Vamos logo. — Ele começou a andar em direção ao portão. — Tenho que me livrar desta camisa, não posso chegar assim em casa, senão meus pais vão pensar que virei um vampiro.

— Ou um assassino — sugeriu Amanda.

— Hahahaha, engraçadinha.

— Vou pedir um táxi. — Felicity estava sacando o smartphone da bolsa e discou um número. — É perigoso sairmos a pé.

— Não se preocupe, Gabriel. Nós compraremos uma camisa novinha pra você — emendou Amanda.

Eles alcançaram o portão que se abriu como mágica e ficaram em frente à casa esperando o táxi.

— Tira a camisa, Gabriel. Se alguém nos vir, vão mesmo pensar que você matou alguém, anda.

O rapaz se desfez da peça e a jogou em Felicity que a agarrou no ar e depois a empurrou dentro de sua bolsa. Amanda observava os músculos do amigo.

— Delícia — disse Amanda dando um tapa no peito dele.

— Você está muito descontraidinha pro meu gosto — respondeu para Amanda.

— Você não devia ter tomado aquilo, nem sabe se estava contaminado ou não.

Você tem que ir ao médico o mais rápido possível — disse Felicity.

— Para, Fê. Eu já estou passando mal, estou com frio nessa rua esquisita e você me vem colocar ideias na cabeça?

— O que você fez de tão grave pra ter encarado aquela taça, hein? — indagou Amanda.

— Nada que você possa ajudar, então não tenho interesse em contar pra você. Agora é muito estranho que seu desafio tenha sido uma laranjinha. Será que você não tem alguma coisa a ver com isso?

— Você ficou maluco, Gabriel? — Amanda ficou furiosa. — Você acha que eu seria capaz disso tudo? Ah não, já entendi. Aquele sangue provavelmente era de um bêbado que morreu atropelado, daí você ficou alcoolizado. Tá bêbado, né? Tá se sentindo tonto, é isso?

— Não seja idiota.

— Parem vocês dois, vamos acabar chamando atenção aqui parados e discutindo. Já basta o Gabriel seminu — disse Felicity, olhando envergonhada para Gabriel.

— Eu acho que isso teve a ver com a gravidade de nossos delitos. Se é que dá pra chamar de delito. Vocês dois devem ter algo a esconder muito pior do que o que eu tenho. Então o castigo de vocês foi mais pesado — disse Amanda.

— É melhor não tentar achar uma justificativa, se não só vai se complicar ainda mais — falou Gabriel, que estava de braços cruzados e com frio. — Esse gosto horrível não sai da minha boca. Acho que vou... — Não tinha mais nada em seu estômago que conseguisse botar para fora, mas a ânsia de vômito o fez expelir um líquido amarelo esverdeado. Apoiou o braço no tronco de uma árvore e tossiu muito, parecia que estava engasgando.

— Oooh, vocês vão acabar me deixando enjoada também — disse Amanda. — Acho que tenho balinhas de menta, alguém quer? — perguntou ao tirar um potinho branco da bolsa.

— Você só vem oferecer agora? — disse Gabriel arrancando o pote da mão de Amanda. Ele despejou quatro balas e jogou na boca. — Huumuum, nossa, isso alivia, refresca. Toma Fê, experimenta. — Ele passou o pote para a amiga, enquanto mastigava com vontade as balinhas de menta.

— Não come tudo, eu ainda quero — falou Amanda.

— Achei que sua laranja estivesse deliciosa. — Felicity mastigava duas ou três balas.

— Dá aqui Fê. — Gabriel pegou o potinho, despejou o que restava em sua mão e o devolveu vazio para Amanda.

— Isso não é justo. Eram minhas balinhas. — A moça atirou o pote em um canto no chão.

— Justo? E o que seria justo pra você?

— Justo pra mim seria dividir em partes iguais. Somos um trio — respondeu Amanda.

— Mas você nem precisa delas. Pense que elas sejam aspirinas infantis, eu e a Fê estamos doentes e você não está doente, então você diminuiria nossa medicação apenas pra sentir o sabor adocicado do remédio? Isso seria justo?

— Gabriel tem razão. Além disso, suas balinhas podem evitar que nós dois vomitemos em cima de você. Então se todo mundo sai beneficiado, aí sim, é justo.

— Dois enrolões, é isso que você são. Pra ser justo não importa de que forma seriam divididas, teria de haver um consenso entre as partes. Então como eu não consinto com essa divisão, continuo me sentindo injustiçada. — Amanda ficou aborrecida e Gabriel começou a rir da cara dela junto com Felicity.

— Deixe de fazer drama, tome uma. — Gabriel entregou uma balinha a Amanda que pegou e enfiou na boca.

— Ai, vamos embora. Chegou o táxi — disse Felicity ao avistar o veículo estacionar. Os três caminharam apressados até o carro e Amanda entrou no banco da frente, deixando os amigos no de trás.

O silêncio tomou conta do veículo. Pela janela, os três observavam as ruas caladas. O taxista estava concentrado no trânsito que fluía bem. Ouvia-se a sirene de uma ambulância, o som alto de um carro que passou rápido por eles; pessoas andavam nas ruas, carros saíam de garagens de prédios. Estavam indo ao shopping comprar uma camisa para Gabriel.

O silêncio estava perturbador quando Gabriel começou a se contorcer, parecia estar sentindo alguma dor. Felicity estava com a cabeça apoiada no banco e notou algo de errado com o amigo. Ele estava encolhido.

— Você está bem Gabriel? — perguntou Felicity.

— Ele vai acabar botando as tripas pra fora — disse Amanda sem olhar para trás.

— Por favor, não suje o meu banco. — O taxista tentava ver algo pelo espelho.

Ele não respondeu, enfiou os dedos entre os cabelos e encolheu-se entre os joelhos. Felicity notou a pele do pescoço ficar avermelhada e soltou um grito.

— Aaaaaaaaah, Gabriel está virando um lobisomem.

— Aaaaaaaaah — o grito de Gabriel pareceu ser de um monstro.

— Aaaaaaaaah — o grito de Amanda foi estridente ao ver os olhos arregalados do amigo e o rosto vermelho.

Gabriel dava gargalhadas e Felicity sentia dor na barriga de tanto rir. Era estranho rir naquela situação, mas lembrou-se que já ouviu de outras pessoas que, às vezes, riam de nervoso.

— Lobisomens não existem — disse o taxista para Amanda. — Lembre-se disso mocinha, não precisa ter medo do que não existe.

“Não precisa ter medo do que não existe”, as palavras ecoaram na mente de Amanda. Mas ela estava com medo de uma ameaça que, de fato, existia.

# CAPÍTULO 8

## ALIGAÇÃO

Rebeca digitava alguma coisa em seu smartphone quando um homem se aproximou e pediu licença para puxar a cadeira da mesa. Ele sentou-se e viu um leve sorriso no rosto dela. O restaurante estava pouco movimentado.

— Desculpe ter atrasado, tive que resolver uma coisa urgente.

— Não faz mal, você não demorou muito.

— Senhorita Rebeca... como já havia adiantado... Ah, Obrigado. — Ele agradeceu ao garçom por entregar o cardápio. — Temos que parar com isso, não estou mais a vontade para continuar fazendo essas coisas.

— Eu só não entendo o que está incomodando tanto a ponto de você querer desistir de tudo. Me dê mais um tempo, ainda não estou preparada pra isso. — A garota falava devagar, encarando o homem com seus olhos azuis. Ela colocou uma mecha de seu cabelo ruivo atrás da orelha.

— Não me leve a mal, mas isso é estranho, não é normal.

— Estou te pagando tudo certinho, não estou? Nunca atrasei seus pagamentos. — Rebeca falou com um tom de autoridade. Tirou um pacote de dentro de sua bolsa e pôs sobre a mesa. — É só pra você pensar melhor.

A voz da garota penetrou nos ouvidos do homem como um canto de uma sereia atraindo-o para o mar.

— Não posso aceitar — disse o homem empurrando o pacote de volta. Rebeca não cedeu e ficaram segurando o pacote de ambos os lados por um instante.

— Tudo bem. — Cristiano cedeu, pegou o pacote e colocou no bolso de dentro da jaqueta que usava. — Mas você precisa arranjar outra pessoa pra continuar.

— Tá, mas não vamos falar disso agora. — Rebeca ergueu a mão para que ele parasse de falar. — Não me pressione, prometo que vou tentar outra pessoa.

Era mentira, porque outra pessoa não seria o mesmo.

— Não vou querer nada, obrigado — disse Cristiano ao garçom que voltara para anotar o pedido. Ele se levantou, apertou a mão da garota e foi embora.

Rebeca o observou deixar o restaurante até perdê-lo de vista em meio às pessoas que caminhavam no shopping.

— Ah, pode trazer minha conta — disse a moça para o rapaz que estava diante de si. Tudo o que havia consumido era uma salada e um suco de maçã.

— Aguarde só um momento. — O garçom retirou-se, foi até o computador e fechou a mesa vinte e cinco. Voltou onde a garota estava e entregou-lhe a conta.

— Meu pai está me ligando, veja. — Rebeca mostrou o display do celular ao garçom que leu as palavras “Papai chamando” na tela do aparelho. Ela estava muito feliz, diferente de quando conversava com aquele homem, o semblante de incerteza dera lugar a um sorriso feliz, mas seu olhar continuou o mesmo, como se procurasse por algo, desesperadamente.

O garçom apenas sorriu. Ela tirou duas notas de vinte da bolsa minúscula que mais parecia uma carteira e colocou no meio do livrinho.

— Obrigada — disse para o garçom e em seguida deslizou o botão verde do smartphone, levantando-se da mesa com sua bolsa presa no pulso esquerdo. — Pai. — Ela já caminhava no corredor, andando devagar e observando algumas vitrines.

— Oi meu bem, como está? — A voz era grave e acolhedora.

— Bem pai. Vim dar uma volta no shopping, estava querendo comprar umas coisas pra mim. — Ela parou diante de uma vitrine e olhou encantada para um colar cujo pingente era apenas uma pedra de diamante.

— Sua mãe está com você?

— Não, estou sozinha.

— Sabe que não gosto que ande sozinha à noite.

— Não sou criança, relaxe. Além do mais, não adianta você se preocupar comigo estando a quilômetros de distância. — Rebeca alcançou a escada rolante e desceu para o andar de baixo.

— Não fale assim querida, sabe que não posso vê-la com frequência. E foi por isso que te liguei, vou ter de cancelar a viagem.

— Como assim? Você não vem nos ver?

— Claro que vou, mas não agora como havíamos combinado.

— Queria que o senhor voltasse pra casa.

— Sabe que isso não é possível, meu bem.

— Ah pai, vocês ainda se amam. E eu não aguento mais aquele namorado da mamãe querendo tomar seu lugar, ela o está usando pra te causar ciúme.

— Ela seguiu em frente meu bem, essa é a verdade. É isso que as pessoas fazem. Você precisa aceitar que não deu certo.

Rebeca alcançou o piso. Várias pessoas circulavam como vultos em um cenário preto e branco, exceto os movimentos de um pai segurando uma garotinha de cabelos ruivos pela mão. Ela aparentava ter uns cinco anos.

— Só preciso que você volte pra nós. Nunca vou aceitar que você tenha saído de casa. Ainda queria os dois juntos comigo, somos uma família. Não vou aceitar aquele cretino. Ele está cada vez mais se impregnando na nossa casa.

— Já se passaram três anos. Ela tem o direito de reconstruir sua vida.

— Não fale assim. — A voz de Rebeca soou como um sussurro.

Rebeca parou por um momento e observou a cena quando a criança levantou os bracinhos na direção do homem indicando que queria colo. Ele a pegou e a menininha entrelaçou os braços no pescoço dele, apoiando o queixo no ombro do pai que continuou andando. Uma mulher foi na direção do homem e pegou as sacolas que ele carregava. Os olhos de Rebeca foram de encontro aos da menina assim que o homem virou de costas, ela esboçou um sorriso, enquanto Rebeca lutava contra as lágrimas que queriam romper suas pálpebras.

— Filha, você está aí? Fale comigo.

— Estou — disse aborrecida.

— O que houve?

— Nada, não aconteceu nada. Só senti saudade. Olha, preciso desligar, tá certo? Depois a gente se fala.

— Tudo bem, meu amor. Fique bem.

— Um beijo.

Ela desligou.

Encher os pulmões de ar e soltá-los lentamente trazia Rebeca de volta ao mundo real. Ela pegou mais uma escada para descer ao andar térreo e guardou o celular dentro da bolsa.

Cristiano estava em uma loja quando a viu descer pela escada. De dentro, ficou observando cada passo que ela deu.

Ele apertou o maço de dinheiro que estava no bolso da jaqueta como se fosse seu coração que estivesse doendo.

# CAPÍTULO 9

## UMA LONGA NOITE

Amanda andava apressada em meio às pessoas, o momento não era adequado para ficar maravilhada com as vitrines do shopping, tudo o que precisava no momento era encontrar uma loja de roupas masculinas para comprar uma camisa para Gabriel. A garota entrou na primeira que encontrou e abordou a atendente.

— Preciso de uma camisa masculina, pode ser qualquer uma — disse para a vendedora, quase sem fôlego.

— Claro, senhorita. Qual modelo você está interessada? É um presente para seu namorado? Tem umas camisas lindas, só um momento. — A vendedora, muito educada e atenciosa, deu as costas, retirou algumas peças da estante e dispôs no balcão preto, porém quando se virou, viu Amanda arrancando uma camiseta amarela de um manequim.

— Vou levar esta aqui — disse com um sorriso forçado.

— Claro. — A vendedora surpresa com a reação da cliente apenas pegou a peça e providenciou um embrulho. — Pode ir ao caixa.

Amanda dirigiu-se para a fila de pagamentos que, por sorte, tinha apenas duas pessoas. Alguns instantes depois, que pareceram durar mais que o normal, conseguiu efetuar o pagamento. Pegou sua sacola com a atendente e saiu apressada. Caminhava a passos rápidos quando ouviu uma voz chamar seu nome.

— Amanda!

“Continue andando Amanda. Seja quem for não olhe para trás”, pensou a garota que continuou dando passos rápidos, embora insuficientes para conseguir entrar à direita e sumir de vez. Ela ouviu novamente alguém chamá-la.

— Amanda! — Era Rebeca. — Ei, aonde vai com tanta pressa? — perguntou a garota ao tocar o ombro da amiga.

— Rebeca?! — disse Amanda meio desconcertada e um pouco sem graça, pois não queria que Rebeca percebesse algum nervosismo ou que estava fugindo dela. — Estava indo embora, estou muito apressada. Eu nem ouvi você gritar — disse finalmente.

— Liguei pra você hoje, mas só fez chamar. — Rebeca colocou uma mexa de cabelo atrás da orelha direita, revelando uma argola dourada. — Tenho algo pra te contar, uma coisa meio louca. — Ela franziu a testa.

— Tudo bem, mas olha, tem que ser depois, você sabe como sou, gosto de detalhes, muitos detalhes. — Amanda estava forçando parecer normal, mas estava muito caricata.

— Aconteceu alguma coisa? Você parece apressada, ansiosa, não sei... Aliás, vocês todos estão estranhos.

— Estou ótima, não se preocupe. Preciso mesmo ir. — Amanda deu um beijo no rosto da amiga e saiu quase correndo.

Logo sentiu a brisa da noite soprar o seu rosto quando saiu de dentro do shopping, seguiu pela calçada e caminhou alguns metros onde os amigos estavam

esperando em um banco, ao menos tinha deixado eles sentados em um banco embaixo de uma palmeira.

Amanda parou de repente e encostou-se a um canto ao ver uma movimentação estranha. Seu corpo ficou encoberto pelo tronco de uma palmeira. Dois policiais estavam abordando Gabriel e Felicity.

— Preciso revistar sua bolsa, garota. — Amanda arregalou os olhos ao ouvir a voz do homem, ela se afastou um pouco e fechou os olhos com força, contraiu os lábios ao sentir que havia pisado em algo nojento.

— Não toque em mim — disse Felicity, passando sua bolsa pelas costas. — Eu não fiz nada.

— Recebemos uma denúncia sobre dois suspeitos — disse o segundo policial que era baixinho, um pouco gordo e usava bigodes. — E vocês tem as mesmas características físicas.

— Denúncia? Posso saber o que nós fizemos?

Amanda tentou limpar o sapato esfregando-o na grama, ela manteve a cabeça erguida, não queria olhar para baixo pois sabia do que se tratava, pelo cheiro era mesmo cocô de cachorro. Mas como deixaram um cachorro fazer suas necessidades ali e não limparam? Como podem permitir isso? Ela estava furiosa se fazendo essas perguntas, mas logo percebeu que o momento era mais delicado que um simples cocô de cachorro.

— Assassinato — disse o primeiro policial imediatamente. O homem tinha um semblante duro, era alto e o corpo em forma, diferente do colega. — Um homem foi morto em seu apartamento com claros sinais de luta, pessoas disseram ter visto um sujeito correr pelas ruas, sem camisa, e uma denúncia anônima... — O homem se aproximava cada vez mais de Gabriel. — ... disse que viu você entregar a camisa manchada de sangue para sua amiga.

O policial, num golpe certo, agarrou a bolsa de Felicity e abriu o zíper.

— Me devolve isso. — A garota avançou em cima do policial tentando recuperar sua bolsa, mas o gordo agarrou em seus braços pelas costas prendendo-os nas algemas. — Seu idiota, você não pode fazer isso comigo. — Felicity acertou a canela do policial com o calcanhar, o homem soltou um gemido.

— Ora, ora, vejam isso. — O policial sacudi a camisa de Gabriel evidenciando as manchas de sangue. — Como explicam isso? Estou vendo que você não tem nem um arranhão nessa sua cara de play boy.

Amanda estava imóvel, escutando tudo. Estava com medo demais para aparecer, além do mais, o que poderia fazer? Iria presa. Certamente seria mais sensato ficar onde estava.

Gabriel observava tudo com muito cuidado, pensou em correr, mas vendo Felicity algemada não teve coragem de deixá-la sozinha, olhou para a cara de triunfo que o sujeito fez ao sacudir a camisa como se fosse uma bandeira.

— Isso não prova nada. — Por um momento Gabriel sentiu medo, pois não sabia de quem realmente era aquele sangue, podia mesmo ser de um homem morto e ele seria acusado, iria para o reformatório já que não tinha dezoito anos, não teria como se defender, pois teria de contar a verdade, tudo sobre o tal jantar, mas se contasse, teria de revelar o motivo pelo qual havia se metido nisso, as coisas

ficariam piores ainda. O que fazer? O que fazer? Gabriel pensou demais e o policial fincou a algema em seu braço esquerdo, empurrando-o contra a parede com violência. Gabriel ficou de peito contra o concreto enquanto o policial prendia suas mãos pelas costas. — Vocês não podem fazer isso, não podem nos prender assim.

— Vamos levá-los. — O policial gordo empurrou Felicity sem a menor delicadeza, indicando para que ela seguisse.

— Seu porco imundo — disse a garota, furiosa.

— Cuidado, posso te prender por desacato.

— Já estou sendo presa, não? Vou processar os dois, isso é contra a lei.

— O que você sabe sobre a lei, garota burra?

— Não preciso saber muita coisa pra saber que vocês estão errados, não fomos pegos em flagrante, vocês não têm provas.

— Cala a boca. — O gorducho deu um tapa forte no ombro da garota, o que a impulsionou para que andasse.

O segundo policial puxou Gabriel pelo braço e o arrastou, prendeu a bolsa de Felicity no pescoço do rapaz e colocou a camisa no ombro. O local estava muito tranquilo, daquele lado ficava o estacionamento a céu aberto, uma ou outra pessoa saía ou entrava. A iluminação era fraca.

Eles empurraram os garotos no banco traseiro. Amanda permaneceu onde estava até que se distanciassem. O carro da polícia passou por ela e viu os amigos indo embora. O que fazer? Pense, Amanda, pense. Pegue um táxi e siga-os. Foi o que sua mente pediu que fizesse e assim o fez.

“oito, nove, cinco, oito... oito, nove, cinco, oito”, Amanda repetia os números mentalmente, era a placa do veículo, não podia esquecer, seria fácil identificar um carro de polícia, mas para facilitar, achou melhor decorá-los.

— Moço, segue aquele carro — disse ao finalmente entrar em um táxi, sem nem ao menos pedir licença ao motorista que estava dormindo no banco.

— Como? O que disse senhora? — O motorista acordou de súbito.

— Siga aquele carro, rápido. — Amanda estava nervosa.

— Qual carro? — perguntou o motorista, atrapalhado, tentando localizar a chave e ajeitando os cabelos no espelho. — Desculpe, estava tirando um cochilo, esqueci de trancar as portas. — Amanda finalmente ouviu o barulho do motor. — Pra onde vamos?

— Pegue a rua principal, por favor, e siga um carro... oito, nove, cinco, oito é a placa. Um carro de polícia. Oito, nove, cinco...

— Polícia? — interrompeu o homem. — Você vai seguir a polícia? Mas não é a polícia quem segue os bandidos?

— Mas aqueles policiais são dois bandidos e prenderam meus amigos. — A garota observava o trânsito tentando encontrá-los.

— Já me pediram pra seguir maridos, namorados, ex-maridos, mas nunca a polícia.

— Ai, tô vendo eles, aquele lá, vamos não o perca de vista.

— Vou cobrar mais caro. Espero que isso não me meta em problemas. Adoro aventuras, vamos lá — ele disse, sorridente.

— Só quero saber pra qual delegacia estão indo.

Foi a perseguição mais tranquila da história daquele taxista. Quando finalmente eles alcançaram a delegacia na qual a viatura parou, ele se sentiu um pouco frustrado. A rua era calma, um pouco escura com casas modestas e algumas árvores grandes. O táxi parou do outro lado da rua e Amanda viu seus amigos saírem algemados da viatura, algo repugnante, pois eles não haviam cometido nenhum crime. Pelo menos naquela noite, pensou ela.

— Por que eles estão sendo presos? — perguntou o taxista.

— Bom, por um terrível engano eu acredito.

— Vocês não são bandidos, são? Membros de uma quadrilha especializada?

— Ai, não fala besteira. Eu lá tenho cara de bandida? Olha pra mim, uma garota bem cuidada, inteligente e bonita ia se meter com bandido?

— Desculpe, só acho isso estranho. Isso foi muito sem graça.

— O que foi sem graça?

— A perseguição toda. Você precisa ver quando algumas mulheres entram nesse carro, elas preferem ir no banco de trás pra não serem vistas. Na maioria dos casos os maridos saem com garotas mais novas, as esposas ficam loucas quando veem, querem sair do carro logo e partir pra cima, mas eu as contendo...

— Cala a boca um minuto — disse Amanda colocando o telefone no ouvido. — Gabriel que bom te ouvir. Te bateram? O que fizeram com você? E a Fê, ela está bem?

— Ah, então quer dizer que você viu a gente ser pego e não fez nada? — Ela ouviu a voz chateada do amigo no outro lado da linha.

— Na hora eu não pude fazer nada. Mas segui vocês, estou aqui em frente à delegacia. Do que vocês estão sendo acusados?

— Eu explico depois. Agora eu preciso que você consiga dez mil reais pra tirar a gente dessa.

— Dez mil? — Amanda fez cara de espanto para o taxista e ele repetiu “dez mil” só com o movimento dos lábios. — Onde vou arranjar dez mil uma hora dessas, Gabriel?

— Há uma praça há uns dez minutos daqui de carro, você precisa ir lá. Uma pessoa vai te entregar esse dinheiro, já passei seu telefone e vão te ligar. É a única praça perto daqui, qualquer taxista sabe chegar lá. Rápido, por favor.

— Gabriel, que pessoa é essa?

— Alguém de confiança, anda logo. — Ele desligou.

— Segundo tempo, amigão — disse Amanda para o taxista. — Próxima parada é numa praça que fica aqui perto, me disseram que um bom taxista chegaria lá sem problemas.

— É pra já! — O homem esboçou um largo sorriso, seus olhos brilharam. Ele gostava mesmo de aventuras. Ligou o carro e deu partida.

A praça estava deserta. Havia muitas árvores e alguns bancos de cimento, uma pista de corrida em forma de círculo. O táxi parou ao lado de um poste, cuja lâmpada estava ligada.

— Não é tão seguro a gente passar tanto tempo aqui — disse o taxista. — Isso aqui é ponto de encontro para drogado, olha lá.

Amanda viu o que parecia ser um ponto de luz, algo como se fosse um

vagalume e a sombra de alguém sentado e encostado a um tronco de uma árvore, não dava pra saber se era homem ou mulher.

— Estão fumando um cigarrinho — continuou o homem. — Ligue pro seu amigo logo pra avisar que estamos aqui.

— Só chama — disse Amanda com o telefone no ouvido. Sua voz estava serena. Ela havia ficado introspectiva, algo começava a esfriar por dentro. Era o medo se aproximando. — Meu Deus, que noite. — Ela pôs a mão na testa e encostou a cabeça no banco.

— Você está bem? — O motorista segurava a direção com firmeza. — Não vai me explicar como se meteram com a polícia?

— Foi tudo uma armação. Tudo armado pra gente. — O telefone dela tocou, estava escrito na tela do celular: “desconhecido”. — Alô, quem fala?

— Tenho uma encomenda para o Gabriel. Você é a Amanda?

— Sim, sou eu. Estou na praça como informado, em um táxi.

— Não diga isso — sussurrou o taxista.

— Estou vendo você — falou a garota do outro lado da linha.

Logo, os faróis de um carro surgiram na estrada. Um carro branco parou a uma distância de pouco mais de quarenta centímetro ao lado do táxi. O vidro abaixou e Amanda viu uma garota no banco do passageiro. Ela tinha um piercing prateado no nariz, seus cabelos eram trançados. A pele negra. O nariz pequeno e afinado, lábios bem desenhados. Era uma garota bonita. Amanda apenas não gostou do cabelo, achou grosseiro demais para uma jovem. Do motorista não viu muito, apenas notou que usava uma camisa branca e tinha tatuagens no braço. Apesar da luz do poste, a rua estava um pouco escura.

— Amanda? — perguntou a jovem.

— Sim, vim a mando do Gabriel. — Amanda não gostou do olhar inquisidor da outra.

— Está tudo aí. — Ela passou um pacote para Amanda. — Não perde tempo e vai logo.

Amanda acabara de receber uma ordem. Isso a deixou irritada, mas não deu tempo falar nada, antes que abrisse a boca, o carro saiu cantando pneu.

— Que garota atrevida. Não gostei do jeito que ela falou comigo, vamos logo — falou apressada para o taxista. — Não sabia que o Gabriel estava metido com esse tipo de gente, você viu o jeito dela?

— A maldade das pessoas reside no coração, não na aparência delas. No que você se meteu garota? — O motorista girou a chave.

Ela encostou a cabeça no banco do carro e disse por fim, ignorando a pergunta dele: Ai Deus, que noite longa.

# CAPÍTULO 10

## SONHANDO ACORDADA

Rebeca chegou em casa com a cabeça cheia de pensamentos. Ela pensava em Cristiano e no joguinho que ele estava fazendo, tudo aquilo era pelo dinheiro, ela sabia. Aquele papo de que não queria mais era conversa fiada. Praticamente tudo o que recebia do avô estava sendo gasto com Cristiano, até suas economias estavam diminuindo. Mas que opção ela tinha? Desistir de uma vez?

Ela também pensava no pai, em o quanto queria ele de volta em casa. Como ela queria sentar no sofá no meio dos dois. Estava no elevador quando a imagem do homem que não era seu pai, provavelmente estaria ocupando o espaço e respirando o ar que era de Harisson. Esse vislumbre provocou uma onda de estresse e inquietação em Rebeca, ela desejou poder ficar invisível e entrar em seu apartamento sem ser vista, mas era impossível. Quando saiu de casa, sua mãe estava preparando o jantar e avisara que ele estaria ali naquela noite.

O elevador abriu as portas e Rebeca saiu dele. O prédio possuía apenas dois apartamentos por andar, ela caminhou pelo corredor à direita procurando as chaves na bolsa. Quando Rebeca abriu a porta deu de cara com o sujeito esparramado no sofá. Ele estava bem à vontade.

E segurava o controle da TV.

Rebeca o olhou de relance.

Era inadmissível que o namorado de sua mãe estivesse ocupando o lugar do seu pai. Mas Marina já não se importava mais para os caprichos de Rebeca, ela precisava aceitar que nunca mais teria os pais juntos de novo, não como queria.

— Oi — disse ela, quando na verdade queria agarrá-lo pela camisa e jogá-lo pela janela do décimo primeiro andar onde estavam. Não gostava do jeito dele de se sentir em casa, foi tão rápido pra se jogar no sofá e ocupar o lugar que não era seu. A massa corporal podia preencher aquele sofá, podia ocupar o espaço na cama da mãe, mas nunca conseguiria um pedacinho do seu coração.

— Oi, sua mãe não está, ela... — Ele ouviu a porta bater forte. Rebeca entrou no quarto sem nada mais que aquele “Oi” o que já significava muita coisa.

O rapaz já estava acostumado. Era sempre assim, ou quase sempre. Tinha dias em que a menina conseguia suportá-lo, ser educada pelo menos, mas tinha dias que ela o tratava como se fosse nada, em outros como se fosse um bicho, em outros...

Rebeca não aceitava que a mãe tivesse substituído o pai, — “Amor verdadeiro não acaba nunca” — dizia ela em discussões com Marina. Ela o via como um intruso querendo se apossar de uma vida que não era dele.

Ela deitou-se na cama e pegou um porta-retratos que ficava na mesinha de cabeceira. Nele, estava Rebeca aos três anos de idade sentada em um balanço preso a uma árvore em um lugar lindo, com muito verde; o pai estava por trás, de joelhos beijando o rosto da filha, ela sorria; suas mãos seguravam as cordas e as do pai também, um pouco mais acima, era possível notar ao fundo da fotografia um belo lago.

Rebeca observou a imagem por alguns instantes, depois a colocou no mesmo lugar. Encolheu-se na cama e adormeceu. Em algum momento ouviu a mãe bater na porta e chamar seu nome, mas estava tão cansada que se entregou à escuridão.

O vento gelado soprou os pés de Rebeca. A garota estava deitada na cama dormindo profundamente, deitada de bruços. O lençol deixava suas pernas descobertas. Os cabelos ruivos esvoaçavam. O frio começou a aumentar. Entregue ao sono, um pensamento distante, vindo das profundezas de sua mente a fez imaginar que a janela estava aberta.

Mas Rebeca não estava em seu quarto, não naquele momento. Ela abriu os olhos e estava escuro lá em cima. Tudo o que ouvia era o barulho do vento. O céu parecia uma pintura óleo sobre tela. Rebeca levantou-se e correu até o parapeito do prédio. Ela estava no teto de um edifício de quarenta e cinco andares. E o que ela viu abaixo foram apenas as luzes da cidade, a rua iluminada e vários arranha-céus com suas janelas iluminadas.

Ela sentiu medo. Voltou a olhar para sua cama e viu a si própria dormindo. Aquele pensamento ecoou na mente da Rebeca que dormia: é um sonho.

Sim, é um sonho, respondeu a mente da Rebeca que estava de pé. Agora era como se ela estivesse em dois lugares ao mesmo tempo: em seu quarto consciente de que estava dormindo e tendo um sonho e no alto daquele prédio, livre para fazer o que quisesse. Era como se ela fosse duas.

A Rebeca que dormia permaneceu deitada, de olhos fechados e sentindo a mesma sensação que a outra Rebeca, a que agora voava sobre os prédios.

Ela tomou impulso como se pulasse em uma cama elástica e a cada descida quando seus pés impulsionavam em nada ela subia alto e mais alto, além das nuvens, e não tinha limite para subir. A cada impulso, uma subida firme que dava uma sensação maravilhosa de liberdade. Ela rasgava o céu como um foguete.

A garota que dormia começou a sentir medo da altura, tentou pensar que aquilo se tratava de um sonho, mas o medo começou a dominá-la e a Rebeca que flutuava começou a perder impulso, ela estava caindo, caindo cada vez mais.

Houve momentos em que uma queria subir mais alto e a outra queria acordar. Precisava acordar, mas não sabia como, não sabia como ir embora. Por onde ia passar? Onde estava a porta que a levaria de volta à realidade? O ar começou a faltar e a garota começou a cair do céu em uma velocidade assustadora, estava cada vez mais perto do chão, ela ia cair. Estava caindo.

Antes de se chocar contra o asfalto, Rebeca acordou sufocada, sem ar, como se estivesse presa embaixo d'água e conseguisse chegar à superfície depois de muito esforço. Estava sentada em sua cama, tentando recuperar o fôlego, observando as paredes do seu quarto, sua cama e sua janela aberta. O vento estava mesmo frio, mas tudo não passou de um sonho, tão intenso e verdadeiro quanto a própria realidade.

Marina bateu na porta.

— Rebeca, Rebeca acorde, você já está atrasada pra escola.

Rebeca voltara nesse instante à realidade. O sonho estava desfeito, agora ela era apenas uma e não podia voar. Foi estranho achar que ainda era noite.

— Ai mãe, dá pra falar mais baixo? — disse Rebeca ao abrir a porta. — Estou morrendo de dor de cabeça. — Seus olhos estavam espremidos, ainda se acostumando com a luz do dia.

A noite passara tão rápido que ela nem percebeu, ainda tentava assimilar as palavras da mãe. Quando notou a luz do dia na janela se deu conta que as horas haviam passado.

— Rebeca, o que está acontecendo? Você anda dormindo demais.

— Só estou cansada, tá? Só isso.

— Se apresse que te deixo na escola, você já vai perder o primeiro horário.

— Tudo bem, vou me arrumar. Até logo. — Rebeca fechou a porta e sentou-se na cama, ficou imóvel olhando para o chão, esperando seu cérebro recarregar.

Uma vez ou outra ela tinha esse tipo de sonho, era sempre intenso. A primeira vez que teve um desses, ela não lembra. No início tinha medo, pois sempre que se dava conta que estava sonhando acordava assustada, ela tinha medo de ficar presa lá. A sensação era como se tivesse viajado a outra dimensão.

Certo dia, ela ouviu em um programa de televisão algumas pessoas comentando sobre sonho lúcido, uma convidada relatava um sonho que teve em que ela criava asas e voava, Rebeca familiarizou-se e ficou ali diante da TV ouvindo tudo.

Acabou por descobrir que esse tipo de sonho era mais comum do que imaginava e o que mais chamou sua atenção foi o depoimento de um homem que afirmou conseguir controlar seus sonhos, disse que quando percebia que estava sonhando conseguia manter-se lá e podia experimentar sensações que no mundo real não teria.

Depois de ver o programa, Rebeca foi para a internet e descobriu que mais pessoas relatavam experiências com sonhos lúcidos, muitos afirmavam conseguirem se manter no sonho por quanto tempo quisessem e que essa experiência poderia ser induzida. Outros diziam que quando se davam conta do sonho sentiam medo e acabavam acordando.

Rebeca começou a treinar, algumas técnicas diziam que a pessoa devia anotar o sonho ao acordar, repetir mentalmente que iria entrar no mundo dos sonhos, escolher o local que queria viajar, comer certos tipos de alimentos ricos em vitamina B6, ela tentou tudo. Mas acabou por descobrir que era nos momentos em que estava mais exausta que conseguia viajar para essa outra dimensão, onde ocorrem os sonhos, pois quanto mais profundo era o sono mais ela conseguia sonhar.

Marina apressou a filha para não sair de casa sem tomar café, mas ela não quis nada, disse que comeria algo na escola. A mãe insistiu até que a menina tomasse um copo de leite.

— O que está havendo com você? — perguntou Marina. O sinal havia ficado vermelho, alguns carros estavam na frente delas.

— Nada, só passei a noite estudando — disse Rebeca. A jovem estava com a cabeça encostada no vidro da janela do carro e com os braços cruzados. Ela não gostava de mentir, mas aquela era uma mentira tão boba, tudo bem que não estudou a noite, mas estudou durante o dia. A ordem, para ela, não importava. — Se

você se preocupasse mais comigo saberia que eu tenho um pré-teste valendo ponto hoje.

— Ah Rebeca, não me venha bancar a vítima porque toda vez que eu tento saber mais sobre sua vida você me corta fora.

— Tá, tá, tá... não é uma boa hora pra gente discutir.

Marina respirou fundo, apertou a direção do carro para segurar sua língua. Tudo bem, podia ser culpa dela que Rebeca tenha se tornado uma jovem tão rebelde, que já não soubesse o que se passava na vida da filha, mas ela tentou. Tentou ser a melhor mãe do mundo depois da ausência do pai. Ela foi traída e ainda levou a culpa por Rebeca não tê-lo mais ao seu lado, a própria filha a culpou e foi isso o que distanciou as duas.

Marina também sofreu, será que Rebeca não entendia isso? Será que as duas não podiam se abraçar e compartilhar suas dores? Marina decidiu seguir em frente e reconstruir sua vida, enquanto Rebeca decidiu buscar uma forma de voltar no tempo e reconstruir uma família que não existia mais.

O silêncio reinou entre as duas no minuto em que estiveram paradas no trânsito. Rebeca gostava de observar tudo, de uma mosca que pousou no para-brisa a uma senhora que atravessava a rua. Ela estudou os movimentos do trânsito, viu que o sinal estava verde para os pedestres na rua paralela a que estava e observou a mulher atravessar; depois registrou que o sinal vermelho para os veículos ficara verde, então aqueles carros cruzaram a faixa como formigas marchando; então o sinal da mãe dela abriu e o carro seguiu; ela notou as pessoas na calçada esperando o sinal abrir para que pudessem atravessar.

E então chegou à conclusão de como a sincronia era perfeita. Não podia dar errado se todos cumprissem seus papéis, se as pessoas não tivessem pressa, se os jovens não gostassem do perigo. A vida podia ser perfeita como os movimentos sincronizados do trânsito. Mas sempre havia alguém que não dormira bem na noite anterior, alguém que falava ao celular ou que procurava qualquer porcaria no banco do lado, e os que bebiam demais e ainda assim dirigiam. Sempre há peças defeituosas em engrenagens maiores.

O devaneio de Rebeca durou o caminho todo até a escola. Sua mãe parou o carro em frente ao portão e Rebeca abriu a porta sem falar nada.

— Ei — disse Marina. Rebeca pôs um pé para fora, mas olhou para a mãe. — Podemos melhorar. Sou sua mãe, não se esqueça disso.

“E eu sou sua filha, não se esqueça disso.” Rebeca quis dizer, mas permaneceu calada.

— Deixa eu te dar um beijo — pediu Marina.

Rebeca aproximou-se e recebeu um beijo na testa. Ela saiu do carro e entrou na escola. Marina fez a curva e seguiu.

Agora ela tinha de pedir um beijo. Quando era criança, Rebeca saltava em seu pescoço e praticamente lambia seu rosto. Onde estava todo aquele carinho? Não era possível que tivesse acabado. O conforto de Marina era que suas amigas diziam que era uma fase, que todo adolescente passava por isso, que a menina precisava de tempo.

Rebeca teve de convencer o porteiro a deixá-la entrar, pois estava atrasada. A

escola era cercada por um muro de cerca de um metro e acima dele erguia-se uma cerca de arame com postes que alternavam grandes janelas.

Havia quatro blocos de salas de aula dispostos formando um quadrado. O estacionamento ficava na entrada dos lados. Grandes palmeiras adornavam a fachada do colégio, destacando o nome da instituição escrito em alto relevo:

**CLAN**  
**COLÉGIO LAURENTINO ANTENOR**

Era o nome do fundador da escola que existia há mais de cinquenta anos e era considerada a melhor em ensino que existia na cidade.

Rebeca seguiu para o Bloco A que ficava à direita, na primeira extremidade ficavam os banheiros, no meio dele um grande pátio e no final as salas de aula. No andar de cima havia mais salas e lá se localizava a diretoria do colégio.

A garota não encontrou nenhum inspetor e se dirigiu à sala sem ser percebida.

# DIÁRIO DE REBECA

*Meus pais eram muito felizes até minha mãe descobrir que meu pai a estava traindo. Não sei como isso foi acontecer, mamãe é uma mulher maravilhosa e muito bonita, tem um corpo de dar inveja a qualquer garota de vinte anos. Mas não era só isso, ela sempre foi uma mulher muito inteligente e educada. Além de cuidar da carreira de arquiteta, nunca deixou de levar o café da manhã dele na cama, nunca esquecia de me pegar na escola, nem de ir às reuniões de pais, ainda organizava jantares especiais em família.*

*Eu não sei o que o meu pai queria mais, não sei por que ele foi atrás de outra. Minha mãe era a mulher perfeita pra ele. Eu me magoei com essa situação, eles discutiram muito até meu pai sair de casa. Ele não queria ir, mas minha mãe praticamente o expulsou. Eu sei que ela foi a vítima da história, mas meu pai queria continuar e ela não quis mais. É culpa dela eu não ter mais ele comigo. Não importa o quanto ele tenha errado, era meu pai.*

**E EU TAMBÉM ERA MUITO FELIZ!**

# CAPÍTULO 11

## BEIJO GELADO

O rapaz entrou na biblioteca à procura de Felicity. No hall de entrada alguns alunos faziam fila para pegar ou devolver algum livro, mas a garota que procurava não estava ali. Ele deu algumas voltas pelas prateleiras e não a encontrou, nem estava em nenhuma das mesas naquele andar. Então, decidiu subir ao segundo andar, o local era mais sossegado, havia poucas pessoas e em uma mesa nos fundos do lado direito estava quem procurava.

As janelas estavam abertas e o calor do sol aquecia o ambiente. Ele caminhou apressado com os dois potes de sorvete que segurava e a mochila nas costas.

Felicity viu o copo de sorvete pousar sobre a mesa e os dedos magros que o segurava. Seus olhos percorreram da mão, subindo pelo braço até chegar ao queixo do garoto e finalmente, olho no olho. A garota ficou envergonhada, ele percebeu pelas bochechas vermelhas.

— Tudo bem? — perguntou Raphael. — Apesar do calor, minhas mãos já estavam congelando com o sorvete. — Ele riu e passou as mãos na calça para secá-las. Também estava um pouco nervoso, mas era mais por medo dela sair correndo dali como naquela noite em que Felicity não teve coragem de entrar no café. Estava ali para tentar de novo. — Atrapalho você?

— Oi, estou bem. — Felicity fechou o livro de Biologia que estava lendo e juntou as mãos em cima dele. — E você não atrapalha. — Ela estava nervosa por conta da lista, mas tentou disfarçar. Nem estava conseguindo se concentrar no que lia, sua mente repassava os passos que daria quando o dia escurecesse.

— Posso sentar com você?

— Claro. — A garota perguntou-se se ele ainda tocaria no assunto “encontro”.

— O que está estudando?

— Lendo um pouco sobre como o coração bombeia o sangue para o corpo.

— Não gosto muito de biologia. — Ele empurrou um dos copos para a garota. — Este é seu.

— Obrigada, está mesmo fazendo calor aqui. — No fundo, queria mandá-lo embora. Tinha um problema gigante para resolver e não achou que o momento fosse para tomar sorvete.

— Gosto mais das disciplinas de exatas, estou querendo fazer engenharia e você já sabe o que vai fazer?

— Quero ser médica. — Felicity arrancou a colherzinha que estava presa ao pote e o abriu.

— Que legal, pretende consertar o coração das pessoas?

Pronto. Ele estava puxando a conversa para o lado sentimental. Será que ele ia voltar a falar no encontro frustrado? Dizer que teve o coração partido e agora como médica, a garota teria de consertá-lo?

— Na verdade não, quero ser pediatra ou obstetra como a minha mãe. — Ela

não deu margem para que ele levasse a conversa para o outro lado. — Ainda estou na dúvida, mas tem praticamente dois anos de escola ainda. Sem contar que tenho que estudar muito. — Felicity experimentou o sorvete, era de maracujá. Que sorte ela teve, pensou. O maracujá a ajudaria a ficar mais calma. — Está uma delícia.

— Sim, está ótimo. — Raphael falou com a boca cheia de sorvete. — Desculpe. — Ele riu.

A menina notou o sorriso dele, viu que estava relaxado. Ele tinha os cabelos castanhos e bem volumosos, penteados para cima. Era magro, mas não chegava a ser um esqueleto. Era um garoto bonito e popular no colégio e estava no último ano do ensino médio.

— Bom, pra mim é o último ano. Espero aprender alguma coisa no Enem — falou, se referindo às piadas que surgem na internet após o exame, quando os estudantes contam o que “aprenderam no Enem”.

— Não faça charme. Você é um rapaz muito inteligente, vai conseguir se dar bem.

— Troca de sorvete comigo, o meu é de morango com chocolate. — Ele empurrou o copo na direção de Felicity. — Vamos, não seja má.

Felicity empurrou o dela e pegou o outro, com um olhar questionador.

— Então, pretendo ser Engenheiro Civil. Quero dirigir grandes projetos, sabe? Sempre admirei como o homem conseguiu construir esse mar de concreto — disse referindo-se à cidade.

— Nunca tomei gosto pelos cálculos. Gosto mesmo da área de saúde.

— Se quiser podemos estudar juntos, eu te ajudo com a matemática e você me ajuda com biologia, afinal temos que ser bons em tudo, não é mesmo? — Ele levantou as sobrancelhas, deixando um ar questionador em sua expressão.

— Ah, não leve a mal, mas eu prefiro estudar sozinha. É que me concentro melhor.

— Tudo bem, mas o convite permanece de pé até que você diga sim.

Felicity riu, estava se sentindo mais confortável com a presença dele. O rapaz estava apenas batendo papo com ela e a conversa dele era boa.

— Dizem que a esperança é a última que morre. — Felicity colocou o cabelo atrás da orelha e mexeu no sorvete com a colher.

— Bom, eu acredito que a esperança nunca morre. As pessoas são quem a matam.

— Não seja duro. Você não sabe o que leva uma pessoa a matar a esperança. — Ela fez sinal de aspas com os dedos quando falou “matar a esperança”.

— Você sabe?

— Tento imaginar.

— Já matou a esperança alguma vez?

— Não chamo de matar a esperança, mas de acreditar em outras coisas, viver outros sonhos. Quando era pequena queria ser modelo, mas agora quero ser médica. Não perdi a esperança, ou a matei como você fala, apenas mudei de ideia.

— Você desistiu de ser modelo, de certa forma deixou de acreditar.

— Não foi isso, como já disse, acabei descobrindo o que eu realmente queria. Além do mais, acho que as pessoas precisam ter os pés no chão, sonhar com algo

atingível. Não adianta você querer pisar na lua ou em marte.

— Mas se o Marcos Pontes tivesse perdido a esperança, jamais teria ido ao espaço.

— Mas isso foi uma exceção.

— Nós temos que lutar para ser exceção.

— Você é mesmo um sonhador.

— É necessário ser um hoje em dia.

Aquele garoto era bom de argumentos, embora Felicity não concordasse com ele.

— Tome o sorvete senão vai derreter. O meu já está acabando.

Entre uma palavra e outra, Raphael levava uma colher de sorvete à boca.

— Não quero mais, pode ficar. Maracujá era meu preferido.

Na verdade, Felicity não tocou no sorvete de Raphael porque ficou imaginando que ele enfiou a colher várias vezes na boca e depois no copo de sorvete. E para ela, isso era algo íntimo demais a se fazer. Só namorados faziam isso, pensou.

Depois de um instante em silêncio, o garoto perguntou:

— Já experimentou um beijo gelado?

Felicity corou com a pergunta e o encarou sem saber o que dizer.

— É uma sensação muito boa. Devia experimentar — completou o rapaz.

— Como sabe se não experimentei? Nem te dei a resposta — falou quase gaguejando.

— Ouvi boatos de que você nunca beijou — falou pausadamente, analisando a expressão incomodada da amiga.

— Tudo mentira, é claro que já beijei. — Felicity alterou um pouco o tom da voz, mas não chegou a soar grossa. — Agradeço pelo sorvete, mas se você não se importa, preciso continuar estudando.

— Está me expulsando?

— Não. Pedindo, educadamente, que se retire.

— Tudo bem. — Houve uma pausa. — Pra onde vai depois daqui? — Raphael buscava no seu arquivo de perguntas, qualquer coisa que pudesse prolongar o tempo com a menina.

— Tenho aula de natação às duas.

O telefone de Raphael tocou, era o pai dele.

— Se quiser experimentar um beijo gelado estou à disposição. — Raphael esboçou um meio sorriso, ele falava com cautela, escolhendo as melhores palavras para evitar parecer um aproveitador.

— Só quero que vá embora, pode ser? — A menina engrossou a voz, mas o menino não mudou seu tom desafiador.

— Meu pai deve ter chegado, preciso ir — disse ele, mostrando o visor do celular para Felicity. — Obrigado pelo encontro.

— Encontro? — perguntou Felicity imediatamente, surpresa.

— Tomamos um sorvete, conversamos um pouco, agora eu sei que você já sonhou em ser modelo e agora quer ser médica, que você gosta de sorvete de maracujá e tem aula de natação às duas da tarde na sexta. Bem, da próxima vez vai ser mais fácil te encontrar. — Eles ficaram se olhando por um breve instante e

depois ele concluiu. — É esse tipo de coisa que acontece num encontro. Às vezes acontece beijo, mas nem sempre. — Ele levantou-se pegou sua mochila que estava no chão e a pôs num ombro só.

A garota notou um tom de decepção na voz dele.

— Ah. — Raphael já havia dado alguns passos para ir embora, mas voltou para dizer algo mais. — Seu primeiro beijo pode ser inesquecível e gelado, não esquece. — Ele piscou um dos olhos para a menina e foi embora.

Felicity abriu a boca para falar algo, mas as palavras travaram em sua garganta. Por que os garotos são tão atrevidos, ela se perguntou. Por que chegam oferecendo beijo como se oferecessem um copo d'água e nem ficam vermelhos como ela estava? E qual a graça num beijo gelado? Ela queria saber.

Quando ele desapareceu a menina foi até a janela e ficou espiando, queria ver a reação dele. Depois de alguns minutos, ela o viu caminhar lá embaixo, estava falando ao telefone. Ele desligou e Felicity o viu dar socos no ar como se estivesse comemorando alguma vitória.

Garotos eram estranhos e ela tinha um problema maior para resolver ao invés de tentar entendê-los.

# CAPÍTULO 12

## A INCENDIÁRIA

À tarde, Felicity foi para aula de natação com a professora Cassandra e teve um bom desempenho nos treinos, a adrenalina que percorria seu corpo estava sendo descarregada nas braçadas que dava na piscina.

Felicity não teve muito tempo para pensar como ia fazer o que tinha na lista. Então se lembrou de suas aulas de química sobre inflamáveis e de uma experiência que ela fez com um desodorante aerossol e um isqueiro.

Após a natação foi à biblioteca, deu umas voltas entre as fileiras e saiu sem levar livro algum. O corredor estava vazio, então entrou no banheiro sem que ninguém a visse, checkou todas as cabines e viu que estavam vazias, uma delas estava interditada.

A menina subiu na privada da cabine do lado e conseguiu, com certa dificuldade, passar para o outro lado. Limpou a tampa da privada com papel higiênico que tinha na mochila e sentou-se. Tinha cheiro de mofo e umidade, mas ficaria ali até que todos fossem embora, fechassem a escola, apagassem as luzes e, finalmente, poria o plano em prática.

Entrou pela noite ouvindo música no smartphone, acabou com a bateria. Algumas bolachas a salvaram da fome.

Ela acordou e nem percebeu que havia dormido, passou a mão no canto da boca para secar sua baba. Passava da meia noite e não se ouvia qualquer tipo de barulho. Era hora de entrar em ação. Saltou do cubículo interditado onde estava e trocou de roupa, tinha colocado na mochila: luvas, um casaco preto com capuz e uma calça moletom. Vestiu tudo e saiu do banheiro com a mochila nas costas.

Desceu até o andar térreo para pegar o material de limpeza que ficava numa sala debaixo da escada.

Se tinha uma coisa em que Felicity se considerava boa era em arrombar fechaduras com um arame, esse método a fascinava e treinou bastante a técnica quando viu pela primeira vez em um episódio de um seriado policial, vídeos do youtube a ajudaram muito. Ela segurou a lanterna com a boca enquanto cutucava a fechadura com um arame, até que um tempo depois a porta cedeu.

Ela pegou um balde e colocou dentro frascos de alvejante, detergente, desinfetante e outros líquidos inflamáveis e subiu as escadas de volta ao segundo andar. Seu corpo tremia por seu nervosismo. Tinha que funcionar. Se a pegassem estava ferrada, pensou. Os vigilantes ficavam na guarita da escola, duvidava muito que eles passassem a madrugada rondando pelo colégio. E além de tudo, na lista dizia que ela estaria a salvo dos guardas e das câmeras que havia no colégio.

Felicity chegou ao corredor, diante da porta que dava acesso à biblioteca, metade dela era de madeira e a parte de cima de vidro, era uma porta frágil, pois o prédio era fechado por um portão no térreo, mas estava fechada. Ela não imaginou que faria isso, mas posicionou-se e chutou a porta com força. O barulho não a

intimidou e ela chutou de novo. O vidro quebrou-se e a porta abriu.

As estantes estavam posicionadas dos dois lados, no centro ficavam as mesas. Havia grandes janelas de vidro. Felicity viu o espectro das árvores e o céu num tom cinza quase se tornando preto. Poucas estrelas brilhavam no céu. Estava sendo guiada pela lanterna que usava. Ela foi para o lado direito até a última estante, largou o balde no chão e começou a derrubar todos os livros da prateleira, formando um amontoado no corredor. A luz da lanterna corria solta. Foi para o segundo corredor e derrubou todos de cima abaixo, o suor escorreu pela testa quando se sentiu cansada.

Andando pelo terceiro corredor, achou um exemplar de Peter Pan, uma edição antiga, e lembrou-se que este fora o primeiro livro que lera na vida e de como havia amado a história do menino que não queria crescer. A lembrança a impediu de deixá-lo se transformar em cinzas, então o guardou na mochila.

A pilha de livros que fez em três corredores teria de ser suficiente. Ela pegou os frascos dos inflamáveis e despejou sobre eles em linhas aleatórias e espalhou sobre algumas mesas de madeira. Por garantia, ela pegou alguns frascos de álcool que tinha no armário da recepcionista e despejou pelo chão desenhando uma linha até às prateleiras e pilhas que formou.

Felicity tirou da mochila um isqueiro de cozinha, daqueles que possuem um cano longo, e um desodorante aerossol. Ela estava agachada na ponta da linha que desenhou com o álcool. Era muito arriscado, não tinha ideia de como o fogo ia se comportar, mas borrifou o spray na ponta do isqueiro que estava aceso e o fogo serpenteou, seguindo o caminho traçado como uma cobra prestes a dar seu bote. Então o fogo subiu pelas pilhas de livros e começou a se espalhar como poeira ao vento.

Felicity sentiu a adrenalina de volta em suas veias. Sentiu medo e uma dor no peito por estar destruindo um grande acervo de conhecimento. Mas não tinha tempo para sentir nada, então disparou outra borrifada sobre as mesas.

Ela pegou a mochila e a lanterna e saiu correndo dali. Desceu as escadas, ofegante e assustada. Estava no primeiro andar, havia uma janela no final do corredor, teria de descer por ela, era a única saída. Foi fácil abrir por dentro. Havia uma corda grossa amarrada ali, com nós espaçados. Alguém preparara sua fuga.

Felicity desceu, olhou para cima e viu que uma luz alaranjada crescia na janela do segundo andar. Atrás da biblioteca só tinha mato. Ela correu até a cerca de arame, localizou o local onde a tela estava violada, trabalho feito por alunos para fugir da escola. Estava muito tranquilo, muito quieto, havia algo estranho ali, ela sentiu.

A noite estava fria. Felicity correu no meio das árvores sem saber bem onde estava pisando, tentava se guiar com a lanterna, ela só parou quando ouviu o barulho de uma explosão. Olhou para trás e viu um clarão que se seguiu ao barulho. Veio da escola e ela não entendeu o que havia explodido lá dentro. Desesperada, apagou a lanterna e seguiu caminhando no escuro, ainda conseguia enxergar com dificuldade, pois a lua estava encoberta por nuvens. Depois de não aguentar mais andar, decidiu sentar ao lado de uma árvore, encostou-se no tronco e olhou para o

céu.



As pessoas ouviram o barulho da explosão, muitos curiosos e corajosos começaram a sair na rua, os moradores próximos da escola bateram na porta de outros pedindo ajuda, gritos começaram a ecoar. Um homem arrombou o portão da escola com um machado, correu até a guarita e acordou o vigilante aos gritos. O homem acordou desorientado, sentindo a cabeça pesar uma tonelada.

O sujeito largou o machado e correu em direção à biblioteca que ficava logo depois dos quatro blocos de salas de aula. Quando chegou próximo ao prédio, viu a fumaça subindo para o céu, tornando-o ainda mais escuro.

A praça externa começou a lotar de homens, mulheres e crianças. O corpo de bombeiros chegou ao local instantes depois. Alguns rapazes se arriscaram a dar voltas atrás do colégio, mas não entraram na mata. A polícia foi chamada, mas os três homens chegaram quando o fogo já estava sendo contido. Pegaram depoimento das primeiras pessoas que viram o incidente e disseram que seria comunicado aos superiores para que iniciassem as investigações.

A biblioteca ficou destruída. O teto foi pelos ares com a explosão e muitos livros foram perdidos. O caos tomou conta da madrugada.



Ainda sentada ao lado da árvore, Felicity pensava que algo havia saído errado, o que poderia ter explodido naquela sala? Perguntava-se. O máximo que aconteceria era o fogo destruir tudo, não gerar uma explosão. Um som estranho a deixou assustada. Estava cada vez mais perto, era de pisadas, do barulho de galhos sendo quebrados pelo impacto das passadas. Ela prendeu a respiração e sentiu um arrepio ao ouvir latidos de cães ferozes, ainda longe. Estava imóvel, sem saber o que fazer. Correr provocaria muito barulho, mas se ficasse parada, os cães e as pessoas que estivessem ali a pegariam com toda certeza. Então, mesmo sabendo que poderia ser pega, ela decidiu correr, porque correr significava que ela estava tentando escapar, que não se entregaria tão fácil. Se conseguissem pegá-la, pelo menos a polícia teria mostrado algum serviço.

A decisão foi tomada numa fração de segundos. Antes que o barulho ficasse mais próximo, seus pés saíram disparados na direção de onde houvesse qualquer saída. Ela sentia o chão irregular, pedras no caminho, declive, galhos davam tapas ardentes na face da garota, nos braços, em todo seu corpo. Por alguns instantes, ela começou a ouvir não apenas latidos, mas vozes que se misturavam e não

formavam frases com algum sentido. “Ele foi pra lá”, foi tudo o que ela entendeu, mas “ele”? Estavam todos pensando se tratar de um garoto? Não tinha tempo para pensar nisso, apenas correr.

Estava exausta e passou a ouvir o barulho da água corrente, estava perto do rio. Lembrou que havia uma formação rochosa com alguns buracos em que podia se esconder. Começou a caminhar mais aliviada pelo perigo ter diminuído quando uma luz forte surgiu do lado direito quase a cegando.

— Fique longe, eu tenho uma arma. — Ela recuou uns passos curtos tentando se proteger da luz com o braço.

— Não se assuste — disse uma voz acolhedora. — Não estou aqui para te fazer mal, vim te ajudar.

— É mentira. — A menina caiu no chão ao tropeçar na raiz de uma árvore. Apavorada, ela rastejou, o homem correu na sua direção, fazendo a luz da lanterna correr pela floresta feito vagalume, o que deixou Felicity ainda mais nervosa. Ela não gritou por medo de atrair outras pessoas, pois sabia que havia mais indivíduos soltos na mata, mesmo assim o medo não a deixava confiar naquele homem. No seu rastejar, localizou um galho solto potente o suficiente para acertar seu possível agressor.

Quando o homem chegou perto para ajudá-la, sentiu algo forte bater na sua bochecha, ele gritou, a garota correu. Felicity olhou para trás e só viu o vagalume correndo louco pela floresta. Não tinha mais forças para correr. O homem se jogou contra ela, os dois saíram rolando pelo chão. Ele finalmente a domou ficando por cima dela.

— Sua idiota, eu vim te ajudar. Você é surda, não ouviu o que falei? — disse, com raiva. A voz do sujeito penetrou nos ouvidos da menina como um calmante. Estava escuro, mas a lanterna caiu em um canto que iluminava os dois, então ela pôde notar seus lábios finos se mexerem, seus cabelos pretos, a pele bronzeada e a barba por fazer. Ele apertava seus braços com força.

— Está me machucando. Saia de cima de mim. — Ele a soltou, ficou de pé e caminhou até a lanterna. Usava um casaco preto, calça jeans e botas.

— Não temos tempo, Felicity. Vamos logo antes que eles voltem. — A garota passava as mãos na roupa para se livrar das folhas presas quando olhou de súbito para o homem ao ouvi-lo.

— Como sabe meu nome? — perguntou.

— Depois de cumprir minha missão, eu te explico — respondeu, ríspido.

— Missão? E qual é sua missão?

— Proteger você.

Latidos de cães.

— Vamos sair daqui, agora.

Os dois correram mais alguns metros. Ele sempre ajudando a garota, segurando-a quando necessário para evitar que ela caísse. Felicity não sabia quem era, mas estava confiando.

— Quem te mandou? — perguntou, enquanto andavam apressados.

— Creio que a mesma pessoa que te mandou atear fogo na escola.

— Quem te disse que eu ateei fogo na escola?

— O que você está fazendo pela mata uma hora dessas se não ateou fogo na escola?

— Tudo bem, mas me fale como você sabe meu nome? Como soube que estaria aqui pra fazer o que eu fiz?

— Você pergunta demais, não temos tempo agora. Vamos.

Depois de andarem mais alguns passos, Felicity falou:

— É claro. — A ideia veio como um clarão. — Você é aquele maldito apresentador. — Ela parou.

— Você tem uma boa memória pelo que vejo — disse o homem voltando-se para ela. — Mas não sou nenhum maldito.

— Você está diferente, mas reconheço sua voz. Você está por trás disso tudo? — perguntou Felicity.

— Não, não tenho nada a ver, já disse aquele dia. Acontece que eu também estou sendo chantageado. Quer dizer, não é bem uma chantagem. Eu sei que a pessoa que está tramando isso tudo com vocês tem algo importante que eu quero. Tenho apenas que realizar algumas tarefas pra ele me dar o que preciso.

— E me proteger é uma de suas tarefas?

— Sim.

— Por quê?

— Olha, não temos tempo pra discutir isso agora, mas pense que ele não quer causar mal a você.

— E você não acha que ele já causou mal suficiente? Aliás, como sabe que trata-se dele e não dela.

— Olha eu não sei, apenas o gênero masculino é o que prevalece, por isso falo “ele” e não “ela”, mas se preferir posso mudar.

Eles chegaram ao rio, a água escorria por uma cachoeira a alguns metros, dava para ouvir o barulho. Desceram a encosta com cuidado, o homem segurava a mão da garota.

— Estou com medo.

— Então agarre-se em mim, certo? E vá guiando o caminho com a lanterna. Tire seu casaco também, vamos colocá-los na sua mochila pra não molhar, celular também. — Estava tirando o casaco quando começou a falar. Ele entregou os objetos e entrou na água. Felicity fez que sim com a cabeça, guardou-os e o seguiu. — Só tome cuidado pra não me enforcar. — Ela riu e arfou ao sentir a água gelada que estava na altura do peito dele.

Com dificuldade, o homem ia caminhando na água, dando braçadas, impulsionando-os com os pés tocando no chão. A garota tentava manter a lanterna direcionada ao outro lado do rio. A correnteza estava fraca. Quando chegou do outro lado, segurou-se em uma pedra e ajudou a garota a subir em terra firme, depois ele saiu sozinho. Estavam encharcados.

— Tem umas pedras ali na frente onde podemos nos esconder embaixo delas, é seguro, vamos.

— A polícia estava atrás de você? — perguntou Felicity.

— Na verdade, estavam atrás de nós dois. De você, por ter colocado fogo na escola e de mim por ter terminado seu trabalho sujo.

— A explosão foi você quem provocou?

— Exatamente. Quando entrei na mata atrás de você, eles já estavam rondando o local, então acho que me ouviram correr e colocaram aqueles cães atrás de mim. Eu os despistei, deixando alguns pedaços de carne atrair os cachorros, depois cortei caminho pra tentar te achar. Foi difícil, mas consegui — falava enquanto andavam até chegarem ao local.

— Obrigada pela corda. Vejo que também foi você — disse a menina.

— Sim. Ainda dei conta de dois vigilantes. Um ficou caído ao lado do prédio, espero que o encontrem.

— Você o matou? — perguntou a garota, apavorada.

— É claro que não. Só deixei o caminho limpo para que ninguém te atrapalhasse.

Eles chegaram ao local, era praticamente uma caverna, o bom era que não estava úmido e o vento não entrava. Felicity jogou a mochila em um canto, enquanto o homem tirava a roupa. A lanterna o iluminava e ela viu seu peitoral bem trabalhado, notou que tinha pelos escuros. Quando ele abriu o zíper, ela desligou a luz.

— Não quer me ver pelado?

— Esse não é um bom lugar para ficar pelado.

— Anda, tira sua roupa também. Ficar doente vai ser pior.

Ela começou a se despir no escuro, tirou a blusa, os tênis e a calça. Sentia frio.

— Ligue a lanterna, por favor. — Felicity ligou e apontou para ele, o viu só de cueca e ficou incomodada, mirou a luz no rosto dele. — Vai me cegar desse jeito. Onde está meu casaco?

— Na mochila, ali — indicou o local com a lanterna. — Pega o meu também. — Ele tirou seu casaco e vestiu. Esfregou as mãos e jogou a peça de roupa para a garota. — Obrigada.

Felicity sentou-se, preferiu proteger suas pernas no frio com o casaco. O homem ficou ao lado dela, sugeriu que a abraçasse para protegê-la do frio, mas ela relutou.

— Não precisa.

— Você está tremendo. Se encosta em mim, pelo menos. Tenho que te manter a salvo.

— Não quero. Seu nome é Tony?

— Não, me chamo Edgar. Prazer em conhecê-la. — A lanterna estava acesa entre os dois. Ela apagou.

— Prefiro seu verdadeiro nome.

— Gosta do escuro? — perguntou Edgar, soando sarcástico.

— Não me toque ou eu grito.

— Não vou fazer nada com você. Tente dormir um pouco, iremos embora antes do dia amanhecer. Precisamos ter certeza de que não estão mais por perto.

Era estranho estar ali com um desconhecido e mesmo assim ter que confiar nele. Não fosse Edgar, talvez a polícia a tivesse pego. Ela se perguntava se ele sabia o que tinha acontecido com ela, sentia vergonha só de imaginar que ele soubesse.

O local em que se encontrava era uma caverna escura, úmida e esabete-se lá que bichos teriam ali, mas achou que era melhor não pensar mais. Seus olhos começaram a pesar. Edgar também não resistiu e os dois adormeceram por algumas horas.

Felicity acordou com dores no corpo e desorientada, não soube em que momento da noite deixou-se cair nos braços de Edgar. Ela se desvencilhou do corpo dele constrangida. Era possível ver que a noite estava indo embora.

— Ei. — Ela balançou o ombro dele, enquanto vestia seu casaco. — Acorda, precisamos sair daqui.

— Haaan. — Ela ouviu apenas um ronco dele e o sacudiu mais.

— Vamos, acorde.

— Oi, dormiu bem? — perguntou, com dificuldade para recobrar a consciência.

— Não senti frio, graças a você. — A garota estava vestindo a calça e em seguida colocou os tênis que estavam molhados. Lamentou não tê-los colocado na mochila, mas de qualquer forma não teve tempo para pensar nem achou que coubesse também.

— Isso dói — reclamou ao receber a fivela do cinto, preso em suas calças, na cara.

— Desculpe, vista-se logo.

Edgar vestiu as calças e calçou suas botas ainda molhadas.

— Vamos caminhar mais um pouco até chegarmos ao carro. Acho que ainda sei onde deixei.

— Uau, você pensou em tudo.

— Você está em boas mãos, garota.

Edgar e Felicity saíram da caverna. Lá fora ainda fazia frio. O céu estava azul escuro, já era possível enxergar bem melhor. Em pouco tempo, o sol mancharia o céu com um tom laranja. Depois de uma boa caminhada, chegaram a um local onde o carro estava escondido atrás de algumas árvores.

— Toma. — Edgar entregou uma garrafa, que pegou do banco de trás, a Felicity.

— Obrigada.

Ele girou a chave e o motor começou a fazer barulho.

— Agora consigo te ver melhor, você é muito bonita.

Felicity estava tomando água e quase engasgou.

Ela também o admirava, via claramente os olhos negros, cabelos escuros bem cortados e o sorriso de homem bondoso. Era engraçado, pois Felicity sabia que ele era um homem bom e o melhor de tudo era que esse sujeito a deixava tranquila. Quanto ao elogio ela não respondeu nada, apenas esboçou um sorriso tímido.

— Vá, não fique tímida. Você também está me achando bonito agora que me vê? — O carro já alcançava a pista. — Nossa, andamos muito no meio desse mato, ficamos um pouco distante da cidade. — Ele ria, como se achasse graça de tudo aquilo. — Você é corajosa, menina.

Ela quis dizer que ele era bonito e que havia percebido isso mesmo quando ele estava fantasiado naquele programa ridículo, mas disse: — Ainda não prestei bem atenção em você, desculpe.

— Fico lisonjeado — ele falou como se tivesse ouvido um elogio. — Mas me diga o que você fez de tão grave pra ter se metido nisso tudo? — Ela olhou pela janela do carro e ficou pensativa por um instante. Sentiu-se aliviada por ele não saber. Mas será que não sabia mesmo?

— Se eu pudesse contar não estaria aqui com você, então basta saber que eu estou numa enrascada.

— Tudo bem. — Edgar balançou a cabeça em sentido afirmativo. — Eu tenho ordens de te deixar segura em casa. Onde você mora, pode me dizer?

Ela lembrou-se de uma passagem do livro Peter Pan. Seus olhos brilharam ao responder:

— Segunda estrela à direita... — “direto até o amanhecer” foi pronunciado ao mesmo tempo pelos dois viajantes.

# CAPÍTULO 13

## O SEGREDO DE FELICITY

Felicity nasceu do primeiro casamento de Christine. Seus pais eram muito jovens e mantinham um relacionamento de idas e vindas. Em uma das brigas que tiveram, Eduardo conheceu outra jovem com quem tentou esquecer sua amada, mas pouco tempo depois Christine descobriu que estava grávida e o procurou para contar. Ele ficou confuso, sua nova garota estava fazendo-o feliz, mas o bebê mudou tudo. Ele ainda não havia esquecido Christine, e Elisa também não morria de amores por ele.

Christine tinha vinte e um anos e cursava o quarto ano da faculdade de medicina, ela ficou apavorada com a ideia de ser mãe antes de se formar, mas Eduardo, que já era médico recém-formado, foi seu alicerce para não se deixar abater. O jovem a pediu em casamento. Eduardo estava certo do que estava fazendo, estava feliz com a ideia de ser pai e entendeu que aquele era um sinal divino de que Christine era a mulher de sua vida.

Elisa foi gentil, o incentivou a formar sua família, disse que o que aconteceu entre eles foi algo passageiro, incapaz de se tornar algo mais do que foi.

Eduardo recebeu Christine no altar quando ela estava com quatro meses de gestação, uma leve barriga já aparecia. Ele disse sim com convicção, ela sorriu e naquele momento achou que seria a única vez em sua vida que diria sim para um homem. Ele a levou ao médico várias vezes, abria a porta do carro para ela e a ajudava a caminhar quando Felicity já estava enorme na barriga dela. Acompanhou cada momento da gravidez da mulher, se emocionou quando ouviu pela primeira vez o coraçãozinho bater, quando descobriu o sexo, quando a viu se mover dentro de Christine.

A gestação fez Christine ter certeza de que queria seguir a carreira de obstetra. Seu marido se especializava em cardiologia.

A menina nasceu cheia de saúde, os cabelos eram loirinhos, como os da mãe, e seus olhos eram verdes. Era gordinha, com bochechas macias. Mas com os meses, ela foi ficando mais fininha. Eduardo sentia-se realizado como homem, estava feliz ao lado da mulher e da filha. O contato que teve com Elisa após deixá-la foi mínimo, ainda trocaram uma ligação ou outra, se encontraram por acaso algumas vezes, ela sempre foi educada e perguntava pela filha que ainda estava para nascer. Eduardo ainda teve alguma lembrança dela enquanto estava com Christine, mas acreditava que era só uma lembrança como tinha de outras garotas também.

Christine sabia da existência da outra, mas acreditou que tinha sido uma aventura do marido e preferiu não se importar com ela, Eduardo a escolhera e estava sendo um bom marido. O tempo passou. Felicity fez dois anos e estava cada dia mais linda e Eduardo mais feliz.

Até que um dia Elisa voltou.

Ela voltou para sua vida, para tirá-lo de Christine. Elisa nunca esquecera os

momentos que tivera com Eduardo. Ela tentou se envolver com outro homem, mas à medida que o tempo passava mais se lembrava dele. Então, sorrateiramente, ela se infiltrou na vida de Eduardo, passou a ligar e a provocar encontros ao acaso. Eduardo não saberia explicar o que houve com o sentimento que tinha por Christine, muito menos o que fez renascer algo tão pequeno que sentira por Elisa. Aconteceu, ele diria.

E numa noite, Elisa já estava arrancando a camisa dele enquanto o beijava, ela sentia as mãos de Eduardo subindo por suas costas e momentos intensos depois, Eduardo caiu de costas na cama ao lado dela, e a onda de arrependimento veio em seguida. Mas bastou que os dias passassem para que ele deixasse escapar um sorriso safado no rosto quando se lembrava da noite que tivera com ela.

Algo dentro dele se acendeu. Uma paixão louca e desenfreada tomou conta dos seus instintos. Christine estava às voltas com a formatura e o deixava com tempo livre. Elisa teve certeza de que o amava, mas Eduardo ainda tinha dúvidas. Elisa aceitou ser a outra.

Dois anos se passaram. O casamento de Christine esfriara de certa forma, as desconfianças começaram. Ela passou a investigar a vida do marido, ligava para o hospital para ter certeza de que ele estava de plantão, procurava saber os horários que ele chegava e que saía. Mas antes que ela pudesse descobrir tudo, ele contou.

Contou que queria desistir do casamento. Ela o acusou de traição, ele não negou, mas não deu detalhes, disse que Elisa havia voltado pra vida dele fazia pouco tempo e que tinha acontecido, alegou que o relacionamento deles esfriara e que não queria enganá-la.

— Não acredito nisso, você nunca a deixou. Fui enganada esse tempo todo — vociferou Christine na época. — Eu fui burra, burra. Confiei em você, jamais duvidei.

— Claro que não, eu fui sincero — disse Eduardo, gritando em súplica tentando convencê-la. — Mas tem coisas que acontecem e fogem do nosso controle.

— Sincero? Você foi um hipócrita bancando o bom marido, o bom pai. Presente em todos os momentos, mas por trás sempre teve outra.

Nessa manhã, a filha deles estava na escola e não sabia que os pais estavam prestes a pôr um fim no relacionamento. O início da separação foi difícil para a menina, ela enchia a mãe de perguntas e sempre questionava quando o pai voltaria a morar em casa de novo. Christine apenas dizia que a partir daquele momento cada um teria uma casa e ela teria duas, as respostas eram sempre as que mostravam alguma vantagem para Felicity.

O tempo passou e a menina se acostumou a ter duas casas.

Christine conheceu Fernando quando a filha tinha oito anos. Ela não tivera algum relacionamento sério depois da separação e estava em um momento de fragilidade. Decidiu-se dar outra chance e começou a sair com ele, aos poucos ele foi fazendo parte de sua vida. Meses depois ele já pegava Felicity na escola. Christine a deixava na casa dos pais quando queria passar alguns dias com Fernando e experimentar de novo a vida de casada sem filhos. Ela o apresentou aos pais, oficializou o namoro e quando menos percebeu ele já era seu marido.

Felicity não gostou da ideia de ter outro homem em casa que não fosse seu pai.

Sua mãe procurava não forçá-la a aceitar, deixou apenas que o tempo se encarregasse disso. Christine queria que Felicity o visse como alguém da família, ela se sentia segura por ter um homem ao seu lado. Fernando esforçou-se para conquistar a menina, logo ele ganhou a confiança dela com seu jeito despojado e fazendo algumas vontades da enteada. A garota que sempre ficava com os avós quando a mãe tinha plantões médicos passou a ficar com o padrasto em casa.

Ela tinha onze anos quando tudo começou. Foi em uma noite em que ficara sozinha com ele, estava tomando banho, cantando no chuveiro. Costumava sempre deixar a porta do banheiro que ficava no quarto aberta. Felicity soltou um grito quando viu a figura alta de Fernando na porta.

— Não pode entrar aqui, estou tomando banho — disse a menina. Ela virou-se de costas para que não a visse. — Vai embora.

— Menina, não precisa se assustar. Eu sou seu pai — disse Fernando numa voz tranquilizadora.

— Você não é meu pai. — A menina continuava imóvel, olhando para o chão, vendo a água que caía do chuveiro escorrer pelo ralo.

— Tudo bem, eu só queria saber se vai querer pizza. Vou pedir, você quer?

— Não.

— Estou de costas faz um tempão, vire-se. — Ele virou de costas no mesmo instante em que Felicity virou o rosto. Ela acreditou que Fernando estava naquela posição há mais tempo.

— Quero que saia.

Ele saiu e a garota fechou a porta do banheiro.

Em outra ocasião ele entrou vendado no quarto da menina, anunciando em voz alta que entraria no quarto da princesa. Ela riu da cara de bobo que ele fez, nesse dia a menina estava deitada na cama, ela disse que ele podia tirar a venda, pois não estava no banho. Dessa vez, ela aceitou a pizza e os dois se encheram de massa a noite toda.

Ele passou a pegá-la no colo e levá-la para cama como um pai faria com sua filha. Mas uma noite, ele ficou deitado ao lado dela e esperou que dormisse profundamente com a ajuda do calmante que colocou no suco.

Ele a tocou.

E fez de novo em outra ocasião.

Um dia, ela acordou. De imediato ela não entendeu o que ele estava fazendo, mas quando percebeu pediu que ele parasse. Ela começou a chorar e ele tapou a boca dela.

Ele chiou com o dedo indicador encostado nos lábios pedindo que ela fizesse silêncio.

— Diz pra mim quem é a loirinha do papai.

Felicity tentou tirar a mão dele, mas não conseguiu.

— Diz pro papai: eu sou a loirinha do papai — ele falava sussurrando ao ouvido dela.

Fernando voltou a praticar abuso quando ficava sozinho com ela. As ameaças de morte logo surgiram e a menina foi tomada pelo medo. Ela viveu sufocada por algumas semanas até que contou para sua professora, chorou desesperada pedindo

que não contasse à mãe.

Quando Christine soube, não quis acreditar. Ela estava apaixonada por Fernando. Mas perguntou a Felicity e a resposta que ouviu foi um abraço forte seguido do choro e Christine sentiu raiva de si por ter sido uma péssima mãe, sentiu pena daquela garotinha e se sentiu incapaz de protegê-la.

— Ele vai nos matar, mamãe — disse a menina na época entre os soluços.

— Não vai meu bem... antes eu o mato. Te prometo — falou, esmagando o corpo da filha entre seus braços.

O ódio cresceu dentro de Christine como uma chama flamejante. Mas ela não contou para ninguém porque a filha implorou, ela não queria que as pessoas soubessem e estava com medo de morrer.

Fernando não pôs mais os pés na casa da mulher depois que Christine soube. Ela chamou um chaveiro no mesmo dia e trocou todas as fechaduras.

— Amor, não estou conseguindo abrir a porta — disse Fernando ao telefone quando ela atendeu sem dizer alguma palavra. — Chris, está me ouvido? — Cada palavra era como uma faca rasgando a pele dela.

— Vou te dar duas opções — falou Christine, sua voz soou fria. — A primeira é: eu abro a porta, você entra e encontra o caminho para o inferno; ou você pega suas roupas que estão no latão de lixo e começa a correr pra longe, pra um lugar onde eu nunca te encontre.

— Você ficou louca? — disse Fernando ao se aproximar do balde de lixo e ver seus pertences lá dentro. — Chris que piada é essa?

Christine desligou. Ela estava na janela do primeiro andar da casa, observando-o na rua. Ele chutou o portão e depois entrou no carro e partiu.

Pelas palavras dela, ele deduziu que a menina havia contado tudo.

Certo dia, Christine levou um susto ao encontrar a filha com as mãos manchadas de vermelho. Ela achou que podia ter sido algum corte grave, mas quando viu os cabelos da menina da mesma cor entendeu que aquilo era tinta. Ela caiu de joelhos no chão. Uma lágrima rolou pelo rosto da menina. A mãe a abraçou e disse que a filha era linda, que não precisava mudar a cor do cabelo, mas Felicity insistiu que não queria mais lembrar dele toda vez que se olhasse no espelho, então Christine a ajudou a tingir os fios claros.

A psicóloga pedia que Felicity escrevesse sobre seus medos, dizia para a menina que isso a ajudaria a superá-los. A terapia da escrita passou a fazer efeito e a menina passou a preencher diários rapidamente.

Meses depois ela narrou uma cena de um trauma com todos os detalhes em um diário novo que não conseguiu destruí-lo como fez com os demais tempos depois. O diário que lhe foi roubado.



E foi em uma noite chuvosa que Fernando voltou para que Christine cumprisse

sua promessa. Entrou sem barulho na casa depois de arrombar as fechaduras. Andou em direção ao quarto da ex-mulher, estavam mãe e filha deitadas, embaixo do cobertor com a televisão ligada. O grito da menina acordou Christine.

— Fernando, vai embora — disse Christine ao vê-lo. Felicity estava agarrada à mãe.

— Senti saudades — disse Fernando. Seus cabelos estavam molhados, a barba crescida e usava uma jaqueta preta. Um lampejo azul se desenhava na janela, os pingos da chuva escorriam pelo vidro. Ele puxou a arma da cintura e apontou para as duas. Christine estremeceu e Felicity se desesperou, gritava e chorava compulsivamente.

— Não faça nada com ela. — A mulher levantou-se, colocando a menina atrás de si, tentou aproximar-se, mas foi impedida.

— Para trás, putas. Pensaram que podiam me humilhar e ficar por isso mesmo? Não, as duas vão provar do macho aqui. — Christine viu ódio nos olhos de Fernando.

Uma caneca de chocolate quente fumegava na mesinha que ficava ao lado da cama, bem perto de onde Felicity estava usando o corpo da mãe como escudo. A garota estava esperando esfriar para que pudesse tomá-lo.

Fernando tirou umas algemas do bolso e pediu que Christine caminhasse até ele com as mãos estendidas para frente, a mulher dispôs os braços e antes que desse o primeiro passo, num ato de coragem, Felicity pegou a caneca e saiu de trás da mãe, rápida como um raio, imaginando que levaria um tiro. Mas Fernando não teve tempo de segurar o revólver ao sentir o chocolate queimar sua face, a arma caiu no chão, Christine ouviu o grito da menina e ao ver o sujeito com as mãos no rosto e urrando, ela se jogou contra ele no mesmo instante, levando o corpo do homem de encontro à parede.

O impacto foi forte, bateu com a cabeça e caiu no chão, desacordado. Não satisfeita, a mulher agarrou em seu pescoço antes que se reanimasse e o esganava com ódio, Felicity gritava para que a mãe parasse. Mas foi em vão. Fernando abriu os olhos, sem fôlego, tentou agarrar o pescoço da mulher, mas ela foi mais rápida e antes disso pegou-o pelos cabelos e começou a bater a cabeça dele no chão até que ficasse desacordado.

— Acabou — disse para sua filha, em estado de choque. — Ele nunca mais nos fará mal.

— Mãe, você o matou. — Felicity estava aos prantos.

— Acabou, querida, acabou. — A expressão de Christine era de dor e raiva, sentia uma tristeza profunda, mas não conseguia soltar uma lágrima. — Temos que tirar ele daqui — disse, voltando a si. — Escute, vá pegar um pano e uma bacia com água, você vai ter que me ajudar a colocá-lo no carro.

A menina foi desesperada atrás do que a mãe pediu. Christine foi até o carro que estava em frente à sua casa e o pôs para dentro. O céu parecia estar desabando, a rua estava deserta. Ela arrastou o corpo de Fernando e o colocou dentro do carro.

A mãe pediu que sua garota voltasse para casa e se trancasse no quarto. Christine dirigiu por uma estrada perigosa que ia dar no rio, que não ficava muito

longe, com dificuldade devido ao lamaçal que se formava, chegou em um ponto no qual ouvia o barulho da correnteza, as águas estavam ferozes. Ela usava uma touca na cabeça para evitar que fios de seu cabelo ficassem no carro, luvas de limpeza, casaco, calça e tênis. Limpou tudo o que pôde no carro com um borrifador que levava consigo, moveu o corpo de Fernando para o banco do motorista, pôs a mão no pescoço e sentiu que ele ainda estava vivo. Bateu a porta com força e deixou o vidro do carro com uma abertura para que a água pudesse entrar, usou toda sua força para empurrar o veículo ladeira abaixo.

Ela só ouviu o barulho do carro entrando na água. A chuva ficava mais forte e Christine voltou para casa pelo matagal, chegou toda ensopada, a menina estava deitada na cama.

A noite foi difícil para mãe e filha, ambas não dormiram quase nada. Christine cantava uma musiquinha para que Felicity pudesse dormir, mas sempre que a garota conseguia fechar os olhos ela entrava em um pesadelo e acordava assustada.

O corpo de Fernando foi encontrado semanas depois quando as chuvas cessaram, a família veio desesperada reconhecer o corpo, mas foi impossível devido ao estado de decomposição, o carro dele foi a confirmação e mais tarde os exames de DNA. Christine agiu com frieza, fazendo o papel da mulher abandonada e agora viúva, chorou em público e orientou a menina a não demonstrar desespero algum. Felicity chorava, passou várias semanas sem ir à escola.

Dias depois, as duas foram morar na casa dos avós de Felicity, foi quando a menina encontrou o consolo de que necessitava, tinha os avós todos os dias para espantar o medo que sentia, ficou assustada com a própria mãe por uns dias, mas depois colocou na cabeça que tudo o que ela fez foi para proteger as duas. Elas poderiam estar mortas.

A polícia confirmou a morte por afogamento. O corpo foi encontrado fora do carro. Os hematomas na cabeça, segundo a polícia, foram causados pelas pedras do rio. Aparentemente fora um acidente devido ao fato de estar alcoolizado.

Porém, os irmãos Lucas e Caio Barcellos nunca se conformaram com a morte do irmão. Eles procuraram Christine para obter alguma informação, mas a mulher mostrou-se chocada com o que acontecera. E Fernando nunca mencionou aos irmãos o motivo da separação, nem mesmo inventou algum. Eles acharam que a separação fora amigável.

Felicity estava no quarto quando ouviu os dois jurarem vingança.

Caio falou, chorando para Christine, que vingaria a morte de Fernando se um dia descobrisse que alguém provocara aquele acidente.

Desse trauma, Felicity não podia conversar com sua psicóloga. Christine orientou bem a filha, ela foi importante para que a menina não surtasse.

A forma que Felicity encontrou de gritar seus medos foi colocando no papel, exatamente como sua médica lhe dissera, escrevendo. Ela narrou todos os detalhes daquela noite em seu diário e o guardou consigo até que alguém o roubou.

Três anos depois da morte de Fernando, Christine conseguiu casar-se com um homem, ainda dos tempos de escola. Ela pediu perdão à filha, disse que não conseguia viver sozinha apesar de tudo e que precisava recomeçar. Felicity ficou

com os avós por decisão de ambas.

A garota não temia que aquele diário fosse parar nas mãos da polícia, ela tinha medo que caísse nas mãos dos irmãos Barcellos. E sua mãe estava feliz, casada e com gêmeos de nove meses. Ela não podia estragar a vida de Christine.

Aquilo era tudo culpa dela, podia mesmo ter destruído o diário, mas o manteve intacto.

# CAPÍTULO 14

## O OURO DO MUNDO TODO

Rebeca estava ajoelhada fazendo reverência ao rei Cristiano. O homem tinha uma barriga maior que a verdadeira. Sua coroa dourada brilhava como o sol.

— Isto foi tudo o que me conseguiu? — perguntou o rei, soltando uma gargalhada.

Diante dele havia um saco com moedas de ouro. Alguns degraus separavam o trono dele da jovem guerreira diante de si. Havia guardas armados que mais pareciam robôs segurando suas espadas. Um deles lhe chamou atenção pela aparência.

— Acha mesmo que isso paga uma vida? — insistiu no sarcasmo.

Rebeca levantou a cabeça.

— Já não é o bastante juntando com todo o ouro que já trouxe?

— Menina tola. Quando disse que precisava de todo o ouro do mundo eu quis dizer exatamente todo o ouro do mundo. Dos quatro cantos do planeta.

— Mas isso é impossível — ela falou, sentindo que sua luta estava perdida. Quando o rei falou pela primeira vez, achou que estivesse apenas dizendo que precisava de muito ouro e chegaria um dia que ele ficaria satisfeito.

— Coisas impossíveis são caras, menina.

— Tenho uma proposta melhor — ela disse.

O rei curvou o pescoço em sua direção.

— Se é ouro que você quer, posso te dar mais ouro que a quantidade existente no mundo.

O rei levantou-se do trono, caminhou até a jovem.

— Levante-se.

Ela levantou.

— Onde arranjará tanto ouro assim?

Rebeca desembainhou sua espada.

— Segure-a e observe.

O rei dispôs a espada nas palmas das mãos. Rebeca tirou a luva da mão direita e a tocou. Os olhos do rei se arregalaram quando o aço começou a mudar de cor. Ficou dourado, toda a espada ficou dourada.

— Mas como fez? É algum tipo de bruxaria?

Rebeca o encarou com um olhar triunfante.

— Isso é ouro — disse, com as mãos sobre a espada. — Posso transformar uma infinidade de objetos em ouro. Posso dourar este salão inteiro. Liberte-me da promessa de te trazer todas as moedas do mundo.

Ele andou de um lado para o outro, tamborilando os dedos na testa.

— Já sei — disse de súbito. — Quero um reino. Um reino todo feito de ouro.

— Mas isso é impossível, custaria minha vida.

— Já disse: coisas impossíveis são caras. É a única maneira de trazer o homem

da sua vida de volta ao mundo dos vivos.

Pareceu que o mundo todo entrou pela boca de Rebeca quando ela acordou sem ar, sufocada e assustada. Seu telefone estava ao lado dela na cama, tocando. Ela respirou fundo três vezes e conseguiu deslizar o botão verde.

— Pai — falou, sentindo-se mais aliviada. — Alô? Pai, está me ouvindo?

— Oi meu bem, agora estou ouvindo. Está tudo bem? Sua voz está estranha.

— Estou bem. — Rebeca apoiou as costas no travesseiro. Os fragmentos do sonho ainda estavam em sua mente. — É que tive um pesadelo, acordei com o celular tocando e fiquei um pouco assustada.

— Desculpe tê-la acordado. Não sabia que já estava dormindo.

— Ah, o senhor me salvou das garras de um rei, não tem porquê se desculpar.

— Ah, é? Que rei malvado é esse? Conta como foi esse sonho.

— Foi estranho, não lembro muito bem. Eu era uma espécie de princesa guerreira, não sei... Acho que tinha algum acordo com o rei. Eu tinha que levar ouro pra ele. Então tem uma parte que lembro que tenho o poder de transformar tudo o que toco em ouro, daí ele pede que eu construa um reino de ouro em troca dele trazer o amor da minha vida do mundo dos mortos.

— Nossa, o começo dessa história estava até interessante. Então quer dizer que você está apaixonada? Quero que me conte isso, dona Rebeca. Você é muito nova para ter um “amor da vida”. — Ele reforçou as duas últimas palavras.

— Não se preocupe, foi só um sonho bobo.

— Assim espero, você ainda é um bebê pra mim, não quero que pense em namorar nem tão cedo. E em casa tudo em paz?

— Você sabe que a única coisa que não vai bem é o tal do Vitor. Não me desce.

— Precisa ser mais flexível com ele. Podem ser amigos.

— Nunca, nunca, nunca, me ouviu? Tenho a sensação que ele quer seu lugar no coração da mamãe.

— Meu amor, você sabe que já nos resolvemos faz tempo. O Vitor está conquistando o próprio espaço no coração da sua mãe.

— Ah, não quero falar dele.

— Tá bem, meu amor. E a escola como vai? Se saiu bem na prova de matemática? Acabei esquecendo de te perguntar da última vez que nos falamos.

Rebeca soltou a respiração.

— Nem te conto, pai. Estudei bastante, tenho certeza de que acertei todas as questões, mas aconteceu um lance meio torto. Fui ajudar a Felicity que precisava de cola, então passei as repostas pra ela. Não sei como esse papel rodou a sala inteira e no fim das contas a Amanda jogou ele pra mim e o John me viu com a cola, achou que eu estava colando. Não tive o que explicar e ele acabou me tirando dois pontos.

— Não fique pra baixo. Essas coisas acontecem mesmo.

— Eles estão estranhos desde o dia da prova. Andam distraídos. Não estão me dando atenção. Ontem, encontrei a Amanda no shopping, mas nem quis saber de falar comigo.

— Relaxa meu bem. Vai ver ela estava resolvendo alguma coisa urgente. Olha, papai tem muito trabalho a fazer. Liguei só para dar boa noite e saber da sua prova.

— Já decidi quando vem nos ver?

— Estou me organizando, nos próximos dias informo pra você.

— Tudo bem, espero que seja logo — disse Rebeca bocejando. — Um beijo.

— Um beijo, meu bem.

Rebeca ainda estava sonolenta. Seus olhos pregaram novamente e lembranças do sonho insistiam em voltar, mas ela lutou contra as pálpebras pesadas e levantou-se da cama. Caminhou até a janela e ficou observando a cidade engolida pela noite.

Começou a pensar em Thomas, ainda não ligara para ele desde a ocasião em que se viram. Também não o encontrou pela rua. Ela estava com o smartphone na mão, pensando se valeria a pena ligar ou não. Perguntava-se se ele ainda pensava nela ou tinha sido apenas uma aventura.

Seus pensamentos se misturavam com Cristiano, assim que amanhecesse o dia iria ao teatro, onde ele tinha uma apresentação, para lhe dar o dinheiro. Cinco mil reais que pediu ao avô, alegando que precisava comprar algumas coisas. O homem não negava nada para sua neta, bastava que ela pedisse, ele dava.

Imaginou que o fato de pensar tanto em Cristiano ultimamente, fez seu subconsciente criar aquele sonho mirabolante. Ele era um rei que estava tirando dinheiro dela no sonho e na vida real.



O teatro das rosas ficava no centro da cidade. A rua era pouco movimentada, cercada por prédios antigos. Rebeca entrou pelos fundos e foi guiada ao camarim onde Cristiano estava.

— Posso entrar? — perguntou após duas batidas de leve na porta que estava semiaberta.

— Claro, entre. — Cristiano puxou a porta.

Rebeca observou o ambiente. Havia um espelho enorme rodeado de lâmpadas como um que viu uma vez em um filme. Havia fotos da peça espalhadas pelas paredes. Algumas roupas dispostas numa arara.

— Sente-se — falou Cristiano, indicando o sofá para a garota. — Estava relendo a peça, vamos começar os ensaios daqui a pouco.

Rebeca sentou-se.

— Não faz mais o seu show de humor? — perguntou tentando puxar assunto. Ela não queria ir direto falando do dinheiro. Rebeca já havia dado uma quantia a Cristiano dois dias atrás quando se encontraram no shopping, no dia seguinte ele ligou implorando por mais.

— Ainda faço, mas diminuí as apresentações. Estou gostando da peça, ela exige mais de mim.

Rebeca conhecia pouco de Cristiano, das vezes em que se viram não conversaram muito, mas sentia que ele era um homem cheio de histórias para contar.

— Qual é a história? — Sua voz era suave, comedida. Não queria bater papo como se fossem amigos, mas estava interessada em saber um pouco mais do trabalho dele.

— É sobre um homem que não vê sentido em sua existência. No primeiro ato ele conta todas as suas desgraças que o levaram a crer que não valia muito a pena existir. Então, depois a morte surge e o convida a ir para o outro lado, mas ele diz que morrer não vai apagar sua existência. O que ele quer é deixar de existir nos corações das pessoas que o amam. Passar uma borracha em tudo, sem que ninguém sinta falta dele e que toda sua história seja apagada.

— Mas por que alguém escolheria não existir?

— Porque sua história não foi boa?! — Sua frase saiu meio que uma resposta meio que uma pergunta. — Bom — Cristiano continuou, após uma pausa com seu tom reflexivo. — Depois surge um anjo e faz uma proposta, promete que vai apagar a existência dele com uma condição.

Rebeca ouvia atenta.

— O anjo diz que o levará a uma viagem no tempo em que ele poderá assistir alguns momentos da vida dele como se fosse um filme em tempo real. Então depois de rever essas passagens ele pode decidir se quer continuar existindo ou não.

— E o que ele decide?

— Bom, vou deixar que você venha assistir à peça e descubra. — Cristiano esboçou um sorriso acolhedor.

— Não prometo que verei, se tiver uma oportunidade, quem sabe?

— Nossa montagem é uma versão do filme A felicidade não se compra ou It's a Wonderful Life, no título original. É um excelente filme, veja-o então, é melhor que nossa peça. — Ele sorriu.

Rebeca tirou um pacote amarelo de sua bolsa e estendeu para o homem, ignorando o que ele falou.

— Tome, eu trouxe.

Cristiano a encarou por um instante, analisou o pacote por mais um instante como se estivesse em dúvida se deveria pegá-lo ou não.

— É por uma boa causa, eu juro — disse, falando as palavras devagar, quase que uma a uma. Ele pegou o dinheiro. — Eu vou te devolver, prometo.

Rebeca o encarava, tentando descobrir em algum traço de sua expressão quais segredos aquele homem guardava. Os olhos dele eram um universo cheio de possibilidades, ela imaginou mil coisas que poderiam estar fazendo com que ele pedisse mais dinheiro que o acordado entre eles, mas não conseguiu saber o que era, apenas que não se tratava de ganância.

A garota levantou-se e dirigiu-se à porta. Quando ela colocou parte do corpo para fora, ouviu Cristiano falar algo.

— Ele não existiu sozinho — falou.

Rebeca parou e voltou o olhar para Cristiano como se perguntasse “Como?”, mas não falou nada.

— Quando viajou no tempo, o homem percebeu que não existiu sozinho. Que ele fez parte de bons momentos da vida de outras pessoas e deixar de existir significaria apagar histórias que não pertenciam a ele.

Rebeca sorriu.

— Ele desistiu — concluiu Cristiano.

# DIÁRIO DE REBECA

*Depois da separação, meu pai decidiu mudar de cidade para cuidar dos negócios que o vovô tinha fora daqui. Ficou mais difícil para vê-lo, antes todos os fins de semana estávamos juntos, mas depois que ele se mudou, vinha raras vezes e minha mãe não me deixava viajar para ficar com ele. Foi muito difícil, mas não teve outro jeito a não ser suportar e aceitar minha nova vida.*

*Os momentos em que meu pai vem me visitar sempre são especiais. De início minha mãe mal trocava uma palavra com ele, eu fazia de tudo para que ficassem juntos, chorava implorando para que saíssem os dois comigo como era antes. Pegava as mãos deles e tentava juntá-los de novo, mas era inútil juntar os corpos quando os corações estavam separados.*

*Ela nunca me impediu de vê-lo, mas não queria ter contato, preferia ficar distante. No fundo eu sabia que minha mãe ainda o amava, ela só estava magoada com ele.*

# CAPÍTULO 15

## O PRESENTE

Gabriel saiu de casa para sua corrida de fim de tarde. O céu já estava alaranjado. Quando dobrou a esquina começou a correr na calçada, alcançou o asfalto e continuou sua corrida pelo acostamento, alguns carros passavam na rua, uma senhorinha caminhando com o seu cachorro, moradores de rua deitados na calçada, uma família inteira deitada sobre papelões, um velhinho com um saco cheio de lixo nas costas. Essas imagens eram registradas pelos olhos de Gabriel enquanto corria. Em todas elas, via o rosto do seu professor de matemática, John. Nos veículos que passavam, na senhora segurando a coleira do cachorro, nos três meninos e em seus pais deitados naquele papelão e no velhinho catando lixo.

John era um sujeito adorado pelos alunos, aquele tipo que estava sempre com um sorriso no rosto e nunca reclamava da vida. Gabriel também gostava dele, se dava bem nas aulas e admirava seu jeito largado. Mas o nome do John apareceu naquela maldita lista e agora o rapaz precisava dar uma mexida na vida dele.

Ele chegou ao parque, alcançou a pista de corrida e deu algumas voltas. Poucas pessoas circulavam pelo local. Momentos depois ele sentou-se na grama próximo ao tronco de uma árvore e ficou observando o lago diante de si. Alguns gansos selvagens nadavam. O sol fazia a água brilhar como um cristal.

Não demorou até que um homem sentasse ao lado de Gabriel. Ele usava um boné preto, calça de tecido mole e uma regata. Entrelaçou as mãos entre os joelhos e disse:

— E aí, como vão as coisas?

— Feias — respondeu Gabriel sem desviar o olhar da paisagem que admirava. A voz dele soou seca, sem emoção.

— Se precisar de ajuda, já sabe.

Gabriel desfez a expressão dura e soltou a respiração.

— Por enquanto preciso apenas do que pedi. Trouxe?

O sujeito soltou um sorriso sarcástico. Pôs a mão no bolso direito e tirou um pacotinho. Ele colocou ao lado de Gabriel.

— Aqui está.

Gabriel passou a mão no saquinho preto de veludo e colocou rápido no bolso. Uma onda de agitação percorreu seu corpo. Depois de muito tempo quebraria uma antiga promessa. Ele tirou um envelope amarelo da cintura e tentou entregar ao homem.

— Que isso rapaz? Acha que vou aceitar dinheiro seu? — Antes que Gabriel pudesse estender a mão, o homem já estava empurrando o envelope de volta.

— Toma, deixe de besteira — insistiu o rapaz.

— Você salvou nossa rainha. Nem que eu te desse todo o pó desse mundo pagaria o que você fez por ela. — O homem olhava nos olhos do rapaz.

— Vocês não me devem nada, absolutamente nada. Estou comprando a sua

droga e quero pagar por ela.

— Sossega, você nunca vai deixar de ser nosso mano, rapaz. Deixa de bancar o galo de briga.

Gabriel guardou o envelope de volta na cintura e voltou a olhar para o horizonte.

— Como ela está?

— A vejo bem. Mas só ela pode dizer como se sente. Acho que ela está vivendo a vida que escolheu.

Houve um breve silêncio.

— Ela sente saudade — completou o sujeito. Ele viu um sorriso no canto da boca de Gabriel.

Ele queria dizer que também sentia. Queria, na verdade, seguir dali com aquele homem para encontrar-se com ela, mas já havia decidido seguir longe da vida que ela escolheu. Mas nunca sentiu tanta vontade de vê-la como naquele momento.

— Preciso ir embora. — Foi tudo o que disse. Gabriel acertou a mão do outro em um cumprimento, sentiu a mão arder e saiu correndo.

Quando chegou em casa, tomou seu banho e trancou-se no quarto. Só saiu para jantar e voltou para debaixo de suas cobertas tão macias, a cama estava quente e aconchegante, ele teria uma noite de conforto não fosse por suas lembranças.



— Gabriel! — Esse não foi um grito, foi um berro. — Gabriel. — O pai dele continuava a gritar, agora ao pé da escada na sala. — Gabriel. — Mais um grito que assustou o rapaz ao surgir na ponta do corredor.

— O que foi pai? — Ele estava com uma cueca samba canção, o rosto amassado e os cabelos desgrenhados. Seus olhos ardiam de sono.

— O que foi? Eu vou te mostrar o que foi. — O homem estava realmente furioso. — Desce logo, anda.

— Vou colocar uma roupa. — O rapaz ainda tentava entender o motivo daquela gritaria toda. Era uma manhã de sábado, já passava das dez.

— Desça, agora. — Aquele olhar, Gabriel conhecia. Não adiantava hesitar, seria pior. Ainda cambaleante, desceu os degraus lentamente. Seu pai saiu pela porta. Gabriel o seguiu.

O lado de fora estava iluminado pelo sol, o rapaz mal conseguia abrir os olhos, caminhou descalço e sem jeito até o portão de sua casa. A grama estava verde, havia uma árvore do lado esquerdo e um balanço preso nela.

— Eu quero que me explique isso — disse o pai, apontando para a rua.

Não havia sol que impedisse Gabriel de apreciar a maravilha que estava diante de seus olhos. Ele ficou incrédulo.

— Mas como assim eu tenho que explicar? — perguntou o garoto com cara de quem não entendia nada. Ainda estava maravilhado. — De quem é esse carro?

— De quem Gabriel? — O rapaz sentiu o hálito quente do pai de tão próximo que ficou do filho. — É seu! Mas agora me explique onde você arranjou dinheiro pra conseguir comprá-lo?

— Mas como pode ser meu? Foi o senhor quem comprou? — O rapaz aproximou-se do reboque para olhar bem o Land Rover iluminado pelo sol.

— Não se faça de idiota. — O pai caminhou até o motorista que estava com uma prancheta em mãos e a arrancou da mão dele. — Aqui diz que é seu e está pago. — Ele quase esfregou o objeto com as folhas na cara do filho.

— Eu não tenho ideia do que se trata. — Um vento frio mudou o semblante de Gabriel. Foi como um relâmpago. Na verdade, agora ele sabia. — Deve ter sido algum engano. Pode ter sido um engano, não pode? — Ele direcionou a pergunta para o homem responsável pela entrega.

— Bem senhor, aí está muito claro. Ele é seu, está tudo em ordem. Se permitir desço ele agorinha e você já pode até dar uma volta.

— Nem pense nisso, Gabriel. — O pai soltou as palavras pausadamente. — A não ser que queira me explicar como o conseguiu.

— Eu não tenho ideia, já disse. Pensei que fosse presente seu, ou alguma pegadinha, não sei.

— Presente? Pegadinha? Você nem tem dezoito anos pra dirigir e seu aniversário ainda está longe. — O pai continuava esbravejando.

O entregador coçou o ouvido como quem estava incomodado com os gritos do pai e disse:

— Se vocês não se incomodam, eu vou embora. Já que não querem o carro vou levá-lo de volta, se me permite. — Ele estendeu a mão para pegar a prancheta de volta. — Se mudarem de ideia é só ligar pra concessionária. Tome. — Ele entregou um cartão que tirou do bolso da camisa ao pai.

Ricardo arrancou o cartão da mão do entregador.

— Não pense que dei por encerrado esse caso — disse para o filho e entrou pelo portão.

Gabriel ficou olhando o reboque levar embora o carro dos seus sonhos. Podiam levá-lo, isso não significava que não pudesse ir até lá e pegá-lo de volta, afinal estava em seu nome e totalmente quitado. Um lampejo iluminou sua mente mostrando quem havia mandado aquele veículo. Só podia ter a ver com a lista.

Quando Gabriel entrou na sala, viu seu pai descendo as escadas mais calmo, porém ainda com aquele olhar gelado. O rapaz notou que estava com as chaves do carro na mão.

— Vai sair?

— Vou procurar saber quem te mandou aquele presente. A não ser que queira me poupar de tirar o carro da garagem me contando a verdade.

— Já disse que não sei, pai. Não faço ideia.

— É melhor que não esteja metido com coisas estranhas.

Ricardo já estava próximo à porta. Gabriel só esperou que ele a fechasse e saiu correndo pelas escadas, alcançou o corredor e logo estava em seu quarto,

encontrou seu celular em cima do criado mudo que ficava do lado direito da cama, discou um número. Estava chamando. Ele estava impaciente, aproximou-se da janela e viu o carro do seu pai já na rua.

— Droga — disse para si. Ele discou novamente. — Vamos, vamos...

Gabriel se jogou na cadeira e agarrou-se na mesinha de estudos fazendo a cadeira deslizar para perto, prendeu o celular entre o ombro e o ouvido enquanto abria o notebook.

— E aí, resolveu dar as caras? — perguntou uma voz do outro lado da linha. Era uma garota.

— Krystal, estou encrocado, preciso da sua ajuda urgente. — O Windows 10 iniciava na tela do computador.

— Manda ver garoto. Mais uma vez te salvando.

— Preciso que atrase o meu pai. Ele acabou de sair de casa. Não posso te dar detalhes, mas ele está indo à concessionária X-Car. Impeça-o de chegar lá.

— O que quer que eu faça? Que sequestre ele?

— Desde que não o machuque, pode fazer o que quiser. Mas eu tinha pensado que você pode provocar um acidente. Ninguém precisa se ferir. — O garoto começou a teclar rápido, muito rápido. — Basta amassar o carro dele e arranjar uma confusão. Ganhe tempo até eu conseguir acessar o sistema da concessionária.

— A gente precisa se ver o quanto antes, você tem que explicar no que está metido, Gabriel. Já não bastou aquele lance dos dez mil?

— Gata, relaxa. — Krystal podia ouvir o suave barulho das teclas do notebook dele. — Só faz o que estou te pedindo. Eu quero muito te ver, vai ser logo.

— Ok, mas vai ter que explicar porque vai invadir o sistema deles. Você disse que nunca mais faria isso.

— Mas agora é por uma boa causa. Preciso salvar minha pele. — Na tela do computador aparecia um programa de rastreamento, agora Gabriel sabia exatamente onde estava o pai. — Pronto. Você vai passar a receber notificações da posição do veículo dele a cada trinta segundos no seu celular. Vou precisar de pelo menos trinta minutos, acha que consegue?

— Isso não é pergunta que se faça.

Gabriel ouviu o barulho do motor. Sim, Krystal já estava pronta para sua missão.

— Beijo gata. — Ele desligou e pôs o telefone sobre a mesa e continuou a teclar. Sua tela agora exibia uma janela preta e ele digitava comandos, seus olhos fixos na tela, o traço piscava aguardando novos toques.

O plano de Gabriel era acessar o sistema da concessionária e alterar alguns dados no pedido daquele carro. Ele alterou o endereço da entrega e os números de seus documentos. Ali ele pôde ver todos os detalhes do pedido, incluindo o nome e telefone do motorista responsável pela entrega.

Depois de alguns minutos estava com o telefone no ouvido aguardando que alguém dissesse “Alô”.

— Oi, Senhor George?

— Ele mesmo. Quem é?

— Gabriel, o senhor me viu há poucos minutos. Veio entregar uma encomenda,

mas meu pai causou confusão.

— Sim, sim.

— Eu quero pegar, como faço?

— Ora, seu pai disse que não era seu, como posso saber se é pra você mesmo?

— Esta aí, não está? Meu endereço, meu nome, meu RG.

Houve um breve silêncio.

— Tudo bem, mas um responsável terá de assinar a documentação.

— Eu posso assinar.

— Ouvi seu pai dizer que você não tinha idade pra dirigir.

— Oh, não. Sabe como são os pais, seremos sempre os bebês indefesos deles.

Meu pai não aceita que eu já sou maior de idade, que já posso sair de casa. Ele tem pavor só de pensar nisso, por isso fala pra todo mundo que ainda tenho dezessete anos de idade. Não sei até quando ele pensa que vai conseguir enganar as pessoas.

— Claro, tenho um filho grande, mas ainda sinto vontade de pegá-lo no colo, de morder a bochecha. Ele odeia isso. — O homem soltou uma risada.

— Tá vendo? Meu pai é assim também. Mas eu já tenho dezenove anos, você pode conferir meu documento. — Gabriel não estava interessado em estender o papo sobre pais e filhos. — Não posso receber o carro aqui, tem que ser em outro local.

— Só posso entregar no endereço especificado.

— Quebra esse galho. Olha, a verdade é que esse carro foi um presente. Uma coroa rica que tô pegando me deu. Ela gosta de me surpreender, mas dessa vez errou a mão. Além do mais você estará apenas fazendo seu trabalho.

— Tudo bem, sabia que aí tinha coisa, mas você não tem cara de quem precisa fazer programa.

— Eu não faço programa.

— Ok. Eu te ajudo, mas não vai sair de graça.



Ricardo dirigia tranquilo. Toda a irritação que tinha tido com Gabriel estava se dissipando como a névoa em dias frios se esvai de forma lenta e silenciosa. O trânsito estava calmo. O sinal fechou e um garoto de rua aproximou-se jogando água no para-brisa do veículo, ele começou a limpar rápido, atento ao sinal que abriria a qualquer momento.

— Isso. Limpe bem, vagabundinho — disse Ricardo. Ele mascava um chiclete e observava o menino espalhar a água. Em instantes, estava limpo.

Quando o garoto terminou, bateu no vidro do carro, estendendo a mão e pedindo algum trocado. Usava uma camisa que um dia fora branca, agora era amarela; um dia inteira e agora com buracos. Estava descalço.

— Me ajude senhor, só um trocado. — O menino insistiu por algumas moedas. Mas o sinal abriu e Ricardo esboçou um sorriso e mostrou o dedo do meio para o

garoto. Os carros começaram a partir, mas antes o menino mostrou a língua para Ricardo. Essa foi sua vingança.

O menino correu para o acostamento e ficou aguardando a próxima vez que o sinal fechasse.

Ricardo dobrou a rua e dirigiu por mais alguns metros. Outro sinal vermelho. A rua agora estava com poucos carros. Ele estava do lado direito, não havia ninguém na traseira. Do lado esquerdo, um Honda Civic Prata, depois logo atrás parou um Kia vermelho. Ricardo tamborilava os dedos na direção enquanto ouvia uma música e cantava baixinho.

Dias atrás, Ricardo começou a receber mensagens no celular que perguntavam se ele sabia no que o filho estava metido. As insinuações davam a entender que Gabriel estava se prostituindo, mas se fosse isso, seu garoto não seria tão burro a ponto de permitir que lhe mandassem um carro de presente. Havia algo muito estranho naquela história que ele queria descobrir sozinho.

O sinal ficou amarelo.

A mandíbula de Ricardo se contorceu ao pensar aquelas coisas sobre o filho. Quando ele puxou a marcha e pisou no acelerador algo aconteceu.

Uma batida.

Alguém bateu no seu carro. E agora, a névoa de raiva se condensava. O impacto o impulsionou para frente. Ele pisou no freio. Seus olhos ferveram. A imagem da traseira do seu carro completamente amassada se formou em sua mente. Sua saída do veículo foi brusca, bateu a porta com força e respirou fundo para que pudesse soltar suas palavras.

— Tinha que ser! Minha filha você passou pela autoescola pra poder sair assim na rua? — Ele tentou controlar a voz.

— Desculpe, perdi o controle — disse Krystal colocando a cabeça para fora do veículo. Ela tinha um sorriso de triunfo.

— Perdeu o controle? — Agora começou a esbravejar. — E você me diz assim com essa cara de felicidade?

— Não precisa gritar comigo, ok?

— Se você não fosse tão estúpida eu não estaria gritando. Olha, não vou ficar no prejuízo, você vai ter que me pagar pelo conserto.

Krystal saiu do carro e bateu a porta com força.

— Pagar? Você acha que eu vou pagar por isso depois de você ser tão mal educado?

— Ah, e você merece que eu seja bem educado com você, garota? — Ricardo estava vermelho. O sol da manhã começou a esquentar.

— Algum problema moça? — Krystal olhou de lado e viu um homem em um carro, aparentava ter pouco mais de trinta anos.

— Esse idiota não viu o sinal abrir e acabei batendo nele.

— Você ainda tem coragem de mentir? — Ricardo agarrou forte o braço da jovem.

— Ai, me larga. Tá me machucando.

— Ow, Ow, Ow... — O homem havia parado o carro e saiu correndo para ajudar Krystal.

— Não seja covarde, ela é só uma garota. — Ricardo sentiu o peso da mão do homem no peito.

— Não se meta nisso — retrucou Ricardo.

Krystal se colocou no meio dos dois para evitar uma briga.

— Parem vocês dois. Vai embora moço, não quero que se meta em confusão por minha causa. — Ela empurrou o sujeito, ele era forte e por isso não conseguia mantê-lo distante.

— Vai mesmo e não se mete. — Ricardo passou a mão nos cabelos escuros. O suor começou a molhar seu rosto. Ele estava impaciente, mas seu orgulho não permitia que simplesmente fosse embora. Krystal tinha que pagar.

— Tem certeza de que não precisa de ajuda? — perguntou Tom.

— Tenho certeza, vai embora. Eu agradeço, mas vamos resolver — ela respondeu.

— Negrinha nojenta. — As palavras foram proferidas como um sussurro, mas Tom ouviu.

— Repete o que você falou, vamos. Repete se for homem. — A mão de Tom acertou o ombro direito de Ricardo com força suficiente para despertar a fúria do pai de Gabriel.

— Quer ouvir? — Ricardo deu um solavanco no peito de Tom. — Tem certeza? — Outro solavanco. — Vou repetir. — Dessa vez foi um soco na mandíbula de Tom, o que o fez perder o equilíbrio e ir ao chão.

Um veículo prata passou devagar, um garoto que estava no banco do passageiro olhou a briga pela janela e animou-se, disse alguma coisa para o homem que parecia ser seu pai. Ele parecia se divertir como se estivesse vendo um filme do Jack Chan.

— Chega, parem com isso. — Krystal começou a berrar.

Outros carros passavam devagar, buzinando. Um sujeito apontou o celular e começou a gravar, todos passavam e seguiam seu caminho, nenhum corajoso estava disposto a encarar a briga.

Tom levantou-se rápido e acertou o estômago de Ricardo, depois outro e mais outro, tão rápido que Ricardo não teve como revidar. Tom o jogou contra o veículo e avançou, mas recebeu um chute na barriga e Ricardo foi pra cima, acertando seu nariz. Os dois se agarraram e rolaram pelo chão.

— Parem... socorro... ajudem... — Krystal gritava e sorria. Estava muito satisfeita em ter conseguido aquilo. Aquele sujeito caiu como uma luva. Um estranho bondoso querendo ajudá-la. De fato acabou ajudando, mas de outra forma.

— Pra você aprender a não mexer com uma garota — disse Tom, depois de ter levado mais alguns socos e acertado vários chutes no outro.

Ricardo estava no chão, já na calçada, com uma expressão de quem estava no deserto sem forças. Aquele sorriso de triunfo se formou em seus lábios quando notou os dentes de Tom manchados de vermelho pelo sangue que escorria pelo nariz e, certamente, por cortes na parte interna das bochechas. Mas seus olhos ficaram apertados quando ouviu um barulho de uma batida.

Enquanto os dois brigavam, Krystal fingia se importar soltando seus gritos. A garota entrou no seu carro, deu ré e arrancou dando uma forte batida no de

Ricardo. Ela sorriu para ele, não chegou a ouvir, mas conseguiu ler nos lábios do homem a palavra “vagabunda”.

— Defende ela agora, babaca. — Ele se contorcia de dor.

— Na verdade, acho que você mereceu isso. — Tom cuspiu no chão e andou com dificuldade, sentindo dores nas costelas, até seu veículo. Por que havia parado o carro? Poderia simplesmente ter seguido, mas ao ver uma garota, aparentemente frágil, diante de Ricardo, um homem corpulento de aparência nem um pouco amigável, discutindo por conta de uma batida parecia ser um bom motivo para parar. Ele só queria saber se estava tudo bem, mas foi a forma como Ricardo pegou Krystal pelo braço que o fez encostar o veículo e se meter onde não devia; foi aquela frase “Negrinha nojenta” que o fez partir para a briga. Tom também havia se sentido ofendido.

Ricardo o viu indo embora, levantou-se e ficou olhando para a traseira do veículo que agora estava destruída. Decidiu que o melhor seria voltar para casa, não iria chegar a uma oficina naquela situação, muito menos em uma concessionária. Estava mais furioso ainda, a ideia de descobrir algo sobre aquele veículo enviado para o filho não saía de sua cabeça.



Gabriel estava dentro do veículo admirando o painel, colocou uma música para tocar e começou a se movimentar como se estivesse dançando sentado. O galpão estava com uma luz fraca, havia coisas cobertas por lonas da cor de terra, pareciam grandes caixas ou algum equipamento. O piso era de cimento, já um pouco desgastado. A porta dos fundos se abriu, a luz do sol brilhou forte deixando a imagem escura de uma garota se formar, ela caminhava quase como se estivesse desfilando, mascarando seu chiclete.

— Teu velho se deu mal — gritou Krystal ao se aproximar do veículo.

— Como assim? — perguntou Gabriel ao sair de dentro do carro. — O que você fez?

— Calma, não foi nada demais. — Krystal observava cada detalhe daquela máquina. Chutou o pneu e continuou. — Era pra ser só uma batidazinha de leve, mas um otário resolveu parar pra salvar a garota indefesa e acabou rolando uma briga.

— Briga?

— É, mas seu pai bate bem. Acho que quebrou o nariz do cara.

— Oh, Deus. — Um sorriso de alívio mudou a expressão do rapaz. — Espero que minha mãe já tenha chegado em casa.

— Agora me explica o que significa tudo isso. Onde conseguiu este carro? — Os olhos da garota brilhavam.

Gabriel a puxou pela cintura e encostou-se na lateral do veículo.

— Não quer que eu explique depois? — O garoto abriu um sorriso malicioso.

Suas mãos acariciavam as costas de Krystal. — Vamos inaugurá-lo primeiro. — Os lábios de Gabriel encontraram os de Krystal, ela correspondeu acariciando os cabelos negros dele e sentiu os fios de barba que despontavam no rosto do garoto.

— Então, começa a explicar em que confusão você se meteu.

Ele soltou um suspiro e entrou no carro.

— Estou sendo chantageado. Alguém sabe Krys... alguém sabe sobre mim.

— Como assim? — perguntou Krystal. Ela sentou-se ao lado dele no banco de trás.

— Não vou entrar em detalhes porque quero deixar você fora disso. — Gabriel segurava o rosto da garota e a encarava com ternura. No dia anterior não imaginou que fosse voltar a vê-la tão cedo. — Mas só posso te dizer que tem um louco tentando ferrar com a minha vida. Mandaram esse carro pra minha casa, meu pai ficou puto comigo, querendo saber onde eu tinha arranjado grana pra ter ele.

— E aí?

— E aí que eu disse que não fazia ideia, que podia ser algum engano, mas estava tudo lá. Meu nome, meu endereço, meus documentos, tudo.

— Mas quem pode ter descoberto?

— Eu não faço ideia, mas a pessoa sabe tudo e tem provas contra mim. Por sorte consegui invadir o sistema da concessionária e mudei a cidade e meus dados, meu pai terá de acreditar que aquele carro era pra um Gabriel distante daqui e que foi tudo um engano. Dei sorte também com o entregador, foi fácil comprá-lo.

— Você não precisa enfrentar isso sozinho, eu posso te ajudar. Podemos tentar descobrir quem está por trás disso tudo.

— Eu prometo que caso eu precise, te chamo. Como chamei hoje. Você me ajudou muito atrasando meu pai.

— Só não te contei um detalhe.

— Qual?

— Enquanto eles brigavam, eu bati no carro do seu pai de propósito, com força.

— Krys...

— Ele mereceu. Não me pergunte o porquê, mas mereceu.

Krystal viu quando Ricardo mostrou o dedo para o garotinho no trânsito.

— Só espero que ele esteja inteiro — suspirou Gabriel.

— Não entendi por que essa movimentação toda. Você sabe que o seu papai não vai cair nessa conversa tão fácil.

— Eu sei — ele falou. — Mas eu queria te ver. Senti saudades dos velhos tempos.

# CAPÍTULO 16

## MR. JACK E LADY ROSE

Gabriel entrou na escola observando todos que circulavam por ali: alunos, professores, funcionários. Era segunda-feira e as aulas iriam seguir normal apesar do incêndio. Seus olhos eram como se fossem de um animal selvagem em busca de sua presa. O rapaz estava com a mochila presa às costas apenas por uma alça e a segurava. Havia um vai e vem de pessoas, alguns professores já se dirigiam às salas de aulas. O professor John passou por ele quando o rapaz alcançou a calçada do bloco A. Ele ficou desconcertado com a forma como o rapaz o encarou, sorriu para ele e acenou. Gabriel ficou parado só o observando até perdê-lo de vista.

O rapaz seguiu para onde todos os alunos estavam se dirigindo, a biblioteca. Gabriel sentiu o cheiro de fumaça ao se aproximar. Uma faixa amarela demarcava o local. Ele viu, de onde estava, dois policiais que investigavam o caso. Olhou para o lado esquerdo e viu Felicity na sombra de uma árvore. Gabriel deu um sorriso sarcástico e aproximou-se da amiga.

— Belo trabalho — disse ele e colocou as mãos nos bolsos do jeans.

Felicity o encarou sem dizer nada. Ela observava o segundo andar do prédio todo destruído, as janelas estavam quebradas, a parede borrada de preto.

— Devo reconhecer, foi um belo trabalho — disse num sussurro, olhando para os lados certificando-se que não havia ninguém por perto. — Mas não fiz isso sozinha.

A garota não estava feliz pelo que fez. Estava aliviada por não ter sido pega e ao mesmo tempo tensa com medo de descobrirem. Ela observava aqueles policiais se perguntava o que estariam procurando. Digitais não serviriam de nada, pois centenas de alunos frequentavam a biblioteca. É claro que eles saberiam que o incêndio fora provocado, mas Felicity fora cuidadosa o suficiente para não deixar nenhum objeto pessoal cair, usou luvas para evitar deixar marcas nos objetos que utilizou.

— Como assim? Pediu ajuda a alguém? Você ficou louca?

— Claro que não pedi ajuda. O apresentador do programa apareceu no meio da noite pra me ajudar.

— Aquele cara dourado? Como é mesmo o nome dele? Tony, não é mesmo?

— Ele mesmo, mas na realidade se chama Edgar. Parece que a história dele é verdadeira. Ele também tem uma lista e pelo que entendi, suas instruções são nos ajudar.

— Não sei se dá pra confiar. Não fui muito com a cara dele.

— Nós não temos muita opção.

Eles ficaram observando a movimentação dos alunos e das pessoas dentro do prédio.

— Como foi fazer isso? — perguntou Gabriel depois de um tempo de silêncio.

— Foi estranho, tive medo, mas...

— Mas? — quis saber o rapaz.

— Foi meio libertador.

— Libertador como?

— Não sei explicar, Gabriel. Foi estranho. Fiz isso pra ter minha liberdade. Me senti no controle, como se eu pudesse definir os próximos passos, como se eu tivesse algum poder sobre as coisas.

Gabriel percebeu os olhos de Felicity se inundarem de lágrimas.

— Só que depois eu percebi que não estava controlando coisa alguma, que eu, apenas, era uma peça no jogo desse maluco. Uma marionete.

Gabriel a puxou para junto de si e a fez pousar a cabeça no peito dele. O rapaz a abraçou e passou a mão na cabeça dela.

— Fique calma — disse ele. — Você não está sozinha. Nós precisamos vencer esse jogo. Você se saiu bem. Na pior das hipóteses vamos fazer tudo o que eles querem e pegar as provas que têm contra nós.

— E se ele não der? Ou ela. Sei lá, ou eles.

— Bom, estamos caminhando de olhos vendados. Precisamos acreditar, é só o que nos resta. Acreditar.

— Acho melhor irmos pra aula. — Felicity se soltou dos braços dele. — Quando você vai fazer alguma coisa?

— Hoje.

— Onde vai ser? Aqui na escola?

— É. Estou com medo também. Espero que não me julgue — disse esfregando as mãos.

A manhã estava fria, o sol ainda fraco lutava contra as nuvens para iluminar o dia.

— Mas é grave o que você vai fazer?

— O de hoje não, mas tem coisa bem pior naquela lista.



Amanda e Felicity estavam sentadas em uma das mesas espalhadas na área da lanchonete da escola que ficava na pracinha. Elas estavam em um dos quiosques.

— Isso está me deixando nervosa — disse Amanda.

— Está ficando perigoso — disse Felicity num sussurro. — Mas o que podemos fazer?

A garçonete pôs um prato sobre a mesa com um sanduiche de atum e um copo de suco. Elas estavam no intervalo da aula.

— Obrigada — disse Felicity. Ela deu uma mordida no sanduíche. — Tem certeza de que não vai comer nada?

— Não quero, estou um pouco enjoada. Me desculpe, mas esse cheiro está me dando vontade de vomitar.

Felicity a olhou estranho.

— Viu como ficou a biblioteca? — perguntou Felicity. Toda vez que tocava no assunto, sentia-se vigiada.

— Vi sim. Você não teve medo?

— Claro que eu tive medo. Mas eu decidi fazer tudo o que está lá, é a única opção que tenho para conseguir o diário de volta.

— Queria fugir pra longe disso tudo. — O estômago de Amanda se revirou, o cheiro do atum provocara uma onda enorme de enjoo. Ela saiu correndo, entrou na cantina e pediu para usar o banheiro.

— Amanda? — Felicity gritou, mas Amanda já estava longe.

Logo em seguida, Felicity ouviu gritos. De onde estava viu uma multidão correndo para o pátio do bloco A. As garotas estavam eufóricas. Os celulares posicionados. Uma roda estava formada. Felicity aproximou-se para ver do que se tratava a confusão.

Gabriel estava desfilando no pátio da escola, desinibido. Ele acenou para a amiga quando a avistou. As meninas tiravam fotos, alguns garotos estavam filmando.

— Não sabia que ele tinha aquilo tudo.

— Ai, nunca tinha visto o Gabriel assim.

— Que vontade de apertar a bunda dele — suspirou uma aluna.

— Felicity do céu, o que é isso? — Vic apoiou-se no ombro dela.

Felicity estava de boca aberta. Seu amigo estava fazendo poses fisiculturistas, exibindo seus músculos brancos apenas de cueca no meio da escola para todo mundo ver. Era um item da lista dele, pensou. Mas pelo menos isso não foi tão difícil, não para Gabriel.

— O que deu nele? — perguntou Rebeca que estava ao lado. Uma lembrança de quem havia visto mais que aquilo arrancou um leve sorriso dela.

— Vai saber — disse Felicity.

— Nossa, que amigo vocês têm. Rebeca, quero levá-lo pra casa. — Vic estava toda animada, já o tinha visto com poucas roupas antes, na cachoeira, mas o que a encantava naquele momento era o jeito dele, a atitude. Quebrando regras e intenso, era assim que o via naquele instante.

O garoto gostava de se exhibir, de ser visto e de ser cobiçado, mas apesar disso, estava desejando que aquilo terminasse logo.

— Que bagunça é essa? — gritou o professor Daniel, que também era diretor da escola. Seu tamanho avantajado desfez a roda que estava formada. — Gabriel? — O professor prestou atenção em cada detalhe do corpo do garoto. — O que isso... significa? Aqui na escola?

— Gabriel, tira uma foto comigo? — gritou uma garota do primeiro ano.

— Ain, também quero — choramingou outra.

— Chega. Acabou. — Daniel ainda olhava de rabo de olho para o rapaz seminu. — Gabriel vista sua roupa já. E vocês todos voltem para suas salas, agora.

— Professor — disse Gabriel. Ele ficou um pouco sem graça. — Deixe-me explicar. Isso foi só uma brincadeira, uma aposta que eu perdi.

— Aposta, Gabriel? — Daniel olhou para o peitoral do rapaz. — Onde estão suas roupas?

Havia cochichos por todos os lados.

— Estão no banheiro, vou pegá-las.

Alguém jogou as calças junto com a camisa e os sapatos próximo de onde ele estava. O rapaz pegou seus pertences.

— Venha comigo agora — disse Daniel, tentando manter o tom da voz firme.

Gabriel seguiu o professor. Sentiu alguém dar um tapa na sua bunda. Os alunos começaram a se dispersar em grupos pequenos. Felicity viu Amanda saindo da lanchonete e foi ao seu encontro.

— Meninas, nos vemos depois — disse para Vic e Rebeca. — Perdeu.

— O que foi? Que gritaria foi essa? — perguntou Amanda, com cara de quem ainda estava enjoada.

— Gabriel estava desfilando pela escola, quase pelado. Só de cueca.

— Como é?

— Isso mesmo. Bastou pra causar esse alvoroço todo. E aí, melhorou?

— Vomitei um pouco, mas estou melhor.

— Estava na lista dele, tenho certeza.

— Mas o que querem com isso? Por que fazê-lo desfilar pela escola de cueca?

— Eu não sei. Mas notei o professor Daniel olhando pra ele diferente. Quase como se admirasse, não sei. Talvez com desejo.

— E o que você quer dizer com isso? Que o Daniel pode estar por trás? Não acredito nisso.

— Não, claro que não. Só que ele também tem uma quedinha pelo Gabriel.

— Vai haver uma disputa entre a Arabela e o Daniel.

As duas deram risada.

— Acho que está na hora de abrirmos o jogo entre nós três — falou Amanda. — Precisamos revelar nossos segredos para nos ajudarmos.

— Não, acho melhor não.

— Por que? O que fez de tão grave?

— Amanda... é algo que não quero dividir.

— Ah, tudo bem. Acho melhor voltarmos pra aula e continuarmos fingindo que nada está acontecendo.



— Você ficou maluco Gabriel? Onde já se viu fazer isso aqui na escola, na frente de todo mundo? Você não tem vergonha?

Gabriel tinha colocado a segunda perna da calça e subiu sem fechar o zíper.

— Foi só uma brincadeira. Foi uma aposta, tá? Coisa de adolescente. Eu acho que você não devia contar pro meu pai.

Daniel engoliu em seco.

— Feche o zíper rapaz e ponha logo essa camisa.

— Só dessa vez, não chame meu pai. — Gabriel juntou as mãos como se

estivesse rezando. — Podemos resolver isso de outra forma.

E Daniel voltou a engolir em seco.

Arabela abriu a porta da sala da diretoria onde eles estavam. A velha senhora era baixinha, seus cabelos brancos já tomavam quase toda sua cabeça. Ela usava um vestido florido.

Gabriel virou-se para ver quem era, a mulher fechou a porta e entrou na sala.

— Mas o que está acontecendo aqui? — perguntou com os olhos arregalados.

O rapaz esperou que Daniel respondesse.

— Daniel você não está obrigando esse menino a tirar a roupa na sua sala não é mesmo? — Ela perguntou, quase fuzilando-o com o olhar.

— Você ficou louca? — retrucou num berro.

— O que vejo diz que o louco aqui é você. — Ela olhou para Gabriel por cima dos óculos com um olhar mais devorador que o do professor.

Gabriel ficou desconcertado e, finalmente, falou, fechando o zíper da calça.

— Não foi nada disso, Dona Arabela. Perdi uma aposta com um colega e tive que pagar um mico. — Gabriel pegou sua camisa, mas antes que conseguisse vestir, a senhora o agarrou pelo braço.

— Preciso muito da sua ajuda, venha na minha sala. — Ela arrancou a camisa das mãos do garoto e o empurrou porta afora. — Eu já devolvo ele — disse ela para o diretor.

— Gabriel, não pense que isso vai ficar assim.

Arabela caminhou pelo corredor puxando Gabriel pelo braço até chegar à sua sala. Alguns alunos que caminhavam por ali acharam a cena engraçada e soltaram risinhos. Arabela trancou a porta com a chave.

— E agora, vai me violentar? — perguntou Gabriel.

— Claro que não, acha que uma pobre senhora indefesa faria algo contra um rapaz tão bonito e tão forte? — Suas palavras foram como um suspiro. — Só quero que me ajude a pegar a comida dos meus filhotes ali em cima. — Ela apontou para o alto de um armário. — Pedi ao Tadeu para não colocar tão alto, pois não alcanço, mas ele não se importa.

— Ah, tudo bem. Vou tentar pegar. Está aqui em cima? — Gabriel tateou a mão em cima do armário procurando pela comida.

— Sim, acho que sim. Está num potinho. — Arabela olhava para as costas de Gabriel. Ela observava cada músculo se contorcendo. Segurava a camisa do menino entre as mãos encolhidas abaixo do queixo. Seus olhos brilhavam.

— Não tem nada aqui.

— Procure mais, por favor. Mr. Jack e Lady Rose não podem ficar com fome.

— Tem certeza de que está aqui em cima? — Gabriel voltou-se para a senhora, caminhou para bem perto dela. Ele coçou a cabeça.

— Claro. — Arabela olhou para o peito branco de Gabriel. — Posso tocar o seu peito? Só para ter certeza de que não anda tomando anabolizantes.

— Ah, não tomo bomba, a senhora não está vendo? São músculos de verdade. — Gabriel mostrou seu bíceps para Arabela. — Toca aqui, sou tão forte quanto o Thor.

— Nossa, são durinhos.

— Agora que já tirou uma casquinha de mim, posso ir embora?

— Não antes de achar a comida deles. — A senhora arrancou a chave da porta. — Vamos, só mais uma olhadinha.

— Aaai, tá bom, vou olhar de novo. — Gabriel levantou a cabeça e revirou os olhos. — Se eu não achar nada, vou começar a gritar por socorro. — Gabriel arrastou uma cadeira e subiu nela. — A escola inteira vai saber que a bela e recatada Dona Arabela sequestrou um jovem donzelo e abusou de sua virtude. — Enquanto falava, revirava alguns potes, sacos e papeis que estavam em cima do armário.

— Grito antes de você gritar, então vamos ver em quem vão acreditar — respondeu a senhorinha num tom desafiador. — Além do mais, você não é um garoto inocente, já andou com todas suas coleguinhas do colégio.

— Achei. — Gabriel pulou da cadeira. — Deve ser isso aqui. Agora me dê minha camisa. — Ele pegou sua roupa e começou a vestir. — Seu armário precisa de uma arrumação.

— Meus bebês estavam com fome. — Arabela já havia destampado o pote e começou a jogar a comida dos peixinhos no aquário que ficava ao lado de sua mesa. Na sala havia outra mesa do professor Tadeu com quem compartilhava o espaço. — Olha, veja como são lindos comendo. Vem ver, menino.

Gabriel aproximou-se ajeitando a camisa.

— São lindos — disse Gabriel. — A senhora gosta tanto deles assim?

— É claro, os amo muito. — Os olhos de Arabela brilhavam e ela já nem se importava mais em olhar para Gabriel. — São uma excelente companhia.

— Mas peixe não late nem mia, que diferença faz se estão ou não aí?

— Exatamente por isso são uma excelente companhia — disse ela, aborrecida. — Cada ser irradia sua energia de uma forma diferente, não é preciso barulho pra poder sentir. Isso significa amá-los do jeito que são.

O aquário era grande, quase do tamanho de um baú. Havia algas e um pequeno castelo dentro dele.

Mr Jack nadou até o fundo, após comer as migalhas que foram jogadas e Lady Rose continuava comendo.

— Olha, ele adora o castelinho dele — disse Arabela ao ver o peixinho azul se locomover.

— Se a senhora não se importar, preciso ir embora.

— Ah, sim, claro. Tome a chave. — Ela estendeu a mão sem olhar para o rapaz.

Gabriel foi até a porta e abriu. Antes de sair ele viu o peixinho amarelo nadar até onde o azul estava. E pensou que aquela só podia ser Lady Rose.

# CAPÍTULO 17

## UNIVERSO PARALELO

Rebeca estava no quarto de Felicity respondendo uma lista de questões sobre a revolução industrial. Já estavam no final da tarde e estavam sentadas à uma mesinha de estudos, alguns livros abertos sobre a mesa. Rebeca escrevia no caderno enquanto Felicity lia uma passagem do livro de história. Arabela não aceitava lista de questões digitadas no computador, tinha de ser à mão mesmo.

— Preciso de um post it. Você tem? — perguntou Rebeca.

— Acho que tenho naquela gaveta. — Felicity apontou para um gaveteiro que tinha ao lado cama.

Rebeca levantou-se e foi abrir a gaveta.

— E este livro? — Rebeca estava folheando o exemplar de *Peter Pan* que a amiga furtou da biblioteca na noite do incêndio.

— Ah, era da biblioteca da escola. Nem devolvi, já que houve o incêndio vão pensar que ele foi destruído.

— Estranho, eu devolvi esse livro na sexta-feira.

— Eu o peguei no dia do incêndio — disse rápido. — Ele agora é meu tesouro. — Felicity levantou-se e o arrancou das mãos de Rebeca e o guardou na mochila que estava sobre a cama. — Falando nisso, soube alguma coisa do incêndio? Sabe se suspeitam de alguém?

Felicity estava apreensiva, com medo que alguma notícia de última hora revelasse que ela era a incendiária. Apesar de confiar que fizera tudo certo e que Edgar a ajudou, a incerteza insistia em visitá-la.

— Não soube de nenhuma novidade. Mas vi que até passou no programa da Vanessa. Só sabem que foi provocado. A polícia perseguiu um sujeito, mas não conseguiram capturá-lo.

Felicity esboçou um sorriso ao lembrar-se de Edgar, o homem que a salvou. Sentiu-se feliz em imaginar que eles conseguiram escapar. Só ficou preocupada em saber que o caso tinha ido parar naquele programa sensacionalista.

— Tá rindo de quê?

— Nada não. Vamos voltar a responder essas questões.

— Tudo bem — disse Rebeca, ao sentar-se de volta no seu lugar. — Terminei de ler *O Sol é para todos*.

Felicity veio em seguida, sentou-se e voltou a ler sobre a revolução industrial, ignorando o que a amiga falou.

— Às vezes eu queria ser como o Boo Radley — continuou Rebeca.

— Como quem? — perguntou Felicity dando atenção ao que Rebeca falou.

— Boo Radley, o personagem de *O Sol é para todos*. Você não lembra dele?

— Bom, ainda não li o livro, então não tenho como lembrar.

— Como não? Foi você quem me indicou esse livro.

— Eu? Não, Rebeca. Já ouvi falarem muito bem desse livro, mas nunca o li nem

te indiquei.

Existiam algumas imagens no cérebro de Rebeca onde ficam armazenadas as memórias reais em que ela e Felicity estavam em um corredor de prateleiras de uma biblioteca, que acreditava ser da escola, e em algum momento Rebeca falava que estava à procura de um bom livro para ser lido e a indicação de Felicity fora O Sol é para todos, disse ela nessa lembrança que era um livro que fazia bem para a alma.

— Você disse Fê que o mundo precisava de mais pessoas como Atticus Finch.

Felicity fez cara de quem estava ouvido alguém falar em mandarim com ela e disse:

— Eu nunca falei isso, nem sei que personagens são esses, você deve estar confundindo. Deve ter sido outra pessoa que te falou isso.

— Eu não estou louca, Felicity. Tenho essa lembrança — insistiu Rebeca.

— Eu também não sou louca, você que está fazendo confusão. Mas o que tem esse personagem que faz você querer ser como ele?

— Não é nada — disse Rebeca, um pouco desanimada. — É só que ele vive enclausurado dentro de casa, longe das pessoas, longe dos problemas do mundo.

— Ai, mas isso não é vida. E por que ele escolheu viver assim?

— Porque ele quis.

— Por que ele quis?

— Sim, simplesmente porque ele quis. Não suportou o mundo.

— Você não pode querer viver desse jeito. Acho melhor voltarmos a resolver essas questões pra não perdermos tempo.

Felicity voltou a ler sobre a revolução industrial e Rebeca continuou tentando identificar se aquela era uma memória falsa ou se era um sonho. Bem, se fosse alguma dessas alternativas seu cérebro havia armazenado no lugar errado porque ela tinha certeza absoluta de que era verdade.

— Você tem certeza? — perguntou Rebeca após alguns instantes de silêncio.

— Sobre o quê? — Quando Felicity olhou no solhos da amiga entendeu a que se referia a pergunta. — Rebeca, claro que não falei desse livro pra você — disse achando graça na cara de preocupação de Rebeca.

— Mas eu posso jurar. — Rebeca acabou rindo da situação.

— Você está de onda com a minha cara, pode falar.

— Não, será que eu sonhei? Às vezes eu tenho uns sonhos loucos, são tão reais quanto a própria realidade. Por um momento eu sinto que a única realidade que existe é aquela na qual me encontro, mas depois eu percebo que estou sonhando, ainda dentro do sonho aí algo acontece e eu acordo assustada.

— Acho que já tive um sonho assim, mas eu não confundo as coisas. Toda noite eu rezo pra não ter pesadelos, faço longas orações e funciona.

— Eu li na internet que chamam de sonho lúcido quando você tem consciência de que está sonhando. Algumas pessoas disseram que é possível controlá-los e experimentar sensações que não podemos ter na realidade.

— Tipo, viver coisas proibidas?

— Sim, já imaginou experimentar a sensação de beijar um sapo e vê-lo virar príncipe de verdade?

— Não mesmo. Preferiria criar asas e saber como é voar. Eu seria um pássaro se pudesse escolher.

Ao invés de se imaginar voando, Felicity pensou em Edgar, lembrou-se dos lábios dele. Por um instante achou que poderia beijá-lo em sonho. No mesmo instante veio a imagem de Raphael lhe oferecendo um beijo gelado. E como as mocinhas de romances ela se imaginou dividida entre qual deles daria seu primeiro beijo.

— Já sonhei que eu voava e a sensação é de liberdade. Só que não tinha asas. Elas riram alto.

— Eu iria para a Fantástica fábrica de chocolate. Adoraria mergulhar naquele rio de chocolate.

— Iria para Hogwarts, Nárnia, só não iria para os Jogos Vorazes. Elas riram.

— Eu li também que os espíritas dizem que você pode sair do seu corpo e viajar para outras dimensões. E que algumas pessoas conseguem a projeção astral, mas não percebem, quando acordam acham que foi tudo um sonho — disse Rebeca.

— Ah, não sei se acredito nisso.

— Qualquer um pode conseguir se tentar.

— Deus me livre, tenho medo. — Felicity fez o sinal da cruz, mostrando-se um pouco assustada. — Vai que a pessoa não volte mais para o corpo?

— Não seja boba. O corpo astral não se desprende do corpo físico. Há uma espécie de fio que liga os dois. Um fio de prata ou cordão de prata, como chamam.

— Vejo que você está muito informada sobre o assunto. Não vai me dizer que você quer fazer isso?

— Ah Fê, não me olha assim. Vou acabar me sentindo uma louca desvairada. Eu adoraria conhecer outro universo, um mundo paralelo diferente desse, controlado por mim. Sabe que eles dizem que existem criaturas más nesses universos, mas elas não podem nos causar mal porque nós controlamos tudo.

— E você acredita nisso? Se tudo isso é como num sonho, por que temos pesadelos com coisas que nos fazem mal?

— Fê, é diferente de sonho. Além do mais você tem que estar ciente de que aquilo que você está vivendo não é real. Eu já tentei utilizar umas técnicas de concentração. Talvez eu tenha conseguido algumas vezes, mas eu ainda não consigo distinguir um sonho lúcido de uma projeção.

— Já entendi tudo. Você deve ter viajado para um universo paralelo e conhecido outra versão de mim que te indicou o livro, acertei?

— Não tenho como saber. Na minha cabeça foi você quem me indicou.

— Isso é muita loucura pra minha cabecinha, desculpe. Pra mim, essas coisas não passam de sonhos. Melhor continuarmos estudando.

— Medrosa — disse Rebeca, com um sorriso. Ela puxou o livro e começou a procurar as respostas do seu questionário.

# CAPÍTULO 18

## O SEGREDO DE AMANDA

Na tarde daquela segunda-feira, Amanda abriu a porta de sua casa para Dona Tereza, uma senhora magra, que era amiga de sua mãe e fazia análise com Sarah. A casa de Amanda era uma mansão cercada por um muro alto, o porteiro já conhecia a mulher e a deixou entrar. A grama permanecia verde o tempo todo, a piscina era grande, retangular e ficava ao lado da casa.

— Oi Dona Tereza, tudo bem com a senhora? — perguntou Amanda, ao abrir a porta.

— Estou bem, digo quase bem. Eu preciso falar com a Sarah, por favor. — Ela falava apressada, com o olhar perdido. Sua expressão era séria, o rosto magro, com as rugas que os cinquenta anos de vida lhe trouxeram. Alguns poucos fios brancos compunham seus cabelos castanhos que um dia foram tão belos quanto ela própria. A pele ainda conservava o tom marrom, mas não tinha a mesma firmeza de antes.

— Minha mãe não está, entre — disse Amanda

— A luz está ficando fraca. E elas estão voltando — continuou, sem olhar para a garota.

— Quem? — perguntou Amanda, um pouco assustada. Ela notou o olhar perdido de Tereza e concluiu que ela estava prestes a ter uma crise e Amanda não sabia como lidar com essas situações. Apenas Sarah conseguia acalmá-la, a única pessoa que Tereza confiava.

— As lembranças, minha filha. — Tereza segurou nos braços de Amanda e olhou nos olhos da menina. — Elas me atormentam, preciso mandá-las embora. Elas aparecem quando a luz está fraca.

— Dona Tereza, se acalme. — Amanda se desvencilhou das mãos dela com cuidado. — Venha, vou te levar a um lugar que tem muita luz. Vamos, me dê sua bolsa. — A garota jogou a bolsa em cima do sofá e ajudou Tereza a subir as escadas.

As duas chegaram a um corredor largo. Amanda abriu as janelas, afastou as cortinas e a luz do sol invadiu o ambiente. Daquele local era possível vê-lo alto no céu, era como se ele jogasse todo o seu brilho para aquela janela.

— Está vendo? Vê como tem luz lá fora? Se eu fechar as janelas vai ficar escuro. — A garota fechou as janelas e puxou a mulher para dentro de um dos quartos, era o próprio. — A luz só vai embora se você não fizer nada para que ela fique. Entende? Vou acender a lâmpada e vai ver como melhora, veja. — O quarto escuro ganhou vida, Amanda abriu as janelas do local onde dormia. — Quando essas lembranças ruins quiserem te atormentar, você tem que acender a luz.

— Eu tento, mas elas são mais fortes, dominam minha mente e me fazem sofrer, tudo volta como se fosse um filme — falou Tereza, com um olhar vazio.

— Você tem que forçar o pensamento, lembre de algo bom. Tenho certeza de

que aí dentro da sua cabeça tem alguma imagem boa. Se agarre a essa imagem até que as outras te deixem em paz.

— Eu lembro, lembro do Nicholas... mas tudo me leva àquele dia... ele adorava bichos, foi ele quem me pediu pra pegá-lo. — Ela começou a falar mais desesperada, as lágrimas ameaçavam saltar de seus olhos.

— Acalme-se. Eu sei que não foi culpa sua — Amanda estava de joelhos diante da mulher, conhecia sua história e sentia pena, isso a enchia ainda mais de culpa. — Você agora está bem, pense nisso. Você não está mais nas ruas, minha mãe te ajudou e não vai querer decepcioná-la, vai? Vai querer vê-la triste? — A mulher balançou a cabeça em sentido negativo. — Então seja forte. Logo isso vai passar, certo? Há algumas horas você estava bem, não estava?

— Sim — sussurrou.

— Vai voltar a ficar bem, deite-se aqui, venha. — Amanda acomodou a senhora em sua cama. — Vou descer e fazer um chá pra senhora se acalmar.

Tereza ficou encolhida, enquanto a garota foi ao banheiro do quarto e pegou um sabonete branco, desceu as escadas, localizou a bolsa da mulher em cima do sofá onde jogara e encontrou o molho de chaves, eram cinco no total. Amanda marcou uma a uma no sabonete, criando moldes das chaves. Ela ouviu alguém mexer na porta e só deu tempo guardar tudo dentro da bolsa, quando sua mãe entrou em casa.

— Oi filha.

— Mãe. — Amanda deixou o sabonete cair atrás de um travesseiro do sofá.

— O que houve? Parece assustada.

— Estou um pouco. — Ela realmente estava. — A Tereza apareceu aqui, desesperada. Acho que está tendo outra crise e eu não soube o que fazer, então a deixei deitada na minha cama.

— Meu Deus, de novo isso. Eu sabia que ela ia cair de novo, é sempre assim quando o aniversário dele se aproxima. — Sarah já estava subindo as escadas e sumiu do campo de visão da filha.

Amanda pegou as chaves novamente e limpou-as em sua blusa para evitar que ficasse algum resto do sabonete. Subiu as escadas com a bolsa de Tereza e entrou em seu quarto, viu a mãe em pé, olhando para a mulher prostrada na cama que já dormia.

— Mãe, a bolsa dela. Como está?

— Pobre mulher, ela não consegue esquecer o garoto. Faz alguns dias que está confusa, terei de interná-la se continuar assim. Nicholas fará trinta anos semana que vem.

— A senhora acha que ele ainda possa estar vivo?

— Eu prefiro acreditar que sim.

— Bom, vou sair. Marquei de estudar com a Fê. Estou indo de táxi.

Amanda deu um beijo no rosto da mãe, pegou alguns livros que estavam em cima de uma cadeira, sua bolsa e desceu. Estava nervosa e pensando que se Dona Tereza fosse internada seria muito mais fácil executar seu plano. Passou pelo sofá, pegou o sabonete e guardou-o.

A verdade é que Amanda não ia estudar com sua amiga como falou para a mãe.

Pedi ao taxista que a levasse a um chaveiro. Ela deixou o sabonete e pediu que o rapaz fabricasse chaves de acordo com os moldes.



Quando Amanda entrou no flat, o homem já a esperava. Ele a recebeu com um abraço apertado e beijos calorosos. O ambiente era agradável, as janelas estavam abertas e isso deixava mais iluminado.

— Estive com saudade, minha pequena — disse o homem ao soltar os lábios dela. A garota se desvencilhou dos braços dele e sentou-se na cama, com cara de preocupação.

— Estou com problemas... quer dizer, nós estamos com problemas.

— Como assim, o que houve? Você está tomando os comprimidos certinho? — Ele sentou-se ao lado dela e sentiu um frio gelado no peito ao imaginar que Amanda pudesse estar grávida.

— Claro que estou. — Amanda tinha certeza de que estava. Sem contar com um certo dia em que esqueceu, mas fora só um.

— Ah, menos mal. — A expressão de Romeu ficou aliviada. Ele era um homem grisalho, muito atraente. Tinha idade para ser pai da garota. Muitas mulheres suspiravam por ele e dariam tudo para estar no lugar de Amanda, bem, não exatamente na situação em que ela se encontrava. — Então o que há de errado?

— Alguém sabe de nós.

— Como assim alguém sabe de nós? — Romeu voltou a ficar preocupado.

— Eu estou sendo chantageada. Tem um louco ou uma louca que sabe tudo, estão nos vigiando e aposto que aqui tem alguma câmera escondida. — Amanda começou a vasculhar tudo, abriu as gavetas da cômoda, revirou os quadros da parede, checkou os imãs da geladeira; olhou para o teto procurando alguma coisa estranha. — Gravaram a gente transando, aqui.

Romeu viu o desespero estampado na face de Amanda.

— Ah, meu Deus. Você tem certeza disso? — O homem levantou-se e começou a olhar por baixo de alguns quadros que havia ali. Não tinha muito onde procurar, mas ele olhou até embaixo das cadeiras. — Estão te pedindo dinheiro? Eu posso te ajudar com isso.

— Veja com seus próprios olhos. — Amanda entregou o celular com o vídeo já na tela para que ele pudesse ver. Ela recebeu as imagens antes de ir ao jantar, com essa prova não teve como se recusar a ir àquela casa.

— É dinheiro que querem? — voltou a perguntar. Olhava incrédulo para o aparelho.

— Não é dinheiro que querem. — Amanda passou as mãos nos cabelos, segurando a nuca em seguida. — Estão me pedindo pra fazer coisas.

— Oh, Deus. Como pudemos nos descuidar desse jeito. — Romeu estava aflito. Sua vida política e seu casamento estavam com os dias contados, pensou. — Que

coisas? — Ele colocou o telefone em cima da mesa e segurou Amanda pelos braços sacudindo a moça. — Você tem que fazer tudo o que estão te pedindo, não importa o quê, mas faça.

— Me solta, não precisa me machucar. — A garota se desvencilhou do homem.

— Me desculpe. — Ele tentou se acalmar, baixando o tom de voz. — O que querem que você faça?

— Alguns desafios, prefiro que você não saiba, fique fora disso. Só preciso saber se você tem alguém que te odeia.

— Han, alguém? Amanda, eu tenho muita gente que me odeia, é difícil pensar em alguém. Um político nunca sabe quem são seus inimigos. De repente, pode ser alguém que eu nem conheça.

— Mas deve ter alguém específico. Alguma pessoa próxima, alguém do prédio, não sei, sua esposa...

— Ah, não. Minha esposa só está preocupada com a próxima cor do esmalte. Ela não seria tão inteligente pra colocar uma câmera escondida aqui. Além do mais, nós somos muito discretos. Não entendo como podem ter nos descoberto. Deve ser algum namoradinho seu, ciumento, deve ter te seguido. Aquele babaca que vive no seu pé.

— O Murilo? — perguntou Amanda, surpresa. — Ele não é um babaca e não tem coragem de fazer mal a uma formiga, quanto mais a mim.

— O pai do Gabriel. Tivemos uma rixa antes dele se casar com a Elisabeth, um mal entendido, não sei se ele superou aquilo, mas...

— Não, não, não... o pai do Gabriel está fora de questão, não foi ele.

— Como pode ter certeza?

— Ah, eu tenho certeza e ponto. — Amanda pensava que o próprio pai não faria aquilo com o filho. — Já vi que não vai adiantar muita coisa levantar alguns suspeitos. Eu estou tão perturbada com isso tudo. — A garota não aguentou e começou a enxugar as lágrimas com as mãos. — Não sei onde estava com a cabeça quando fui me meter com você.

— Oh, minha pequena, vem cá. — Romeu sentou-se na beirada da cama e a puxou para junto de si, envolvendo-a em seus braços. — Vai ficar tudo bem, prometo. Vamos pedir ajuda à polícia.

— Se você colocar a polícia no meio será pior, sinto que estou sendo vigiada o tempo todo. Estou ficando louca, desconfiando de todo mundo, do taxista, da empregada da minha casa, das pessoas que passam por mim na rua. Até dos gatos estou com medo. Prometa que não vai colocar a polícia nisso. Só há uma maneira de conseguirmos destruir aquele vídeo.

— E qual é?

— Tenho que cumprir uma lista de coisas.

— Mas que coisas são essas?

— Coisas como roubar, matar, extorquir dinheiro, invadir casas, etc, etc.

— Você está brincando? Por que alguém ia querer que você fizesse isso? A troco de quê? — perguntou Romeu, com o cenho franzido.

— Estou exagerando um pouco, mas é bem por aí. E não faço ideia de quem esteja brincando comigo dessa forma. — Lágrimas rolaram pelo rosto.

— Tome cuidado com o que vai fazer. Vem deitar comigo. — Romeu a pegou no colo e colocou-a sobre a cama, deitou-se ao seu lado e ficou abraçado com ela. Continuou falando em seu ouvido. — Não faça nenhuma besteira, podemos rastrear o número que te enviou o vídeo.

— Já disse que não. Chamei você aqui pra terminarmos tudo de uma vez. — As palavras lhe doeram, mas ela sentia que era a melhor coisa a fazer. — Eu te amo muito, mas que futuro terei ao seu lado? Serei sempre a segunda dama? — Ela soou irônica ao pronunciar “segunda dama”. As lágrimas continuaram rolando. — Você tem sua família e não quero ser uma destruidora de lares.

— Ei, ei. Fica calma, dê tempo ao tempo para que as coisas se ajeitem. Estamos nos gostando, nunca pensei que fosse chegar a tanto, mas eu queria que você fosse a primeira. Só que não pode ser assim do dia pra noite. Você é muito nova ainda, nem fez dezessete anos. Eu não posso me envolver num escândalo, destruiria minha carreira e sua vida também. E tem seu pai, ele me mataria. Um escândalo desses jamais o tornaria meu sucessor como prefeito.

Era sempre a política na frente de tudo. Será que ele não pensava nela também? Era só o casamento dele, a carreira dele. E a vida dela, como ficaria?

— Agora estamos ferrados — ela disse, apenas.

— Vou pedir que vasculhem tudo até encontrarem quem colocou uma câmera aqui.

— Não vai adiantar muita coisa. Eu já decidi, quero terminar tudo, mesmo que isso me doa muito. Fique tranquilo porque eu vou fazer de tudo pra esse vídeo não vazar, eu só te peço que não atrapalhe, não coloque a polícia no meio. — A garota se levantou da cama, pegou sua bolsa e os livros e indicou que ia embora.

Romeu levantou-se logo em seguida tentando impedir que ela partisse.

— Vai ser melhor. — Amanda não continha o choro.

— Não me deixe, por favor — disse Romeu, abraçando-a.

— Me desculpe. Por enquanto, não temos mais nada. Talvez nos encontremos ainda. — Ela o beijou apaixonada. — Eu te amo. — Amanda atravessou a porta e sumiu de vista.

Romeu ficou atormentado no quarto, pensando na situação, com pena de sua garota. Ele não a deixaria sozinha, mesmo que ela não quisesse ajuda, ele faria alguma coisa.



# CAPÍTULO 19

## O PASSADO DE TEREZA

Há dois anos, Sarah encontrou Tereza na porta de um restaurante toda suja com as roupas velhas e rasgadas, magra, cabelos duros como se não tivessem chegado perto da água há muito tempo, ela pedia algum alimento ou dinheiro para que pudesse matar a fome. Sarah olhou intrigada para aquela mulher, o rosto parecia familiar. Decidiu convidá-la para almoçar, o garçom tentou impedir a entrada da mendiga, mas Sarah insistiu e levou Tereza ao banheiro para lavar as mãos, o rosto e se livrar um pouco da sujeira para que pudesse comer.

Sentada à mesa, Sarah começou a conversa perguntando o nome da estranha, ao ouvi-lo, confirmou suas suspeitas.

— Sarah? Você é a Sarah? A que cuidou do meu bebê? — Tereza estava com os olhos cheios de lágrimas.

— Sim Tereza, sou eu. — Ela segurava as mãos da mulher. — O que aconteceu com você?

— Ainda procuro pelo Nic, nunca parei, nem um dia sequer. Você está linda, continua uma princesa. — Tereza falava de boca cheia, deixando cair alguns grãos de arroz sobre a mesa.

— Está vivendo nas ruas? Onde esteve durante esse tempo todo?

— Estive andando, procurando, procurando...

Sarah notou que ela não era mais a mesma mulher. Havia algum sinal de loucura no modo como falava e no olhar perdido.

— Tereza, você não pode viver nas ruas. Sua casa está abandonada, volte para lá. Agora eu posso te ajudar, tenho condições. Vou mandar reformá-la e você pode recomeçar a vida. Quero cuidar de você.

— Não sei se consigo entrar lá de novo. — Depois de um breve silêncio, perguntou: — E o César, tem notícias?

— Ninguém mais soube dele, depois que te abandonou.

— Desgraçado. — Seus olhos demonstravam ódio pelo homem que um dia fora seu marido. Ela deu um gole no suco de laranja.

Sarah comeu pouco, estava mais preocupada com a mulher diante de si, não parecia mais com a Tereza cheia de vida que conhecera no passado. Sarah cuidava de Nicholas para que ela pudesse ir trabalhar, o menino era fácil de ser criado, não dava muito trabalho, gostava de ir à escola pela manhã e a tarde Sarah o pegava e ficava com ele até a noite, quando sua mãe o buscava. Na época, Tereza trabalhava em uma loja de roupas, um pouco distante de onde morava.

— Amanda é uma garota linda — disse Sarah para Tereza enquanto dirigia pelas ruas da cidade. — É a mais velha, engravidei enquanto ainda estava na faculdade, mas tive a sorte que ele quis casar comigo. Hoje eu sou psicóloga, tenho meu consultório e meu marido dirige as empresas do pai. Graças a Deus me livre da pobreza, tenho um bom marido, filhos adoráveis que me dão problemas, mas

também se não dessem, não seriam filhos, nem eu saberia o que é ser mãe. — Sarah parou de falar quando notou a expressão triste de Tereza. Ela parou no sinal. — Pra que lado agora?

— Vire à esquerda.

— Eu quero ajeitar um pouco sua vida, me permita Tereza, você me ajudou quando eu precisava.

— Esquerda novamente — respondeu como se não prestasse atenção no que a amiga falava. — Pode seguir, tá vendo aquele prédio ali, é lá que eu vivo.

O local era uma construção inacabada, estava abandonada, na rua tinha muito lixo, poças d'água. Sarah ficou um pouco assustada, pois havia outros mendigos, algumas crianças mal cuidadas. Elas entraram no local onde Tereza vivia, um cômodo escuro, só havia um colchão e alguns papelões. O cheiro horrível da sujeira dos gatos era insuportável. Sarah ficou muito triste quando viu aquilo tudo.

— Quero levá-los comigo — disse Tereza.

— Todos eles? — perguntou Sarah, observando um, dois, três... sete gatos no total.

— Sim, não quero deixá-los aqui. Eles são minha companhia. — Tereza estava de braços cruzados.

— Tudo bem. Mas não vai poder ser agora, você vai ficar comigo até que sua casa seja reformada. Mas eles... não poderão ficar lá em casa, o Arthur não ia aceitá-los. Além do mais...

— Então não saio daqui.

— Tereza, eu prometo que voltaremos para pegá-los.

— Não, Sarah. Quero levá-los, são meus filhos.

— Tudo bem. — Sarah tirou o celular da bolsa e discou um número.

— Pra quem você vai ligar?

— Pedro? Oi aqui é a Sarah. Estou com um probleminha e gostaria que me ajudasse. Tenho seis... não, são sete animais. Alguns estão feridos e magros. Consegue ficar com eles por algum tempo?

Tereza apenas observava, curiosa, a amiga falando ao telefone. Depois que ela terminou quis saber o que ia acontecer com o animais.

— Pra onde vão levá-los?

— A um Pet Shop, o Pedro é meu amigo. Não se preocupe, eles serão tratados, vão cuidar dessas feridas deles, serão alimentados e logo estarão com você na sua casa.

— Por que fazer isso por mim?

— Porque eu sempre gostei de você. Sempre gostei do Nicholas como se fosse meu filho também. E eu sinto a falta dele. Mas já se passaram tantos anos, a polícia nunca conseguiu encontrá-lo e você não pode viver assim, perdida. Tem que seguir em frente, recomeçar a vida. Você pode recomeçar, Tereza.

Sarah e Tereza se abraçaram e se entregaram ao choro. Lágrimas brotaram dos olhos delas. Os gatos apenas as observavam.

— Vai dar certo, tudo vai ficar bem. Confie em mim — disse Sarah, ainda emocionada.

Instantes depois, um furgão branco chegou ao local. Pedro e um ajudante

recolheram os animais e os colocaram em jaulas pequenas para que pudessem ser transportados em segurança. Sarah deixou Tereza em um Spa enquanto foi atrás de roupas para a amiga.

Anoitecera quando Sarah chegou em casa ao lado de Tereza, rejuvenescida uns dez anos. Estava com uma aparência bem melhor, roupas limpas, cabelos cuidados, unhas pintadas. Sarah explicou a situação ao marido que, prontamente, se solidarizou com a situação da pobre senhora, mas avisou que não a queria em casa por muito tempo. Ele lembrava do caso. Falou que seria responsabilidade dela e não hesitou quanto ao que Sarah planejava para Tereza.

Levou quase dois meses para que a casa de Tereza ficasse pronta. Entrar naquele ambiente de novo não a fez bem no início, mas aos poucos algumas lembranças boas do garotinho brincando pela sala, os carrinhos espalhados por todo canto, logo se transformaram em lembranças melhores do que as que tinha quando vagava pelas ruas. A casa era simples, ficava a duas quadras da mansão onde Sarah morava. Uma semana depois, os sete animais chegaram para alegrar um pouco a vida da mulher.

Tereza disse a Sarah que precisava de algum trabalho para se ocupar, então a amiga logo teve a ideia de comprar algumas lavadoras de roupas para que Tereza tivesse uma ocupação. Com a ajuda de Sarah conseguiu alguns clientes. Depois de alguns meses estava conseguindo se manter por conta própria.

Ficou decidido que Tereza faria acompanhamento com Sarah pelo menos duas vezes por mês. Tereza adquiriu bons espaços de tempo sem terapia, mas sempre havia um momento em que a luz estava se apagando, era assim que ela se referia quando estava prestes a ter uma crise depressiva. Na maioria das vezes recorria a Sarah, outras vezes seus bichos conseguiam consolá-la. Assim ia vivendo entre os dias escuros e os dias de luz.



A vida da velha senhora mudou de rumo faz muito tempo, em um dia que tentou passar uma borracha, mas nunca conseguiu apagá-lo de sua memória. Ela ainda era uma mulher feliz, tinha seu marido e um filho pequeno de cinco anos de idade. Estava passeando com o garoto no parque em uma manhã de sábado. A toalha estava forrada na grama e uma cesta de comidas do lado para o piquenique.

Tereza estava sentada na grama, conversando com sua amiga Samantha que também tinha um menino loiro um pouco mais velho que Nicholas. Os dois meninos estavam brincando ali perto delas, chutando uma bola de um para o outro.

— Eu não sei mais o que eu faço — disse Samantha. — Diego não me deixa em paz, ele quer fugir Tereza. — Ela colocou a mecha de cabelo loiro que o vento soprou de volta atrás da orelha.

— Sam, você não pode ir embora assim. Largar seu marido e seu filho? Isso é loucura. Você devia terminar tudo com esse Diego. Salve seu casamento.

— T, não consigo mais viver com o Juliano. Eu amo o Diego, estou certa disso. O único problema é que ele não quer levar o Enzo junto.

— Sam você ficou louca. Teria coragem mesmo de fugir? — Tereza tirou os fios pretos de seu cabelo que entraram em sua boca.

— Estou pensando seriamente nisso. — Samantha olhava para seu filho correndo atrás da bola. — Temos que ficar com quem a gente ama, Tereza.

— Mas com quem nos ama, também, Sam. Se ele te amasse de verdade, te aceitaria com o menino. Então, já começa por aí.

— Cuidaria dele pra mim?

— Que pergunta!

— Prometa, T. Prometa que cuidará dele se eu partir ou se me acontecer alguma coisa.

— Sam... — Tereza não acreditava que aquelas ideias estivessem passando pela cabeça da amiga. — Claro que cuido, prometo. Mas não faça nenhuma loucura.

— Mamãe — o grito de Nicholas cortou a conversa delas. O garoto veio correndo em direção a ela. — Mamãe, temos que salvar o gatinho — disse o menino assim que a alcançou.

— Gatinho, meu bem? — Tereza o achou tão lindo, mas ainda do que de costume, havia momentos como aquele que o amor que tinha pelo filho transbordava sem explicação.

— Sim mamãe, está preso na árvore, vamos.

Enzo chegou em seguida e abraçou sua mãe.

— Já temos que ir meu amor. Está ficando tarde.

— Quero ficar mais — disse Enzo. — Nós vamos salvar o gatinho.

— Vamos, mãe, vamos — insistiu Nicholas.

— T, está na hora de irmos.

— Vamos mãe.

Tereza olhou para o rostinho do menino e sentiu vontade de ajudá-lo.

— Tudo bem, vamos ver se conseguimos tirá-lo de lá. Sam, você recolhe as coisas? Prometo que volto rápido.

— Tudo bem, pode ir, mas por favor, volte logo.

Tereza levantou-se e pediu que o filho mostrasse o caminho. O garoto começou a correr animado.

— Enzo, fica com a mamãe — disse Samantha ao ver o menino ir junto.

— Quero ir.

— Por favor, ajude a mamãe a guardar as coisas, sim?

— Ah, mãe quero ir.

— Enzo. — Samantha falou o nome dele de um jeito que o menino já sabia que não adiantava insistir. Então ele voltou e começou a guardar os restos de comida na cesta.

Nicholas levou sua mãe para dentro da floresta que havia ao redor do parque. Andaram alguns metros e Tereza se sentiu assustada por imaginar que o filho esteve andando por ali com o amiguinho, sozinhos, pisando em galhos e pedras. Ela estava distraída conversando com Samantha e não notou até onde os meninos tinham ido.

— Nicholas, vocês vieram até aqui, sozinhos?

— Sim, mamãe.

— Nunca mais faça isso, vocês podem se perder. Vamos embora. — Tereza agarrou a mão do garoto.

— Não mamãe, temos que tirá-lo.

— Vamos Nicholas, não tem gato nenhum aqui.

Então ela ouviu o miado desesperado do animal.

— Ali. — Nicholas apontou para o alto.

Tereza sentiu pena do bichano no alto de uma árvore, amedrontado sem ninguém que pudesse ajudá-lo.

— Vou tentar tirá-lo, mas já aviso que não vamos levá-lo para casa, já temos gatos demais. E não saia daqui, pelo amor de Deus. Prometa que não vai se mover.

— Prometo.

Ela subiu na árvore com dificuldade, aproximou-se o máximo que pôde do bicho e chamava-o com a mão, na esperança dele criar um pouco de coragem.

— Nic, está aí embaixo? — Ela via o filho entre as folhas da árvore, mas queria certificar-se que ele estava bem.

— Estou — disse o menino.

Tereza conseguiu chegar perto dele, mas o bicho mordeu a mão dela e tentou arranhá-la.

— Calma gatinho. Vou te salvar. — Tereza falava com doçura, ela gostava muito de animais, principalmente dos felinos. Nicholas herdou de sua mãe o amor por eles.

Depois de muita insistência, Tereza desceu com ele nos braços como se fosse um bebê. Ela decidiu que o levaria para casa, pois pelo estado de magreza e alguns ferimentos perto do olho, o gato não teria alguém que se importasse com ele.

Ela chamou pelo menino enquanto descia, empolgada para mostrar o bichano, mas o garoto já não estava no mesmo local.

— Nicholas? — chamou o nome dele assim que desceu da árvore. Olhou para os lados e não viu mais o garotinho. Começou a ficar preocupada.

— Nicholas?

Ela deu alguns passos mais adentro da floresta.

— Nicholas?

Não havia barulho, além do som das árvores e de algumas vozes que conseguia ouvir vindas do parque.

— Nicholas?

Ouviu um barulho estranho como se fosse algum animal correndo entre os galhos. Pensou que poderia ser seu filho ou alguém.

Correu de um lado para outro gritando pelo filho. O menino prometeu que ficaria ali e ele não era de quebrar promessas com sua mãe. Alguma coisa o distraiu, qualquer coisa, um passarinho, uma borboleta, ele era louco por bichos, foi isso que aconteceu, pensou Tereza.

Mas ela não o encontrou ali no meio do mato, então voltou correndo para o parque na esperança de encontrá-lo. Nenhum dos garotos que via era o dela. Ela foi até onde Samantha estava, já com as coisas recolhidas e o filho no colo.

— Sam, cadê o Nicholas? Ele veio aqui?

— Não, ele estava com você — disse.

— Meu Deus, o meu filho... eu perdi meu filho, Sam. — O controle de Tereza havia se dissipado. O pavor e pânico tomaram conta dela e as lágrimas contidas desabaram. — Me ajude a achá-lo.

Tereza ainda estava com o gato nos braços. Ela começou a berrar o nome do filho, correndo desesperada perguntando as pessoas se haviam visto um menino de cinco anos.

Samantha agarrou a mão de Enzo e começou a procurar pelo filho da amiga, pediu informações a todos que encontrou no parque, mas ninguém sabia dizer nada.

Tereza voltou ao mesmo local onde salvou o animal. Seus gritos estavam começando a falhar, tudo o que pronunciava era o nome do filho, isso comoveu várias pessoas que se dispuseram a ajudar, vasculharam todos os cantos possíveis, mas não encontraram o garoto.

Seu marido, César, chegou ao parque duas horas depois quando a mulher perdeu a esperança de encontrar o garoto ali, ele ficou transtornado, gritou com Tereza e acertou a mão pesada na face da mulher, ela foi ao chão aos berros, não pela dor e a queimação no rosto, mas pelo vazio que se instaurou em sua alma.

Samantha ficou assustada com a cena e gritou com César pedindo que ele tivesse um pouco de compaixão. Enzo começou a chorar e a mãe tentava acalmá-lo.

A polícia foi chamada, passaram-se horas.

Passaram-se os dias.

Tereza continuava nas ruas procurando pelo garoto. Sarah, a garota que cuidava de Nicholas ia junto com ela, colando cartazes com a foto dele em postes e muros.

Passaram-se semanas.

E César a abandonou.

Um dia, Sarah chegou cedo em sua casa para continuarem as buscas e não a encontrou.

Tereza havia partido por um caminho sem rumo e nunca mais parou de andar à procura do filho. Ela passou a viver nas ruas, entregue à sorte. As latas de lixo eram sua fonte de sobrevivência, as portas de restaurantes lhe garantiam algumas moedas e às vezes um prato de comida.

A loucura tomou conta dela e não sabia mais onde estava. Ela se perdeu no mundo, pegou várias caronas. Conheceu o mundo das drogas, mas nunca se esqueceu do menino.

Ainda estava viva porque tinha esperança de encontrá-lo.

# CAPÍTULO 20

## BOA NOITE VANESSA

— Chegou a hora mais esperada, meus queridos. Agradeço a paciência de vocês e agora nós vamos ver o vídeo em que o cineasta Ricardo Valente insulta uma garota de “negrinha nojenta”. Isso mesmo que vocês ouviram. Roda o VT produção.

Vanessa Velasques era a apresentadora do *Boa noite Vanessa*, um noticiário sensacionalista que passava no início da noite. A maioria das reportagens era flagras de acidentes e cobertura de crimes que chamavam atenção da população.

As imagens mostraram o momento em que Krystal bateu no carro de Ricardo e a discussão dos dois.

— Agora prestem atenção nos lábios dele. — A imagem voltou a focar a apresentadora. — As imagens não captaram som, mas a cena foi examinada por um especialista em leitura labial que confirmam as duas palavras: “negrinha nojenta”.

A parte em que Ricardo insulta Krystal passou em câmera lenta.

— Viram meus amigos? E ainda tem gente que diz que racismo não existe. Se por acaso, ela fosse branca, será que ele a teria chamado de branquinha nojenta? Certamente, não! Vejam o que saiu da boca de um diretor de cinema, um homem bem instruído, educado, que inclusive já tratou do tema em um filme em que defende a igualdade racial. Pra mim, racismo é um sentimento, é como o ódio, a inveja, algumas pessoas simplesmente cultivam em seus corações. Quero saber a opinião de vocês, mandem Twittes pra gente poder debater.

Vanessa era loira e usava sempre um terninho com um decote que destacava seus seios avantajados. Ela mantinha uma postura séria e um pouco arrogante. Sua voz era irritante. Ela era bonita, e tinha seu charme.

*@gutodez esse cara é um canastrão, os filmes dele são péssimos*

*@movieandmovie deve ter sido um equívoco, o Ricardo jamais falaria uma coisa dessas*

*@mano10 ela bateu no carro dele, será que ninguém viu isso???*

*@nadaeimpossivel nada justifica a atitude dele*

*@mulhermadura então, você quer dizer que somos todos racistas???* Porque todo ser humano sente ódio, inveja e a porra toda. Você é racista Vanessa?

*@pretinha cara, você é uma vaca, para de falar besteira na TV*

*@dadopravc mostra a porra do vídeo todo e para de enrolar*

*@paula ele tem que pedir desculpas em público, isso não pode ficar assim*

*@vitinho10 não assisto mais nada desse cara se ele não pedir desculpas*

— Gente como vocês estão empolgados nas mensagens. — Vanessa estava

sentada à bancada lendo as mensagens em um tablet. — Estão até perguntando se eu sou racista. Meu bem, só cultivo o amor, é tudo o que tenho pra te responder. Olha só, muita gente falando que ele precisa pedir desculpas. Eu apoio a causa, que tal nós subirmos a hashtag #RicardoValentePedeDesculpas ? Está lançada a campanha. E atendendo a pedidos vamos soltar o resto do vídeo, a parte em que ele agride um homem negro que tentou ajudar a garota. Vejam só isso.

— Essa vadia vai acabar com a minha carreira — disse Ricardo no momento em que desligou a televisão. — A imbecil cortou a parte em que ele inicia a briga, não fui eu.

— Calma, pai — disse Gabriel que estava sentado ao lado dele no sofá. — Mas também, tinha que chamá-la daquilo?

— Gabriel, ela bateu no meu carro, você precisava ver como ela foi estúpida. Tive a impressão de que foi de propósito. — Ricardo estava furioso, segurava o controle remoto apontando para o garoto, suas palavras pesavam toneladas nos ouvidos do filho. — Perdi a cabeça na hora, já estava estressado por sua causa.

— Eu não fiz nada. Não tenho culpa de me mandarem um carro por engano.

— Só sei que essa história é muito estranha.

— E aí, voltou lá na concessionária? — perguntou como quem não quer nada, mas quer ouvir tudo. — Se certificou de que tudo não passou de um engano?

— Decidi não perder mais meu tempo com isso. Só queria saber como essa vagabunda conseguiu essas imagens.

— Sei lá, tem câmera por tudo quanto é lado nessa cidade. Vai ver ela tem contato com o pessoal do trânsito ou quem sabe a produção dela tenha colocado câmeras para registrar algum flagra. Ela deu sorte de ter sido você. E a coisa vai ficar séria, você tem que pedir desculpas.

— Engraçadinho. Não vou pedir desculpas.

— A moça pode te processar, vai ser pior. Seu quiser eu posto um frase bem legal por você no Twitter.

— Gabriel, você não vai fazer isso.

Eles ouviram a voz de Elisabeth vinda da sala de jantar chamando-os à mesa.

— Eu vou indo, estou com fome. Você não vem?

— Já chego, preciso tirar a imagem dessa mulher da minha cabeça. Apague a luz, por favor.

Gabriel levantou-se e apagou a luz da sala onde estava deixando o pai sozinho no escuro.

Ricardo respirava fundo, tentando afastar as imagens que viu na TV e procurando um motivo para aquela garota ter cruzado o seu caminho, pior ainda, para aquele cara ter surgido do nada. Foi um dia de má sorte, pensou.

Ainda havia alguns ferimentos em seu rosto, manchas esverdeadas adornavam seu olho esquerdo.

O display do celular acendeu. Ricardo olhou de lado e viu que era uma mensagem de texto que dizia:

*Eu sei no que o seu filho se meteu! Aguarde mais informações.*

Foi como jogar lenha na fogueira. O fogo ardeu dentro dele quando leu aquilo, não sabia se sua raiva era da pessoa que estava mandando aquelas mensagens ou pelo fato de imaginar que Gabriel pudesse estar metido com coisas erradas. Já havia recebido outras anteriormente, uma delas pedia que Ricardo olhasse o Facebook do filho no dia em que ele foi ao rio. Depois recebeu fotos do garoto pelado, pôde perceber que o próprio Gabriel havia feito as fotografias, pois ele segurava o smartphone em frente ao espelho, a mensagem seguida da foto elogiava a beleza física do rapaz. Gabriel mandou as imagens para aquele número, pois era um dos itens de sua lista.

Na noite em que arranjou aquela briga, a mensagem recebida dizia: *Belo presente seu filho recebeu. Sei quem mandou, fique em silêncio caso queira mais informações.*

Ricardo tentou ligar para o número, mas não conseguiu.

Teve vontade de chamá-lo ali, pois aqueles recados já estavam lhe irritando, mas preferiu esperar e tentar descobrir sozinho se seu filho estava metido com algum tipo de prostituição.

## PARTE DOIS: SEGREDOS E MENTIRAS

O Segundo é um tipo mais difícil de segredo: aquele que você esconde de si mesmo. Todos os dias milhares de confissões não são feitas a seus potenciais confessores, e nenhuma das pessoas sabe que todos os seus segredos jamais admitidos se resumem às mesmas palavras: estou com medo.

Maggie Stiefvater, *Ladrões de Sonhos*.

# CAPÍTULO 21

## A ASSASSINA

Tereza passou alguns dias na clínica de reabilitação na qual iniciou seu tratamento com Sarah. Ela mesma quis isolar-se um pouco. Suas lembranças estavam confusas e não estava conseguindo se controlar. Sarah percebeu que a amiga andava alterada e ficou preocupada que Tereza estivesse perdendo o controle de si própria.

Uma semana passou rápido. Na tarde de sexta-feira Amanda saiu de casa com roupa de corrida para dar algumas voltas, pois a ansiedade estava consumindo-a aos poucos. Parece roteiro de cinema, mas a garota passou correndo pela casa de Tereza quando percebeu uma movimentação. O carro da clínica estava estacionado em frente, ela parou e escondeu-se atrás de uma árvore para observar, viu Tereza sair do carro, acompanhada de um rapaz e uma mulher gorda, vestidos de branco.

— Entrem, entrem queridos. Vamos, vou preparar um café pra vocês dois — disse a velha para os enfermeiros. Aparentemente ela estava bem. Amanda não ouviu, pois estava longe, do outro lado da rua, mas continuava a observar.

— Não se preocupe conosco, senhora. Temos outros afazeres e não podemos nos atrasar, você conhece a Sarah — disse a mulher gorda.

— Fique bem Tereza, cuide-se e se precisar de alguma coisa não se acanhe — falou o jovem.

— Agradeço a vocês. Só Deus poderá pagá-los.

Os enfermeiros entraram no carro e foram embora. Amanda encolheu-se atrás do tronco para que não fosse vista. Tereza abriu sua porta, entrou em casa, chamando pelos filhotes.

— Mamãe chegou, queridos. Onde estão? — Quando ela virou-se, viu Bertrand estirado no sofá. — Preguiçoso de mamãe, acorda querido. — Ela falava de modo carinhoso batendo palmas na direção dele. — Acorda Bert, cadê seus irmãos?

Bertrand tinha o pelo marrom, sem marca alguma, apenas uma tonalidade mais forte nas patas e orelhas.

Ela passou a mão no gato e notou algo estranho. Ele não se mexeu e estava duro. Um frio arrepiou os pelos do braço, subindo até a nuca. Ela afastou-se do animal, assustada, tentando afastar aquele pensamento que lhe veio à mente. Era só um pensamento, precisava se concentrar, Bertrand estava bem e não podia deixar que os pensamentos ruins tirassem sua paz.

— Gertrudes, onde você está? — A gata era branquinha e tinha um olho só. — Linda, Bartolomeu...? — A velha estava amedrontada, se sentia em um filme de terror. O silêncio reinava na casa. Ela andou devagar até a cozinha e sentiu o coração gelar ao avistar Leonel, em cima da geladeira, Bartolomeu e Gertrudes estavam em cima da mesa, Linda estava no chão, ao lado do fogão e arquejava, sua patinha ainda tremia. Ela era a mais linda, com seu pelo macio e dourado, sua cauda parecia um espanador.

“Eles só estão dormindo”, pensou. Pôs a mão no coração, puxou a respiração, caminhou calada até seu quarto e não achou mais nenhum. Voltou a andar pela sala, olhou para Bertrand por cima do sofá e balançou a cabeça em sentido negativo. Dirigiu-se ao quarto dos filhotes, como os chamava, era bem organizado especialmente para eles. Havia três camas beliches em miniaturas, feitas sob medida para seus gatos, com colchões e lençóis, uma cama era normal para completar os sete leitos.

Havia almofadas redondas dispostas pelos cantos para que pudessem ter outro local de descanso, algumas bolinhas de linha e outros brinquedos, um prato com ração e um bebedouro para animais ainda com água.

Quando Tereza acendeu a luz, viu Magnólia esparramada na cama de cima de uma das beliches, Serafim estava em uma das almofadas esticado e com os olhos arregalados. A mulher ficou perturbada, mas só pensava que aquilo tudo era alucinação de sua cabeça, afinal passara alguns dias na clínica para evitar uma recaída, talvez ainda estivesse sob o efeito de algum medicamento. Ela apressou-se em ocupar a mente com alguma coisa, ligou a televisão e pôs no último volume, o noticiário falava de algum crime ocorrido na periferia da cidade, então ela passou vários canais até parar em um programa de culinária.

Correu até sua lavanderia que fora improvisada em um antigo quarto amplo, a janela ficava na frente da casa. Ela ligou as máquinas, começou a jogar roupas dentro delas, mas o pensamento continuava em seus filhotes.

*Eles estão dormindo, só estão dormindo.*

— Sim, estão dormindo. São dorminhocos, eles adoram isso, adoram pregar peça na mamãe, eu sei disso. — Não parava de jogar roupas dentro das lavadeiras, eram três e falava sozinha.

Amanda ainda estava lá fora, escondida atrás da árvore esperando um grito de horror, algum desespero, mas nada. Decidiu continuar sua caminhada, mas não passou em frente à casa da velha, deu meia volta e seguiu outro caminho. Seu rabo de cavalo balançava de um lado para o outro conforme suas passadas, quando dobrava uma esquina esbarrou em Gabriel.

— Ah, ah, você quer me matar de susto? — perguntou, aborrecida.

— Calma, não sou nenhum estuprador pra você ter tanto medo. O que está aprontando hein?

— Nada... só me assustei.

— Sei... como anda sua lista? Até agora não soube de nada que tenha feito — perguntou Gabriel, falando baixinho.

— Estou nervosa com isso. Fiz uma coisa que me deixou arrependida, mas...

— Não teve escolha — completou Gabriel. — Tentei pensar em uma forma de descobrir quem está por trás disso, mas é impossível.

— Me pergunto por que estão fazendo a gente cometer essas bizarrices. A troco de quê?

— Não sei. — Gabriel deu de ombros, sentindo-se impotente, sem saída. — Estamos com a faca no nosso pescoço.

— Você não teve vergonha de andar pelado pela escola? — perguntou a garota, sentindo-se curiosa.

Gabriel soltou um riso e falou:

— Um pouco, mas pelo menos as pessoas da escola gostaram de me ver, e corrigindo sua fala, eu não estava pelado.

Um carro passou devagar na rua onde estavam parados na calçada. Amanda olhou de esgueira e viu um homem magro, com metade do rosto manchado de cinza pela sombra da barba feita.

— Vamos embora daqui — disse Amanda. Ela agarrou Gabriel pelo braço e o forçou a caminhar.

— O que foi?

— Aquele carro passou devagar demais, tive a sensação de que ele olhou pra nós.

— Se acalme, você não pode dar tanta bandeira assim.

— Acho que estamos sendo seguidos, vigiados o tempo todo.

— É, pode ser... — disse Gabriel, analisando a possibilidade. — Mas da próxima vez aja com mais naturalidade, observe bem, memorize a placa do carro, o rosto da pessoa.

— Acha que eu consigo parar pra pensar? — falou, irritada. — Não tenho seu sangue frio, como você consegue não ficar preocupado com tudo isso?

— É claro que eu fico preocupado, mas não podemos perder o controle. Vamos seguir a lista, mas temos que ficar atentos a cada detalhe que surgir. Temos que descobrir quem está por trás de tudo, por mais remota que seja a possibilidade.

— Tudo bem, prometo que vou tentar da próxima vez.

— Eu vou continuar minha corrida — disse Gabriel.

Ele seguiu o caminho que Amanda estava trilhando, logo passou pela rua de Dona Tereza, a mulher estava na janela e o viu, gritou seu nome, mas o jovem continuou correndo.

— Gabriel, socorro — gritou a mulher. Isso chamou a atenção do rapaz que parou e ficou olhando, ela sumiu da janela e logo saiu pela porta correndo como pôde, seu corpo esquelético se balançava num vestido florido, seus cabelos estavam, digamos, dominados por um elástico.

Tereza segurou nos ombros dele quando o alcançou.

— Preciso só de uma ajuda rápida, sim garoto?

Gabriel usava uma regata branca.

— Não sei se posso ajudar. Estou com pressa — respondeu, tirando as mãos dela de cima de si.

— Só preciso que me diga que não estou louca novamente, quero que veja alguma coisa e me diga se é o que eu vejo. Por favor, me ajude. — A mulher estava atônita, falava rápido. Gabriel ficou um pouco assustado.

— O que quer que eu faça?

— Apenas que veja se meus gatinhos estão bem e me diga que estão dormindo.

— Ah, seus gatos. E onde eles estão?

— Venha — a mulher arrastou-o pelo braço até a casa. Gabriel entrou e tapou o nariz por conta do forte odor que os animais deixavam no ambiente. Ele olhou em volta, viu o animal no sofá.

— Está duro — disse ao sentir o bichano. — A senhora o matou?

— Não, não o matei — rosnou. — Ele está dormindo. Venha ver os outros. — Tereza levou Gabriel até a cozinha, ele viu os bichos em cima da geladeira e da mesa, notou que estavam no mesmo estado de Bertrand. Ele mexeu em Linda, que estava no chão, com o pé e percebeu que estava durinha como uma pedra, morta como todos os outros.

— Estão mortos Dona Tereza. O que a senhora fez com eles?

— Eu não fiz nada garoto — berrou a mulher na cara do rapaz ao agarrar sua camisa com as duas mãos e trazê-lo para bem perto de si. Gabriel sentiu gotículas de saliva respingar em seu rosto e um hálito quente. — Não os matei, não sou uma assassina.

— Me largue, por favor me largue...

— Não estão mortos, é mentira sua, diga que é mentira. — Tereza sacolejava Gabriel, que conseguiu desvencilhar-se dela e saiu desesperado, correndo pelas ruas e em instantes entendeu tudo.

Sim, Amanda havia feito aquilo. Como? Ele não sabia, tinha alguma ideia, provavelmente algum veneno. Foi esse o desafio da garota, por isso ela estava tão nervosa. Gabriel continuou sua corrida até o parque que não ficava muito longe, dava para encarar a caminhada tranquilamente.

Anoiteceu. Amanda abriu a porta de casa para receber a visita. Era Gabriel. O rapaz estava com as mãos nos bolsos do casaco quando o viu.

— Olá, boa noite.

— Oi, boa noite, entra — disse Amanda, cumprimentando o amigo com um beijo no rosto. — Algum problema?

— É... — Gabriel procurava as palavras certas para não preocupar Amanda. — Eu precisava falar com sua mãe, ela está?

— Ainda não chegou, mas o que você quer falar com ela? — perguntou Amanda, intrigada.

— Aconteceu uma coisa com a Dona Tereza. Mais cedo quando eu te encontrei na rua, algo ruim... — Gabriel observava cada detalhe da expressão da garota e a viu engolir em seco.

— O que foi? — perguntou, sentindo o estômago revirar.

— A Tereza me puxou pra dentro de sua casa pra mostrar os gatinhos dela, mortos. Estavam espalhados pela casa — disse Gabriel, num sussurro com a intenção de causar medo em Amanda. Ele gostava de ver a cara de pavor que ela fazia.

— Deus... — disse Amanda num sussurro, levando a mão à boca. — Você não pode falar isso pra ela. Minha mãe já tem muitos problemas.

— A velha precisa de ajuda, ela não quer acreditar que estão mortos, se alguém não for lá, os bichos vão apodrecer. E ninguém melhor que sua mãe para ajudá-la.

— Deixe de ser hipócrita Gabriel. — Amanda abriu a porta e agarrou no braço do amigo levando-o para fora da casa. — Pelo que percebo, você é muito esperto e já sacou que fui eu quem fez isso e mesmo assim você vem colocar lenha na fogueira. Que amigo é você?

— Ré confessa — ironizou o rapaz. Ele respirou fundo e continuou. — Eu não estou fazendo isso pra te prejudicar. Alguém tem que ajudar aquela mulher, você precisava ver o estado em que ela estava, não acreditou que estivessem mortos. Eu tenho certeza de que ainda estão lá no mesmo canto e vão ficar até que ela se convença.

— Deixe as coisas acontecerem, você não precisa se meter nisso.

Amanda viu o carro da mãe entrar pelo portão, ela parou o carro próximo de onde eles estavam conversando.

— Oi Gabriel. — Sarah o cumprimentou. — Por que estão conversando aqui fora? Está frio, vamos entrar.

— Mamãe — gritou o irmão de Amanda, da varanda, no primeiro andar da casa. E sumiu em seguida.

— Ele já estava indo mãe — disse Amanda, antes que o rapaz falasse.

— Sim, estava indo porque a senhora não estava em casa. Mas já que chegou...

— Hum, queria falar comigo. Algo que eu possa ajudar?

— É sobre a Dona Tereza. — Gabriel explicou tudo o que aconteceu e como imaginava que a pobre senhora estava.

— Meu Deus. Ela tem agido de forma estranha de uns tempos pra cá. Eu não sei mais o que eu faço com a Tereza. Eu vou lá agora, vocês querem vir comigo?

— Ai, eu não vou mãe.

— Eu posso ir com a senhora.

— Mamãe. — O irmão já estava agarrado às pernas da mãe.

— Agora não, filho. Mamãe vai sair e já volta. Fique com sua irmã. Vamos Gabriel.

— Eu vou junto. — O menino não perdeu tempo e entrou no banco da frente. Gabriel entrou no carro e seguiu com Sarah até a casa da Tereza.

Sarah desceu do carro. Gabriel veio logo atrás dela, passaram pela cerca de madeira, pintada de branco, da casa de Tereza. O garoto os acompanhou. A mãe de Amanda abriu a porta com as chaves que tinha.

— Tereza — gritou ao entrar.

— Um deles estava aqui, Sarah, no sofá — disse Gabriel. — Outros estavam lá dentro. — Eles caminharam até a cozinha, a porta que dava para o quintal estava aberta, a luz do lado de fora acesa.

— Tereza — disse Sarah, com a voz mais fraca ao ver a velha de joelhos, fincando uma pá no solo. Estava cavando um buraco. Os cabelos desganhados cobriam todo seu rosto. O local estava escuro, era embaixo de uma árvore, a luz não iluminava muito bem.

Sarah aproximou-se, Gabriel ficava mais distante, estava cauteloso em relação à reação da mulher. Ela parecia com ódio.

— Você tinha razão garoto. Estavam mortos — disse Tereza ao fincar a pá na terra, olhando para o rapaz que estava ao lado da amiga.

— Tereza, o que está fazendo? — perguntou Sarah, com um olhar de pena.

— Apenas preparando o descanso dos meus meninos. É aqui onde eles vão

descansar. Pertinho de mim. — O olhar de Tereza era vazio, como se procurasse algo para admirar, mas não encontrava. Ela voltou a cavar.

— Tereza, o que aconteceu com eles?

— Estavam mortos quando eu cheguei, durinhos. Chegou a hora deles. — Ela não parava de cavar o buraco.

Gabriel notou os sete animais dispostos um ao lado do outro atrás de Tereza, eles estavam em cima de uma toalha branca.

— Acho que já está bom. — A velha levantou-se e caminhou em direção aos bichanos, agachou-se e agarrou nas duas pontas da toalha. — Me ajuda, garoto? — perguntou a Gabriel, indicando que o rapaz segurasse a outra extremidade para que pudessem colocá-los na cova.

— Claro. — O rapaz agachou-se e junto com a velha levantou a toalha com os corpos, dispuseram com cuidado.

— Tereza... — Ocorreu a Sarah a ideia de não enterrar os animais e investigar a morte deles, mas vendo a mulher conformada com a situação, hesitou e não disse mais nada. Tereza a encarou e ela apenas sorriu.

Tereza havia colhido alguns girassóis que existiam na frente de sua casa, estavam ao lado, ela começou a colocar as flores entre os corpos de seus meninos. Sarah aproximou-se, ficou de joelhos e ajudou-a a colocá-las. Por fim, a velha senhora cobriu todos eles com um manto branco.

— Não quero que fiquem sufocados com a terra.

Gabriel pegou a pá e começou a jogar toda a terra de volta ao buraco que não era muito fundo. Tereza permitiu que ele fizesse isso sem dizer alguma palavra. Sarah levantou-se junto com Tereza e apoiou o braço sobre o ombro da amiga.

— Vamos entrar, está frio — disse Sarah. Tereza jogou o último girassol que tinha na mão em cima da cova.

Os três caminharam para dentro da casa. Sarah levou Tereza ao quarto, enquanto Gabriel ficou na sala esperando.

— Ela está no banho — disse Sarah ao voltar, falou baixinho para que a outra não ouvisse. — Quero que recolha tudo que eles possam ter comido. A ração, a água, qualquer biscoito que encontrar. Eles não iam morrer assim do nada.

— A senhora acha que podem ter sido envenenados?

— Acho, não vejo outra explicação. Não quis comentar nada com ela para que não fique perturbada com isso. Mas quero tirar essa dúvida. Pode ter sido algum vizinho, enquanto ela esteve ausente.

— Tudo bem.

Gabriel foi até a cozinha, pegou alguns potes de plástico no armário e colocou a ração que encontrou no chão em uma bandeja, despejou a água do bebedouro em outro recipiente, encontrou alguns biscoitos próprios para animais jogados no chão, examinou cada canto e depois procurou mais na sala, depois no quarto dos gatinhos.

Momentos depois, Sarah conseguiu fazer Tereza dormir com a ajuda de alguns remédios. Ela e Gabriel deixaram a casa.

— Coitada, vive sozinha. Tenho pena dela. Não tem nenhum parente vivo? — perguntou Gabriel, já dentro do carro.

— Localizei uma irmã dela que ainda mora aqui, mas não quis saber. Todos sentem raiva dela por ter perdido o garoto. Era um menino adorável, na época em que ele desapareceu todos a culpavam. Ela comeu o pão que o diabo amassou.

— Felizmente tem você para ajudá-la.

— Sim. Eu adorava o Nicholas, era a babá dele. Foi um tempo difícil, eu era uma menina ainda, passava um sufoco danado sem dinheiro. Minha mãe ficou doente na época e adivinha quem me ajudou?

— Tereza.

— Sim, eu tenho uma dívida pra toda vida com ela, por isso não vou desistir Gabriel, nunca vou abandoná-la. — Sarah não se conteve e permitiu que lágrimas molhassem seu rosto. — Deus colocou ela de volta no meu caminho para que eu pudesse retribuir tudo o que ela fez por mim. Coitada dava um duro danado pra se sustentar e ainda se preocupava comigo.

— Não sei muitos detalhes dessa história, mas e o marido dela? Meu pai disse que ele não era muito bom.

— Não era. Ele foi o primeiro a atirar pedras quando o menino desapareceu, não tiro a razão dele ter sentido raiva, afinal, foi descuido da Tereza, mas ninguém perde um filho porque quer, entende?

Gabriel balançou a cabeça em sentido afirmativo no momento em que Sarah parou o carro diante da casa dele.

— Obrigado por me deixar em casa.

— Eu que agradeço por ter avisado.

— Se cuida.



Sarah chegou em casa com os potes de água e ração que Gabriel recolheu. Amanda descia as escadas no momento em que sua mãe fechara a porta.

— E ela como está?

— Péssima, mas parece que aceitou que eles morreram. Estava fazendo o enterro deles quando chegamos. Só não sei como vai reagir daqui pra frente — disse Sarah.

— O que é isso que você trouxe?

— Restos da comida e água. Tenho certeza de que alguém os envenenou. Não sei se comeram alguma coisa fora de casa ou se foi a própria comida, o que acho bem mais provável, eles não andavam juntos o tempo todo. Algum vizinho deve ter se aborrecido com eles.

— Coitados.

— É muita maldade, eu não entendo quem teria coragem de fazer isso com animais indefesos. — Sarah sumiu de vista nas escadas.

Amandaficou nervosa. Foi até a cozinha, pegou uma faca e sentou-se em uma

das cadeiras da mesa na qual tinha várias laranjas reluzentes. Ela pegou uma e começou a descascá-la em espiral, a cada volta que dava pensava em Romeu, pensava naquela laranja do tal jantar, ainda não experimentara uma parecida; pensava nos gatos; em Gabriel, na sua mãe; na reação de Tereza. Quando percebeu já tinha três laranjas descascadas, partiu uma no meio e abocanhou uma metade. Sentiu como se algo borbulhasse embaixo de sua língua.

Gustavo, seu irmão de onze anos, sentou em uma cadeira de frente para Amanda e ficou observando-a.

— Que cara é essa? — perguntou Amanda.

— Eu vou precisar da sua mesada esse mês.

— É o que? Repete de novo que eu não ouvi bem. — Amanda não esperava por essa. — E quem disse que eu vou te dar minha mesada? Já gastou todo seu dinheiro, garoto? Cai fora, pede mais pro pa... pai... — A garota gaguejou a última palavra e pousou o que ainda restava da laranja que devorava sobre a mesa. Ela ficou pálida ao ver o irmão erguer o molho de chaves. — O que é isso, menino?

— Chaves, não está vendo?

— Eu sei que são chaves, mas por que está me mostrando?

— Você sabe porquê. — O menino abaixou a mão tão rápido que não deu tempo Amanda agarrar as chaves. Ele foi esperto, notou quando a irmã preparou o bote.

— Não sei do que está falando. — Mas Amanda sabia, eram as chaves da casa de Tereza, as mesmas que sumiram do seu quarto.

— Então por que tentou pegá-las? Foi você não foi? — O garoto ficou de pé.

— Eu o quê? — Amanda tentou desconversar.

— Você os matou. Você é uma assassina de animais. Eu vi quando você marcou as chaves da Dona Tereza naquele sabonete. Você fez cópias, a mamãe tem umas iguaizinhas e não estão faltando. Só pode ter sido você.

— Não sou uma assassina. — Amanda estava completamente arrependida de ter tentado tomar as chaves do irmão, praticamente confessara o crime com a atitude. Estava tentando manter a calma para não se entregar mais.

— Então por que encontrei essas chaves no seu quarto?

Amanda trincou os dentes, sentindo raiva daquele moleque lhe dando lição de moral. Já não bastava ela estar se sentindo mal pelo que fez, ainda tinha que ser chantageada pelo próprio irmão?

— Gus...

— Ou você me dá toda sua mesada ou eu conto pra mamãe. Você precisa pagar pelo que fez.

— Eu não fiz nada menino. Não sei que chaves são essas, não sei onde conseguiu isso.

— Se mentir, vai ser pior. Vou te dar um tempo pra pensar, tem até a meia noite pra me dar uma resposta.

Ele a deixou sozinha.

# CAPÍTULO 22

## O SUMIÇO

A biblioteca estava novinha em folha. A reforma durou alguns dias e já funcionava como antes, como se nunca tivesse sofrido um ataque criminoso. O acervo de livros perdidos foi resposto, as prateleiras substituídas. Havia vida de novo ali.

Era a primeira vez após o incêndio que Rebeca estava circulando pelos corredores. Estava procurando um livro para o trabalho de literatura. Ela caminhava perdida entre as prateleiras, tentando ler o título de todos eles. Finalmente, encontrou o que procurava: Senhora, de José de Alencar.

Ela encontrou com Vic pelo corredor e as duas caminharam juntas para o guichê.

— Já escolheu seu livro pra fazer o trabalho? — perguntou Rebeca.

— Acho que vou fazer do Dom Casmurro, já o li uma vez, então vai ser mais fácil. Também quero ter certeza de que a Capitu traiu o Bentinho.

— Eu já não acho que ela o tenha traído. Pra mim, foi tudo loucura da cabeça dele. Toda a história é narrada pelo ponto de vista do Bentinho, não dá pra confiar num homem tomado pelo ciúme.

— Eu tenho minhas dúvidas.

— Próximo — gritou a atendente do guichê.

Rebeca seguiu e entregou o livro pelo espaço na parte inferior da janela de vidro.

— Oi meu bem, como vai?

— Vou bem e a senhora? — falou Rebeca, sorridente.

— Estou indo. Este é meu romance preferido, acho que você vai gostar dele. Me embriago nas metáforas do Alencar.

— Ah, que bom. É pra um trabalho de literatura.

A mulher estava digitando no teclado à procura do cadastro da Rebeca.

— Próximo — outro atendente gritou e Vic se dirigiu a ele.

— Soube alguma novidade do incêndio? — perguntou a senhora que atendia Rebeca.

— Nadinha — disse a garota. — Não pegaram ninguém até agora, né?

— Não, mas estão suspeitando que tenha sido alguém da escola. Afinal, quem faria uma coisas dessas?

— Verdade.

— Tome. — A mulher entregou o livro a Rebeca.

— Sônia, você pode verificar qual foi o último livro que eu devolvi?

— Claro, meu amor. Só um minutinho. O Peter Pan foi sua última atualização, devolvido dia quinze de Abril. Deve ter virado cinzas.

— Consegue saber se alguém o pegou depois que eu devolvi?

— Sim, querida. Deixe-me ver. — A mulher olhava atenta para a tela do

computador. Abriu o cadastro do livro e viu que a última atualização fora a devolução de Rebeca. — É, ninguém o pegou depois que você devolveu. Chance zero dele ter sobrevivido, todos os livros voltam para as prateleiras no mesmo dia que são entregues.

— Rebeca, já terminei. Vamos logo — disse Vic.

— Tenho que ir, Sônia. Muito obrigada.

— Por nada meu bem, volte sempre.

Rebeca retribuiu o sorriso da mulher e seguiu com Vic. Ela ficou imaginando como Felicity conseguiu pegar aquele livro. Pensou que ela poderia ter levado sem passar pelo registro, mas não conseguiria sair do prédio quando passasse pelo detector de objetos, todos os livros eram cadastrados.

Talvez ela tivesse jogado pela janela e corrido para pegá-lo lá embaixo, mas alguém poderia ter visto.

Talvez Felicity soubesse quem era o incendiário.

Talvez o incendiário fosse alguém do colégio e deu aquele livro de presente para ela.

Talvez Felicity fosse a incendiária.

O último pensamento levantou os pelos do corpo de Rebeca. Felicity jamais faria uma coisa dessas, sua amiga era muito estudiosa, amava os livros e não era uma garota revoltada, ela gostava de estudar. Se realmente foi alguém do colégio tinha que ser um desocupado com algum problema mental, só pode. Que motivo alguém teria para queimar livros?

Rebeca viu no noticiário que a polícia havia perseguido um sujeito durante a noite do incêndio, um vulto, mas que parecia ser um homem. Eles não deram certeza. E imaginar que sua amiga tenha colocado fogo na escola e ainda fugido da polícia na noite fria pela floresta não fazia sentido algum. Ela era só uma menina, incapaz de cometer um crime desses.

— Alooo — disse Vic, enquanto caminhavam já fora do prédio da biblioteca. — Terra chamando. No que você está pensando?

— Não é nada.

— *Atenção, todos os alunos dirijam-se ao pátio do bloco A.* — Uma voz soou no alto falante do colégio e ficou sendo repetida como um disco arranhado.

— E agora, o que será hein? — perguntou Vic.

— Sei lá, vamos logo antes que os inspetores passem por aqui e nos obriguem a ir.

Elas correram apressadas seguindo outros alunos que caminhavam por perto.



— Estou me sentindo péssima — disse Amanda enquanto caminhava pela lateral do campo de futebol. Alguns alunos praticavam treino com a bola.

Felicity estava ao lado da amiga, andando a passos de tartaruga.

— Eu queria gritar com você, dizer que você foi louca, que foi crueldade o que você fez, mas eu consigo me colocar no seu lugar. Teria feito a mesma coisa.

— Não tive coragem de olhar pra Tereza. Coitada dela. Eles eram uma companhia. Minha mãe está revoltada, disse que vai prestar queixa. Ela mal sabe que fui eu quem matou aqueles gatos.

— Você tomou cuidado quando foi lá? Alguém pode ter visto você.

— Ninguém me viu, entrei de manhã quando todo mundo saiu pro trabalho. A rua dela é muito tranquila, quase impossível de achar alguém caminhando. Mas meu irmão descobriu tudo.

— Como ele soube?

— O pirralho viu quando peguei as chaves na bolsa da Tereza, devia estar escondido. Vive falando que vai ser detetive quando crescer. Ele soube que os gatos foram envenenados e veio me ameaçar.

Felicity colocou a mão na boca demonstrando surpresa.

— Me tirou toda a mesada. Estou dura, sem um centavo — concluiu Amanda.

— Ele vai continuar te pedindo mais, chantagem é sempre assim, nunca acaba.

— Nossa, obrigada pelo apoio.

— Desculpe.

Elas deram mais alguns passos em silêncio.

— Estamos cometendo crimes, Fê, podemos ser presas e mandadas para um reformatório. Só a virgem pra nos proteger. — Amanda alisava seu pingente com a imagem da santa, ganhara do avô mexicano quando pequena e aprendera com ele a acreditar nela.

A temperatura da manhã estava agradável, mas a ideia de imaginar-se num reformatório resfriou o vento quente que soprava os cabelos de Felicity.

— Temos que ficar soltas pelo menos até o final da lista, eu suponho — disse Felicity, esperando dar um pouco mais de esperança a Amanda. — Tem o Edgar na história. Ele garantiu que eu conseguisse escapar na noite do incêndio, pode nos ajudar mais. E tem a sua virgem, reze muito, iremos precisar dela.

— Não confio muito nesse Edgar. Agora você vê estrelas quando fala nele.

Felicity corou.

— O que você quer dizer com isso?

— Que finalmente você está se interessando em um homem.

— Claro que não. Apenas fiquei surpreendida por ele ter aparecido. Faz parte da lista dele. Me pergunto o que será que ele tanto quer, porque pelo que falou não tem nada a esconder, mas o tal anfitrião tem uma coisa que o Edgar quer muito, por isso está metido nesse rolo.

— Deve estar fazendo tudo isso por dinheiro.

— Não creio que seja.

Elas viram Roger e mais dois garotos se aproximando. O rapaz veio na direção delas, caminhando com a postura de um galo. Ele carregava uma mochila nas costas e usava a camisa do colégio, uma polo branca na frente e vermelha nas costas. O símbolo do CLAN ficava no lado esquerdo do peito, eram as letras desenhadas em um círculo sobrepostas uma sobre a outra. Ele era alto, tinha o corpo atlético e seus amigos eram menores.

— Vamos desviar o caminho — disse Felicity.

— Por que?

— Não quero cruzar com o babaca do Roger. Ele vive me enchendo o saco.

— O que fazem as donzelas perdidas? — perguntou o garoto. Ele mascava um chiclete e olhava para as meninas como se estivesse tirando a roupa delas com os olhos.

— Estamos voltando pra sala — disse Amanda. — Deixe-nos passar.

Ele e os amigos que mais pareciam dois cães de guarda bloquearam a passagem delas.

— Até deixo, se ganhar um beijo. — Ele sorriu mostrando seus dentes enormes, os músculos do seu rosto se esticaram como se fossem de borracha. Roger era atrevido, sem freios, falava o que dava vontade. — E aí rapazes, querem um beijo também?

— Eu quero a boca virgem — disse um deles.

— Ah, não. A donzela já tem dono. Vocês dois ficam com a Amanda.

Amanda cruzou os braços e o encarou com impaciência se perguntando como alguém conseguia ser tão estúpido quanto aquele garoto.

— E você vai nos agarrar aqui, à força? Quer mesmo que eu comece a gritar?

— Você não vai gritar porque eu sei que não está resistindo ao meu charme.

Amanda soltou uma risada de deboche.

Felicity estava quieta, evitando que ele voltasse a atenção para si. Com certeza iria lhe encher o saco falando em beijo na boca. Havia dias em que ele se oferecia descaradamente para ser o primeiro a dar um beijo nela e aquilo já estava virando uma insistência em ser babaca.

Amanda o empurrou, tentando passar por ele, mas sentiu uma dor no braço quando Roger o segurou.

— Ai, seu idiota. Larga meu braço.

— Ninguém me ignora assim — ele disse ao puxar Amanda para junto de si.

Imediatamente, Felicity fez o que mais sabia fazer.

— Imbecil — gritou ao acertar um chute na canela dele.

Roger soltou um grito de dor, soltando Amanda.

— Sua boca virgem dos infernos — ele gritou quando as duas já estavam longe deles. Seus cães de guarda permaneciam ao seu redor, sem saber muito que fazer.

— Não entendo essa pressão toda em cima de mim para que eu beije. Não sei como uma escola inteira consegue ser tão babaca — disse Felicity.

— Você podia beijar logo pra acabar com isso.

A escola ficou sabendo quando ela confessou para suas amigas que nunca havia beijado, confiou nelas, mas a fofoca se espalhou e logo começaram a surgir as piadas baratas.

— Não vou ceder a essas piadinhas sem graça.

— Só falta você dizer que sonha encontrar o cara certo pra isso, né? Que está esperando seu príncipe encantado.

Felicity queria dizer que era verdade, que ela queria mesmo seu príncipe encantado ou que no mínimo fosse com um garoto que realmente estivesse interessado nela e, principalmente, que ela sentisse vontade, mas não respondeu

nada.

Elas caminhavam pela pracinha quando ouviram o anúncio no alto falante para que os alunos se dirigissem ao pátio do bloco A.

— Vamos lá ver o que querem dessa vez — disse Felicity.



Gabriel e Raphael estavam de pé junto à multidão de alunos que aguardavam no pátio. As conversas se misturavam. Cada vez mais, os alunos iam chegando em grupos.

O diretor Daniel surgiu ao lado da professora Arabela. Ela estava visivelmente abalada, havia chorado. Gabriel percebeu.

— Caros alunos, professores e funcionários. Desculpem-nos a paralisação, mas temos um aviso importante — Daniel começou a falar no microfone.

A maioria dos alunos se aproximou para ouvir melhor. Rebeca e Vic chegaram junto de onde Gabriel estava.

— Já disseram o que era? — perguntou Rebeca.

Vic sentiu as pernas tremerem ao ver o rapaz que ela tanto desejava. Ela segurou o braço de Rebeca para conter o nervosismo.

— Não, o Daniel começou a falar agora — disse Gabriel. — Vamos ouvir.

Amanda e Felicity se juntaram aos amigos.

— E aí, já sabem o que houve aqui? — perguntou Amanda.

— Saberemos agora — falou Vic.

Felicity se sentiu incomodada com o jeito que Raphael olhava para ela, com aquele olhar faminto.

— Acontece, meus amigos — o professor continuou. — Que houve um furto na nossa escola.

Arabela arrancou o microfone das mãos de Daniel de forma brusca. Ela encarou os rostos que a observavam e falou:

— Não foi um furto. — Sua voz saiu seca e quente, ela falou como se fosse um dragão cuspidando fogo em todos ao redor. — Foi um sequestro. Alguém sequestrou Mr. Jack e Lady Rose. Eu exijo saber quem foi o ser monstruoso que teve a coragem de roubá-los de mim. Quem? — ela berrou a última palavra, deixando todo mundo em silêncio por um instante.

Gabriel coçou a nuca e encarou Amanda, que prendeu a respiração e olhou para Felicity, que abriu a boca levemente demonstrando surpresa e encarou o olhar de Gabriel, que encontrou o seu.

— Quem roubou os meus peixinhos? Quero eles de volta. Eu pago o resgate, mas, por favor, devolvam eles com vida.

Arabela estava chorando. Alguns alunos começaram a reclamar que haviam parado para ouvir aquilo.

— Nossa, toda essa confusão por conta de peixes? — gritou uma menina.

— Isso é maldade, roubar os peixinhos da Arabela? — disse outra.

— Ai gente, ela está chorando — falou Rebeca.

— Pedimos que quem tenha feito isso. — Daniel tomou o microfone de volta. —

Devolva os peixinhos e não sofrerá nenhuma punição, mas se descobirmos o responsável, este será expulso. O recado está dado.

Ele retirou-se junto com Arabela que estava inconsolável.

O zum zum tomou conta, as conversas se misturaram.

— Podíamos tentar descobrir quem fez isso — falou Rebeca.

— Acho boa ideia — disse Vic.

— Pode ser — concordou Raphael.

— Eu não acho isso uma boa ideia — retrucou Gabriel.

Vic desanimou ao ouvir o que ele disse.

— Nem eu — concordou Amanda.

— Eu também não — disse Felicity.

# CAPÍTULO 23

## NOVE E MEIA

Amanda estava em um restaurante. Uma cantora fazia voz e violão. Ela chegou por volta das oito da noite, dissera à sua mãe que ia sair com Felicity e Gabriel.

Tudo que Amanda tinha de fazer era ficar sentada à mesa, comer o que quisesse e esperar até o relógio marcar nove e meia em ponto. Caso não aparecesse ninguém ela poderia levantar-se e ir embora dali. Esse era o quarto item de sua lista.

— A senhorita já decidiu o que vai querer? — perguntou o garçom, vinte minutos depois de ter feito a mesma pergunta e ter ouvido da garota que só iria pedir quando sua companhia chegasse. Mas como já havia se passado quarenta minutos e ele notou que Amanda estava ansiosa, mexendo no smartphone o tempo todo, quis tentar ajudar.

— Eu vou pedir um suco de laranja, pode ser? Meus amigos atrasaram, ainda bem que não estou com tanta fome. — Ela forçou um sorriso. Tudo o que ela queria mesmo era estar deitada em sua cama embaixo de seu cobertor, ali estava frio. Pior de tudo, ela estava com medo. Medo de que aparecesse alguém. E se aparecesse o que fariam com ela?

Tudo no que conseguiu pensar foi no suco de laranja, fazia dias que estava sedenta por essa fruta, não podia ver uma na sua frente que dava água na boca. Com o nervosismo não sentia vontade de comer nada, nada. Mas um suco de laranja achou que não faria mal.

— Claro, senhorita. Como quer o seu suco? Gelo e açúcar? — O garçom segurava o bloquinho com a mão esquerda e a caneta na outra mão já estava posicionada.

— Com gelo e sem açúcar, por favor. — Amanda observou os olhos do rapaz por um instante, pareciam jabuticabas brilhantes. Ele era feliz, pensou. Não porque ele sorria, mas pelo olhar limpo que ele tinha. Ela examinou a mandíbula dele se contorcer, os detalhes da sobrancelha um pouco rude, ela gostava disso, das coisas naturais nos homens. Nada de metrosssexuais. E por um segundo, mas apenas um segundo ela achou que poderia flertar com ele, mas uma luzinha se acendeu na escuridão quando viu na mão que segurava o bloco uma aliança presa no dedo do rapaz, reluzindo como ouro.

*Casado, meu Deus do céu Amanda. Você está nessa enrascada por conta de um homem casado. Trate de imaginar esse homem com peitos grandes e uma bunda enorme, além do mais as sobrancelhas dele estão finíssimas, você não está vendo? Os pelos foram arrancados um a um.*

— Volto num instante — disse o garçom após anotar o pedido. Ele se retirou e Amanda o observou ir embora até perdê-lo de vista.

Estava cansada de mexer em seu smartphone, atraiu todos os pensamentos

possíveis para se distrair ou ao menos aliviar um pouco a ansiedade que corroía suas entranhas. Ela estava vendo um casal, o homem era mais velho que a mulher, eles riam enquanto conversavam em uma mesa próxima. Nossa, não podia ser ela e Romeu? Não podiam estar felizes os dois? Aquele casamento era apenas uma fachada, a mulher pouco se importava por onde ele andava, não estava nem aí se estava sendo traída, então ela bem que podia deixá-lo livre. Romeu merecia ter uma dama que o amasse e não uma dondoca que apenas aparece nos eventos e posa para fotos.

Mas talvez fosse disso que ele precisasse. De um retrato da família perfeita para mostrar aos seus eleitores que era um exemplo a ser seguido, um homem íntegro e amado pela esposa que tinha lhe dado duas filhas.

*Não seja boba Amanda, você era apenas a amante e podia ter continuado sendo, mas foi você quem desistiu dele.*

Ela desviou o olhar para outra mesa e viu um homem magro, de cabelos curtos e pretos, a região do rosto abaixo do nariz era cinza-azulado. Os pelos de sua barba eram muito grossos, por sinal, marcava seu rosto branco mesmo quando feita. Assim que percebeu que Amanda o tinha visto, ele levantou o cardápio e escondeu-se atrás dele.

Já o tinha visto antes, mas onde? Ela puxou a imagem dele em seu arquivo mental, aquele rosto cinzento era familiar.

Alguns dias atrás! Ela lembrou-se, tinha quase certeza de que era o mesmo homem naquele carro quando ela estava conversando com Gabriel na rua.

— Prontinho. — A voz do garçom cortou os pensamentos de Amanda como uma navalha. — Desculpe se assustei — disse ao pousar o copo sobre a mesa.

— Não assustou. Obrigada.

Ele se retirou. E quando ela voltou a olhar para o sujeito estranho já não o encontrou à mesa.

Amanda rasgou o plástico que protegia o canudinho e o mergulhou no copo abocanhando a outra ponta. O líquido gelado molhou sua língua e escorreu pela garganta. Que sensação maravilhosa. Não havia nada melhor do que matar a vontade de beber alguma coisa. Estava tão doce, imaginou que aquela laranja devia ter uma casca reluzente e fina, eram as melhores.

Amanda engasgou-se. Tossiu. Pegou o guardanapo para secar os lábios. Tinha um homem caminhando em sua direção. Era ele. Provavelmente sua companhia estava chegando, já passava das nove. Ele estava sério, caminhando entre as mesas, mas seu olhar estava em Amanda.

— Moça — disse o homem.

As mãos dela estavam imóveis sobre a mesa, como se estivessem coladas, seus olhos arregalados e a garganta começou a coçar. Ela queria tossir, mas não podia.

— Desculpe incomodá-la — continuou o sujeito. Ele era careca, um pouco forte. Estava sendo educado, mas tinha cara de vilão. — É que tem um Honda Civic impedindo que eu tire meu carro, preciso ir embora. Já perguntei a várias pessoas e não achei o dono.

Pronto, agora ele não tinha mais cara de vilão. Era um sujeito comum, pensou Amanda. Ela estava vendo coisas.

— Não senhor, não é meu — disse Amanda, bastante aliviada.

— Tudo bem, desculpe incomodá-la. — Ele dirigiu-se a outra mesa, depois Amanda notou que finalmente ele encontrou a dona do Civic, era uma mulher que aparentava ter mais de quarenta anos. Os dois saíram para resolver o problema.

Amanda continuou tossindo baixinho para aliviar a coceira.

Passaram mais alguns minutos. O garçom também espiava de vez em quando para saber se ela ainda estava ali.

Droga! Ela pensou, agora todo mundo resolveu espionar.

Parecia que ele estava preocupado ou com pena dela. Ela o chamou em determinado momento, pediu a conta e aguardou os minutos finais.

Nove e meia em ponto Amanda estava de pé empurrando a cadeira para debaixo da mesa. Ela deu alguns passos e deu de cara com um homem que parecia conhecido. Mais um que achava ter visto antes, mas esse ela não conseguia lembrar onde o vira.

Ele agarrou-a pelo braço.

— Querida, me desculpe o atraso. Juro que tentei te avisar. Esperou muito?

Amanda estava de boca aberta, encarando-o. Não soube o que dizer. Então ele a abraçou e a fez andar. Saíram abraçados pela rua.

— Não se preocupe, não vou te machucar. — Ele sussurrou.

O coração de Amanda disparou.

— O que você quer comigo?

— Já disse que não se preocupe. — Ele abriu a porta do carro, sorrindo. — Finja que está feliz, as pessoas podem desconfiar e entre logo nesse carro. — Sua voz ficou mais grave e incisiva. Ele bateu a porta assim que Amanda sentou no banco.



— Alguém me ajude, por favor — gritou o homem que estava com Amanda nos braços. Ele entrou apressado no hospital, estava falando com a recepcionista e muitos dos pacientes que aguardavam atendimento se levantaram assustados. — A vi caída na rua, preciso de um médico.

— Se acalme meu filho — disse a senhora que ficava na recepção. — João, traz uma maca rápido, a moça precisa de atendimento.

O enfermeiro surgiu com uma maca onde Amanda foi colocada. Alguns curiosos estavam perto demais tentando saber quem era e o que havia acontecido.

— O que ela tem? — perguntou o enfermeiro já no corredor.

— Não sei. A vi vomitando na rua, então parei para perguntar se ela estava bem. Antes de responder ela caiu mole no chão.

— Não se preocupe. A examinaremos e tentaremos reanimá-la. — O rapaz estava na porta da enfermaria, a maca com Amanda havia seguido pelas mãos de uma enfermeira. — Você terá de preencher a ficha dela, pode me acompanhar?

— Olha, estou com os documentos dela no meu carro... na bolsa dela. Posso pegá-los, vou tentar avisar a família, mas não vou me responsabilizar. Eu só quis ajudar.

— Tudo bem, não se preocupe. — O enfermeiro deu um tapinha no ombro do sujeito e o induziu a voltar pelo corredor.

Quando ele passou pela recepção notou que havia uma garota e um rapaz conversando com a senhora da recepção, havia uma mulher e um homem disputando a atenção dela. A garota era magra, tinha os cabelos vermelhos e a pele branca. O rapaz estava com uma camisa branca e usava um boné, ele tinha os braços musculosos. Eram Felicity e Gabriel.

Eles estavam vigiando Amanda do lado de fora do restaurante como combinaram com ela.

— Senhora, nossa amiga foi trazida pra cá. O nome dela é Amanda, é mais ou menos da minha altura, tem os cabelos castanhos muito brilhosos — dizia Felicity.

— Nós vimos um sujeito carregando ela — falou Gabriel ao mesmo tempo da amiga.

— Oh, minha senhora, ninguém sabe dar informação aqui? Estou tentando saber do meu filho que deu entrada hoje, ninguém me fala nada. — O homem que falava estava impaciente.

— Escuta aqui, só quero saber o horário de visita tá? Não tem ninguém que possa me informar?

— É uma pouca vergonha mesmo — disse o homem.

— Não tem nenhuma Amanda aqui — disse a recepcionista para Felicity.

— Não é possível. Nós vimos um sujeito carregando ela pra cá — disse Gabriel.

— Se o viram como o perderam de vista? Olha, aquele moço ali trouxe uma garota a pouco, não sei se é a mesma. Tente ver com ele.

Gabriel olhou para trás e o viu.

Era o mesmo homem que levou Amanda naquele carro. Alto, pele bronzeada e os mesmos lábios finos que Felicity conhecia.

— É ele — disse Felicity. — Vamos atrás dele agora.

Quando notou que foi visto, o sujeito apressou o passo, mas Gabriel e Felicity praticamente correram para alcançá-lo. Desceram os degraus rapidamente.

— Espere. — Gabriel agarrou no braço dele, já na rua. — O que você fez com ela? Precisa nos dizer.

— Me largue — disse Edgar, irritado e puxou o braço. — Eles estão bem. Não fiz nada.

Gabriel percebeu que reconhecia aquele homem, mas não lembrava de onde.

— Eles? — perguntou Felicity, sem entender. Agora teve certeza se tratar de Edgar e sentiu uma ponta de alívio porque, certamente, estaria ajudando Amanda, assim como fez com ela.

O homem andou até o carro que estava próximo, tirou a bolsa de Amanda do banco e jogou para Gabriel que pegou no ar.

— Só fiz o que me pediram. Até a próxima, cabelo de fogo. — Ele entrou no carro e arrancou.

Da primeira vez que Edgar chamou Felicity de cabelo de fogo naquele programa de TV improvisado ela não gostou muito, achou atrevimento da parte dele tratá-la com certa intimidade. Mas depois que ele a ajudou no incêndio, criou uma afeição por ele. E dessa vez aceitou ser chamada de cabelo de fogo.

— Esse cara é o mesmo daquele jantar — disse Gabriel. — Te chamou de cabelo de fogo.

— Sim, é ele.

— Mas nem eu que sou seu amigo te chamo de cabelo de fogo. Vou quebrar a cara dele quando tiver oportunidade — disse, irritado.

— Ah, não faça isso. Ele me ajudou no incêndio. Provavelmente deve estar ajudando Amanda também.

— Foi ele quem a pegou no restaurante, como pode estar ajudando?

Gabriel e Felicity correram de volta para o hospital. Quando alcançaram os três degraus ouviram uma voz de homem.

— Gabriel!

— Ai, merda — suspirou Felicity ao vê-lo.

— Desculpe meu jovem — disse uma senhora ao bater seu ombro no de Gabriel. Ele não registrou esse fato pois tinha um problema maior diante de si.

— Sr. Arthur — disse Gabriel num sussurro.

Arthur caminhou apressado até alcançar os dois, estava ofegante e logo atrás dele vinha Sarah. Os pais de Amanda.

— Onde ela está? E por que não avisaram antes? — Ele estava bravo. — Meu Deus, o que vocês estavam fazendo?

— Calma, Sr. Artur. Ela está bem.

Sarah passou por eles sem falar nada. Tudo o que importava no momento era saber como sua filha estava. Gabriel disse que ela estava bem, mas estava mesmo? Ele não sabia, mas foi tudo o que lhe ocorreu falar. De toda forma, isso tudo era um teste, mais um teste que Amanda teria de passar para não ter seu segredo revelado, então provavelmente ela estaria bem.

— Estávamos jantando no restaurante e de repente ela passou mal. E a trouxemos pra cá.

Essa era mais uma mentira que podia ser encaixada perfeitamente na situação em que estavam. Afinal, Edgar não iria reivindicar seu ato heroico. Pronto, essa parte estava feita.

— Ok, ok. Vamos deixar explicações pra depois. Vou procurar saber dela.

Arthur entrou e encontrou-se com Sarah que vinha acompanhada do enfermeiro que atendeu Amanda. Felicity e Gabriel seguiram atrás.

— Ela está na enfermaria. Vamos, esse rapaz vai nos levar até ela. Tinha um homem com vocês? — perguntou Sarah olhando para Gabriel e Felicity, ela soube que o tal homem entrara com sua filha nos braços. Queria saber quem era para agradecer.

— Sim, ele estava conosco — Gabriel apressou-se em dizer. — Nos ajudou a trazê-la. Mas ele já foi, só fomos pegar a bolsa dela que estava no carro.

— Acho melhor vocês dois fiquem — disse o enfermeiro para Gabriel e Felicity.

— De jeito nenhum, precisamos vê-la. A gente estava com ela e podemos descrever o que aconteceu, caso ainda esteja desacordada.

— Não compliquem vocês dois — disse Arthur. — Vamos logo. — Ele seguiu o enfermeiro e Sarah. Gabriel e Felicity seguiram.



Felicity e Gabriel tiveram de ficar esperando no corredor. Os pais de Amanda estavam falando com o médico que atendeu Amanda. Eles estavam ansiosos para saber o que aconteceu com a garota.

— Você tem algum fetiche com enfermeira? — perguntou Felicity muito curiosa.

— Como? — Gabriel não entendeu.

— Você não pode ver uma passar que arregala o olho.

— Na verdade não é nenhum fetiche. Só estou olhando pra cara de todo mundo. Não tenho culpa se só passou mulher por aqui até agora. Isso é uma armação, Fê. Só mais uma armação que fizeram pra gente, pra Amanda nesse caso. Só não entendo por que trazê-la a um hospital.

— Será que fizeram algum mal a ela?

— Não sei... talvez algum alienígena tenha feito algum tipo de experiência com ela, não sei...

— Sério que você acha isso? — Felicity perguntou, incrédula. Ela estava de braços cruzados, sentindo-se cansada e com as pernas gritando por uma massagem.

— Claro que não! Só quero que preste atenção no que eu falei. Temos que começar a gravar o rosto dessas pessoas, qualquer detalhe que as denuncie em outra situação em que estivermos metidos.

— Mas como a gente vai conseguir registrar todas essas pessoas? Como lembrar de alguém que nem sabemos onde vimos?

— Contando com a sorte. Veja. — Gabriel tirou o smartphone do bolso e mostrou algumas fotos. — Algumas pessoas que passaram por aqui. Fingi que estava falando ao telefone, mas estava tirando várias fotos sem saber o que ia captar. — Ele passava as imagens com o dedo. Algumas eram apenas borrões, em outras dava pra identificar a pessoa. — Opa, essa aqui não era pra ter aparecido. — Era uma foto da bunda de uma enfermeira, Gabriel riu e Felicity deu um beliscão no braço dele. — Ai, isso dói. Olha, deixei gravando enquanto estava no ouvido.

— Isso foi quando fingiu que estava falando com o Murilo?

— Exatamente.

— E o que você pretende fazer com isso?

— Arquivar. Vou criar uma pasta para cada dia. Tipo, hoje: dia em que Amanda foi parar no hospital. Então vou cruzar com outros momentos e esperar que encontre uma mesma pessoa em vários arquivos.

— Como vai fazer isso? É meio confuso. E digamos que você encontre alguém nessas fotos, e aí, como vai achá-la?

— Bem, tenho um amigo que mexe com programas de reconhecimento fácil. Acho que vai dar pra desenrolar. Quando acharmos uma pessoa que tenha aparecido em mais de um evento, aí nós saberemos por quem procurar no próximo.

Os olhos de Felicity brilharam. Parecia uma ideia genial para quem não tinha por onde começar.

— Pode funcionar.

— Pode, mas vai depender da sorte.

# CAPÍTULO 24

## O EXEMPLO PERFEITO

*Grávida!* Arthur estava deitado de lado com as costas viradas para a esposa. As palavras do médico ecoavam em sua mente, falara com tanta naturalidade, isso porque não era a filha dele. *Amanda estava grávida, como isso foi acontecer?* Sua garotinha grávida. Ele seria avô tão jovem, antes de completar quarenta anos. Seus olhos estavam fechados, mas ainda estava consciente. Ele ouvia a respiração de Sarah. Ambos estavam exaustos, chegaram em casa às duas da manhã. Amanda estava bem fisicamente, mas com a alma em pedaços.

Amanhã... amanhã, não Arthur. Hoje já é amanhã! Ele procuraria Murilo, pegá-lo-ia pela beca e o obrigaria a casar com sua filha. Seu neto não cresceria sem um pai, sua filha não seria mãe solteira. Amanda não podia ser mãe solteira.

Onde já se viu um candidato a prefeito com uma proposta de campanha para conscientizar jovens sobre a importância do sexo seguro, sobretudo quando se é adolescente, ter uma filha grávida aos dezesseis anos e ainda por cima mãe solteira? Definitivamente esse não seria um bom exemplo para seus eleitores.

Pense Arthur, se essa notícia vazar você pode posar de bom pai, o homem que nunca abandonara a filha. Ela não era a única na situação, havia muitos pais que entenderiam e lhe dariam apoio. Pensou agora em um comentário no Facebook: Gente como a gente. Essa seria sua jogada. Uma onda de liberais atacando os conservadores tão hipócritas quanto ele mesmo.

Mas isso se, somente se, o plano A falhasse.

O fato era que algo pior poderia acontecer. Arthur nem sonhava que Romeu, seu aliado político, fosse o pai do seu neto. Jamais imaginou que naquelas festas em que deu em sua casa eles trocaram olhares e depois trocaram telefones e depois trocaram um beijo ali na própria casa quando Romeu puxou Amanda para dentro de um dos quartos.

Romeu estava em seu segundo mandato e agora faria de Arthur seu sucessor. Não fora um mau prefeito e sempre liderava nas pesquisas. Arthur era um empresário muito conhecido, tudo o que precisava fazer era manter sua imagem limpa até as eleições.

A melhor solução seria Amanda casar ou mandá-la para outro país. Ou quem sabe, não ter aquele filho. Ele tentaria a primeira opção.

Depois de divagar por um tempo sentado na cama com o olhar fixo no chão, voltou a deitar-se e dessa vez conseguiu dormir.

# CAPÍTULO 25

## CASE-SE COM ELA

Amanda estava sentada na cama com as costas apoiadas no espelho, as pernas estiradas. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar, as bochechas rosadas. Segurava um lenço com o qual secava as lágrimas. Felicity estava sentada ao lado.

— Agora não sei o que eu faço, Fê — dizia Amanda em meio a soluços. — O que vou fazer com um bebê? Não sei ser uma mãe.

— Ah Amanda agora o que resta é aceitar. — Felicity não sabia bem o que dizer, mas tentava confortar a amiga de alguma forma. — É natural que esteja assustada, mas é um bebê... e vai ser seu pra sempre. Você vai ter alguém que vai te amar da forma mais pura.

— Mas e minha vida? A escola, as saídas, as pessoas... como vão me olhar?

— Ah Amanda isso não é coisa pra se pensar. Você é responsável por uma vida agora e isso deve estar acima de qualquer coisa.

— Não queria que fosse assim. Lembra que combinamos que você e a Rebeca seriam as primeiras a terem filhos? Era o combinado. Eu seria a última, no entanto... — As lágrimas voltaram a cair.

— No entanto, aconteceu... — Felicity segurou a mão dela. Era difícil acreditar que sua amiga que brincava de boneca com ela estivesse esperando um filho. Quando falavam em ter filhos era algo mais próximo de criar bonecas do que de fato ser mãe, eram planos para um futuro bem distante, mas elas estavam vendo que muitas vezes os planos não seguem o cronograma estipulado. — Você não sabia que estava grávida, nem desconfiou??

— Na verdade não sei se sabia ou não... bom, eu estava desconfiada Fê, mas não queria pensar nisso. Atrasou, mas bem... eu pensei que podia ser normal, já aconteceu antes. — Ela assoou o nariz. — Tenho medo de criar essa criança sozinha sem um pai.

— Você não está sozinha. Tenho certeza de que o Murilo não vai ter problema em assumir o filho dele.

Felicity falou com tanta convicção que Amanda quase teve dúvida de quem era o pai por uma fração de segundo, mas imediatamente ela lembrou que nunca havia feito nada com Murilo, nada além de beijos e alguns amassos.

Amanda soltou um risinho fraco.

— Acontece que ele não é o pai. — Amanda quase se perdeu nas palavras misturadas em seu choro. Ela até desejou que Murilo fosse o pai, seria mais fácil encarar a situação, ele jamais a deixaria sozinha.

— Como assim ele não é pai? — perguntou Felicity. Sua testa enrugou-se no primeiro instante, seus ombros caíram dando significado à sua decepção.

— Simplesmente não é ele. O pior de tudo é que meus pais pensam que estou grávida dele e eu deixei que continuassem acreditando, não tive coragem de falar a verdade. Estão furiosos comigo.

Felicity ficou de pé, sentindo a necessidade de andar de um lado para o outro para tentar entender o problema, juntar as pontas soltas.

— Espera, isso tem a ver com a lista? O pai da criança é o seu segredo?

Amanda secou suas lágrimas, respirou fundo e falou:

— Pare de me olhar com essa cara de inquisidora e senta, por favor. Está me deixando nervosa. — Ela quis chorar, mas segurou. — O grande problema não é apenas o pai da criança... — Amanda procurou palavras para tentar suavizar a história e não chocar Felicity.

— Vai dizer que tem mais?

— Tem um vídeo meu... em que faço... sexo

Felicity ficou imóvel, sem ação ainda absorvendo as palavras de Amanda.

— E eu tenho que cumprir a lista pra não vazarem esse vídeo.

— É informação demais pra minha cabeça — disse Felicity com a expressão de quem estava tonta ou mesmo bêbada. — Por acaso, o pai é algum famoso?

— É o Romeu — soltou.

— Romeu? Que Romeu? Não conheço nenhum ator ou cantor chamado... — De repente uma luz acendeu na mente dela. — Romeu? — perguntou incrédula com os olhos arregalados. — Você está falando do Romeu prefeito? — Ela colocou a mão na testa. — Céus, você está lascada.

— Obrigada por animar desse jeito — disse Amanda, sentindo-se ainda mais desanimada.

— Desculpe, amiga. Mas essa situação é muito embaraçosa. O Romeu é prefeito da cidade, casado e aliado do seu pai que pretende assumir o lugar dele. Nossa, seria o escândalo político do século.

— Para de falar assim, você está me deixando angustiada.

— Ah, me desculpe. — Felicity se levantou e começou a andar de um lado para outro novamente. — É que fiquei nervosa por você. Entendo como está sendo difícil.

— Por isso eu digo que estamos sendo vigiados o tempo todo. Colocaram uma câmera escondida no flat onde nos encontrávamos. Aposto que deve ter alguma aqui em casa, já revirei algumas coisas, mas não encontrei nada.

Os pelos do corpo de Felicity arrepiaram-se. Um frio percorreu sua espinha. Foi assim que descobriram sobre seu diário.

— Gabriel acha a mesma coisa. — Ela voltou a sentar-se na cama. — Ele tá ficando paranoico tentando pegar alguém.

— Mas ele desconfia de quem seja?

— Não, disse que temos que ficar atentos para pegar alguém suspeito. Ele andou fotografando todo mundo naquele hospital e pediu que fizéssemos o mesmo quando estivermos em “ação”, quer pegar alguém que esteja sempre por perto de nós.

— Posso estar enganada, mas vi um homem no restaurante que tinha visto outro dia na rua, senti que ele me observava nos dois momentos. Mas o que vamos fazer se descobrimos alguém suspeito?

— Não sei, não faço ideia — disse Felicity. — Talvez o Gabriel tenha algo em mente.

Elas ouviram alguém bater na porta. E logo em seguida foi aberta.

— Oi, estou entrando — disse Gabriel. Sua voz estava calma, cauteloso, procurava as palavras corretas para falar com Amanda. Ele sentou-se do outro lado da cama e segurou a mão de Amanda. — Como você está?

— Péssima. Você já sabe, né? — A voz de Amanda quase falhou, Gabriel percebeu que ela ia chorar.

— É, seus pais acabaram contando pra gente ontem à noite. Vamos sair dessa. Tudo o que não podemos fazer agora é entrar em pânico. — Houve um momento de silêncio. — Espero que seja um menino — ele disse, passando a mão na barriga de Amanda. — Ele vai aprender umas coisas legais com o tio.

Gabriel sabia que Murilo não era o pai porque o amigo sempre lhe contava tudo o que acontecia entre os dois, mas não quis entrar nesse assunto, preferiu suavizar o impacto do problema na vida de Amanda.

Amanda soltou um riso fraco.

— Melhor que seja uma menina, é mais fácil de criar — disse Felicity. — Além do mais, dá pra arrumar o cabelo dela, escolher roupas legais.

— Não, não, não... meninos são protetores, menos complicados, e na verdade são mais fáceis de criar do que as meninas.

— De onde você tirou isso? Porque seu próprio pai sempre falou o contrário.

— Meu pai dizia aquelas coisas porque nunca teve uma menina.

— Parem vocês com isso — interrompeu Amanda. — Eu não vou comprar um bebê pra poder escolher o sexo dele. — A palavra “bebê” soou como um alerta. — Meu Deus, um bebê! O que eu vou fazer com um bebê? — Ela levou o lenço ao nariz e desatou a chorar, as lágrimas saltavam como gotas de chuva.

O coração de Gabriel apertou, quando olhou para Felicity ela estava com os olhos molhados. O rapaz sentou-se ao lado de Amanda, apoiando as costas no espelho da cama. Felicity ficou sentada ao lado dela e os três se abraçaram.

— Por Deus, Amanda. O que se faz com um bebê? Se educa, dá amor, você vai criá-lo da forma como foi criada — disse Gabriel.

— Não estou preparada pra ser mãe.

— Mas tudo se aprende nessa vida, amiga — disse Felicity tentando confortá-la.

— Precisamos fazer alguma coisa. — Gabriel mudou o tom de voz. — Alguém está nos vigiando desde muito tempo. Descobriram que você estava grávida antes de você mesma, Amanda. Por isso te fizeram chupar aquela laranja, porque perceberam seu desejo de grávida. Deve ter câmeras na sua casa por onde observam seu dia a dia. Mas eu não entendo quem faria isso. E por que colocar você numa situação dessas?

Felicity olhou para Amanda e as duas começaram a rir. O riso de Amanda saiu sem grande vontade, mas foi mais forte que ela.

— Do que vocês estão rindo?

— Do seu momento inocência. Na verdade fizeram um vídeo dela fazendo sexo.

— Fê? — repreendeu Amanda.

— Ah, não acredito. Sério? Eu quero ver esse vídeo.

Amanda acertou a mão na coxa de Gabriel e ele sentiu faíscas de fogo queimando sua pele.

— Ai, isso dói. — O rosto dele estava todo contorcido demonstrando a dor e o susto do inesperado.

— Pra você aprender a não falar besteira.

Felicity continuava rindo dele.

— Temos que chamar a polícia, não vou aguentar mais viver assim. Podemos pedir sigilo — falou Amanda.

— Não, de forma alguma. — Gabriel foi direto. — Vamos sair dessa sozinhos. Podemos cumprir todas as instruções e recuperar as provas que recaí sobre nós.

— Gabriel está certo, Amanda. Não podemos arriscar.

— O que vocês escondem de tão grave? — perguntou.

— Não é momento para discutirmos isso.



— Amanda não vai enfrentar isso sozinha, está me ouvindo? Seu irresponsável. — Arthur estava vermelho, seus dedos finos agarrados à beca de Murilo, o pobre rapaz estava contra a parede, sentiu a pancada na cabeça.

Quando Arthur entrou na sala, Murilo levantou-se da cadeira onde estava lendo um de seus processos. Sorridente, deu alguns passos e estendeu a mão para cumprimentá-lo, mas o sorriso deu lugar ao pânico quando o homem o agarrou com violência.

— Do que o senhor está falando, seu Arthur? — A testa de Murilo estava enrugada, os olhos espremidos. — Me solte.

Murilo podia dar um solavanco naquele homem, era muito mais forte que ele. Mas aquele não era um homem qualquer. Era o pai da Amanda, a garota por quem Murilo era loucamente apaixonado.

— Não se faça de estúpido. Convive tanto com ela e não percebeu nada?

— Ela? Amanda? Mas o senhor convive mais que eu.

A raiva impedia que Arthur pensasse. Não queria ser direto, não queria pronunciar aquela palavra, mas o fez quando soltou o rapaz.

— Grávida — disse num sussurro, de costas para Murilo. — Amanda está grávida.

— Como? — Murilo posicionou-se na frente do pai que estava de coração partido. — E o senhor acha que sou o pai?

— E não é? Você não foi homem pra fazer essa criança? Por que não consegue ser homem agora? Amanda não gerou esse filho sozinha. — Arthur podia ser magro, mas sua voz grave metia medo em Murilo.

— Espera, espera, senhor Arthur. — Murilo o interrompeu falando atropelado, pausou um instante e continuou. — Nós nunca transamos.

*Nunca transamos.*

Murilo sentiu a palma da mão de Arthur em seu ombro esquerdo, era pesada para alguém como ele, e deu um passo para trás.

— Nunca use essa palavra para falar de uma filha para um pai. — Murilo recebeu outro empurrão, depois outro e caiu sentado no sofá. — Minha filha não transa, entendeu? — Arthur estava suando, Murilo podia ver a raiva que ele sentia nos olhos. De toda forma não ia revidar, era o pai da Amanda.

— Desculpe, senhor Arthur. — Ele estava com as mãos espalmadas tentando acalmar o homem. — Nós dois nunca tivemos algo tão íntimo. Você me conhece, sabe que eu não mentiria. E se eu fosse o pai, a honraria.

Arthur conhecia bem Murilo. Era um rapaz educado, louco por sua filha. Nunca entendeu como Amanda ainda não havia formalizado um namoro sério com ele. Era um rapaz bom, trabalhador, o aceitaria como genro. Mas essa juventude não quer saber de compromisso sério. Se não querem compromisso, então não se envolvam, pensava.

Mas Amanda se envolvia com Murilo ora por pena, ora por um motivo que ela nem sabia. Gostava de estar com ele porque podia mostrá-lo para suas amigas, podia sair em público. Com Romeu era diferente, tudo escondido. Ela sempre deixou claro que Murilo era sua cópia de segurança e Romeu era o homem que a deixava plenamente feliz.

— Tem razão, o conheço bem. — Arthur parceria se tranquilizar. — Mas as pessoas nos surpreendem.

— Eu juro. Não tivemos nada.

Arthur não precisou de muito para se convencer. Bastou olhar a cara de bobo apaixonado, e agora decepcionado por saber que sua garota estava grávida de outro, feita por Murilo ao proferir aquelas palavras: “Não tivemos nada”.

O pai de Amanda engoliu em seco.

— Me desculpe — ele disse. Caminhou até a porta e parou quando ouviu:

— Espere — disse Murilo. Ele pensou em procurar pelas palavras certas, mas em algumas situações não era preciso procurá-las, elas já estavam prontas, na ponta da língua. — Eu me caso com ela — falou, surpreendendo a si próprio.

Arthur ficou parado por um instante, olhando para o rapaz sentado no sofá.

— Se ela quiser, é claro — emendou Murilo, um pouco sem jeito. Ele ficou de pé ao ver Arthur caminhar até ele. O pai da garota pôs a mão na nuca de Murilo e o puxou para mais próximo.

— Ela vai querer — disse, olhando nos olhos de Murilo. — Você terá meu apoio.

Murilo esboçou um sorriso.

Se o pai não era ele, quem era então? Amanda tinha outro. Não podia dizer que fora traído, mas havia outro além dele. E se havia outro era porque Murilo não era o mais importante, não foi com ele que Amanda foi para a cama.

Mas Murilo lembrou dos beijos dela, os lábios quentes. Lembrou do abraço, do sorriso, das brincadeiras. Das vezes que ela ligava pedindo para buscá-la no salão, na escola, era quase um motorista particular. Tudo não podia ser mero comodismo. Havia algo bom na relação deles, era só não existir o outro, Amanda o amaria. Foi por isso que ele disse que casava, porque acreditava que podia conquistar a outra

metade do coração da garota.

# CAPÍTULO 26

## O LADRÃO

De onde ela estava via frestas de luz brilhando entre as folhas e galhos da árvore. Ainda era possível notar o azul do céu, apesar de o sol já se encaminhar para iluminar o outro lado do planeta. Era hora de ficar em companhia da escuridão da noite e do brilho das estrelas. Ela adorava presenciar essa transição entre as cores do céu.

A terra onde repousava estava úmida e a brisa do vento lhe trazia alguma paz. A grama que plantara sobre o túmulo de seus sete animaizinhos começava a formar um belo tapete verde. Agora era assim na maioria de suas tardes, a companhia deles se dava no momento em que fechava os olhos e os imaginava ali ao seu lado, mordendo seus dedos, dando pulos ou brincando como se estivessem lutando como aqueles homens que se agarram no tatame; ela sorriu ao imaginar essa última cena.

Os bichinhos eram puro amor. Quem teria feito uma maldade dessas com eles? Não eram de sair pelas casas dos vizinhos, em raros momentos isso acontecia, estavam agora tão bem cuidados sem aquelas feridas de antes. Estavam... realmente “estavam”, porque agora eles eram passado, apenas uma lembrança que povoava o imaginário de Tereza.

Alguém envenenara seus gatinhos. Sarah lhe dera essa informação com receio, mas não quis esconder isso dela, afinal estava na cara que teriam morrido por envenenamento. Tereza imaginou a agonia que foi para os bichanos morrerem lentamente, sufocados por algo invisível prendendo a respiração deles, deixando-os sem forças, o coração sendo esmagado tão lentamente por algo que eles não sabiam o que era.

Será que um tentou ajudar o outro? Será que tentaram permanecer juntos? Será que perceberam o que estava acontecendo um ao outro? Ela pensou que eles podiam ter saído pela abertura da porta da cozinha, mas preferiram ficar em casa, esperando por ela.

Tereza abriu os olhos ao sentir as mordidas de formigas nas costelas, sentou-se embaixo da árvore onde estava deitada, coçou as costas e quando inclinou a cabeça para cima viu a perna de um homem em cima do muro.

— Quem é você? — perguntou, aborrecida e afastou-se para ver mais dele que estava encoberto pelos galhos da árvore.

Ele estava sentado com a perna esquerda pendurada e a outra dobrada de modo que apoiava o cotovelo nela.

— Sinto muito — disse ele. A calça que usava estava desgastada, o chinelo tinha uma das tiras soltas. A camisa estava suja, era de mangas compridas, parte dela estava dentro das calças presas por um cinto de couro.

Tereza o observou, olhou para seus cabelos pretos que apareciam embaixo do gorro que usava; a pele queimada do sol, parecendo envelhecida e a barba mal

feita. Ela não conseguiu supor a idade do homem. Pela aparência ele era um velho como ela, acabado pelos anos. Mas um velho como ela não teria forças para subir ali em cima daquele muro que passava dos dois metros de altura, pensou.

— Sente pelo quê? Suma daí ou vou chamar a polícia — gritou ainda sentada.

— Pela sua dor — ele respondeu.

Embaixo da árvore havia um círculo feito de pedras brancas e cinzas, feito por ela mesma para demarcar a área onde os gatos estavam enterrados. Tão rápida quanto uma leoa, levantou-se de onde estava e agarrou uma delas, posicionou-se de frente para o sujeito e ficou em posição de arremesso.

— Quem é você? Nunca te vi antes — rosnou como um bicho. — Vai embora se não quiser que eu te acerte, tenho mira boa.

— Espere — disse, espalmando a mão para a velha. — Não quer saber quem fez isso?

Foi como se uma venda tivesse sido tirada dos olhos de Tereza.

— Do que você está falando?

— Dos seus gatos, você não quer saber quem os matou?

Tereza baixou o braço devagar até que deixou a pedra cair no chão.

— Como você sabe? — O ventou soprou seu vestido florido, ela estava descalça.

— Permite-me? — perguntou, indicando com um gesto de cabeça que iria pular para dentro do quintal.

Ela o encarou intrigada. Não disse nada, então ele desceu.

Agora via que os dentes dele eram amarelos, que a pele não era de um jovem, os cabelos grudados pela sujeira. As roupas eram folgadas, mas ela notou que os braços eram musculosos.

— Sou um ladrão, eu confesso. Invadi sua casa certo dia.

Tereza recuou um passo. Ele percebeu e ficou onde estava, tentando ganhar a confiança dela com as palavras.

— Não se assuste — continuou. — A gente tem que sobreviver de alguma forma, não vou fazer mal a você.

— Maldito! Entra na minha casa pra me roubar e ainda tem coragem de confessar tudo?

— Entrei porque sabia que você não estava em casa, mas logo percebi que aqui não tem muito o que roubar. Só comi algumas porcarias que tinha na sua geladeira aí depois vi que alguém estava entrando. Como eu não gosto de confusão, me escondi na sua lavanderia. Vi quando surgiu uma garota, percebi que ela estava muito assustada. Resolvi testar essa gracinha aqui. — Ele tirou do bolso da calça um Iphone e olhava-o como se fosse um diamante. — Isto aqui eu roubei, tá? Com ele eu gravei o rosto dessa garota, eu vi quando ela despejou um líquido que tinha dentro de um frasquinho no bebedouro dos seus animais.

Tereza analisava cada detalhe do que ele falava. Uma garota.

— Por que não a impediu então? Deixou que ela jogasse veneno na água deles? — A voz da mulher ainda respingava fúria.

— Como disse, sou só um ladrão. Procuro me manter longe de problemas.

— O que você ganha com isso? O que quer em troca desse vídeo? — perguntou

com o olhar fixo no aparelho.

Ele o jogou e o telefone caiu próximo dos pés dela.

— É todo seu e eu não quero nada. Mas você deve querer a sua vingança, suponho.

Tereza o encarou e olhou de volta para o aparelho no chão.

— Não sabe mexer? Eu te ensino.

Tereza abaixou-se, pegou o smartphone e aproximou-se do homem. O coração começou a palpitar e ansiedade tomou conta de si.

— Vamos, abre isso logo. Quero ver o rosto dessa desgraçada. A maldita assassina. — O homem pegou o telefone de sua mão que tremia e esboçou um sorriso de triunfo.

— Aqui, veja. — Ele posicionou a tela do aparelho para que pudessem ver juntos. — O momento em que ela entra na lavanderia, acende a luz, procura algo, quando não encontra, ela vira-se de costas. — Ele pausou o vídeo e Tereza viu o rosto da assassina, o rosto de Amanda dentro do capuz que ela usava. — Então seguiu para outros cômodos, veja. Consegui filmar isso na sua cozinha.

Tereza arrancou o telefone das mãos dele e o atirou na parede.

— Desgraçada. — A velha andava de um lado para outro. A raiva crescia dentro de si. — Ela me paga.

O homem a observava sendo tomada pela loucura como se uma fumaça a envolvesse e a transformasse em outra pessoa, em uma velha insana e perigosa.

— Acalme-se. — ele tentou tocá-la, mas ela o acertou com tapas no braço. — Descarrega sua raiva. — Ele mudou o tom de voz, agora parecia uma galo de briga. Ficou parado de peito estufado e fez um gesto com as mãos chamando-a.

A velha entendeu e partiu pra cima acertando murros no peito dele. Ele esperou que doesse menos, mas aguentou o punho fechado dela por várias vezes.

— Maldita, maldita — berrava enquanto ainda dava murros.

Tereza perdeu as forças e estava chorando. O sujeito a segurou em seus braços e a deitou no chão, devagar. Ela encolheu-se e chorou feito criança. Ele sentou-se ao seu lado, encostou-se no tronco da árvore e ficou ali esperando os soluços passarem.

— Tenho algo que vai ajudá-la a superar isso tudo — disse depois de alguns instantes. Tirou um saquinho do bolso. — Veja. — Tereza permaneceu imóvel. — Vamos, veja isso. — Ela olhou e viu.

— Onde arranjou? Não tomo mais, estou limpa.

— Ora, deixe de puritanismo. Vai te fazer bem. — Ele jogou o saquinho que caiu perto dela.

Aqueles comprimidos coloridos que experimentara algumas vezes quando vivia nas ruas estavam ao seu lado. Ecstasy. LSD. Ela voltou a experimentá-los naquele momento.

— Acho que quem faz isso com animais merece sufocar da mesma forma — ele sussurrou as palavras no ouvido dela. — Eu a faria passar pela mesma coisa com minhas próprias mãos. — Ele estava segurando um comprimido na frente dela e a convenceu a tomar.

O ladrão saiu da casa de Tereza sem que ela percebesse.

Instantes depois, a grama cresceu e esverdeou todo o seu quintal. Um a um surgiram da terra, suas patinhas brotando da grama encheram os olhos de Tereza com lágrimas. Os gatinhos estavam cercando-a, ela sentou-se e todos foram para cima dela. Estava sorrindo e sentindo-se leve, sem o peso da desgraça em sua vida. Ela virou-se para falar algo ao ladrão, mas percebeu que ele não estava mais ali. Não tinha problema se havia partido, ela estava feliz. Começou a rir quando viu um dos felinos voando com asas de anjo.



Na rua, o ladrão deu um chute em um gato que cruzou seu caminho. Ele entrou no veículo e olhou-se no espelho, coçou as sobrancelhas grossas e começou a forçá-las até que cederam. Puxou uma, depois a outra. Agora via as suas naturais, muito mais bonitas. Arrancou o gorro que usava e o jogou no banco, passou as mãos em seus cabelos loiros, sorriu como se estivesse divertindo-se. Começou a fuçar com as unhas na testa até que conseguiu arrancar um pedaço de pele. A pele falsa que o deixava mais velho.

Conseguiu arrancar aos pedaços e logo ficou com uma aparência melhor. Viu-se de olhos castanhos e até achou que combinavam, mas preferia seus olhos verdes. A cor dos dentes resolveria quando chegasse em casa.

Ligou o carro e partiu.

O ladrão era Thomas, disfarçado.

# CAPÍTULO 27

## UMA ROSA SEM ESPINHOS

Amanda caminhava com Murilo pelo jardim de sua casa. Ela passou por um caminho de pedras retangulares fechado nas laterais por rosas vermelhas. Andou sem olhar para trás e Murilo agachou-se para colher uma rosa. Ele usou a chave do carro para cortá-la e retirar todos os espinhos.

Quando terminou seu trabalho de jardineiro, voltou seu olhar para onde Amanda estava: sentada em um balanço de madeira, impulsionando-o em movimentos lentos com os pés sem que eles saíssem do chão.

Ele viu Amanda com a cabeça encostada na corrente que segurava o balanço na estrutura de madeira, desejou que aquela corrente pudesse ser o seu peito, que seus braços pudessem envolvê-la como os ramos verdes se entrelaçavam pela madeira.

Murilo caminhou pelas pedras para que não pisasse na grama verde. Ele sentou-se no balanço ao lado dela e lhe estendeu a rosa. Amanda a pegou com um sorriso tímido. Ela usava um vestido leve com um cinto preso por cima, cheio de cores. Seus lábios brilhavam e ele desejava poder tocá-los com os dele.

— Eu tiraria todos os espinhos da sua vida, se me permitisse — disse Murilo, quebrando o silêncio e abafando o som do vento que dançava com as folhas das plantas ao redor. De repente, a natureza parou para prestar atenção naqueles dois.

— Mesmo assim, eu poderia ser um espinho na sua.

E ele sentiu como se Amanda espetasse seu coração.

— Não diga isso. Você é especial para mim. Você não é um espinho, é uma rosa sem espinhos.

Amanda sorriu, ainda olhando para o lado.

— Meu vocabulário romântico está se esgotando, eu sei — disse, um pouco sem graça.

Então Amanda voltou-se para ele. E os olhos de Murilo brilharam, seu coração acelerou como se estivesse vendo-a pela primeira vez, como se fosse a primeira vez que estivesse tentando ser romântico. Só porque ela sorriu para ele.

— Eu gosto das coisas que você fala, até quando não têm graça. — Amanda continuava com seu tom melancólico, mas algo na sua expressão havia mudado. Gostava do jeito como ele se esforçava para falar palavras bonitas.

Sempre fora sincera, de um jeito que às vezes machucava Murilo, mas ele a aceitava como era, porque não importava o que falasse, só sentia mais vontade de ficar ao lado dela.

Murilo sorriu e disse:

— Vou tomar isso como um elogio.

Houve um silêncio entre eles, pois o rapaz não sabia bem por onde começar. Dizer que queria casar-se com ela, ele já havia dito várias vezes. E agora estava mais parecendo um casamento arranjado por interesse do pai dela.

— Você não precisa fazer isso — falou Amanda. — Além do mais, te devo desculpas. Deixei todo mundo pensando que você é o pai do meu filho. Até minha mãe que é tão esperta deixou passar.

Murilo respirou aliviado por ela ter aberto o caminho.

— Sabe quantas vezes eu já te pedi em casamento?

Amanda revirou os olhos como se estivesse fazendo uma conta mental.

— Só me lembro da última vez, foi naquela noite na boate quando o Gabriel nos interrompeu.

— Sim, e ele me poupou de ouvir o décimo segundo NÃO. — Murilo deixou os ombros caírem e relaxou, suas pernas relaxaram tanto que se não estivesse sentado cairia como uma gelatina mole no chão.

— Mentira, você não me pediu doze vezes em casamento.

O rapaz animou-se ao ver Amanda relaxar também e abrir um sorriso soltando algo próximo de uma risada.

— Claro, lembro de todas as vezes.

— Mas você não quis casar comigo de verdade em todas elas.

— Bom, acho que a primeira vez quando você tinha doze anos eu não queria casar mesmo, tirando essa, em todas as outras onze eu teria casado sim. — Houve um breve silêncio. — E você teria casado comigo em alguma delas?

— Eu era muito nova, mesmo que a maioria dos pedidos tenha sido feita no último ano. Mas... eu não quero casar cedo, aos dezesseis anos. Ainda mais um casamento arranjado.

— Não faça com que eu me sinta um aproveitador. Eu sempre te amei, sempre quis ficar com você. Eu disse ao seu pai que aceitaria me casar com você, que assumiria a criança por amor a você. — Ele agarrou forte a corrente e inclinou seu corpo para mais perto do dela. — Tudo por você, por mim também, pela minha felicidade. Porque eu sei que sente algo por mim, eu sinto quando me beija e mesmo que seja só atração física, já é um começo.

— Mas não é suficiente. Eu não quero te fazer infeliz, não quero que olhe pra essa criança e sofra imaginando que ela poderia ser sua. Que não foi o meu amor por você que a gerou.

— Ela será minha se você permitir. Não me interessa saber quem é o pai. Eu posso ser um bom pai, além disso podemos ter nossos filhos também. Não quero que fique comigo pela criança, quero que me queira somente se acreditar que eu posso te fazer feliz e você a mim.

— Eu tenho medo.

— Mas do que você tem medo?

— De fazer você sofrer. De que você se arrependa, que eu não consiga te amar. Que tudo não tenha sido por nós dois.

O sol parecia querer ir embora e ao mesmo tempo querer ficar para presenciar o final da cena. Ele era um expectador e suas emoções estavam estampadas na cor do céu. O azul estava sendo engolido pelo tom forte alaranjado.

— Meu Deus, Amanda, cresça. — Murilo levantou-se e ficou diante dela, gesticulando com as mãos enquanto falava. — Você não precisa fazer dezoito anos para crescer. Algumas pessoas crescem tão cedo, aos doze, quinze anos... Por que

não me deu um NÃO daqueles que sempre me deu? Por medo do seu pai? É esse seu real medo? Então enfrente-o e diga que não quer nada comigo. É tudo mais fácil pra você quando o vento está a seu favor? Se não der certo, caramba, eu não vou te manter presa com correntes. — Ele balançou as correntes do balanço dela com vigor. Amanda encheu os olhos de lágrimas, observou por um segundo a expressão dele e saltou em seu pescoço.

Murilo sentiu o calor do corpo dela no seu. Seus braços segurando-a num abraço apertado, enquanto ela o sufocava, apertando-o forte, soluçando entre as palavras.

— Não quero enfrentar isso sozinha... não sei ser mãe... estou com medo de colocar essa criança no mundo. — As lágrimas de Amanda rolavam como uma cachoeira nos ombros do rapaz.

Murilo era alto, ele a ergueu em seus braços e girou lentamente com ela, como se estivesse segurando um bebê.

— Arrisque comigo, Amanda — ele sussurrou.

Amanda desvencilhou-se dos braços dele e olhou em seus olhos e se sentiu segura quando os pés pousaram no chão.

— Arriscarei — ela disse, deitando o rosto no peito dele.

Enfim, o sol cedeu seu lugar às estrelas que brilharam no céu.

# CAPÍTULO 28

## A DÚVIDA

Murilo estava sentado em um banco com o cotovelo esquerdo apoiado no joelho, flexionando o bíceps com um halter de dois quilos. A música eletrônica tomava conta de seus ouvidos misturando-se com a conversa de outras pessoas. Se ele fosse uma pessoa normal estaria utilizando um peso de dez quilos e não dois. Não era como os outros que descarregavam todas as preocupações e anseios nos pesos.

Murilo frequentava a academia por pura obrigação. Imaginava-se velho sem poder andar sem sentir dores, essa era sua maior inspiração para levantar peso.

Mais cedo pedira Amanda em casamento. Ele estava certo de que a amava, mas o diabinho da dúvida estava perguntando se fizera a coisa certa. Se perguntava se Amanda só aceitou porque estava grávida sem um pai para cuidar do filho. E imaginava se ela chegaria a amá-lo como esperava.

— Meu irmão, o que fizeram com você? — A voz de Gabriel cortou os pensamentos de Murilo que ergueu a cabeça e viu o rapaz na sua frente segurando uma garrafa d'água na mão e luvas pretas na outra. — Vai acabar lesionando algum músculo desse jeito — falou com ironia.

— Não foi nada — disse, desanimado. Ele soltou o peso no chão.

Gabriel sentou-se ao lado dele e deu tapinhas nas costas do primo.

— Está assim por causa da Amanda? — Ele colocou a garrafa no chão entre seus pés.

— Estou assim porque a pedi em casamento.

— Uau... e ela disse não, acertei?

— Claro que não, disse sim pela primeira vez.

Gabriel queria ficar feliz por ele, mas vendo-o tão desanimado não se empolgou com a ideia. Ele torcia para que Amanda aceitasse o primo por pura vontade, que eles comessem a namorar, depois houvesse um noivado para finalmente um casamento. Eles eram muito novos e a gravidez de Amanda não podia ser um fator decisivo.

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Eu tinha, até algumas horas atrás. Mas depois fiquei me perguntando se eu não havia pressionado ela de alguma forma ou se o pai dela não a pressionou. Tá parecendo um casamento arranjado.

— É um casamento arranjado, desculpe falar. Mas esse arranjo não está sendo feito por você, cara. O Arthur com certeza deu uma pressão nela por conta do lance com a política. E ela deixou pensarem que você é o pai.

Um sorriso teimoso se esboçou em Murilo.

— Bem que eu podia ser, né? De qualquer forma, sinto que a pressionei. Podia ter ficado quieto no canto, deixar que ela resolvesse da forma que quisesse.

— Até eu cheguei a pensar que era seu, mas como você disse que nunca rolou

nada...

— O Arthur também sabe que não sou o pai. É claro que ele preferiu deixar que todos pensassem isso e eu concordei.

— Você podia desencanar da Amanda. Tanta mulher gostosa à sua volta. Olha pra isso. — Gabriel olhou ao redor apontando com o olhar as garotas que faziam exercícios.

— Nenhuma delas é a Amanda.

O personal veio caminhando entre os equipamentos até onde eles estavam.

— Bora, bora rapaziada. Que animação é essa? — Joaquim bateu palmas fortes enquanto falava. Apertou a mão de Gabriel, puxando-o para que se levantasse e deu tapas nas costelas dele. — Vamos treinar pesado hoje?

— Só não conta com esse daqui — disse Gabriel.

— O que houve com ele? Deixa eu ver se eu adivinho. — Joaquim segurou o queixo coberto pela barba preta, analisando o ânimo de Murilo.

— Ele pediu uma menina em casamento — disse Gabriel, sem cerimônias.

— Não! — exclamou, surpreso. — Já sei, ela disse não.

— Pior... disse sim — falou Gabriel, enquanto colocava suas luvas

— Mas quem é essa sortuda? Não diga que escanteou a Amanda, finalmente? — Joaquim pôs a mão na cintura e olhou incrédulo para Gabriel.

— É com ela que ele vai casar — disse Gabriel.

Joaquim arregalou os olhos.

— Ela está grávida — completou o garoto.

— Queria muito te dar parabéns, mas com essa cara não sei o que devo dizer — falou Joaquim para Murilo que ainda estava prostrado naquele banco.

— Ahhhh, não precisa dizer nada. — Murilo levantou-se como se fosse uma minhoca preguiçosa arrastando o corpo, falando lentamente como se estivesse bêbado. — Eu estou feliz, não está vendo? — Ele mostrou os dentes tentando desenhar um sorriso no rosto. — Vou embora porque já levantei peso demais hoje.

— Nada isso, você não vai embora assim. Vamos lá dentro conversar, me conta essa história direito. — Joaquim passou o braço pelo ombro de Murilo e o fez caminhar em direção à sua sala. — Vai aquecendo que já chego — disse para Gabriel.

— Tá pesando seu braço.

— Deixa de ser mole. — Joaquim deu um tapa no abdome de Murilo. — Precisa trincar isso aqui. Está parecendo uma gelatina.

Joaquim era mais que um professor. Mantinha um relacionamento amigável com todos os seus alunos da academia. E era amigo próximo de Murilo. Fazia as vezes de psicólogo, além de dicas de musculação dava conselhos amorosos. Ele sabia da história de Murilo com Amanda, de que a menina só queria curtir momentos com o advogado. Ele não a julgava, afinal Amanda tinha apenas dezesseis anos, tinha o direito de aproveitar a vida. Murilo é que era ansioso demais, ele podia aproveitar os momentos com ela, mas era romântico demais para viver de saidinhas.

Ele queria levá-la para jantar, ir ao cinema, andar de mãos dadas, dormir agarradinho.

— Quer que te carregue no colo? — Joaquim perguntou ao chegarem aos pés da escada para o andar de cima. Eles estavam no subterrâneo da academia.

— Um dia ainda terei um shape como o seu — disse ele, subindo um degrau de cada vez. — Vou fazer você engolir suas palavras. Barriga de gelatina?! — desdenhou por fim.

Joaquim gargalhou revelando seus dentes enormes e brancos.

Eles chegaram a uma sala. Havia um sofá acolchoado logo na entrada, um colchonete estava espalhado no chão. Uma mesinha metálica com um computador. Joaquim sentou-se atrás dela e Murilo ficou na cadeira do paciente.

— Então, conta essa história do começo.

Murilo contou sua história com Amanda, parte dela já conhecida pelo professor, então chegou na parte em que descobriu que ela estava grávida, que Arthur quase quebra sua cara achando que ele era o pai. Contou sobre o pedido de casamento e sobre como se sentia.

— Na hora, foi como se fosse um cometa passando por mim, então me agarrei a ele para que me colocasse no caminho da felicidade. Foi uma oportunidade, agi por impulso, eu sei, mas eu sempre quis casar com ela e eu disse ao pai dela que casaria. E agora, eu não sei se fiz a coisa certa.

Desde que Murilo começou a falar, Joaquim só o ouviu jogar todas as palavras que estavam presas na sua garganta.

— Você não tem medo que o pai da criança resolva assumir o filho e ela desista de você?

— Não pensei nisso de imediato. Mas se ela deixou que todos pensassem que eu sou o pai é porque o verdadeiro não tem real interesse nela, ou seja, é alguém proibido.

— É complicada sua situação. Não diria para você desistir disso. Mas é estranho você se aproveitar.

— Não me aproveitei, Joaquim — disse, levemente irritado. — Agi sem pensar foi só isso.

— Tudo bem, desculpe, me expressei errado. Mas pense que ela nunca te quis de verdade, e talvez, esteja apenas querendo um pai para o bebê dela.

— Eu pensei nisso também. — O coração de Murilo murchou e ficou como uma bola sem ar. — Mas, me diga. Se fosse você, assumiria o filho de outro para ficar com a mulher que você ama?

Joaquim ergueu as sobrancelhas, endireitou-se na cadeira e respondeu:

— Sim, eu criaria o filho de outro como se fosse meu.

# CAPÍTULO 29

## FOI VOCÊ?

Sarah puxou o cobertor de Amanda e a despertou do sono.

— Vamos mocinha, saia já dessa cama. Está na hora de encarar a realidade e voltar à sua vida normal.

— Mãe, me deixa dormir. — Amanda puxou a coberta de volta.

— De forma alguma, já faz dias que você está trancada neste quarto. — A mãe da garota se dirigiu às janelas e puxou as cortinas, a luz do sol invadiu o quarto quase cegando Amanda. — Hoje nós vamos ao médico.

— Médico? Mas você vive dizendo que gravidez não é doença. — A garota protegia os olhos da luz com as mãos.

— Não é doença, mas precisa de acompanhamento. — Sarah cruzou os braços diante da filha, demonstrando não estar com um pingão de paciência. — Vamos Amanda, levante-se logo. Desmarquei vários compromissos pra ir com você hoje.

— Tudo bem, me dê um tempo.

— Ah, e você vai para a escola ainda hoje. — Sarah saiu do quarto ao terminar de pronunciar essas palavras.

Voltar para a escola. Não era isso que Amanda queria. Logo todos começariam a notar sua barriga crescer. Teria de lidar com os comentários maldosos. Os rapazes não a veriam mais como uma garota atraente, mas como uma mulher prestes a dar à luz.

Não teve jeito, ela foi ao médico e quando estava saindo do consultório percebeu um homem estranho do outro lado da rua. Ele era magro, cabelos pretos e usava um suéter amarelo, estava falando ao telefone, mas a garota percebeu que o indivíduo a encarava e ele tentou disfarçar quando notou ser avistado.

Amanda entrou no carro e não comentou nada com Sarah. O mais estranho é que aquela figura já havia aparecido antes, só não conseguiu lembrar na hora onde o tinha visto.

Sarah dirigiu do consultório até a escola. No trajeto a garota tentava lembrar dele e imaginava que se o sujeito fosse algum espião envolvido com aquela lista ele era muito burro, deixara ser notado facilmente. Aos poucos os flashes explodiram em sua mente como fogos de artifícios. Ela lembrou-se dele.

Pela janela do carro viu um homem abrir a porta de seu veículo estacionado retirando uma cestinha de dentro. Mais adiante Sarah parou em um sinal e a garota viu uma mulher grávida na calçada, suja e com roupas velhas e rasgadas, depois uma barriguda entrando no carro, sem falar nas mulheres que vira no consultório. Ela fechou os olhos para fugir daquelas imagens, mas mesmo assim permaneciam em sua mente, só os abriu quando Sarah parou o carro em frente à escola.

Amanda despediu-se da mãe e caminhou até atravessar o portão. Parecia que ela entrara em outro mundo, alguma coisa estava diferente, olhou para a grama, observou a bandeira da escola hasteada, as árvores na entrada e os esquilos que

lhes devolveram a atenção.

Apesar da sensação, estava tudo igual. Não era o mundo que havia mudado, era ela. Amanda se sentia estranha. Percebeu que estava com a mão sobre a barriga e logo tratou de ficar mais à vontade, estava o todo tempo imaginando se as pessoas já notavam alguma diferença. Mas ninguém, além de pessoas próximas, sabia da gravidez, então ela tentou relaxar.

— Amanda — gritou Felicity.

Ela virou-se e viu sua amiga através das telas de proteção do muro da escola. Felicity correu e atravessou o portão.

— Amanda, você está bem? — As duas se abraçaram.

— Estou melhor — respondeu, sem animação.

— Melhore essa cara.

— Você acha que já dá pra notar?

— Bom, isso será inevitável. Então acho melhor você não pensar nisso. Ainda não dá pra perceber.

— Não sei como vou reagir quando as pessoas começarem a notar. Não queria mais pisar meus pés aqui. — Era impossível não ter a sensação de que todos a estavam observando, prontos para encontrar algo para falar dela.

Uma garota que estava grávida já com uma barriga de uns cinco meses passou pelo corredor onde caminhavam.

— Veja só a Michele, ela enfrentou uma barra no início. O cara nem assumiu o filho, mas lá está ela caminhando para assistir aula com seu bebê na barriga.

Elas atravessaram o primeiro bloco e caminharam até uma pracinha e sentaram-se em um dos bancos. As árvores projetavam uma sombra agradável. O sol já estava alto indicando que o dia seria quente.

— Pra ser sincera, nunca notei a Michele grávida. Quer dizer, não como agora. Antes eu a via apenas com um barrigão, era como se ela fosse figurante em uma novela que ninguém presta atenção, sabe? Agora tive a sensação que ela era um dos personagens principais. Não imaginei que pudesse ser difícil pra ela. Agora tenho ideia do que possa ter enfrentado. E nunca vi tanta grávida na minha vida em um único dia. Será que se eu não estivesse grávida a Michele passaria por nós hoje?

— Ela sempre passou — disse Felicity. — Mas você nunca notou como agora porque nunca se colocou no lugar dela.

Amanda sentiu-se um pouco egoísta ao ouvir as palavras da amiga.

— Acho que você tem razão. Nunca me imagino em situações difíceis. Mas qual o sentido disso? Criar uma imagem de sofrimento para si.

— Talvez porque quando acontecer com a gente estejamos menos vulneráveis.

A pracinha onde estavam era repleta de árvores. Algumas folhas secas no chão foram arrastadas pelo vento.

— O Murilo me pediu em casamento.

— Imagino que essa é uma notícia boa — disse Felicity tentando mostrar animação.

— Não sei se é o certo a fazer. Não sinto que estou sendo justa com ele. Parece que estou me aproveitando da situação. Usando-o para resolver um

problema meu.

— Vocês podem ser felizes. Se dão tão bem. Vocês vivem se agarrando. Acho que você sempre foi apaixonada por ele e nunca percebeu, o amor age de formas estranhas, às vezes.

— Se agarrar não é amar, Felicity. Mas você tem razão quando diz que o amor age de formas estranhas. Não entendo como um sentimento bom pode trazer sofrimento para alguém.

Felicity queria dar uma resposta para confortar o coração de Amanda, mas ela não sabia nada sobre o amor, não sabia nem como saber se estava amando alguém. Ela não tinha nada para falar à amiga, mas tentou dizer algo parecido com o que aprendera nos livros.

— Acho que os amantes se desencontram às vezes, se perdem um do outro, então no meio do caminho surgem os obstáculos e demora um tempo pra se juntarem. O amor verdadeiro é assim, é difícil, cheio de provas.

— A grande questão é saber se eu desencontrei do Romeu ou do Murilo.

— Espero que tenha sido do Murilo — falou Felicity. — Está mais fácil ter um final feliz.

— Você acabou de dizer que o amor verdadeiro é difícil.

— Sim, quer que fique mais difícil ainda pra você? Não acha que já foi suficiente e você merece seu final feliz?

— Eu quero meu final feliz, mas com ele.

Pelo tom da voz de Amanda que soou como uma súplica, Felicity soube que ele era Romeu.

— Mas você mesma falou que ele nem te deu atenção depois que você terminou, nem ligou nem nada. Ficou preocupado só com a carreira dele, nem pensou no perigo que você corria com aquele vídeo.

— Eu sei, mas não vou negar que ainda penso nele. Eu sinto um pouco de decepção e não voltaria se ele quisesse, mas ainda não consegui tirá-lo da cabeça.

Amanda queria chorar, mas já havia derramado todas as lágrimas que podia. Agora o que sentia era um vazio que crescia dentro dela, mesmo que não tivesse mais espaço para crescer ele continuava aumentando seu tamanho, engolindo-a por dentro.

— Você não pode amar alguém que te fez mal.

— Quem inventou o amor esqueceu de colocar regras nele.

— Se não há regras significa que você pode amar o Murilo.

— Talvez eu possa...

Amanda olhou para longe, para além das pessoas que via caminhar por perto e bem além do céu, seu olhar se perdeu por um breve instante.

— Às vezes eu penso — disse ela, voltando a si. — Que seria bem mais fácil se eu perdesse essa criança.

Felicity não saberia explicar o que sentiu quando Amanda falou aquilo. Foi medo ou talvez pena. Medo que Amanda fizesse alguma coisa que pudesse se arrepender para o resto da vida e pena porque sua amiga estava sofrendo e não havia nada que ela pudesse fazer para amenizar a dor dela.

— Amanda... — As palavras lhe fugiram.

— Desculpa, Fê. Mas esses pensamentos passam pela minha cabeça. Não precisa me olhar com essa cara, não vou abortar se é o que está pensando. É só que se fosse de forma natural...

— Você não pode desejar isso. Às vezes coisas ruins nos acontecem porque desejamos que elas aconteçam. A gente nem se dá conta e depois fica se perguntando por quê? Por que sofremos tanto? Agora pode não fazer sentido nenhum, mas depois quando você o tiver nos seus braços, quando ouvi-lo te chamando de mãe...

— Não quero pensar muito nisso — falou Amanda. Ela respirou fundo.

A sirene de uma ambulância soou perto demais.

— Parece ser aqui no colégio — disse Felicity.

— Tem razão — Amanda levantou-se e viu a movimentação de alguns alunos que circulavam por perto.

Eles começaram a correr.

A sirene invadiu os ouvidos delas como a água invadiu os corredores do Titanic. O medo se transformou nas ondas que saíram destruindo tudo.

Elas correram e viram que a ambulância estava dentro do colégio. Os paramédicos passaram pelo pátio com uma maca.

Alguém havia passado mal.



O aquário estava vazio, apesar de haver água ali e ainda o castelinho deles, para Arabela, ele estava vazio, era apenas um objeto retangular sem vida. Os peixinhos alegravam seus dias e agora ela se sentia triste sem Mr. Jack e Lady Rose. A velha senhora estava sentada em sua cadeira com a mão segurando o queixo e o cotovelo apoiado no encosto estofado. Seu olhar estava fixo no aquário, ela se perguntava quem havia roubado eles e por quê?

Já havia colado cartazes pela escola com fotos deles oferecendo recompensa para quem desse alguma notícia sobre o paradeiro dos peixes ou sobre o desalmado que fizera aquilo com ela.

Arabela se sentia triste, pois imaginava que os alunos gostavam dela apesar de assustá-los com sua régua, mesmo que nunca tenha acertado a palma de nenhum dos alunos da atual geração. Aquele costume havia ficado para trás, mesmo que ainda sentisse vontade de pedir a certos alunos que estendessem a mão para apanhar com a régua de madeira. Ela sempre achou que seu método de ensino sempre trouxera resultados, não conhecia nenhum de seus antigos alunos que tenha seguido por caminhos errados, a maioria deles era bem sucedida, conhecia muitos engenheiros, empresários, professores e até um cineasta, este, era um de seus alunos preferidos daquela geração.

A garotada de hoje pinta e borda porque aposentaram a régua, dissera ela uma vez em sala de aula, mas o que ela ouviu dos estudantes foi apenas risadas e algumas piadas. Era muito mais difícil educá-los que antigamente, ela achava, mas

ainda assim não conseguia largar a profissão porque aquilo era como o ar que respirava, o ambiente escolar a deixava em êxtase. Ela foi a primeira professora do CLAN e achava impossível saber quantos alunos passaram por ela, de alguns nem lembrava mais quando a cumprimentavam na rua e isso a deixava triste porque cada um fora importante para ela.

Arabela sempre amou peixes por uma razão que ela mesma desconhecia, para amar não precisa de motivos, ela dizia sempre que perguntavam o porquê de tanto amor por eles. Desde que começou na escola colocou aquele aquário e por ele passaram vários peixinhos, muitos deles morreram, outros foram roubados em outras épocas, mas antes era mais fácil suportar, ela comprava novos e logo se acostumava com eles.

Com a idade avançada e sem ter encontrado o grande amor de sua vida sentia-se mais frágil, vulnerável, carente mesmo, então seus peixinhos eram tudo para ela. Eles eram os filhos que não teve.

Naquele momento de dor em que buscava respostas, um fio de lembrança sugou seus pensamentos para muitos anos atrás. Ela relembrou de um episódio que aconteceu quando um de seus peixinhos sumiram, o outro ficara desconsolado. Ela ficou furiosa na época, o colégio lecionava apenas para o ensino fundamental. Ameaçou colocar todos os alunos de castigo se não devolvessem o bichinho dela.

O menino que anos mais tarde viera a se tornar um cineasta acusou um coleguinha e Arabela acreditou nele.

Ela o obrigou a estender a mão e a professora desferiu três golpes com sua régua de madeira.

As lágrimas pularam dos olhos dele como se fossem gotas de chuva caindo do céu. Após o acesso de fúria, Arabela sentiu-se culpada, mas disse que era para ele aprender.

Então o garoto a encarou com aqueles olhos molhados e em meio ao choro, após ter negado tanto que não havia sido ele, falou uma coisa que ela nunca esqueceu:

“Eu vou me vingar da senhora”.

Ela nunca esqueceu daqueles olhos, pareciam profundos, tão ou mais profundos que o mar.

O menino saiu da sala e a deixou com um peso no coração.

Sentada ali naquela cadeira e observando o pequeno mar diante de si, Arabela pensou que aquele garoto poderia ter voltado para cumprir sua promessa de vingança, mas tão rápido voltou a si, pois era impossível ele ter voltado, afinal, o menino estava morto.

Duas batidas na porta cortaram os pensamentos dela.

— Professora, me dê licença — pediu Rebeca.

— Entre meu bem. — Arabela endireitou-se na cadeira.

— A senhora esqueceu essa pasta na sala e viemos devolver.

Rebeca estava acompanhada de Vic.

— Não olhamos nada, juramos. — Vic beijou os dedos cruzados.

— Não me importo que tenham olhado. — Arabela levantou-se e pegou a pasta vermelha, depois a jogou sobre a mesa.

Rebeca olhou o aquário vazio e percebeu porque Arabela estava tão apática.

— Nem um sinal deles? — perguntou.

— Nada, minha filha.

— Queríamos ajudar, mas a gente nem sabe por onde começar — falou Vic. —

A senhora não tem algum suspeito para que possamos investigá-lo?

— Todos vocês são suspeitos — disse Arabela ríspidamente, jogando as palavras nelas como se fossem pedras.

— Não fomos nós — disse Rebeca com cara de suspeita de um crime. — Pelo menos, não nós duas.

— É, não fomos — falou Vic, balançando a cabeça em negativa.

— Bom, já eliminamos duas suspeitas. É um bom começo, o que acha? —

Rebeca encarou Arabela, sorridente, dando-lhe de alguma forma uma pontinha de esperança.

— Não me interessa saber quem os roubou, só quero que me devolvam, só isso. Se por acaso descobrirem a pessoa que fez isso comigo, digam isso apenas.

— Tudo bem — falou Rebeca. — Agora nós vamos aproveitar o intervalo. Fique bem tá? Vamos descobrir quem fez isso e trazê-los de volta.

Arabela sorriu e não disse nada, apenas agradeceu com um olhar terno. As meninas deixaram a sala.

— Por onde começamos? — perguntou Vic, já no corredor.

— Já começamos — respondeu a amiga. — Duas suspeitas foram eliminadas.

— Como pode ter tanta certeza? Você pode estar mentindo.

Rebeca parou e a olhou como se fosse uma assassina prestes a matar uma testemunha.

— Ou você pode estar mentindo. Será que não foi você, Vic?

A garota riu em resposta.

— Somos péssimas detetives — ela disse.

Rebeca desfez sua máscara de assassina.

— Vamos logo, preciso comer alguma coisa — falou.

Vic seguiu caminhando com a amiga e elas pararam quando um sujeito surgiu pela escada, vindo do térreo. Ele usava boné, tinha a barba por fazer e carregava uma sacola na mão e na outra uma caixa, parecia pizza.

O homem segurou a aba do boné como se cumprimentasse as meninas, mas desviou o olhar delas.

Vic arregalou os olhos para Rebeca como se elogiasse a beleza do sujeito.

— O que tem de bonito tem de mal educado — disse Rebeca. — Vamos logo, Vic. Lembre-se, cabeça erguida sempre.

— Você não vai conseguir fazer de mim uma dama, desista.

Vic saiu caminhando como um robô. Rebeca não conteve as risadas enquanto desciam as escadas.

No térreo, caminharam pelo pátio em direção à lanchonete ainda debatendo quais os passos para tentar descobrir o sequestrador dos peixinhos. Não havia nenhum alvo suspeito que pudessem investigar.

— O bonitão já está indo embora — disse Vic ao ver o entregador passar em direção à saída colégio. — Ah, esqueci meu celular na sala da Arabela. — Ela

colocou a mão na testa em tom de decepção. — Temos que voltar lá.

— Não acredito nisso, vou passar mais alguns minutos de fome.

Então elas voltaram lá.



O entregador bateu na porta de Arabela. Ela pediu que ele entrasse e achou estranho a presença dele.

— Essa encomenda é para a senhora — falou.

— Mas eu não pedi nada — retrucou com as mãos na cintura.

— Pediram que eu entregasse — disse, gentilmente, colocando a caixa sobre a mesa junto com refrigerante.

— O que é isso? Não vou pagar por isso. Não pedi nada.

— Já está pago, senhora. — Ele segurou a aba do boné e despediu-se educadamente.

Arabela ficou ali encarando aquela caixa. Não pedira nada. Nem mesmo tinha o nome do restaurante. Pensou em jogar direto no lixo, mas a curiosidade a fez examinar o que era aquilo. Depois de alguns instantes, criou coragem e muito devagar abriu aquela caixa.

Então, seus pelos se eriçaram quase ficando petrificados, seu coração disparou tão rápido quando um despertador e seus olhos cresceram quase tomando toda a sua face.

Um grito de horror e estranhamente rasgante saiu da garganta de Arabela.

Eram eles ali servidos em um pratinho com direito a um molho estranho em uma garrafinha minúscula de vidro. O prato estava dentro de um quadrado de madeira envolto em papel filme.

Mr. Jack e Lady Rose estavam literalmente fritos, tostados.

Eram eles e estavam mortos.

Alguém fritou os peixinhos dela.

Tudo estava se desfazendo, fugindo da mente de Arabela, aos poucos os pensamentos foram silenciando em sua mente. Sua última ação foi colocar a caixa sobre a mesa, imaginando que poderiam se machucar caso caíssem no chão, mas eles não sentiriam nada.

Daniel ouviu o grito, saiu de sua sala, que ficava ao lado, aos tropeços. Vic e Rebeca viram o professor correr desesperado. Elas apressaram o passo e quando chegaram na sala, o diretor já estava ajoelhado medindo o pulso da velha.

— Chamem uma ambulância, rápido — ele gritou para as meninas.

Vic pegou o celular que ainda estava sobre a mesa e discou rápido o número da emergência.

— O que houve com ela, Daniel? — perguntou Rebeca, já nervosa.

— Não sei, só ouvi o grito. Abra a janela Rebeca, rápido, saiam de cima dela.

Rebeca fez o que o professor pediu.

Daniel abriu o armário, suas mãos gorduchas reviraram as coisas que tinham lá dentro à procura de álcool e algodão.

— Droga!

— Eles estão vindo — falou Vic, após desligar a ligação. — Rebeca, veja isso.

Rebeca levou a mão à boca em uma expressão de horror.

— São eles — falou. — Daniel, veja isso. Os peixinhos.

— Oh Deus, quem fez isso? — Daniel estava passando o algodão molhado perto do nariz dela para tentar reanimá-la.

— Gente que maldade — disse Vic. — Estão fritos.

— Foram longe demais — falou Daniel já de pé observando aquele pacote.

— Foi o entregador, Vic. Aquele que vimos. Daniel, nós vimos o sujeito que trouxe essa encomenda.

— Como assim? Vocês sabem quem foi? Conseguiram identificar?

— Não o conhecemos, mas provavelmente foi alguém que pediu pra ele entregar.

— Se eu descobrir que foi algum aluno do colégio, será expulso — berrou Daniel.



Quando Amanda e Felicity alcançaram o pátio a viram passar na maca. Dois socorristas correram apressados com Arabela para a ambulância. Rebeca e Vic surgiram em seguida.

— O que houve com ela, Rebeca? — perguntou Felicity, visivelmente preocupada.

Amanda estava ao lado com a mão cobrindo os lábios.

— Algum idiota fez isso — sua voz respingava diferentes tons de fúria. Ela arrancou a caixinha de madeira das mãos de Vic. — Entregaram eles na sala dela agora a pouco e a coitada passou mal com o susto.

Felicity abriu levemente a boca indicando estar surpresa.

— São os peixinhos dela? Mas quem fez isso?

— É o que gostaríamos de saber — falou Vic.

— E vamos descobrir — emendou Rebeca. — Vamos acompanhá-la até o hospital até que chegue algum parente. Depois a gente se fala. — Ela agarrou o braço de Vic e a puxou em direção à ambulância.

Amanda, que estava calada o tempo todo, encarou os olhos verdes de Felicity.

— Foi você? — perguntaram em uníssono.

— Não — responderam ao mesmo tempo.

— Então, só pode ter sido...

— O Gabriel — Felicity completou a frase.

# CAPÍTULO 30

## O ESPIÃO

Após a aula, as meninas decidiram ir a uma sorveteria que ficava próximo à escola. Elas entraram e sentaram à uma mesa nos fundos. Amanda pediu três bolas de sorvete sabor limão e Felicity duas de morango e uma de maracujá.

— Perdeu o gosto pelas laranjas? — perguntou Felicity.

— Não posso mais ver laranjas na minha frente. Mas continuo nas frutas cítricas — respondeu Amanda, rindo. Ela estava mais aliviada agora.

— Acha que a Rebeca pode estar desconfiada de alguma coisa? — perguntou Felicity.

— Não sei — respondeu Amanda. — Estamos um pouco distantes dela, talvez isso gere algum incômodo, mas não creio que ela vá desconfiar que a gente esteja fazendo essas coisas, que você tenha colocado fogo na escola — falou num sussurro.

— Tem algo me preocupando. Eu peguei um livro na biblioteca na noite do incêndio. Peter Pan foi o primeiro livro que eu li sozinha e não queria deixá-lo virar cinzas.

— E daí?

— Daí que a Rebeca o viu no meu quarto e por coincidência ela tinha devolvido aquele mesmo livro na sexta-feira. Eu disse pra ela que tinha pegado naquele mesmo dia, mas não sei se acreditou. É um exemplar único.

— Você deu bobeira. Ela pode não suspeitar de nada agora, mas depois, se mais coisas acontecerem, se deixarmos qualquer pista que seja, a Rebeca pode começar a desconfiar. E depois dessa com os peixinhos, ela e a Vic vão querer investigar, tenho certeza.

— É, temos que tomar cuidado. E você devia contar pra ela que está grávida. Se ela souber por outra pessoa vai acabar ficando chateada, tendo mais motivo para achar que escondemos coisas dela.

— Vou contar, mas ainda não tive oportunidade.

Felicity estava de costas para a rua. Amanda via as pessoas que passavam lá fora pelo janelão de vidro. E tinha um homem atravessando em direção à sorveteria.

— O que é que você está olhando? — perguntou Felicity ao notar Amanda com o olhar fixo por sobre seu ombro.

— Um homem estranho. Posso jurar que já o vi outras vezes. Ele está entrando, tenta olhar para trás sem chamar atenção.

Felicity tirou um espelho de sua mochila e o viu pelo reflexo.

— Nunca o vi antes.

— Mas eu tenho certeza de que o vi hoje cedo quando saí do médico com a minha mãe. Acho que estou sendo seguida.

— Será?

— Claro, era ele. Será que ele está nos vigiando? — Amanda agora cochichava.

— Tem certeza de que não o viu antes?

— Tenho — falou Felicity, baixinho. — Temos que tirar uma foto dele e depois procurá-lo nas imagens que o Gabriel tem pra termos certeza de que ele nos segue.

— Não sou uma boa detetive. Tente você.

Felicity pegou seu smartphone e o colocou no modo câmera. Levou ao ouvido e fingiu estar em uma ligação. O homem estava fazendo seu pedido no balcão. O polegar de Felicity tocou na tela várias vezes. Ela ficou de pé para dar mais sorte.

— Oi Gabriel, estamos na sorveteria. Não estou te ouvindo bem, acho que o sinal está ruim. Espere. — Ela caminhou em direção à saída, passou pelo homem e teve certeza de que registrou a imagem do rosto dele.

Felicity voltou-se para Amanda e disse:

— Caiu a ligação, vamos embora. Ele queria falar com a gente.

O homem estava no caixa pagando pelo sorvete.

Amanda pegou sua mochila e saiu dali junto com Felicity.

— Se ele está nos vigiando está fazendo um péssimo trabalho — disse Felicity já caminhando pela calçada.

— Vamos voltar para a escola — disse Amanda. — Precisamos encontrar o Gabriel.

Felicity ligou para o amigo e foram atrás dele na sala de computação onde o mesmo encontrava-se.

A maioria das aulas no CLAN era ministrada na parte da manhã, à tarde os alunos tinham matérias complementares como informática, aulas de natação, teatro, dança, línguas e artes. Essas últimas eles poderiam incluir de acordo com suas preferências desde que cumprisse a carga horária.

O laboratório era todo branco rodeado de janelas. As cabines eram dispostas em fileiras. Gabriel estava na parte de pesquisa, as duas entraram apressadas tentando identificar o rapaz.

— Aqui Amanda — disse Felicity quando encontrou Gabriel. — Precisamos falar com você.

Ele usava a camisa do colégio e a calça moletom. Seus cabelos negros estavam bem alinhados na sua cabeça, cada fio em seu lugar.

— O que foi dessa vez? — Gabriel girou a cadeira na qual estava sentado.

— Tem alguém nos seguindo — disse Amanda assim que chegou perto.

— É, tiramos uma foto dele e queremos ver se você consegue identificá-lo no seu arquivo de imagens.

Gabriel já havia enviado todas as fotos que tirara para Krystal e pedira que ela utilizasse um programa em que pudesse fazer o reconhecimento facial de qualquer sujeito que aparecesse repetido nos vários grupos de imagens que ele mandou. Havia uma pasta “restaurante”, que foi no dia em que Amanda foi levada e outras: “hospital”, “escola”, “imagens Felicity”, “imagens Amanda”. O que o programa fazia era localizar rostos iguais ou semelhantes em todos os arquivos.

— Já me adiantei e pedi para um amigo fazer isso — ele disse. Adoraria dar os créditos para sua garota, mas não era o momento das meninas saberem sobre a existência de Krystal. Gabriel tirou o celular da mochila que estava ao lado sobre

uma cadeira. — Tem um sujeito estranho que aparece na saída daquele restaurante. — Ele dirigiu o olhar para Amanda. — E também no hospital. A imagem está borrada, mas dá pra ver.

Ele mostrou o aparelho e Amanda o reconheceu de imediato.

— É ele, esse homem Gabriel. Lembra daquele dia em que nos encontramos na rua? Quando você encontrou a Tereza... — Ela não quis terminar, lembrar que havia matado aqueles gatinhos envenenados a deixava mal. — Falei pra você que ele ficou nos encarando. E o vi no restaurante também.

— Lembro.

— Tiramos fotos dele hoje na sorveteria. — Felicity mostrou as imagens no seu smartphone.

— É o mesmo cara. — Os olhos de Gabriel refletiram a luz do teto, ansiando por uma esperança de pegar alguém que tivesse por trás daquilo tudo. — Onde ele está?

— Deve estar lá fora ainda — falou Felicity.

— Temos que fazer alguma coisa — disse Gabriel. — Você tem certeza de que era ele mesmo? — perguntou para Amanda.

— Ah, claro que tenho, mas o que podemos fazer? Se ele é só um espião, não vai nos revelar nada.

— Se a gente chegar com educação para bater um papo com ele, certamente não, mas se usarmos outros métodos...

Amanda podia dizer que o olhar de Gabriel, naquele momento, se transformou em uma paisagem fria, dominada pelo gelo e pelo vento cortante.

— O que você está pensando em fazer? — ela perguntou com cautela, sentindo medo do que se passava na mente dele.

— Vou precisar da ajuda de vocês.

Ele se levantou, pegou a mochila e saiu caminhando. Elas o seguiram pelo corredor.

— Entenderam onde fica? — Gabriel quis saber. Ele havia explicado que elas deveriam caminhar pela rua até um bairro próximo da escola. Era perigoso, mas ele garantiu que estariam seguras. — Tem que ser a pé, não é muito longe, isso vai chamar a atenção dele.

— Sim — disse Amanda. — Mas o que você pretende fazer?

— Vamos pegá-lo. E ele vai ter que falar quem está por trás disso.

Felicity agarrou na mão de Amanda e a puxou, ela sentiu a frieza da pele dela embora a tarde não estivesse fria. Elas deixaram Gabriel no corredor e seguiram.

— Estou nervosa — falou Amanda enquanto andava para fora do colégio.

— Deu pra sentir, suas mãos estão geladas. Vamos logo antes que o portão feche — disse Felicity. Elas correram e alcançaram a rua. — Eu também estou nervosa, mas estamos sem saída. Nós vamos conseguir.

— Ele ainda está ali — falou Amanda. — Veja.

Felicity viu o homem falando ao celular. Ele estava de pé ao lado do carro.

— Vamos descer por ali — Felicity caminhou em direção à rua que Gabriel indicou. — Ele vai nos seguir.

E elas caminharam, passando por casas, prédios e algumas pessoas na rua.

Havia algumas árvores em fileira, umas menores que outras.

— Nada dele? — perguntou Amanda.

— Acho melhor não olharmos para trás agora.

A inquietação tomou conta de Amanda. Elas estavam se distanciando da escola, da parte segura do bairro.

— Podemos ser assaltadas, acho melhor voltarmos.

— Agora não, Amanda.

Elas pararam.

Um carro vermelho passou.

Um cão feroz latiu na casa vizinha.

O coração de Amanda disparou.

— Cuidado — disse Felicity. — Fique atenta, não vai ser bom você tomar um susto. — Ela olhou intrigada para a amiga, imaginando se por algum momento ela desejou ter um susto e perder o bebê. Não quis falar nada, só de lembrar das palavras de Amanda dizendo que seria melhor perder seu filho já lhe dava um nó no estômago.

Amanda assentiu, não aguentou e olhou para trás.

Ela o viu um segundo antes de se esconder no tronco de uma árvore que era tão fino quanto ele próprio, mas não dava para esconder-se atrás dela.

— O idiota está nos seguindo. — Foi estranho, mas perceber que ele era tão burro, um péssimo perseguidor deixou Amanda um pouco mais aliviada. Como um detetive se permitia ser visto assim tão fácil? — Vamos apressar o passo, Fê. E não olhe mais para trás.

Elas continuaram caminhando. Chegaram ao final da rua e pegaram à esquerda, a pista era movimentada, carros passavam em alta velocidade. Andaram pela calçada até pegarem a rua da direita que era mais tranquila, havia apenas casas, mas os sinais da pobreza começavam a aparecer. Mais adiante alcançaram uma rua cercada por prédios antigos, alguns inacabados.

Segundo as instruções de Gabriel, deveriam encontrar uma construção parada, um prédio erguido como um esqueleto. Entraram numa viela e o encontraram, estava cercado por um muro improvisado de madeira.

O homem do rosto cinzento estava cansado, mas as seguia a pé mesmo. Não imaginou que fossem tão longe, ficou arrependido por não ter pego o carro.

Ele viu quando elas entraram por uma abertura tão pequena. Agradeceu por ser magro. Aproveitou e conseguiu tirar fotos delas entrando naquele local.

Então seguiu os passos das garotas. Ele estava sendo pago para isso, tinha de se arriscar, saber o que estavam fazendo ali.

Quando entrou viu poças d'água espalhadas pelo terreno, alguns tufo de capim cresciam, havia pilhas de tijolos, entulhos. A construção estava abandonada. Ele olhou ao redor e não as viu, caminhou farejando o ambiente como um cão de caça, seu olhar estava atento.

Ele aproximou-se, cuidadoso, do prédio. Olhou da entrada e não tinha ninguém, estava escuro, apesar do sol alto no céu. Havia janelas pequenas por onde os raios do sol invadiam como se fossem lasers.

O local estava assustadoramente vazio.

Então, resolveu sair. Mas quando deu as costas, alguém surgiu das sombras e o sufocou com uma mão forte tapando a boca dele. O homem tentou sugar o ar, mas sentiu algo forte penetrar suas narinas e quase imediatamente uma sensação estranha subiu para seu cérebro. Suas forças foram sumindo junto com o mundo que foi engolido para dentro daquela escuridão.

— E agora, o que fazemos? — perguntou Amanda ao surgir do escuro, olhando o homem caído no chão.

Felicity aproximou-se.

Gabriel havia explicado que aquele sujeito estaria ali esperando por elas e por aquele homem. Elas não sabiam quem ele era, mas era o mesmo sujeito que deu a droga para Gabriel.

— Vamos levá-lo a um local seguro — disse o homem. Ele arrastou o sujeito pelos pés.

— Não precisam ajudar se não quiserem — disse Krystal surgindo por alguma entrada. Ela tinha uma mochila na mão da qual tirou cordas e uma fita prateada e as jogou para o amigo.

Amanda arregalou os olhos ao reconhecê-la da noite em que foi pegar o dinheiro para livrar Gabriel e Felicity daqueles policiais. Hoje ela estava diferente, seus cabelos estavam presos e lisos.

Felicity também não disse nada. Não sabia que ela estaria ali.

Krystal jogou um pedaço de pano preto para Felicity e Amanda sem alguma delicadeza.

— Vocês não podem saber para onde estamos indo — disse.

— Como assim? Seremos vendadas? — quis saber Amanda.

— Exatamente. Assim que entrarem no carro terão de colocar esse capuz e só tirarão quando dissermos que podem.

Amanda notou que ela podia estar com o visual diferente, mas ainda vestia aquele atrevimento que era dela, era sua marca.

— Vamos nessa — disse o amigo de Krystal que já estava com o sujeito no ombro com os pés e mãos amarrados. Ele caminhou mais adentro.

Krystal fez sinal com a cabeça para que as duas o seguissem e ela foi logo atrás.

Era impossível não estar assustada, mesmo que confiasse tanto em Gabriel, Amanda não conseguia ficar à vontade com aqueles dois. Ela os achava com cara de perigosos e se perguntava como Gabriel tinha se metido com eles.

Quando saíram pelo outro lado, Felicity e Amanda viram o carro. O homem jogou o corpo adormecido no porta-malas. Elas entraram no carro.

Apenas com o olhar, Krystal disse que era hora de colocar o capuz.

As duas meninas se entreolharam, seus olhares se cruzaram na mesma pergunta: quais segredos Gabriel estava escondendo?

Então tudo ficou escuro e quando puderam enxergar o mundo novamente, o local onde estavam era outro.



O homem estava em uma cadeira, amordaçado com as mãos amarradas para trás, seus pés também estavam presos por cordas. Amanda estava de pé com a mão direita no rosto e a outra sobre a barriga. Sua expressão era de medo e pena. Gabriel estava sendo muito cruel com ele. Felicity observava curiosa, ao lado da amiga, esperando que o rapaz arrancasse alguma coisa daquele ser esquisito.

O rosto dele estava pálido como se seu sangue tivesse sido sugado, seu olhar era de pânico, o suor estava deixando seus cabelos molhados.

Gabriel estava sentado numa cadeira, curvado para frente e com as pernas abertas, estava suado e se alguém perguntasse o que estava sentindo, diria: nada. Ele levantou-se e puxou o pedaço de pano da boca do sujeito com violência, o tecido ficou pendurado em seu pescoço como um colar.

Ele não estava disposto a falar, só deu gritos e por isso fora amordaçado.

— Eu vou te dar mais uma chance para falar tudo o que você sabe — disse com a voz fria, seu olhar penetrante, transparecendo fúria. — Comece falando por que está nos seguindo.

O homem olhou para Amanda como se pedisse ajuda, depois para Gabriel.

— Então, decidiu falar alguma coisa?

— Socooooorro! — o berro do homem ecoou pelo galpão.

Gabriel desferiu um tapa com as costas de sua mão direita no rosto dele. O sujeito soltou um grito.

— Para, Gabriel — gritou Amanda, assustada mais com Gabriel que com o suposto espião.

— Ele tem que falar, Amanda — disse Felicity.

Amanda ficou mais assustada quando viu Gabriel em cima do homem, segurando-o pelos cabelos e com uma navalha daquelas de barbear próximo ao queixo pontudo.

— Acho melhor você falar se não quiser se machucar. Posso fazer isso, sabia?

— O rapaz falava bem próximo do homem, olhando fundo nos olhos dele. — Então, qual é? Vai começar a falar?

— Não sei de nada, não estava seguindo ninguém. — Ele pareceu desesperado.

— Deixe-me ir. — Os dentes dele estavam manchados de vermelho. Um corte interno em sua boca provocado pelo tapa, sangrava.

Gabriel encostou a navalha na mandíbula dele.

— Fale — sussurrou o rapaz.

O homem apenas o encarou apavorado e Gabriel forçou e deslizou a lâmina. Uma linha vermelha se formou no rosto dele e o sangue escorreu. O corte foi superficial, mas o sujeito soltou um berro pelo susto.

— Tudo bem, tudo... — Ele estava sem fôlego. — Eu falo. Não estava seguindo vocês, mas apenas ela. — Ele direcionou o olhar para Amanda.

— A mim?

— Eu não sei o que estão pensando, mas era só ela. O problema é que vocês

sempre estão juntos e eu preciso saber com quem ela anda.

— Mas por quê? — perguntou Gabriel, parecendo desapontado. — São vários de vocês nos seguindo?

— Não sei se tem alguém mais seguindo. Apenas fui contratado para vigiá-la.

— Quem o contratou?

— É melhor confessar logo quem mandou você seguir a Amanda. — Gabriel aproximou-se do homem ameaçando um novo corte.

— Espera Gabriel.

Ele hesitou.

— Eu sei quem colocou esse homem pra me vigiar — continuou Amanda.

Felicity e Gabriel a olharam surpresos.

— Então fale, quem foi?

— Vamos deixá-lo ir embora, Gabriel. Não é quem estamos pensando.

— Claro que não — disse o homem.

— Fala logo, Amanda — insistiu Felicity.

— Tudo bem, mas ele tem que confirmar. Foi o Romeu não foi? — Amanda aproximou-se do homem. Ele assentiu que sim com a cabeça.

— Mas quem é Romeu? — perguntou Gabriel.

Felicity o encarou, depois olhou para Amanda, para a barriga de Amanda. Então Gabriel entendeu.

— Não! O Romeu? Prefeito? Então é isso? Ele é o pai do seu filho?

— Ele só estava preocupado com a segurança da garota — falou o homem. — Pediu que eu a vigiasse apenas para saber sobre o bem estar dela, jamais faria mal algum a vocês.

O alívio veio como uma rajada de vento fresco para Amanda. Romeu estava preocupado com ela, sentiu saudade dele por um momento, mas lembrou-se que ele havia sumido desde que terminara tudo com ele. Nem mesmo uma ligação fora feita, tudo bem que ela havia deixado claro para não procurá-la, mas sumir assim e colocar um detetive que não foi bom o suficiente para não ser pego para vigiá-la de longe? Certamente soube da gravidez e ao invés de entrar em contato para saber sobre a criança, ele colocou um vigia.

Depois do alívio veio a decepção. Amanda ainda pensava nele, ainda imaginava que ele sentisse alguma coisa por ela. Podia até sentir, mas a carreira política era mais importante, o quadro da família perfeita era mais importante para ele do que ser feliz de verdade.

Mas quem disse que ele não era feliz de verdade? O que Amanda era pra ele? Um caso de amor secreto. E as coisas secretas são para se manterem escondidas. Ele gostava de Amanda, mas do jeito que eles estavam, sem ter que se expor.

— Diga pra ele que eu não preciso de proteção, eu sei me virar sozinha — disse Amanda. — E ele está enganado porque esse filho não é dele, peça para me deixar em paz. Eu juro que se eu te vir novamente próximo de mim eu chamo a polícia. — Amanda apontava o dedo para o sujeito, estava visivelmente aborrecida.

O que ela queria mesmo era que Romeu estivesse ali para acertá-lo com um tapa. Ou melhor, ela pegaria aquela navalha das mãos de Gabriel e riscaria aquela cara de safado que ele tinha.

— Vamos embora — disse Gabriel. Ele caminhou em direção à porta e parou voltando-se para as garotas.

— Mas e ele? — indagou Felicity.

— Vou pedir para alguém cuidar dele, não se preocupem.

Felicity puxou Amanda pelo braço e caminhou em direção à Gabriel.

— Vocês não podem me deixar aqui — gritou o homem. — Seus imprestáveis. Vocês não sabem com quem estão se metendo.

Gabriel apagou a luz, passou pela porta e o homem ficou ali no escuro, gritando por socorro. Tudo o que ele via era um monte de pilhas de alguma coisa cobertas por lonas, eram caixas, máquinas talvez. O ambiente estava úmido. Alguma luz entrava pelas frestas no alto do teto.

Aquilo tudo foi muito desgastante e frustrante para Gabriel. Foi um esforço vão porque estavam na estaca zero. Nenhuma pista do autor daquela maldita lista de instruções.

# CAPÍTULO 31

## COMIDA DE PEIXE

Gabriel abriu a porta do seu quarto e deu de cara com seu irmão pequeno mexendo em sua mochila.

— Dênis, está remexendo minha mochila com a permissão de quem, posso saber?

Gabriel vestia uma regata branca e um short preto que usava para frequentar a academia. Ele estava suado após o treino que fizera para descarregar sua frustração com o caso do homem cinzento. Tanto esforço gasto para nada.

— Com a minha — disse o menino, tão sério que pareceu ter alguma autoridade sobre Gabriel. — Por que você tem comida de peixe na sua mochila? — ele mostrou o pacote ao irmão.

Gabriel continuava parado com as mãos na cintura. Mesmo que não fosse a primeira vez que via o garoto mexendo em suas coisas sempre se surpreendia com o jeito “tô nem aí” do menino. Ele podia fazer o que ele quisesse, Gabriel o amava de qualquer jeito e não se irritava com aquilo, desde que o pequeno não desse sumiço em nada nem quebrasse alguma coisa, tudo ficava em perfeita ordem.

— Comida de peixe dá músculos, sabia?

Dênis arregalou os olhos.

— Mentira sua.

— Por acaso eu tenho cara de quem mente? — Gabriel sentou-se na cama, ao lado dele. — Está vendo meu nariz crescer?

O menino balançou a cabeça em sentido negativo.

— Somente o nariz dos mentirosos que crescem. — Gabriel tocou o dedo indicador no nariz dele com carinho. — Como você acha que consegui ficar assim? — Gabriel flexionou o bíceps mostrando toda sua força para o irmão pequeno.

Dênis era como ele, branquinho com os cabelos pretos.

— Comendo comida de peixe? — perguntou o menino.

— Isso mesmo. Se você quiser ficar forte igual a mim vai ter que comer comida de peixe.

— Eca, isso tem um cheiro ruim.

— O gosto é bom, experimenta.

Dênis abriu o saquinho e pegou umas migalhas daquelas. Ele colocou na boca e fez uma careta que arrancou uma risada de Gabriel.

— Não, Dênis, não cuspa...

Mas já era tarde. O menino cuspiu uma papa em cima da cama.

— Sujou todo meu lençol, seu porquinho.

O menino ria.

— Não gostei disso — ele falou.

Gabriel comprara aquela comida para alimentar os peixinhos enquanto decidia o que fazer com eles. A lista dizia que ele teria de entregá-los fritos à Arabela, até

pensou em comprar outros e substituí-los pelos originais, mas recebeu uma mensagem de texto misteriosa dizendo que estava de olho nele, que teria de ser aqueles peixes a serem mortos.

Mas Gabriel não teve coragem de matá-los, pediu para que seu amigo fizesse isso para ele. Aquele mesmo sujeito que arranjou a droga. Alguém do seu passado.

O rapaz foi até o banheiro e voltou com um papel higiênico para limpar a sujeira.

— Vá pro seu quarto, garoto. Preciso ficar sozinho.

— Quero ficar aqui.

— A mamãe precisa da sua ajuda com o jantar, vai logo. Ela te chamou.

O pequeno pulou da cama e caminhou até a porta.

— Olha o que eu achei. — Ele retirou do bolso uma medalha dourada presa em uma fita azul e estendeu para que o irmão visse.

Gabriel viu aquele pequeno disco dourado balançando diante de si, parecia que Dênis o estava hipnotizando pois ficou imóvel.

— Posso ficar com ela? — perguntou o menino.

— Pode — respondeu Gabriel. — Agora, vai. — Ele empurrou o irmão com carinho e fechou a porta na chave.

.

# DIÁRIO DE REBECA

*Querido, querido, querido diário...*

*Hoje, o dia está tão lindo. O brilho do sol faz tudo parecer ser de cristal, vejo as casas e os prédios brilhando, os carros e os olhos das pessoas. Tudo está tão mais bonito, até os pássaros estão mais afinados.*

*E tudo isso sabe por quê? Porque eu tenho uma notícia boa. Acho que as notícias boas dissipam o negrume de nossas vidas, nos permite enxergar além.*

*Você deve estar curioso pra saber o que é, mas querido diário me deixe fazer um pouco mais de suspense. Eu sei que tenho te contado algumas coisas ruins, mas não tenho culpa se elas me acontecem.*

*Enfim, só mais uma coisa: neste momento estou deitada de bruços e escrevendo em você, estou balançando meus pés para frente e para trás. A janela do meu quarto está aberta e sinto o vento soprar meu rosto.*

*Eu escutei uma conversa da minha mãe falando ao telefone, foi isso o que me deixou feliz. Entrei no quarto dela porque queria que encontrasse meu vestido lilás para ir visitar meu avô, então percebi que ela estava no banheiro falando com alguém e fiquei ouvindo tudo.*

*Ela falava com o meu pai, melhor, com o marido dela. Eu sabia que a poeira ia baixar. Eles estão fazendo as pazes, na verdade, acho que já fizeram e não me contaram nada. Minha mãe disse que seria melhor esperar meu aniversário de treze anos porque aí seria uma grande surpresa pra mim. Bem, não será mais uma surpresa, mas um presente. O melhor da minha vida.*

*Pelo que entendi, papai vem de vez. Ele está voltando no dia da minha festa, de mala e cuia.*

# CAPÍTULO 32

## A PEQUENA SEREIA

A porta do quarto de Kevin estava aberta. Rebeca aproximou-se e viu seu avô sentado na cama, ao lado dele havia uma caixinha de madeira com alguns objetos dentro e fotos espalhadas pela cama. A garota entrou sem falar nada, sentou-se ao lado dele e o envolveu num abraço. Kevin deu um sorriso e virou-se para beijar o rosto da neta.

— Tudo bem com o senhor, vovô?

— Você me permite falar a verdade?

— Comigo você sabe que sempre pode ser a verdade.

— Bom, então a verdade é que não está tudo bem, nem nunca estará. Faltam pedaços de mim que nunca os terei de volta.

— Ah, vovô. — Rebeca entrelaçou os braços no pescoço do homem. Ela deu um beijo na cabeça dele. — Você tem a mim e eu tenho ao senhor.

— Todos decidiram seguir em frente, mas eu simplesmente não consigo. Se digo que estou seguindo, na verdade estou apenas sendo levado pela correnteza.

Era assim que Rebeca também se sentia: sendo levada pela correnteza. Mas ela não podia afundar junto com seu avô. Ela sempre achou que por mais quebrada que estivesse por dentro, quando se está diante de alguém que também se despedaça, você deve dar a mão para que a dor possa ser compartilhada.

— Ela era linda — disse Rebeca ao pegar uma das fotografias sobre a cama.

— Muito linda — disse Kevin. Seus olhos brilhavam como o mar ao receber os raios do sol na superfície. — Você puxou a ela. As únicas ruivas e olhos azuis na família. Nem mesmo seu pai teve olho azul. — Rebeca viu um sorriso ganhar contorno no rosto dele, mas seus olhos pareciam uma paisagem fria e escura, apesar do brilho.

Kevin adorava falar de sua garotinha, sua pequena sereia. A menina de olhos azuis e cabelos ruivos, tão esperta e alegre, era cheia de energia e adorava nadar. Era tão boa em natação que seus coleguinhas logo a apelidaram de pequena sereia.

A fotografia para a qual Rebeca olhava era de uma garotinha de sete anos dentro de uma piscina, sorrindo. Notava-se que faltavam dois dentinhos na arcada inferior. Seus cabelos estavam molhados e ela usava um biquíni lilás como o de Ariel.

— Adoraria tê-la conhecido. Posso ver o que tem na caixa? Você nunca me mostrou essas coisas. — O avô assentiu e Rebeca pegou um peixinho de cerâmica que estava na caixa, listrado de amarelo e azul. — Linguado? — perguntou, curiosa.

— É meu tesouro. Ela ganhou esse peixinho de um coleguinha da escola, ele dizia que seria seu príncipe. — Ele riu. — Lembro que os levei na estreia do filme A pequena sereia. Eles ficaram encantados e brincavam que a Anna seria a sereia e o Enzo, o príncipe Eric. Tem uma foto do menino aí dentro, veja. — Kevin tirou de dentro da caixa uma fotografia que estava rasgada ao meio.

Rebeca viu um menino loiro e olhos verdes. O cabelo era espetado, ele sorria, e percebeu que havia uma mãozinha no ombro dele e uma mecha de cabelos ruivos. Então ela imaginou que o garoto estava abraçado à menina que seria sua tia, caso estivesse viva.

— Ainda cismaram que o filho deles se chamaria Linguado. — Kevin soltou um riso mais animado.

— Aposto que você era o rei Tritão.

Kevin sorriu e assentiu.

— Onde está esse garoto, vô? — Rebeca olhava para a imagem como se conhecesse aquele menino.

— Ele também morreu um tempo depois.

Os pelos de Rebeca se eriçaram.

— Nossa, Vô... não conhecia essa parte da história.

— Foi uma morte estranha a dele... — Kevin tentava puxar fragmentos de suas lembranças. — A mãe os abandonou e depois de um tempo, o pai anunciou o velório dele. Mas ninguém viu o corpo... é estranho que ninguém tenha visto. O caixão estava fechado e o pai não permitiu que alguém abrisse, disse que aquilo era um pedido do garoto, ele não queria que seus amigos o vissem dentro de um caixão.

— Pode parecer coisa de filme, mas o senhor acha que ele possa estar vivo?

— Ele era apenas um garoto, não creio que algo assim passasse pela cabeça dele. Forjar a própria morte.

— Mas talvez tenha sido o pai, para se vingar da mulher que os abandonou.

— Pode parecer estranho, mas prefiro acreditar que ele não está mais neste mundo, que estão os dois juntos em algum lugar como deveria ter sido.

Ninguém nunca havia contado detalhes dessa história para Rebeca, tudo o que ouvira era que sua tia havia morrido, por ironia do destino, afogada. A garota que vencera todos os meninos em competições de natação na escola morreu afogada.

— Quem estava nessa foto ao lado dele?

— Sua tia. A outra metade ficou com o menino, mas não sei onde foi parar. Eles gostaram tanto dessa fotografia que decidiram parti-la ao meio e cada um ficou com a imagem do outro. Adoraria achar a outra metade para poder vê-los juntos.

Eles nunca casaram, nunca tiveram filhos. A garotinha não se tornou a mulher de trinta e dois anos que seria naquele momento, que seria o dia do seu aniversário. Kevin nunca conheceu seus netinhos, nem nunca saberá se eles herdariam os genes da família e teriam cabelos ruivos como ele, seus filhos e sua neta. Nunca soube se a maturidade impediria que os dois batizassem seu filho de Linguado. Kevin nunca entrou na igreja com ela como sonhou, nunca entregou sua Ariel ao Príncipe Eric.

— Acho melhor você não olhar mais pra essas fotos, está deixando o senhor triste. — Rebeca catou uma a uma e as dispôs dentro da caixinha de madeira junto com o peixinho. — Quero um favor seu e não pode me negar.

— Hum, é só dizer o que é.

Rebeca contou o que aconteceu com Arabela e como ela ficou abalada com o sumiço dos peixinhos, depois explicou como a professora tinha ido parar no hospital.

Kevin não estava muito disposto a sair de casa, mas lembrou-se que ela fora

professora de seus filhos também, então sentiu vontade de vê-la novamente, fazia um bom tempo que a tinha visto.

— Mas você acha uma boa ideia dar novos peixes para ela?

— Ah, vô, acho que sim. Ela não gosta de gato, nem de cachorro. Vamos, por favor.

Rebeca o puxou pelo braço com carinho. O homem levantou-se da cama meio que sem vontade. Ele estava vestido com um roupão azul marinho. Era alto e corpulento. Caminhou até o banheiro e disse que não demoraria.

Rebeca organizou as fotografias e pegou a caixinha de madeiras para guardá-las e observou que ali dentro também tinha uma foto do seu pai. Ela ficou encarando a fotografia dele quando foi distraída pelo toque do celular.

— Papai — disse ao atender a ligação. Chegou perto do banheiro para certificar-se que o avô já estava embaixo do chuveiro. — Estou com o vovô. — Rebeca caminhou até a janela do quarto e olhou para a estufa um pouco distante de onde estava. — Estou com uma foto sua aqui guardada com o vovô, o senhor está mais novo, um gato.

— O papai guarda verdadeiras relíquias nossas — disse. — Só espero que não seja uma daquelas antigas, eu era horrível.

— Não é tão antiga. E não tem como você ser horrível. — Rebeca tinha um sorriso no rosto que brilhava como as estrelas no céu. — Fosse assim eu não teria nascido linda, puxei ao senhor, o vô mesmo falou isso.

— Você é linda, minha princesa. Mas olha, não posso falar muito, vou entrar em uma reunião. Só queria te contar uma novidade.

— Ah, quero saber, me fale logo — insistiu, animada.

— Consegui alguns dias de folga e irei passar um fim de semana com você.

— Não acredito nisso — ela colocou a mão na bochecha como se estivesse encantada com algo que estivesse vendo pela janela. — Vou contar os dias.

— No próximo meu bem. Estaremos juntos. Agora, não conte a ninguém, quero fazer uma surpresa. E, meu bem, preciso desligar. Beijo, beijo.

— Tudo bem. Beijo!

Instantes depois, seu avô saiu do banheiro.

— Ouvi você falando com alguém, era aqui no quarto?

— Não vô, estava ao telefone com um amigo. Nossa, como o senhor está cheiroso. — Ela aproximou-se dele e cheirou o pescoço de Kevin. — Vista logo a roupa, vou esperá-lo lá embaixo.



Rebeca se sentiu no fundo do mar quando entrou na loja. Havia muitos aquários de diversos tamanhos, alguns enormes com réplicas do fundo do mar, cheios de peixinhos coloridos. Seu avô ficou entusiasmado ao vê-la feliz, ajudou-a a escolher quais levar.

Depois de algum tempo escolheu um casal de bettas. O macho era vermelho com uma cauda enorme que parecia feita de fios, a fêmea era verde, sem muita ornamentação. Ela preferiu levá-los de outra cor para evitar que Arabela lamentasse a partida dos outros dois. Rebeca queria que ela pudesse gostar deles, sem que fossem uma substituição.

— O médico disse que ela sofreu um pré-infarto — disse Rebeca, já no carro com seu avô. Ele dirigia com tranquilidade pelas ruas.

— Sério? — Kevin não acreditava que a professora tivesse quase infartado por conta dos peixes.

— Sim, mas ele disse que não foi causado necessariamente pelo susto que ela tomou, aquilo foi só um agravante. Ela já está na idade de se aposentar.

— Tem razão, já devia ter largado aquela escola.

Eles chegaram ao hospital e Rebeca encontrou o sobrinho de Arabela que a acompanhava. O homem informou que ela estava bem, se recuperava e teria alta no dia seguinte. Estava acordada e Rebeca pediu para vê-la, prontamente fora levada ao quarto.

— Olá, tia Bela — disse Rebeca. Ela pôs apenas a cabeça entre a porta.

Arabela soltou um sorriso fraco.

— Entre, meu bem. — Ela gesticulou com a mão indicando que entrasse. Ficou surpresa quando viu o avô da menina entrar logo em seguida segurando um aquário pequeno.

Rebeca segurou a mão dela.

— Ainda lembra de mim, Arabela? — perguntou o homem ruivo com um sorriso amigável no rosto.

— Embora tenha sumido, não esqueci. Fico surpresa em vê-lo aqui.

— Soube do que aconteceu com você. E minha neta insistiu que a acompanhasse. Queria te trazer umas flores, mas ela disse que ficaria mais feliz se trouxesse peixes. Isso é verdade?

— Certamente é verdade. Acha que sua neta mente?

— Ah, claro que não.

— Espero que goste deles — falou Rebeca. Ela estava de pé ao lado da senhora. Usava um vestido leve na altura dos joelhos e seus fios ruivos estavam presos numa franja para trás.

— São lindos — disse a enferma ao vê-los bem de perto quando Kevin se aproximou para mostrá-los.

— Ainda não descobrimos nada sobre quem fez aquilo com Mr Jack e Lady Rose, mas não vamos desistir.

Arabela tossiu com dificuldade.

— Não se preocupe com isso. Não quero que se incomode.

Kevin colocou o pequeno aquário sobre uma bancada.

— Por que não larga aquela escola? Acho que a quantidade de alunos que já teve equivale à população da França.

— Não sou tão velha assim.

— Ah, não? — questionou numa gargalhada. — Ensinou ao meu filho mais velho que tem quarenta anos.

— Posso estar velha, mas ainda estou ganhando de você.

— Duvido muito, ainda conservo minha força de garoto. Você precisa me ver pegando ondas.

Arabela deu risadas imaginando-o em cima de uma prancha, tentando se equilibrar sem a mesma coordenação motora de antes.

Rebeca sorria ao vê-los conversando daquela forma. Estava feliz em ver o avô descontraído, fazendo piadas com a professora.

— Vocês parecem dois adolescentes, sério.

Eles riram.

— Podiam se encontrar mais vezes.

Rebeca viu, pela parte de cima da porta que era de vidro, um homem passar no corredor. Foi rápido, mas ela teve a sensação de conhecê-lo.

— Fiquem conversando um pouco, vou ao banheiro e já volto.

Ela pegou sua bolsa que deixara na cadeira e saiu. Andou devagar, procurando aquele vulto familiar. Uma enfermeira passou pelo corredor; dois jovens residentes andavam conversando distraídos como se estivessem passeando em algum local público.

Ela andou alguns metros e virou à esquerda, o viu prestes a entrar no elevador, ele estava de costas falando ao telefone e sua voz o denunciou. Ela o conhecia.

Então ele entrou no cubículo e Rebeca deu um passo à frente, saindo de trás de uma planta colocada ali. Antes das portas se fecharem, ela viu em uma linha que parecia a abertura de um portal mágico sendo fechado, o rosto dele.

E se perguntou se Cristiano a estaria seguindo.

# CAPÍTULO 33

## O AGRESSOR

Quando Gabriel chegou em casa, encontrou os pais e o irmão à mesa da cozinha para o café da manhã, havia algumas torradas, manteiga, pães, uma jarra de suco bem amarelo, queijo e leite.

Elisabeth era uma mulher baixa, tinha os cabelos da cor de caramelo e lisos cortados na altura do pescoço. Gabriel podia agradecer à mãe pelos fios lisos e sedosos que herdara, do pai ganhou a brancura da pele e os traços de homem rude que eram quebrados pelo bom humor que puxou da mãe.

Dênis, o irmão caçula era muito apegado a Elisabeth, andava pregado nela o tempo todo, só se soltava quando estava na escola. A mulher era dona de uma creche e ocupava seu tempo na administração do negócio e na educação do filho mais novo. Para ela, Gabriel já era um homem feito, sabia se cuidar sozinho.

— Saiu cedo hoje — comentou a mãe, que estava passando manteiga no pão.

— Estava precisando correr um pouco. — Gabriel caminhou até o armário e pegou um copo, dirigiu-se à geladeira e o encheu com água.

— Vai se atrasar pra escola, vá logo tomar banho — disse Ricardo, olhando para o filho e depois voltando os olhos para o jornal que lia.

— Dênis, largue esse celular e coma — disse o pai para o menino.

— Só estou jogando.

— Exatamente isso que não quero que faça.

— Dênis me dê seu aparelho — pediu a mãe. — Vamos Dênis. Termine seu leite.

O menino entregou o telefone à mãe e levou o copo de leite à boca.

— Senta, Gabriel.

— Vou subir pimentinha. — Gabriel acabara de tomar sua água e colocou o copo dentro da pia. — Me joga uma torrada.

Dênis jogou e Gabriel pegou no ar. Deu uma mordida e saiu às pressas antes que alguém falasse alguma coisa.

— Parece que aquele shopping vai mesmo sair — disse Ricardo para sua mulher. Ele lia uma notícia sobre um antigo projeto de construção de um novo shopping para a cidade.

— Será? Os donos se resolveram então? — perguntou Elisabeth.

Dênis já havia pegado o celular de volta e jogava minecraft.

A obra fora erguida, mas estava inacabada. O que existia era o esqueleto dele. Um projeto arrojado. Mas alguns desentendimentos entre os donos paralisaram a construção.

— Na verdade venderam o prédio junto com o terreno. Mas não dizem pra quem foi vendido. Dênis, estou de olho em você.

O garoto olhou para o pai e sorriu.

— Só dessa vez vou fingir que não estou vendo. — Ricardo permaneceu lendo

seu jornal.

— Está na hora, querido. Vamos. — Elisabeth levantou-se e começou a retirar a mesa levando copos e pratos até a pia. — Suba e arrume suas coisas.

A mulher vivia dividida entre o trabalho, cuidar da casa e do filho pequeno. Para alguns trabalhos domésticos ela contratava uma diarista, a parte da cozinha ela gostava mais e tinha seus funcionários que ajudavam na administração da creche. Nada de empregadas em sua casa, pensava ela. Por mais que Ricardo fosse um bom marido, não confiava no instinto animal dos homens.



Gabriel entrou no quarto, fechou a porta na chave, pegou o saquinho preto que estava escondido no fundo do guarda-roupa, abriu e retirou o conteúdo que estava em um saco plástico, rasgou-o e despejou o pó em uma linha reta na bancada da pia do banheiro. Ele ainda lembrava como fazia aquilo, uma onda de excitação e ansiedade tomou conta dele. Pegou sua carteira que estava em cima da mesinha de estudos, tirou uma nota de dez reais que tinha e fez dela um canudinho.

Já estava de volta ao banheiro enquanto enrolava o papel, olhando-se no imenso espelho. Aquela linha branca lhe trazia lembranças de um passado que já havia enterrado, mas alguém cavou essa cova e o trouxera de volta ao seu presente.

Imerso em lembranças, Gabriel curvou-se, tapou a narina direita e sugou através do seu canudinho aquela linha pelo lado esquerdo. Por um instante, teve a sensação que estava sugando o mundo para dentro de si.



Ao chegar à sala, a professora de Biologia já explanava o conteúdo. Gabriel caminhou pela fileira da esquerda e sentou-se atrás de Amanda. Ele puxou o cabelo da amiga de leve apenas para chamar atenção dela. Rebeca estava na carteira ao lado. Amanda piscou para o amigo e sorriu para Felicity que se sentou à sua frente.

Gabriel viajou para longe da sala de aula, tudo o que ele via era a silhueta da professora, o que ele ouvia eram palavras jogadas que formavam frases desconexas. Quem o visse, acharia que ele estava altamente concentrado na aula sobre o sistema respiratório.

Finalmente, o sinal tocou. Os adolescentes começaram a sair das salas. O corredor se encheu de gente. Gabriel saiu apressado, sabia que John dava aulas na turma do primeiro ano, ele o viu sair e o seguiu, passou pela escada que dava no primeiro andar, alguns alunos desciam frenéticos. O rapaz viu o professor cruzar o

pátio em direção ao banheiro.

Ele estava com sorte, pensou.

John estava lavando as mãos na pia quando Gabriel entrou. Havia quatro banheiros de cada lado formando um corredor.

John se olhou no espelho e viu o reflexo do seu aluno com uma cara de cão feroz.

— Olá, professor John. — Gabriel era corroído por uma ansiedade e adrenalina que se misturavam em seu sangue. Sua expressão era de um animal prestes a atacar alguém por pura defesa. O inofensivo professor virou-se para o rapaz.

— Gabriel. — John desenrolou algumas folhas de papel de um rolo que estava na pia e começou a secar as mãos. — Você está bem? Notei você um pouco estranho hoje.

— Bem? — Gabriel deu dois passos e ficou bem próximo de John, olhou no fundo dos olhos do homem e prosseguiu. — Você acha que estou bem depois de ter passado a mão na minha bunda e ter ameaçado me reprovar caso eu não tivesse relações sexuais com você? — O rapaz ficou vermelho, seus olhos pareciam de vidro, prestes a se quebrarem, a sua voz ecoou como um sussurro desolador. Gabriel viu a expressão de John se desmanchar, escondendo a sombra de algo próximo de um riso que ele imaginou ter visto. Podia ser o medo, algumas pessoas reagem ao medo de forma estranha.

— Gabriel, eu não... — falou gaguejando.

O punho de Gabriel acertou o estômago do professor John, que se contorceu de dor. O soco foi forte. John olhou para o aluno, assustado, tentando falar alguma coisa, mas foi impedido pelo segundo soco que o levou ao chão. Gabriel acertou um chute nas costelas dele, em seguida apoiou as mãos na pia e se olhou no espelho, estava suado e a respiração pesada, suas pernas tremiam.

John tentou se levantar, caminhou alguns passos até ser alcançado pelo rapaz que o arrastou pela camisa porta afora, jogando-o no chão, na frente de alguns alunos que começaram a gritar, algumas garotas pediram por socorro, outros incitaram a briga.

Um garoto começou a filmar a cena com o celular. Gabriel saiu do banheiro, rápido como um animal selvagem atacando a sua presa, foi para cima do professor que tentava ficar de pé com dificuldade devido à dor que sentia no estômago. Ele pediu que Gabriel parasse, mas o rapaz não teve piedade e acertou um soco na mandíbula de John que o levou mais uma vez ao chão, o pobre homem começou a cuspir sangue.

Os gritos se alastraram pelo colégio.

Antes que Gabriel partisse pra cima de John, um aluno do terceiro ano surgiu empurrando todos à sua frente, suas mãos foram de encontro ao peito de Gabriel, impedindo que o rapaz machucasse mais aquele corpo magrelo caído a seus pés.

— Você ficou louco Gabriel? — esbravejou o outro estudante, encarando-o.

— Fique longe Raphael. Esse pedófilo me atacou.

— O que? — Raphael fez cara de nojo. — Você endoidou?

— Bebezão. Você não é mais criança — outro estudante gritou.

Rebeca viu quando duas garotas estavam ajudando o professor a sair dali,

apoiado em seus ombros, e correu para ajudar, perguntou o que houve e as meninas responderam que fora uma briga entre ele e Gabriel.

— Gabriel? O Gabriel fez isso? — Seus olhos se arregalaram compondo sua expressão de horror em pensar que o amigo havia feito aquilo ao John.

— É, foi ele sim. Eu o vi quando jogou o professor no chão. Eles saíram do banheiro, brigando — disse uma das meninas.

Rebeca caminhou entre as pessoas para saber o que estava havendo naquela bagunça toda.

— O que deu em você, Gabriel? Pirou de vez? — berrou a moça, indignada.

— John não faria uma coisa dessas, Gabriel. É melhor você contar logo o que aconteceu — ordenou Raphael.

— Mas o que o professor John fez? — quis saber Rebeca.

— Gabriel o acusou de assédio.

— Como pode ter tanta certeza de que ele não faria? — rosnou o rapaz.

Outros alunos se aproximavam. A correria havia tomado conta da escola. Dois rapazes tão fortes quanto Gabriel se aproximaram querendo bater nele, Raphael os empurrou tentando proteger o amigo e levou um soco de um deles, não deixou barato e partiu para cima. O outro aluno tentou acertar Gabriel, mas recebeu um soco no estômago antes que conseguisse fazer alguma coisa.

Rebeca gritava em meio à briga para que parassem, mas era inútil.

Raphael estava rolando no chão agarrado ao outro, quando mais um aluno chegou para ajudá-lo, o galego deu chutes no menino e puxou Raphael, ajudando-o a levantar. Uma garota surgiu para impedir que o outro garoto partisse pra cima novamente.

Então um grito paralisou a cena.

— Chega.

O homem gordo veio caminhando entre os alunos.

— Parem todos vocês com essa bagunça. — O estrondo de sua voz silenciou a garotada, alguns rapazes ainda brigando, se soltaram. — Que inferno é esse aqui? — perguntou a todos e se dirigiu ao culpado. — Gabriel? — O professor estava diante do garoto, cobrando uma explicação com o olhar de desaprovação e desapontamento. — Me explique o que foi isso. Todos vocês. — Ele apontava para os alunos. — Pra sala, agora. E você Gabriel, me acompanhe.

Gabriel seguiu o professor ainda alterado, sua pele estava avermelhada. Havia algo de errado com ele, Rebeca notou. Ela podia esperar qualquer atitude do amigo, menos que agredisse um professor, ainda mais o John que era um sujeito admirado pela maioria dos alunos.

Dois inspetores surgiram para levar os adolescentes de volta às salas de aula. Rebeca gritou com eles perguntando por onde estavam que demoraram tanto.

Gabriel chegou à diretoria acompanhado de Daniel, o professor gorducho que também era diretor da escola, ele hesitou quando chegou na porta e viu a professora Patrícia cuidando de John, o enfermo estava sentado em uma cadeira recebendo cuidados. Mas Daniel o puxou pelo braço e forçou o garoto a sentar em uma cadeira. Gabriel estava, agora, angustiado, a raiva que ele mesmo criou dentro de si se desmanchava num misto de sentimentos confusos, mas o tempo todo ele

tinha que demonstrar revolta. De fato estava revoltado, mas o motivo era outro.

— Explique agora, a merda que você fez, Gabriel — rosnou Daniel, encarando o aluno. — Ou melhor, expliquem vocês dois.

— Não sei o que houve. O garoto começou a me agredir, eu não esperava nem entendi o motivo. — John estava nervoso, suas mãos tremiam, a voz falhava em alguns momentos.

— É mentira. — Gabriel começou a falar encarando o professor John. — Você vinha me assediando há tempos, ameaçando me reprovar, caso eu não cedesse às suas investidas.

— Pera, pera... Como assim, investidas, assédio? — Daniel olhou para um e para outro. Patrícia estava imóvel, de olhos arregalados.

— É mentira dele — gritou John.

— Você tentou me agarrar no banheiro, eu hesitei e mesmo assim você veio me tocar com suas mãos imundas — berrou Gabriel.

— Parem de gritar feito loucos — pediu Patrícia.

— Não esperava isso de você Gabriel. Por que isso? O que você ganha? — John segurava uma bolsa de gelo ao lado do rosto onde levara um soco.

— Gabriel, isso não faz sentido — disse Daniel. — Todos nós conhecemos o John, ele não seria capaz.

— Eu também achava que o conhecia. — O garoto estava suado, sua respiração era pesada, estava tenso, por dentro sentia medo. — Mas como podem ver, não é o homem santo que aparenta.

— Chega. Não mereço ouvir tanta calúnia. É sempre assim. Em uma briga de branco e preto o branco sempre tem razão, mesmo estando errado. Me ajude a sair daqui, Patrícia.

— Não se faça de vítima — disse Gabriel num tom fraco.

— Não fale assim John — disse Daniel. — Você tem direito a se defender e será ouvido, poderá contestar o que o Gabriel diz.

— Vamos eu te ajudo — disse Patrícia. — Vou levar você ao médico pra ver esses ferimentos. — John e a professora saíram juntos da sala. Ele sentia dores nas costelas e no braço, mas conseguiu andar sem precisar se apoiar na colega.

— Mocinho, é bom você começar a se explicar. — Daniel puxou a cadeira em que John estava e sentou-se, mirando o rapaz. — Vamos, estou ouvindo.

— Dan, eu já expliquei. Eu usei o banheiro, então ele estava lá, começou a falar umas coisas estranhas — falava pausadamente.

— Coisas estranhas? Que coisas? — Daniel encarou o aluno com um olhar penetrante como se tentasse descobrir alguma mentira.

— Disse que eu estava ficando muito bonito. — Gabriel se controlava para manter o olhar de encontro ao do professor e demonstrar revolta com o caso. — É que estava na hora de eu ceder alguma coisa pra ele, senão ia fazer de tudo pra eu ser reprovado. Não foi a primeira vez, já havia acontecido antes.

— Onde?

— Na sala de aula, uma vez que estávamos a sós. No pátio, em outras ocasiões no banheiro, sempre me assediou. Eu procurei fingir que era tudo brincadeira, mas...

— Mas o que?

Gabriel precisava sustentar a mentira. Tudo o que importava no momento era que seu segredo se mantivesse a salvo. Nada nem ninguém ficaria no seu caminho, então ele continuou.

— Mas hoje, ele passou dos limites. — O rapaz alterou o tom de voz. — Tentou me agarrar à força, ele pegou onde não devia e tentou me beijar. Por isso, bati nele.

— Acalme-se — disse Daniel, depois de um momento. — Vai ficar tudo bem. — Pousou sua mão gorda no ombro do garoto, que estava de cabeça baixa, tentando controlar um choro que se esforçava para torná-lo verdadeiro. — Mas você precisa ter certeza do que está dizendo, isso pode acabar com a vida do professor. É uma acusação grave que você não poderá voltar atrás, não tem mais como voltar. Eu te adianto que ele será afastado da escola.

— Eu quero ir embora. — Uma lágrima escorreu do olho direito.

— Seu pai está vindo te buscar.

Gabriel ficou impaciente, andando de um lado para o outro até que seu pai chegasse. Daniel continuou ali na sala, digitando algum trabalho no computador e não permitiu que ninguém mais entrasse. Os dois permaneceram calados até que Ricardo apareceu. Ao vê-lo, Gabriel correu para abraçá-lo. O homem cobrou explicações a Daniel e o professor reproduziu as palavras do rapaz, o que deixou o pai do menino muito furioso.

— Eu quero providências, entendeu, Daniel? Isso não pode acontecer, onde já se viu um professor assediar um aluno? E ainda, por cima, menor de idade. Eu processo sua escola, acabo com a reputação desse colégio se você não expulsar esse merda desse professor. — Ricardo gritava, estava com o rosto vermelho e com o filho abraçado a ele.

— Acalme-se Ricardo. — Daniel tentou tranquilizá-lo. — O John é um dos nossos melhores professores, nunca se meteu nesse tipo de coisa, precisamos ter certeza do que aconteceu.

— Certeza? — questionou indignado. — Você está chamando meu filho de mentiroso? Você acha Daniel, que o Gabriel se passaria por isso? A troco de quê? Eu conheço o John melhor que você e nunca gostei dele mesmo.

— Só quero dizer que tudo pode ter sido um mal entendido, o Gabriel pode ter se confundido com alguma coisa que ele tenha dito.

— Quero ir embora, pai. Vamos embora daqui — pediu o rapaz.

— Sim, vamos. Mas você não pisa mais nessa escola enquanto esse professor não for demitido. Ouviu, Daniel? Demitido.

Ricardo saiu com o filho pelo corredor, desceu as escadas e passaram pelo pátio, alguns alunos rondavam atrás de alguma informação. Gabriel ouviu ameaças dizendo que isso não ficaria assim, que o professor John seria vingado. O garoto não deu ouvidos, seguiu com o pai de cabeça baixa até o estacionamento.

Os alunos estavam perplexos com o que havia acontecido, a maioria deles estava do lado de John, o conheciam tão bem que não acreditavam de forma alguma que ele tenha feito algum mal a Gabriel, mas outros diziam não confiar no professor.

— Acho que o Gabriel quem deu em cima dele — disse um aluno.

— Isso é muito estranho, porque o professor não seria burro de agarrá-lo no banheiro — emendou uma garota.

— Ou vai ver ele pensou que o Gabriel não teria coragem de causar um escândalo desses na escola — disse um terceiro aluno. Eles estavam caminhando próximo ao estacionamento.

— Mas não tinha mais ninguém no banheiro que pudesse ter visto como tudo começou? — perguntou a garota.

— Parece que não. E pelo que eu ouvi, essa não foi a primeira vez. O John vinha assediando faz tempo, então o Gabriel explodiu.

Gabriel passou por eles e ouviu apenas seu nome, sabia que todo mundo estava comentando. Sabia que muitos alunos estavam contra ele e sabia mais ainda que teria de sustentar sua versão da história.

— Gabriel, por que você não me contou isso, filho? Como pôde ficar aguentando essas coisas? — questionou o pai ao dar ré no carro.

— Tive vergonha. — O rapaz estava de braços cruzados, com a cabeça virada para a janela do carro.

— Você não pode guardar essas coisas pra você, tem de confiar em mim. Vamos à polícia dar queixa.

— Não — disse Gabriel, de súbito.

— Por que não?

— Eu não quero me expor — falou compassadamente, tentando manter a calma. — Já basta toda a escola estar sabendo, além do mais eu não tenho nenhuma prova, é minha palavra contra a dele.

— Mas não podemos fingir que nada aconteceu. — O veículo parou no sinal que estava vermelho. — Daniel terá de afastar esse cretino da escola, disso eu não abro mão.

Gabriel viu o sinal ficar verde, pensou que hoje havia avançado o sinal vermelho mais uma vez. Avançar o sinal sempre significou aventura, adrenalina, sempre o fazia se sentir melhor, invencível, gostava de desafiar seus limites, mas naquele momento, a única coisa que sentia era um vazio crescer cada vez mais dentro de si.

O pai deixou seu filho em casa e seguiu para seu trabalho. Gabriel ficou sozinho, subiu para o quarto, tomou um banho e em seguida, pegou sua lista que estava na última gaveta da mesinha de cabeceira e riscou o quinto item.

# CAPÍTULO 34

## A DETETIVE

— O que houve aqui, Rebeca? — perguntou Amanda ao se encontrar com a amiga ainda no pátio do bloco A. Ela e Felicity vieram correndo quando ouviram os gritos, mas já era tarde. As duas estavam caminhando próximo ao campo de futebol. Ouviram conversas de que o Gabriel tinha se metido numa briga.

— Até agora não entendi bem. — Rebeca passou a mão nos cabelos ruivos. Ela estava visivelmente preocupada com o amigo. — Uma briga entre o Gabriel e o professor John.

Entre um bloco e outro havia bancos de praça na área que separava os dois prédios. Havia também árvores que sombreavam boa parte do local. Rebeca convidou as amigas a se sentarem.

— Briga? — perguntou Felicity, enquanto caminhava com uma expressão de pânico.

— É. Na verdade disseram que o John assediou o Gabriel e ele acabou dando uma surra no professor. — Rebeca sentou-se.

Amanda e Felicity se entreolharam, uma soube o que a outra pensou: será que teve a ver com a lista?

As duas sentaram-se de frente para Rebeca.

— E onde ele está?

— O Daniel o levou para a diretoria, fui até lá tentar ouviu alguma coisa, mas tem um inspetor no corredor e expulsou todo mundo de lá. Ouvi que chamaram o pai dele.

— Ah, gente, mas essa história do John ter assediado ele é estranha — falou Felicity. — Todo mundo conhece o John e sabe que ele não é gay.

— Na verdade só o conhecemos na escola — ponderou Amanda. — Sabe-se lá o que ele faz fora daqui.

— Mas o John não seria tão burro de fazer alguma coisa com o Gabriel aqui na escola — emendou Felicity.

— E você acha que o Gabriel inventaria essa história? — perguntou Amanda

— Olha lá, o seu Ricardo — disse Rebeca.

Elas observaram o homem caminhar apressado, com o celular no ouvido. Um inspetor o interceptou no caminho e o acompanhou até a sala em que Gabriel estava.

— Não acho que o Gabriel mentiria sobre isso — disse Rebeca. — Além do mais ele bateu no professor. A gente sabe que ele não é do tipo que sai espancando todo mundo.

— Rebeca tem razão. Mas acho que tem alguma coisa estranha nessa história — falou Amanda.



— Tem muita coisa errada acontecendo neste colégio, Vic. Desde aquele incêndio, coisas estranhas vêm acontecendo. O Gabriel desfilou quase pelado pela escola.

— Ah, mas aquilo não foi estranho, foi lindo. — Os olhos de Vic brilharam como dois cristais.

— Roubaram os peixinhos da Arabela e os mataram — continuou a garota. — E agora o Gabriel quebra a cara do John acusando-o de assédio?

— Sua cara ficou parecendo uma omelete agora. — Ela soltou um riso estranho, com se tivesse ficado preso no caminho.

— Ah, deixa de piada, Vic — disse, irritada. — Presta atenção. — Rebeca colocou seu cabelo atrás da orelha. Levantou um pouco e puxou a cadeira para mais próximo da mesa, inclinando seu corpo para mais perto da amiga. — Eu acho que todos esses casos podem estar relacionados — falou quase num sussurro.

Vic congelou a expressão como se analisasse o que a amiga falou.

— Você está querendo dizer que o Gabriel está por trás de tudo isso? Ah, não. Me recuso a acreditar. Isso é loucura da sua cabeça, o Gabriel jamais colocaria fogo na escola, nem mataria peixinhos indefesos.

— Ah, não? Você acha que ele seria capaz de agredir um professor?

— Bom. — Vic reconsiderou o que falou por um instante, mas saiu em defesa dele. — Isso não conta, ele se defendeu de um assédio. Ele é bonito Rebeca, é natural que as pessoas se interessem por ele. Ninguém conhece ninguém de verdade. O John podia estar se segurando há bastante tempo e não aguentou mais. Talvez ele tenha pedido com educação, daí o Gabriel se aborreceu e partiu pra briga. — Vic acertou o punho fechado na palma da própria mão, produzindo o som de um estalo.

— Tenho pena dos apaixonados — suspirou Rebeca, encarando a amiga. Ela ficou admirada com aquela expressão que julgava boba. — Eles veem céu onde há inferno.

— Nossa, que profundo. — Vic colocou a mão no coração. — Vai me dizer que o Thomas não te mostrou o céu?

— Não seja palhaça Vic. O Thomas foi só caso de uma noite.

Vic sentiu nas palavras da amiga que havia sido mais que um caso de uma noite, só que Rebeca não queria admitir. A expressão dela foi de quem escondia algo mais.

— Sério que você não ligou pra ele?

— Claro que não. Não sinto falta. — Rebeca direcionou sua audição para as batidas vindas do seu peito, elas soaram numa frequência diferente do normal, mas não saberia dizer exatamente se era um diferente bom ou ruim.

— Acho que você tem medo de se apaixonar. — Vic lançou um sorriso provocador.

Rebeca analisou o que a amiga disse.

— O amor nos cega, Vic. Veja você, nem consegue desconfiar do Gabriel, tudo porque o ama, se não sentisse nada por ele conseguiria pensar como eu penso.

— E como você pensa? Do que você o está acusando? Sinceramente, não entendo aonde você quer chegar com essa desconfiança.

— Não sei. — Rebeca passou as duas mãos em seus cabelos, os fios preencheram os espaços entre seus dedos, ela deslizou a mão pela nuca e as pousou sobre a mesa em seguida. — Só acho que quem colocou fogo na escola, quem matou os peixinhos, e quem...

Rebeca parou por um instante, mas Vic completou sua frase.

— E quem agrediu o John... Sim, termine, vamos quero entender. — A garota soou provocadora, saindo em defesa do seu garoto.

— Você pode achar que estou louca. Mas...

Vic a encorajou a falar só com o olhar.

— Talvez exista uma sociedade secreta na escola.

Tudo o que ouviu foi uma risada engasgada, algo estranho que só sua amiga desajeitada sabia fazer.

— Desculpe, amiga, mas isso é muita viagem sua. Sociedades secretas não existem. Ainda mais neste colégio.

— Por que acha que não? Já li alguns livros sobre o assunto, é perfeitamente possível.

— Perfeitamente possível nos livros você quer dizer. — Vic sentiu-se um pouco mal por não levar Rebeca a sério quando percebeu que a cara dela não era de quem estava brincando, então decidiu dar algum crédito. — Mas o que você acha que essa sociedade está planejando? Destruir a escola?

— Não sei, era o que queria descobrir.

— Então você acha que o Gabriel possa fazer parte desse grupo?

— Não sei. Foi uma ideia maluca que passou pela minha cabeça. Mas queria descobrir quem fez aquilo com a Arabela e quem colocou fogo na escola.

— Eu acho que você devia ligar pro Thomas, esquecer essa história toda e ser feliz.

Foi engraçado perceber que desde o momento em que Vic falou nele alguns minutos atrás, a lembrança dele não fora apagada quando mudaram de assunto. Thomas permaneceu ali dentro da cabeça de Rebeca como uma memória secundária, esperando o momento de ser acessada.

— Não venha bancar o cupido. Sabe muito bem que Rebeca Flores não se apaixona tão fácil. Estou pensando em deletar o número dele de vez.

— Ah, não faça isso. Não seja má.

— Não quero pensar nele, senhorita Vic. Quero apenas que diga que vai me ajudar a descobrir quem matou os peixinhos da Arabela e quem colocou fogo na escola e o motivo do Gabriel ter batido no John.

Rebeca sentiu-se mal por desconfiar do amigo, mas não era apenas dele que desconfiava. Teve o estranho caso de Felicity ter um livro que deveria ter sido queimado, ela confirmou com a bibliotecária que ninguém havia pegado depois dela no dia do incêndio. A ideia da sociedade secreta existir era superficial, ela mesma não estava convicta disso, ainda mais quando imaginava que Felicity poderia fazer

parte dela. Era mais fácil acreditar que Gabriel estivesse metido com esse tipo de coisa.

Rebeca sentiu vontade de falar tudo pra Vic, todas as suas suspeitas, mas lembrou-se dos livros de investigação que lera e na maioria deles, o detetive nunca contava tudo ao seu assistente, pelo contrário, ia colhendo mais dele do que soltando informações.

— Podemos ser uma dupla — disse Rebeca.

— Já somos uma dupla — respondeu a amiga, concentrada na ponta do seu cabelo que enrolava nos dedos. Então seus olhos subiram de encontro aos de Rebeca, quando ouviu:

— Não uma dupla qualquer, mas uma dupla de detetives.

# DIÁRIO DE REBECA

*Eu estava correndo atrás de um pássaro branco em meio às árvores gigantes. Aquele passarinho voava baixo como se estivesse me guiando a algum lugar. Eu me divertia perseguindo-o. Estava no finalzinho da tarde e feixes de luz solar ainda clareavam a floresta.*

*Tropecei em uma raiz e caí no chão, quando me levantei vi um garoto escondido atrás de um tronco, ele me observava. Acho que devia ter a minha idade. Eu corri na direção dele, mas quando cheguei lá, havia sumido.*

*Senti algo espetando minha cabeça, eu me assustei e tentei espantar o que quer que fosse com as mãos. Era ele.*

*O pássaro branco estava de volta. Voltei a persegui-lo. Ele era pequeno, mas de uma hora pra outra, a cada batida de asas, elas cresciam, foram ficando maiores e o pássaro ficou enorme.*

*Ele saiu da floresta, gigante. E o vi disparar para o céu. Então, uma coisa estranha aconteceu, as pontas das asas dele começaram a pegar fogo, percebi que a cauda também ardia em chamas.*

*Foi a coisa mais bela que eu já vi, um pássaro queimando no céu. Ele não estava sofrendo, percebi porque estava se exibindo num voo espetacular.*

*O pássaro de fogo veio em minha direção, eu vi aquelas asas batendo, as chamas o tornavam a criatura mais bela. Olhei, encantada, para ele pousando a poucos metros de mim. Ouvi um grito cortante e perturbador sair da garganta dele, aquele bico enorme pareceu a boca de um dragão, a única diferença é que não tinha dentes nem saiu fogo.*

*Ele curvou o pescoço e entendi que ele queria que eu subisse e assim fiz. As garras pareciam de um monstro. Senti apenas o calor das chamas, mas elas não me queimaram. O pássaro levantou voo comigo nas costas dele. Voamos pra longe, um vento forte fez meus cabelos esvoaçarem e uma sensação de liberdade tomou conta de mim. Eu vi as árvores e montanhas abaixo.*

*Estávamos sobrevoando uma floresta quando comecei a ouvir barulho de tiros e, de repente, a gravidade estava nos puxando para baixo, rápido como um foguete em declínio.*

*O pássaro havia sido atingido, o grito dele me deixou perturbada. Antes de cair, eu vi muito distante, uma cidade.*

*Eu acordei sufocada, tentando captar o ar para aliviar meus pulmões. Somente depois de alguns instantes, percebi que estava sonhando. Eu me senti um pouco aliviada, me levantei da cama para ir ao banheiro lavar o rosto e eu o vi na janela. Aquele pássaro branco em seu tamanho normal, ele parecia um corvo, só que menor e branco.*

*Meu estômago se revirou, eu tinha que estar sonhando ainda. Tive certeza quando me virei e vi o garoto que me observava diante de mim. Eu gritei e*

*acordei, estava sentada na cama gritando, mas ele ainda estava lá e disse, atropelando as palavras como se não tivesse muito tempo: está chegando a hora.*

*Eu acordei de novo, não sei quantas vezes, mas tive certeza de que os sonhos tinham acabado quando comecei a chorar. Chorei muito, com medo de não conseguir voltar.*

# CAPÍTULO 35

## OS SONHOS

O relógio marcava 15:31.

Uma moça morena com cabelos extremamente lisos e lambidos presos por um elástico ficava quase escondida atrás de um balcão branco.

Rebeca estava esperando naquele consultório fazia pouco mais de trinta minutos, ainda havia três pessoas na vez.

Ela estava sentada no sofá, por sinal bem confortável, folheando uma revista. Do outro lado, estavam duas mulheres adultas, uma delas acompanhada da filha que aparentava ter a idade de Rebeca e uma senhora já com cabelos brancos e a pele marcada por rugas.

Rebeca gostava de observar as pessoas, seus traços, suas expressões. Ela imaginava o que cada linha de expressão diria sobre a vida de determinada pessoa, o quanto ela tinha sofrido, o quanto tinha sido feliz, que estilo de vida tiveram para envelhecerem tanto ou permanecerem tão jovens. Ela se perguntava sobre a história de vida delas, sabia que bastava ouvi-las para descobrir que por trás de um sorriso existia uma história tão incrível quanto muitas que são contadas em livros.

Aquelas outras mulheres estavam ali trocando suas experiências e ela notava que cada uma tinha sua história particular. Ela também tinha a dela, mas preferiu ficar quieta no seu sofá, folheando aquela revista boba que só tinha fotos de pessoas famosas.

A mulher com a filha foi chamada. A senhora continuou batendo papo com a outra, ela falava sobre o trabalho doméstico, dizia que a mulher que limpava sua casa era muito feliz com a profissão e que tirava mais dinheiro que muitas pessoas que trabalhavam infelizes em escritórios.

— A Tatiana vai na minha casa três vezes por semana, lá não tem muito trabalho porque somos minha filha e eu — disse a senhora.

— Estou precisando mesmo de alguém que faça limpeza, se puder me dar o contato dela ficarei agradecida.

— Sim, sim — continuou a senhora. — Ela está mesmo precisando de um extra, sabe? Tem dois filhos de um sujeito que não vale nada. Mas Deus é bom, confio que ele vai mandar alguém decente pra vida dela.

— Verdade senhora, sabe que uma vez me disseram que se você é uma pessoa boa, Deus coloca pessoas boas na sua vida.

Rebeca estava ouvindo a conversa e achou aquela teoria interessante, decidiu prestar mais atenção no que elas conversavam.

— Posso me considerar uma pessoa boa então, porque Deus me deu um marido maravilhoso. Nossa que homem ele foi, tivemos uma filha. Eu fui feliz demais, eu me sentia uma rainha. Nunca brigamos desde o momento em que ele me pediu em namoro. Eu disse: só aceito se você prometer que nunca vamos brigar, por nada. Nem por migalhas, nem por ouro nenhum desse mundo. Então ele me disse: “Eu

prometo transformar sua vida no conto de fadas mais bonito do mundo”. E ele fez da minha vida um conto de fadas sim, só que ele esqueceu que a rapunzel ficou presa numa torre, a bela adormecida esperou cem anos pra ser despertada pelo príncipe, a branca de neve... eu nem lembro o que aconteceu com a branca de neve, enfim. Todo conto de fadas tem sua dor, a minha foi perdê-lo cedo demais. Eu preferiria ter tido uma vida de plebeia.

O coração de Rebeca ficou apertado ao ouvir aquelas palavras. Sentiu pena daquela senhora, imaginou como seria viver sem alguém após muitos anos juntos.

— Estou aqui esperando minha hora. — A outra mulher a ouvia atenta. — Eu sempre achei que Deus podia ter me levado com ele, isso é muito injusto, sabe? Acho que devíamos ir todos juntos, com todas as pessoas que amamos. A gente podia entrar em um ônibus e partir para o céu. O que acha, hã?

— Nossa, isso é muito forte. Acho que não adianta tentar desvendar os mistérios divinos, porque o que Deus guardou pra nós é algo que foge do nosso entendimento.

— Eu acho que ninguém deveria morrer. Poderíamos ser imortais, vivermos juntos com quem amamos para sempre — falou Rebeca, entrando na conversa. — Ninguém merece sentir a dor da perda, nem ter uma vida sem respostas.

— Mas isso é possível. Deus nos prometeu a vida eterna, mas depois de passarmos por nossas provas.

— Mas por que as provas?

— Porque as coisas boas levam tempo e exigem sacrifício pra se tornarem reais. Temos que provar que somos merecedores. E não adianta sofrer por respostas que nunca teremos. Viva o agora. Vou deixar vocês duas, é minha vez.

Agora estavam naquele ambiente: Rebeca, uma recepcionista que não falava nada e uma senhora que falava muito. Rebeca tentou não lhe dirigir o olhar para evitar que ela grudasse em si como fez com os outros, apesar dela parecer simpática não estava afim de ouvir.

— Seus cabelos são lindos, menina.

Rebeca a encarou como se tivesse dúvida de que era com ela que a senhora estava falando.

— Obrigada — disse, alisando suas madeixas. Rebeca vestia uma blusa verde com uma calça jeans e uma sandália preta de salto.

— Venha sentar aqui comigo pra gente conversar e passar o tempo.

— Estou bem aqui, obrigada — disse Rebeca tentando ser gentil.

A senhora levantou-se e sentou-se ao lado de Rebeca, o sofá era de dois assentos.

— Velhice não se pega sabia disso? — disse ela olhando por cima dos óculos, antes de sentar-se.

— Desculpe, não quis que pensasse assim — disse Rebeca, rindo e um pouco constrangida. Ela estava com a mão direita na nuca e o cotovelo apoiado no sofá.

— A velhice já está no nosso sangue desde que nascemos. Eu já fui bonita assim como você, tive mais força do que tenho agora. No entanto, olhe pra mim. E você não vai pegar isso de mim, você nem vai perceber quando acontecer com você, quando se olhar no espelho e se ver com a pele cheia de rugas, aí vai se

perguntar quando foi que aquilo aconteceu. O tempo é traiçoeiro minha filha.

Rebeca sorriu e a senhora continuou:

— Seus olhos são lindos. Ruivos com olhos azuis são uma combinação perfeita da natureza. São casos raros.

— Ah, muito obrigada. — Rebeca pousou as mãos sobre sua bolsa.

— Sempre tive uma quedinha por garotos ruivos na minha juventude, isso antes de conhecer meu marido que era moreno. Que ele não ouça porque nunca falei isso pra ele, também nem tinha importância.

Rebeca sorriu, mas não quis puxar assunto.

Houve um breve silêncio. Rebeca direcionou o olhar para a recepcionista e a viu falar com algum paciente ao telefone.

— Sabe minha querida, eu já fui desenganada pelos médicos. — Recomeçou a senhora. Por um instante Rebeca pensou que aquela mulher estava tornando seu dia mais angustiante com essas histórias sem finais felizes, mas respeitou o desejo da mulher em contar sua vida. Às vezes era preciso desabafar.

— Nossa, como foi isso? — perguntou Rebeca mostrando algum interesse.

— Tive um tumor no cérebro, veja. — A Senhora passou a mão no cabelo procurando a cicatriz que tinha na cabeça. — O Dr. Ambrósio, não sei se o conhece. — Rebeca balançou a cabeça em negativa. — Ele disse que não tinha o que fazer, que eu teria de aceitar e viver o resto dos meus dias da melhor maneira que eu pudesse.

— Mas isso não é coisa que um médico fale — a voz de Rebeca soou indignada.

— Ah, minha filha, há médicos e médicos. Já vi de tudo nessa vida, então não me deixei abalar e fui procurar outro especialista. Minha filha conseguiu o contato de um médico muito amigo do namorado dela. Isso foi há dois anos atrás. Pois esse médico, depois de fazer os exames olhou pra mim e disse: Me diga quando a senhora deseja ser operada Dona Maggie. A primeira coisa que fiz foi olhar para as mãos dele, tão jovens, ele era um rapaz de trinta e dois anos. Então olhei pra minha filha que estava comigo e disse: “Iolanda não vou entregar minha vida nas mãos desse rapaz”. O jovem médico apenas sorriu.

Rebeca esboçou um sorriso.

— Coisa de velho mesmo tratar um jovem médico desse jeito. — Maggie continuou sua história. — Depois ele disse: “Dona Maggie, a senhora não já foi jovem um dia? Esqueceu-se do vigor que tinha e de sua capacidade de realizar coisas com mais habilidade que agora?”. Ele me chamou de velha de uma forma educada. — Maggie deu uma risadinha segurando a mão de Rebeca e soltou logo depois. — Bom, mas era verdade. A gente envelhece, cria hábitos estranhos, mesmo que você se sinta jovem e ache que seus gostos nunca vão mudar... isso tudo é ilusão. Mas voltando ao assunto, o Dr. Juliano me disse: “Bom, se a senhora quiser, posso operá-la na segunda-feira”. Aquele dia era uma quinta-feira. — Ela estava olhando por cima dos óculos apontando o dedo para Rebeca. — E na segunda eu estava lá entregando minha vida nas mãos dele. E o resultado você vê: estou viva.

— Fico feliz pela senhora — disse Rebeca.

— Você parece inquieta. Estou te incomodando com essa conversa?

— Não, não. Eu gosto de ouvir as histórias das pessoas, percebo que são histórias singulares. Só estou um pouco cansada, dormi mal ontem.

— Ótimo, porque ainda não terminei. Quero só concluir pra você. O sogro desse médico que me operou teve um problema parecido com o meu. Então a família queria que ele o operasse, mas o Dr. Juliano não se sentiu seguro pra fazer porque se algo desse errado, a família poderia acabar jogando a culpa nele. Bom, depois de muito conversarem decidiram que outro médico faria a cirurgia. Minha querida, ele não teve a mesma sorte que eu, infelizmente o médico perdeu seu sogro. Talvez o Dr. Juliano tivesse se saído melhor. Você percebe o que eu quero te dizer?

— Não sei... que ele teria sobrevivido se tivesse sido operado pelo mesmo médico? Ou que a senhora teve mais sorte?

— Não, exatamente. Quero dizer que todos temos nossa hora. E a gente só parte quando Deus chama. É difícil aceitar, mas é a verdade.

— Dona Maggie? — chamou a recepcionista. — É sua vez.

Maggie segurava o braço de Rebeca, olhou nos olhos dela e disse:

— Vejo que esse mar azul tem sua própria história singular.

Rebeca sentiu um arrepio.

A velha senhora colocou um papel na mão de Rebeca.

— Me procure para falarmos sobre os seus sonhos — disse Maggie, apertando o papel na mão dela.

— Como? — Rebeca segurou o papel por instinto.

— Sobre os seus sonhos. — Maggie já estava entrando pelo corredor. — Venha me ver se quiser saber mais sobre eles. — Ela desapareceu.

— Rebeca, é sua vez — falou a recepcionista. — Não ouviu eu chamar?

— Desculpe, eu estava...

O telefone tocou.

— Tudo bem, pode ir — falou a moça com o telefone no ouvido.

# CAPÍTULO 36

## A BESTA E O TIGRE

As correntes rangiam com o movimento do balanço preso à madeira. Aquele agora era o local preferido de Amanda, o balanço do jardim de sua casa trazia paz, o local era cercado de plantas, agradável e tinha sombra. Ela adorava apoiar a cabeça nas correntes e se deixar levar para longe.

Ela se perguntava se deveria permitir que Murilo prendesse sua vida à dela. Ele era apaixonado, disso não tinha dúvidas. Murilo era um rapaz jovem, educado, era advogado e trabalhava no escritório do pai, sabia o que queria da vida. Ele era engraçado, romântico, bonito e inteligente. Poderia reunir mais características boas dele, mas aquelas, pensou, eram suficientes para alguém se apaixonar por Murilo e perguntou-se por que ela não se apaixonou antes por ele? Por que aquele filho que ela esperava não podia ser do homem que a amava?

Amanda sentia-se sozinha, abandonada por Romeu. Apesar dele ter colocado aquele detetive fajuto para vigiar a vida dela, não significou muito, o que queria mesmo era que no mínimo tivesse tentado entrar em contato com ela.

Ele não quis saber do filho dele, pensou Amanda. É claro que ele não assumiria a criança, seria arruinar a própria vida. Ele engravidou a filha do amigo e ainda por cima, seu futuro sucessor na política. Seria o escândalo perfeito, um prato cheio para Vanessa Velasques passar noites e mais noites saboreando-o.

Uma figura que mais parecia um espectro no meio do deserto transformou os pensamentos de Amanda em fumaça, eles ganharam outras formas e conforme a figura se aproximou, a fumaça formou a imagem de uma mulher vindo na direção da garota.

Tereza.

Amanda endireitou-se no balanço e a viu cruzar seu enorme jardim. Ela veio caminhando rápido pelo caminho de pedras que dava para o local onde Amanda estava.

A jovem ficou de pé e segurou seu vestido para que o vento não o levantasse.

Tereza continuava se aproximando e estava cada vez mais perto.

Num relance, Amanda viu outra figura vindo, ainda distante, mais próximo da casa.

Era Murilo. Amanda estava esperando-o. Eles combinaram de se encontrar de novo naquele local. Era mágico passar a tarde ali conversando sobre qualquer coisa, ou apenas admirando o sol se pôr, que estava gigante no céu.

Ela não soube para qual deles olhar. Então quando voltou sua atenção de Murilo para Tereza, o que viu foi um borrão disparando como uma besta para cima de si.

Os dedos magros de Tereza agarraram o pescoço de Amanda levando-a ao chão, ela ficou por cima da garota. Amanda gritou quando sentiu o peso do corpo dela se chocar contra o seu.

— Assassina — disse a velha num sussurro mortal.

Murilo disparou como um tigre feroz, usando toda sua força para ganhar impulso com as patas quando viu aquela mulher avançar sobre sua garota.

— Você os matou. Assassina. Eu vi tudo.

*Enforque-a. Mate-a como o veneno matou seus filhos. Sufoque-a e a faça sentir a agonia que eles sentiram.*

A voz de Thomas se transformou em sussurros na mente dela. Na noite anterior, ele a fez usar drogas. E a fez alucinar, ficar mais louca, mais insana. Dizia que ela merecia sua vingança. E desenhou aquele ataque na mente dela.

Amanda estava sufocada. Com mais medo daqueles olhos cheios de raízes vermelhas do que de morrer nas mãos dela.

Ela engasgou, tentou gritar, tentou se livrar daquelas garras mortíferas, mas a velha tinha mais força que Amanda.

Os segundos até Murilo chegar pareceram infinitos.

Mas logo, o tigre cravou suas garras na besta e a jogou sem piedade para o lado.

Murilo segurou Amanda nos braços, a menina ainda tossia, estava vermelha, sem ar.

Tereza avançou para cima de Murilo, ele protegeu Amanda com seu corpo.

A velha agrediu o rapaz tentando tomar sua presa de volta. Ele se protegeu com o braço e largou Amanda, apenas para erguer, feroz e brutal, a sua mão para ir de encontro ao rosto de Tereza.

Ele a acertou com as costas das mãos e sentiu suas juntas se chocarem com algum osso do rosto dela.

A velha foi jogada ao chão.

— Sua louca — ele berrou. Amanda chorava diante da cena. — Você ia matá-los — berrou de novo, ainda mais forte. Tereza o encarou como se não tivesse entendido. — Ela está grávida.

A velha murchou ao ouvir aquilo.

Murilo abraçou Amanda e viu um objeto estranho voando acima de uma árvore próxima.

Tereza ficou confusa e atormentou-se mais quando ouviu o grito de Sarah, sua menina vinha correndo para entender o que se passava ali.

Sarah, sua menina linda. A mulher que a tirou das ruas. Tereza olhou para Amanda e sentiu a dor que Sarah sentiria ao chegar ali.

Tereza fugiu, saiu correndo na direção contrária, atormentada pela culpa que a corroía, pelo medo de olhar para sua menina e ver nos olhos dela, nada mais que decepção.

# CAPÍTULO 37

## A PRAÇA DO PÔR DO SOL

Rebeca observava as asas do pombo cortando o ar. Seu voo era como um mergulho infinito. Ela estava sentada em um banco de uma praça. Não havia ninguém além dela e das árvores ao redor.

Ele pousou no chão e inclinou o pescoço para observar Rebeca. Aqueles olhos minúsculos se reviravam. A menina jogou alguns grãos de milho e a ave saiu catando um a um.

A garota levantou-se e aproximou-se dele, inclinando-se devagar para que ele não voasse.

— Tenho muito mais comida naquele saco — disse ela para o pombo como se ele a compreendesse. Seus olhos azuis estavam como o mar calmo. — Mas só vou te dar mais se você voar pra longe e voltar com uma centena de seus amigos. — O pombo a observava como se, de fato, entendesse o que ela dizia. — Anda garoto, voe.

Rebeca bateu palmas para assustá-lo. O pombo se esquivou e a menina deu passadas e começou a correr atrás dele até que levantasse voo. Ela o viu tornar-se um risco preto no céu tingido pelos raios dourados do sol.

Quando voltou seu olhar na direção norte, viu a figura de um homem caminhando. Ele era alto, forte, vestia uma jaqueta de couro e uma camisa branca por dentro. Os cabelos eram ruivos e ele segurava um saco de papel na mão, cheio de milho.

Rebeca correu para ele e gritou: Papai.

Seu grito preencheu a praça.

Ela voou em seus braços e ele a girou no ar como fazia quando ela era pequena.

— Que saudade de você, meu bem. — Harrison apertou seu corpo contra o dela. Rebeca recebia toda proteção que sentia falta. Ela queria segurá-lo para nunca mais soltar.

— Papai, sinto tanto sua falta, tanto...

Harrison segurou o rosto dela com uma das mãos.

— Estou aqui minha pequena. Não se preocupe, sempre estarei com você. Eu trouxe a comida deles. — Ele pendurou no ar o saquinho que trazia.

— Acho que não vão demorar. Vamos. — Rebeca o puxou pela mão.

Eles sentaram no banco da praça. O sol estava gigante como uma bola de fogo queimando o céu. Harrison tirou a mochila que trazia nas costas e colocou sobre o banco.

— Trouxe comida pra gente também. — Ele tirou recipientes de plásticos de dentro.

Rebeca abriu e tirou o sanduíche.

— Estava com saudade dos seus sanduíches.

— Estou um pouco sem prática, mas espero que estejam bons.

— Nossa, cada vez mais deliciosos, Sr. Harisson — falou Rebeca, ainda mastigando. — E a viagem, foi boa? Diga que vai ficar muitos dias com a gente.

— Foi tranquila. Não vou poder demorar muito. Me conte como vão as coisas.

— Ele deu uma mordida no seu sanduíche.

— Um saco como sempre, você sabe.

— Na verdade não sei.

— Aquele namorado da mamãe, não gosto dele.

— Tá na hora de deixar o coitado em paz. Tome, é suco de maçã. — Ele entregou-lhe uma garrafinha que tirou da mochila.

— Coitado? Acho ele um aproveitador, é muito novo pra mamãe. Deve estar com ela por interesse.

— Ah, não acredito. Sua mãe é uma mulher inteligente, não se permitiria ser enganada.

— Não acredito que você não sinta mais nada por ela.

— Tivemos nossa história, minha filha. Mas você precisa entender que seguimos caminhos diferentes, ela tem o direito de recomeçar.

— Não gosto dessa ideia. Até fiz uma coisa, mas me arrependi depois.

— O que foi?

— A mamãe comprou um presente pra dar de aniversário pro Vitor. Eram sapatos novos. Eu encontrei um mendigo na rua e pedi os dele, estavam gastos e troquei o embrulho do Vitor. Dei os novos pro mendigo.

— Não acredito que você fez isso — Harrison falou mais num tom de incredulidade que de repreensão. Ele tomou um gole do suco e olhou atento para a menina.

— Minha mãe deu pra ele sem que percebesse. Ouvi quando ela falou com uma amiga ao telefone contando que ficou super envergonhada quando o Vitor abriu o presente.

— Coitada, nossa... minha filha, não faça mais isso.

— Desculpe.

— Peça desculpa pra ela. Aliás, para os dois, está me ouvindo?

— Mas ela nem veio reclamar comigo.

— Prometa, Rebeca.

— Tudo bem, quando me der coragem eu peço. Prometo.

Ela levou um pequeno susto quando ouviu o bater das asas do pombo pousar próximo a eles.

— Chegaram.

Rebeca levantou-se e jogou um pedaço do sanduíche para o pombo.

— Trouxe a câmera. — Harisson engoliu o resto do pão e tirara uma câmera fotográfica da mochila.

Rebeca viu dezenas deles empoleirados nas árvores. Pegou o saquinho de milho e jogou um punhado de grãos amarelos no chão da praça. Harisson captou através de suas lentes as bolinhas amarelas ainda no ar, saindo da mão de Rebeca. A filha saiu com um sorriso de canto a canto no rosto.

Eles vieram como um enxame de abelhas de várias direções e pousaram um

por cima do outro, bicando o chão em busca de comida.

Rebeca correu entre eles, fazendo-os levantar voo enquanto Harisson tirava fotos dela, exatamente como quando ela era criança. Um dos passeios que mais gostava, onde observava a noite chegar na Praça do pôr do sol, a despedida do astro mais belo que já vira na vida.

— Você vai ver a mamãe?

Rebeca caminhava abraçada ao pai pela praça que parecia infinita.

— Claro que sim. E sairemos pra jantar.

— Só nós três, sem o chato do namorado dela?

— Sim, só nós três.

— Como quando era antes.

— Não como antes, mas como é agora. E não vai ser essa semana, sinto muito.

Preciso resolver umas coisas com seu avô.

— Preferia como era antes, mas tudo bem. O importante é que estamos juntos.

Harisson parou e acariciou a bochecha dela com a mão esquerda.

— Sempre estaremos juntos, meu bem. Mesmo quando eu não estiver por perto, estaremos juntos, ligados pelo amor que nos une.

— Se quiser adiar o jantar por umas dez semanas, fique à vontade, assim, o senhor fica mais tempo com a gente.

Ele sorriu.

Rebeca o abraçou forte, forte o suficiente para segurá-lo por mais alguns minutos, com um desejo tão forte de parar o tempo e impedir que ele fosse embora.

Ela viu um garoto andando de bicicleta e achou que pudesse ser Gabriel, mas conforme ele se aproximou, viu que não era ele.

— Precisamos ir, está anoitecendo — disse o pai da menina. — Ah, não se esqueça do seu pedido de desculpas — acrescentou. Rebeca soltou uma risada e ele se permitiu rir também com a filha.

# CAPÍTULO 38

## TERAPIA FORÇADA

O carro parou em um local que Gabriel conhecia, já estivera ali antes, uma vez em companhia de Amanda, pois a garota precisava falar com a mãe. Na época não entendeu o que aquelas pessoas faziam ali esperando Sarah atendê-los. Para quê? Perguntou-se. A Sarah por acaso iria pagar as contas deles, ou traria seus namorados ou namoradas de volta? Apagaria as lembranças do passado de alguém?

A rua era tranquila, a maioria dos prédios eram consultórios médicos e clínicas. Ricardo parou o carro ao lado de um prédio de dez andares, era todo espelhado com uma entrada discreta.

— Pai, não acredito que me trouxe aqui! — exclamou o rapaz, sentindo-se decepcionado.

— Pois acredite, não vejo problema nisso. Saia logo. — Ricardo tirou o cinto de segurança e saiu do carro. — Vamos logo com isso Gabriel, não tenho o dia todo.

— Eu não estou louco, tá? Não preciso conversar com ninguém — disse Gabriel, olhando para o pai por cima do carro.

— Essa é a primeira frase que todo louco diz, sabia disso? Mas vou fingir que não ouvi. Você está estranho Gabriel, tem agido de maneira duvidosa. Você ficou quase pelado na escola e ainda agrediu um professor. Você acha que eu nasci ontem, meu filho? Pensa que eu engoli a história do John? Te defendi porque sou seu pai e farei de novo se isso acontecer, mas entre nós a história vai ser outra. E já que você não quer abrir o jogo com o seu pai, vai abrir com a psicóloga.

— Não tenho nada pra contar, foi tudo do jeito que falei.

— Vamos logo, antes que isso aqui lote de gente. — Ele caminhou alguns passos em direção ao prédio e parou, olhou para trás e viu Gabriel na mesma posição, com os braços apoiados no teto do carro. Bastou soltar a respiração para Gabriel entender que precisava ir aonde ele estava indo.

Agora mais essa. Não bastava estar sendo chantageado por sabe Deus quem, seu pai agora o estava obrigando a consultar um psicólogo. Dos males o menor, era Sarah, a mãe da Amanda. Não diria nada, estava certo. Conversaria sobre o que ela quisesse, menos sobre o que estava acontecendo.

*“Bati no John porque me pediram, quase fiquei nu na escola porque me pediram... Não, pediram não. Me obrigaram... E sua filha também tem um segredo, ela matou os gatos da Tereza pra evitar que viesse à tona. Ah, e a Felicity colocou fogo na escola e temos mais terror a ser tocado.”*

Gabriel se imaginava contando tudo para Sarah, deitado no divã, mas não conseguiu visualizar a cara que ela faria. Ele estava subindo no elevador para o sexto andar. Continuou divagando enquanto esperava seu pai na recepção, ele entrara antes para falar com a psicóloga.

— Isso aqui é apenas uma conversa, então pode se sentir à vontade. Sente-se no sofá se quiser — disse Sarah, sorridente.

— Não, aqui tá bom. Sempre fiquei imaginando o que esse banco podia fazer pelas pessoas, o que significava estar aqui deitado contando todos os problemas para um desconhecido... — Gabriel estava deitado no divã, de braços cruzados, olhando para o teto. Sarah percebeu a acidez no tom de voz do rapaz, mas fingiu não notar.

— E como se sente? É perto do que imaginou?

— Na verdade é um bom local para ler um livro, acho que vou pedir pro meu pai comprar um desses pra mim, já que ele anda tão preocupado comigo. Muito confortável, por sinal.

— Me fale como você se sente.

— Nada dói.

— Bom que você esteja bem fisicamente. Mas como você se sente? Por dentro. Tem algum pensamento confuso...

— Por dentro meu coração bate — ele a interrompeu. — Meu sangue corre pelas veias, pulsa em algumas partes do corpo.

Sarah ignorou as respostas dele e continuou:

— Gabriel, você deu motivos ao seu pai pra te trazer aqui — a voz de Sarah era tranquilizadora, nem Gabriel podia negar. — Estou a par do que está acontecendo na sua vida. Não sei o que te levou a fazer aquelas coisas, nem quero forçá-lo a me contar. Seu pai e eu tivemos a mesma idade que você e fizemos coisas que todo jovem faz e se arrepende depois. Sabemos que é uma fase difícil na qual buscamos por respostas, mas cada vez que procuramos tudo o que se encontra são mais perguntas. Nem todo mundo sabe lidar com a falta de respostas, por isso muitos caem nas drogas, enlouquecem ou se tornam bandidos, enfim... Há algo que esteja lhe incomodando, algo que possa me contar?

Gabriel balançou a cabeça em negativa.

— Bom, serei forçada a tocar em alguns assuntos. Pode falar sobre o John? Sobre o que o levou...

— Não quero Sarah — respondeu, interrompendo-a.

— O que o levou a esmurrar o professor? Você estava na escola, não pensou que resolver de forma amigável evitaria maiores problemas?

— Não quero falar sobre isso, tá bom? — Sarah percebeu que o garoto estava irritado.

— Você agiu por impulso, não se pode sair por aí fazendo tudo o que vem à mente. Você não é assim, nunca conheci esse seu lado agressivo.

— Bom, deveria saber mais que ninguém que os pais nunca conseguem moldar seus filhos. Não tenho culpa se vocês não enxergam que nós crescemos, que podemos cometer erros graves, erros de adultos.

— Nós enxergamos sim, por isso está aqui. Porque cometeu um erro de adulto e agora precisa responder por ele como adulto.

— Ah, Sarah, tudo bem. Quer perguntar, pergunta, vou responder tudo.

— Me diga, Gabriel — a voz de Sarah continuava inalterável, diferente do rapaz que estava impaciente e agitado. — O que levou você a desfilas de cueca pela escola?

— Uma aposta.

— Uma aposta?

— Sim, uma aposta — repetiu ele. Gabriel estava incomodado com a calma de Sarah, ele estava sendo mal educado e ela não revidava, não alterava o tom da voz, isso estava deixando-o irritado. Respire fundo, garoto. — Apostei com um colega que não levaria um fora de uma garota e acabei perdendo, tá? Tudo o que tinha de fazer era andar de cueca pela escola, pagar esse mico, foi só isso.

— Mas você não sentiu vergonha?

— De verdade, não. Eu sou bonito, não tenho vergonha do meu corpo e as garotas adoraram me ver daquele jeito, muitas queriam me ver pelado.

— Gabriel, a escola não é um lugar para se exhibir dessa forma.

— Eu sei Sarah, só que isso foi apenas uma brincadeira de adolescente. Você mesma falou que já fez coisas das quais se arrepende, no entanto, hoje você é uma mulher adulta, uma profissional respeitada. Então por que você e meu pai não me deixam aprender sozinho?

— Claro, mas eu tive minha mãe pra puxar minha orelha, da mesma forma que você tem a seu pai pra não te deixar sair dos trilhos. Se hoje somos responsáveis é porque tivemos alguém para nos colocar limites. Você não vai chegar aonde nós chegamos se alguém não colocar um freio em você.

Gabriel soltou a respiração. Aquilo era inútil. No que ia adiantar aquele papo todo? Ele já era crescido, sabia o que era certo e errado e jamais revelaria seu segredo a uma psicóloga amiga de seu pai. Ela iria correndo contar para ele.

— Já que quer ir direto ao ponto. Seu pai está com medo que você tenha voltado a usar drogas ou que você esteja envolvido com algum tipo de prostituição.

Gabriel segurou um riso.

— Eu não voltei a usar drogas nem muito menos faço programa. Faço de graça, se quer saber.

— Tem algum pensamento que te faça sentir vontade de voltar a usar?

— Não gosto de falar nisso. Aliás, não me leve a mal, mas o que vocês querem de mim? Não sei onde essa conversa vai me levar, nem como ela pode me transformar, aliás, não sei por que as pessoas procuram psicólogos. Me diga, Sarah, você paga as contas deles, traz namoradas e namorados de volta, consegue empregos, cura as pessoas, traz os mortos de volta à vida? Se eu estivesse morrendo de câncer que conforto você me daria? O que diria pra mim, Sarah?

Houve um breve silêncio que foi quebrado pelas palavras da psicóloga. Sua voz soou no tom das badaladas do sino de uma igreja.

— Gabriel, imagine-se em um labirinto. Você está sozinho, com medo do que pode encontrar naqueles corredores escuros. Várias vozes se misturam tentando te mostrar a direção certa, mas você está confuso e não sabe qual escutar. Então, você encontra alguém que te dá um mapa que te mostra a saída. É assim que funciona, nós mostramos o caminho, mas você vai sozinho. Referente à sua última pergunta, o que tenho a dizer é que você não está morrendo de câncer, Gabriel, mas há outra coisa matando você por dentro.

# PARTE TRÊS: SEGREDOS, MENTIRAS E VERDADES

E então há um terceiro tipo de segredo, do tipo mais escondido. Um segredo que ninguém sabe a respeito. Talvez ele tenha sido conhecido um dia, mas foi levado para o túmulo. Ou talvez seja um mistério inútil, oculto e solitário, perdido porque ninguém o procurou.

Maggie Stiefvater, *Ladrões de Sonhos*.

## CAPÍTULO 39

# AMIGOS DE LONGA DATA

— O que você sabe a respeito da agressão cometida pelo Gabriel Valente? É mesmo verdade que o professor assediou o rapaz no colégio? — perguntou o repórter.

— Eu duvido muito que o John tenha assediado o Gabriel — respondeu a menina. Ela mastigava um chiclete que parecia estar muito saboroso. Puxou o microfone da mão do repórter e se jogou de frente para a câmera ao começar a falar. A adolescente tinha umas mechas roxas no cabelo. — Aquele garoto se acha o gostosão do colégio. Bem, ele até pode ser, mas isso não dá o direito dele sair por aí agredindo o John. Alguns de nós o conhecemos desde pequenos, ele não pode ser o que estão falando dele. Eu sei que tem muito mais coisa por trás disso, ele deve tá metido com alguma merda e o professor pode ter descoberto, não sei. Talvez ele tenha dado em cima do professor. É, acho que foi isso, essa é uma das teorias que levantamos. Alguns dizem também que ele é gay e tentou beijar o John, mas eu acho muito difícil que ele seja, porque, né? — A menina lançou uma expressão envergonhada para a câmera, ela mexia no cabelo o tempo todo.

— Você não acha que ele agrediu o professor por ele ser negro? — quis saber o repórter. — Você soube do incidente que ocorreu com o pai dele? O Ricardo Valente insultou uma jovem negra e depois agrediu um homem também negro. Acha que pode ser de família essa questão do racismo?

A garota analisou as perguntas daquele homem.

— Olha só — começou. — O Gabriel pode ser tudo, menos racista. Nunca vi nenhuma atitude dele que o comprometa em relação a isso. Ninguém explode de uma hora pra outra. Ele teria de ter dado sinais antes, né?

Atrás deles, havia algumas dezenas de alunos, alguns segurando cartazes que pediam a expulsão de Gabriel. Eles estavam em frente ao colégio, barrando a entrada e a saída de todos. Ouviam-se gritos deles. Uma garota mandava beijos para a câmera.

— Ninguém viu como a briga começou?

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Só vimos quando o Gabriel jogou o John no chão do pátio, nem notamos de onde eles tinham surgido.

— Vocês estão pedindo a expulsão do garoto. Já que não há provas concretas, não acha que ele pode ser a vítima nisso tudo?

— É ele — alguém gritou.

— Como você mesmo falou, não há provas concretas. E até que ele prove que o John é um filho da puta, nós pediremos a expulsão dele sim. Além do mais...

O repórter arrancou o microfone da mão da garota sem qualquer delicadeza ao ver a movimentação dos alunos em direção ao carro de Ricardo que acabara de chegar com o filho.

— Seu mal educado, quebrou minha unha — protestou a garota.

— Desculpe — ele gritou de volta.

Os estudantes cercaram o carro de Ricardo, havia mais outros dois repórteres que tentavam conseguir alguma palavra deles.

— Não acredito no que estou vendo — falou Gabriel, dentro do carro. Ele conseguiu ler o que estava escrito nos cartazes. — Estão pedindo minha expulsão.

— Esse bando de desocupados não têm mais o que fazer — disse Ricardo, visivelmente irritado. Ele apertou a buzina, tentou dar ré no carro, mas só ouviu gritos.

— É melhor você falar alguma coisa.

Ricardo bufou e abaixou o vidro. Ele se arrependeu quando viu o microfone do repórter que entrevistava a garota. Ele reconheceu a marca do programa.

— Vagabunda — disse baixinho, mordendo os dentes.

— Eu disse que não seria uma boa voltar pro colégio agora — resmungou Gabriel.

— Senhor Ricardo, o que o senhor tem a dizer sobre a agressão cometida pelo seu filho? Esperava essa atitude dele?

— Como tem lidado com as acusações de racismo? — perguntou outra repórter. Uma mulher de cabelos curtos que anotava alguma coisa em seu bloco.

— Podemos ouvir seu filho? Só uma palavrinha rápida — perguntou outro.

— O Gabriel não vai responder nada — respondeu Ricardo em tom áspero. — O que aconteceu foi um inconveniente. Os jovens são impulsivos, vocês sabem. Ele reagiu a um insulto daquele professor.

— O senhor está dizendo que seu filho fez certo em agredi-lo?

— Não foi isso que eu falei. Sou contra qualquer tipo de agressão barata, mas nós somos humanos, às vezes não controlamos nossos impulsos, ele errou.

— Mas o senhor agrediu um homem faz uns dias — falou o repórter do programa da Vanessa. — Agiu por impulso também?

— Ouça, seu programa editou as imagens. Eu não comecei aquela briga. A garota bateu no meu carro, nos desentendemos. Ela começou a gritar e aquele cara parou e me agrediu. Eu revidei em legítima defesa como qualquer um faria.

— O senhor a chamou de negrinha nojenta. Agrediu um homem negro e agora seu filho fez o mesmo também. O senhor tem sido acusado de racismo nas redes sociais. O que tem a falar sobre isso?

Ricardo quis sair do carro e socar a cara daquele repórter, mas ele suavizou seu olhar agressor e disse:

— Jamais a chamaria disso que você falou. Foi um equívoco, aquelas imagens não provam nada. Alguém está tentando destruir minha carreira. Tudo isso foi uma infeliz coincidência. Meu filho e eu estamos sendo alvos de preconceito por sermos brancos. Somos os brancos racistas que saem por aí agredindo pessoas de cor. É esse rótulo que sua mídia fajuta está tentando colocar na cabeça das pessoas. Somos as vítimas. Agora se me der licença, preciso ir.

Ricardo levantou o vidro e pisou no acelerador. Ele forçou a saída, os repórteres ainda gritaram algumas perguntas, mas foram deixados para trás.

— Meus amores. — Vanessa Velasques estava em seu cenário, na bancada, com as pernas cruzadas. A mesa era de vidro e dava para ver a parte de baixo.

Estava com seu decote usual. — Essas imagens foram feitas hoje pela manhã. Eu fiquei chocada com a postura desse homem quando ele falou que estava sendo vítima de preconceito. Vejam a que ponto chegamos, o opressor se sentindo oprimido. É isso mesmo produção?

Vanessa foi engolida pela escuridão que tomou conta da tela da enorme TV.

Thomas estava sentado no braço da poltrona, jogou o controle remoto no sofá e pousou sua taça de vinho sobre a mesa de centro, inclinou-se como quem estava sentindo uma dor no estômago, mas estava gargalhando.

— Isso é bem a cara dele. *Estamos sendo alvos de preconceito* — ele desdenhou, afinando a voz. Thomas começou a ficar vermelho de tanto rir.

Os dois estavam conversando enquanto a reportagem passava na televisão. John já havia contado a história da agressão umas três vezes.

— Isso foi demais, você foi muito corajoso — disse Thomas ainda rindo. — Eu daria tudo pra ter visto a cara dele.

— Ele disse que iria me denunciar por assédio, imagine só.

— Eu te daria um Oscar por sua atuação, foi perfeito. Ainda consegui ver você em alguns vídeos que rolaram pela internet, ficaram melhores que as que consegui captar com o drone.

— O Gabriel bate forte. Meu maxilar ainda está dolorido. — Ele apertou seus dedos magros no rosto. — Você deu sorte com essa mulher, ela pegou no pé do Ricardo mesmo.

— Pois é, foi sorte mesmo. Nunca imaginei que o carro que enviei fosse dar naquilo. Casou direitinho com o que eu queria. Nós sabemos que ele é preconceituoso, desde pequeno é assim e não vai mudar nunca.

— Você ainda não me contou detalhes do que pretende fazer com isso.

Thomas aproximou-se da janela, olhando para o jardim e deu um gole no que estava em sua taça. A água da piscina refletia uma luz prateada vinda de algum lugar.

— Dar uma lição neles.

— Não vá machucar esses garotos.

— Quem ficou com a cara toda inchada foi você ou ele? — Thomas voltou a rir.

John deu uma risada, pegou a garrafa de vinho que estava sobre a mesa e encheu sua taça que já estava vazia. Sentou-se na poltrona.

— Thommy, como eu sinto saudades do nosso tempo — disse, após dar um gole no vinho.

— Não consigo sentir saudade. — Thomas o encarou. — Eu só queria que o tempo voltasse pra consertar algumas coisas.

— Ah, qual é, amigo? Nem das nossas travessuras? Eu sei que você se magoou muito, mas teve algo bom. Você devia desistir desse seu plano de vingança.

— Teve algo bom — disse Thomas. Ele voltou a sentar-se no braço da poltrona. — Mas o que foi bom, passou.

— O que é bom nunca passa, Enzo.

— Engano seu. Tudo passa, até mesmo o que é bom. E não me chame de Enzo, por favor.

— Desculpe, às vezes eu sinto vontade de te chamar assim.

— Não gosto.

— Sendo assim, vamos esquecer o passado e brindar ao presente.

John ergueu a taça e a de Thomas foi de encontro com a dele.

O telefone de Thomas vibrou em algum lugar. Ele jogou as almofadas cor de creme no chão à procura do aparelho.

— Droga, não sei onde deixei — resmungou. — Achei.

Ele olhou para tela, tinha um número que ele não conhecia.

— Alô?

— Oi. — A voz do outro lado era suave. — É o Thomas?

— Sim, sou eu — disse apressado após o instante em que tentou identificar a voz dela. — E você, quem é?

— Posso apostar que você sabe quem está falando.

Ela demorou tanto para ligar, pensou. Thomas achava que fosse demorar mais um pouco. Não deixou de pensar nela desde aquela noite, mas como estava ocupado com seu plano não viu os dias passarem tão rápido.

— Talvez eu saiba, talvez não.

John continuava de pé, escutando atento o que o amigo falava.

— Posso ir na sua casa?

— Agora? — Thomas levantou-se e começou a pegar as almofadas de volta e as colocou em seus lugares. Ele olhou para sua sala como se estivesse procurando alguma bagunça.

— É, agora. Sei onde você mora.

— Claro que você pode passar aqui... agora!

Thomas sorriu para John como um adolescente.

— Por favor, não largue esse telefone. Te ligo em poucos minutos.

Ela desligou e ele pôde perceber que havia outras três chamadas perdidas.

— Não diga que já conheceu alguém? — perguntou John, interessado em saber quem era.

— Mais ou menos. — Thomas pegou a taça da mão dele. — Você precisa ir embora agora. Me ajude com essas coisas.

John pegou as garrafas vazias e seguiu atrás do amigo até a cozinha.

— Jogue-as no lixo.

Assim ele fez.

— A gente se fala depois, anda logo. — Thomas empurrou o amigo em direção à saída. Antes ele entrou em seu escritório, uma sala com estantes cobertas por livros e uma mesa grande. Retirou da gaveta um envelope amarelo.

Ele caminhou para fora e encontrou John ao lado da piscina que era cheia de curvas.

— Quase esqueço — falou, entregando o envelope ao amigo.

— Tom, Tom, não sei como te agradecer.

— Aproveite a viagem e cuide bem do meu apartamento. Não volte até que eu permita, preciso que cuide das minhas coisas em Londres enquanto eu estiver aqui. Estão aqui, passagens, passaporte, cartões. Tudo o que você precisa.

O que Thomas queria mesmo era tirar John do caminho por medo que ele atrapalhasse seu plano. Contou ao amigo apenas um rascunho da versão final.

John segurou o envelope e sorriu.

— Eu não sei o que você pretende fazer aqui, mas espero que não cometa nenhuma loucura. Acho que o que fez foi suficiente.

— Não John, aquilo foi o começo de algo maior. Mas não se preocupe, ninguém vai se machucar. Vai ser só uma pegadinha.

— Bom, eu já me machuquei.

Thomas riu.

— Obrigado por ter topado. Não sei se conseguiria apanhar sabendo o momento certo em que ia ser atacado, sem poder revidar.

— Ainda sinto as dores. — John fez cara de dor e Thomas retribuiu a mesma expressão. Os dois começaram a rir. — Me conte quem é essa garota que está vindo.

Thomas coçou a cabeça, se perguntando se falaria ou não.

— É a Rebeca — ele disse, enfim. Quis dar um voto de confiança ao seu amigo de infância, mesmo depois de todos os anos que passaram Thomas ainda sentia uma afinidade muito grande por John, tinha coisas que ele não podia contar, coisas que só pertenciam a ele e estava disposto a pagar o preço que fosse necessário para conseguir o que queria.

— Thomas... — John tentou assimilar se ouvira bem o nome. — A Rebeca? Minha aluna? A filha do Harisson?

— Sim, sim, ela mesma. Mas não faça essa cara. Depois a gente conversa, você precisa ir embora agora, não quero que ela te veja aqui.

— Isso tem a ver com a Annabel? É porque ela se parece demais com a sua sereia? Tommy, cuidado pra não confundir as coisas. Você está imaginando a Rebeca como se fosse a Anna.

— Não, John. — O olhar de Thomas era um misto de fúria e confusão. — Não nego que me lembro da Annabel, que imagino que ela seria igual a Rebeca... ou que a Rebeca podia ser ela. São tão parecidas e ao mesmo tempo diferentes. Estou interessado na Rebeca pelo jeito dela, não é porque lembra a minha Anna.

— Tem certeza?

— É claro — disse Thomas. — Mas não tinha tanta certeza se era tão claro assim como falou. — Agora vá, por favor.

— Tudo bem.

Thomas abraçou o amigo dando tapas calorosas nas costas dele.

# DIÁRIO DE REBECA

*O relógio marca 11:59. Minha mãe bateu na porta alguns minutos atrás, ela entrou e tentou me acordar. Segundo ela, quase me derrubou da cama para que eu abrisse os olhos. Quando consegui vê-la, percebi que estava nervosa, quase como se tivesse encontrado uma pessoa morta. Ela quase chorou e me abraçou, perguntando repetidas vezes se eu estava bem. Me sentia muito tonta e confusa pra saber se eu estava bem, minha cabeça pesava mais que o normal e ainda está pesando. Não estava assimilando bem a preocupação dela, eu estava apenas dormindo.*

*Falei que estava muito cansada, que tinha ido à academia na noite anterior e tinha ido dormir muito tarde. Aos poucos ela foi ficando calma.*

*Já havia acordado tarde em outras ocasiões, mas ela nunca havia me visto assim porque eu sempre deixei a porta trancada. E talvez nunca tenha dormido tão profundo quanto hoje. Então só quando saiu do quarto, percebi que ela tinha uma cópia da chave.*

*Talvez, desconfie que eu estou tomando remédios para dormir.*

# CAPÍTULO 40

## ELA PAGA A CONTA

Rebeca estava deitada em sua cama, tentando se concentrar para viajar para a terra dos sonhos e se libertar de sua vida real sufocante. Ela estava quase conseguindo ultrapassar o limite entre a realidade e o sono profundo.

Mas Marina, sua mãe, abriu a porta do quarto com impaciência.

— Rebeca, acorde — disse, tentando evitar que seu nervosismo se transformasse em raiva.

A filha foi trazida de volta do sono. Com dificuldade, foi abrindo os olhos e reconhecendo a forma humana diante de si.

— Mãe? O que houve?

— Precisamos conversar. Quero que me explique o que isto significa — respondeu, segurando uma caixinha.

A garota empalideceu. Não tinha uma resposta certa para aquilo, então saiu pela defensiva.

— Deu pra mexer nas minhas coisas agora? — disse. Ela pensou que poderia ter mentido, ter dito que não era dela, dado a clássica desculpa que havia comprado para uma amiga, mas preferiu ganhar um pouco mais da atenção de Marina.

— Não interessa se eu mexi nas suas coisas ou não. Sou sua mãe e quero que me diga se está grávida. — Ela soltou as palavras como se fosse seu coração saindo pela boca. Tudo o que menos queria era ver a filha esperando um bebê aos dezesseis anos.

O teste foi encontrado pela diarista quando ela arrumava as roupas de Rebeca no closet. A garota nem lembrava mais onde havia deixado aquela caixinha.

Rebeca sentou-se na cama e bufou.

— Eu nem usei isso, como vou saber? A caixa está lacrada não está vendo? — Ela deu um sorrisinho de maldade, poderia acabar logo com a dúvida de Marina, mas resolveu deixá-la mais apreensiva.

— Mas se comprou isto — disse, apontando o teste de farmácia para Rebeca. — Quer dizer que você suspeita... que já está indo para cama com algum homem.

— Eu não estou grávida, nem precisei usar esse teste. Foi só um atraso, mas fiquei com medo e antes que eu usasse isso daí, veio.

Parte de Marina se reestruturou, o alívio tomou conta dela. Sentou-se ao lado de Rebeca e a puxou para um abraço.

— Precisa tomar cuidado com essas coisas, minha filha. Você não pode confiar em qualquer um — falou, ainda com um certo desespero na voz.

— Mãe, não quero ter essa conversa agora — disse Rebeca, achando aquele assunto chato demais.

— É claro que quer. Vai me contar agora com quem está saindo.

— Não estou saindo com ninguém. Foi só uma vez.

— Não interessa quantas vezes foram. Quero saber. Podia ter falado comigo

sobre isso antes.

Rebeca podia ver que sua mãe estava mesmo preocupada com ela.

— Você vive ocupada demais.

— Não vivo ocupada demais, você quem me deixa de fora de sua vida. Está na hora de nos resolvermos, temos que mudar isso.

Rebeca endireitou-se na cama, cruzou os braços e começou a ouvir tudo o que sua mãe tinha para dizer.



Depois de balançar a cabeça várias vezes para a mãe e confessar que saiu com um amigo do colégio, sem mencionar que se tratava de Gabriel, nem muito menos citar Thomas, Rebeca ficou sozinha no quarto. Ela ficou algum tempo olhando pela janela, admirando a cidade tomada pela noite e relembrando os momentos que tivera com Thomas.

Ela não parou de pensar nele desde então, até ali, tinha controle sobre os pensamentos que insistiam para ela fazer uma ligação. Mas aquelas lembranças quentes a dominaram e a fizeram pegar o celular e discar o número dele, o que fez seu coração bater em desespero.



Marina surgiu elegante com sua postura firme. Vitor estava esperando-a na sala. Ele olhava uma fotografia em um porta retrato preso na parede, seu olhar foi desviado para a mulher diante de si. A cada vez que a via tão bela sentia-se mais apaixonado. O tecido impecável do vestido desenhava suas curvas tão bem que ela não precisava tirá-lo para que ele visse cada detalhe do seu corpo.

— Você está linda — ele falou, segurou sua mão e a fez dar um giro leve.

— Obrigada. Você também está um gato.

Marina beijou os lábios dele.

— A Rebeca saiu, disse que voltava logo.

— Achei que fosse continuar dormindo.

— Tão cedo? — ele olhou o relógio prateado em seu pulso.

— Ela tem dessas coisas, não vou me estressar com a Rebeca, não esta noite.

— Ela estava no momento simpática. Colocou aquela foto ali e saiu, até se despediu sorrindo.

Vitor estava com as mãos na cintura de Marina e ela com os braços sobre os ombros dele. A mulher o soltou e caminhou até a fotografia.

— Adorei a foto — falou Vitor. Ele colocou as mãos nos bolsos.

— O pai dela quem fez. A Rebeca sempre adorou os pombos.

Marina ficou imóvel olhando aquela foto. Vitor aproximou-se e a abraçou.

— Ela é linda.

— Minha menina cresceu e eu nem vi. Pra mim, ainda é essa garotinha que gostava de correr atrás dos pombos.

— Eles crescem rápido. — Ele a beijou no rosto. — Vamos logo, senão vamos atrasar pro nosso jantar.

— Tudo bem, ela não disse pra onde ia?

— Falou que ia sair com a amiga.

— Você acha que eu a deixo muito solta?

— Eu acho, mas ela é muito impulsiva, difícil de controlar. Não se culpe por ela ser assim, cada um tem um tempo diferente para aceitar as coisas.

— Talvez você tenha razão. Vamos aproveitar nossa noite. — Ela o beijou nos lábios e deixou o sorriso decorar seu rosto.

Vitor dirigiu até o restaurante, estava em seu próprio carro. Aos vinte e cinco anos tinha uma situação financeira confortável. Era arquiteto assim como Marina e de família de posses. Seu relacionamento com a mãe de Rebeca começou quando ela terminou o casamento, Vitor foi uma espécie de consolo para Marina. Ele ainda era muito jovem e só estava curtindo sua juventude.

Marina era pra ter sido apenas um caso, mais uma na lista das que ele tinha pegado.

Vitor era pra ter sido o garotão que levantaria a autoestima de Marina.

Mas ele foi mais.

E ela também foi mais.

Bastou uma dose de tequila e de alguns empurrões das amigas para que Marina se entregasse àquele rapaz.

Dezenove anos e cheio de banca. Bem o tipo decidido que ela gostava.

— No que você está pensando? — Vitor perguntou ao notar o olhar de Marina, distante. Ela segurava uma taça de vinho que estava quase vazia.

Eles já haviam comido, falado sobre o trabalho, sobre os amigos e não amigos.

— Em como sou uma péssima mãe — ela respondeu.

— Não se sinta assim. — Ele secou os lábios com o guardanapo. — A Rebeca é uma garota difícil.

Marina pousou a taça sobre a mesa.

— Eu a deixei muito solta. Achei que fosse bom pra ela, mas talvez não tenha feito tanto bem assim.

— Meu amor, não pense nisso agora. A noite é nossa, vamos esquecer o mundo.

Vitor segurou a mão dela.

— Ela tinha um teste de gravidez, Vitor. — Aquilo estava preso dentro de si, então soltar aquelas palavras fez seu coração esvaziar. — E eu não sei nem com quem ela está saindo.

Vitor não soube muito o que dizer.

— Cedo ou tarde isso iria acontecer — falou, tentando fazer aquilo parecer ser normal. — Hoje em dia, as garotas fazem sexo cada vez mais cedo.

— Não faça isso parecer normal porque nunca vou achar que a Rebeca tem idade pra estar se deitando com garotos. Estou me sentindo péssima. Uma péssima mãe, o pai dela jamais me perdoaria. Me pergunto onde ela está neste momento, não deve estar com amiga nenhuma.

Vitor secou a lágrima que escorreu pelo rosto dela.

— Você não é uma péssima mãe. Você é uma mulher incrível. Vai ser uma avó linda.

Ela soltou um riso em meio às lágrimas e tomou um gole do vinho para se recompor.

— Sou muito nova para ser avó. Graças a Deus ela não está grávida, mas não negou que saiu com um amigo da escola. Foi tudo o que ela disse. Depois da conversa que tive com ela, um monólogo na verdade, acho que dá pra garantir passar dos quarenta sem um neto.

Vitor sorriu. Marina gostava da facilidade com que ele sorria em situações difíceis, era um sorriso que dizia “tudo vai ficar bem”, era reconfortante estar ao lado dele.

— Não se martirize com isso.

— Sabe o que me deixa mais frustrada?

Vitor não falou nada, apenas deixou que ela entendesse que ele estava disposto a ouvir.

— Ela toma remédios pra dormir — continuou. — Não pensei que precisasse disso. Encontrei alguns frascos de tranquilizantes no quarto dela, não falei nada a respeito disso porque não quis que ela soubesse que, de fato, mexo em suas coisas. Se bem que com o teste de gravidez, é impossível ela não saber. Então eu sinto que não sou suficiente, estou falhando, Vitor.

— Converse com ela, não tem outro jeito melhor que esse. Precisa fazer com que ela fale.

— Acabo sendo grossa quando tento falar alguma coisa. Ela anda estranha, dorme em horários inadequados. Hoje cedo, entrei no quarto dela e já estava dormindo. Tinha acabado de anoitecer.

Vitor levantou-se e estendeu a mão para ela.

— Estou sendo chata — disse, sentindo-se arrependida de falar tanto sobre Rebeca.

— Não está. Apenas quero dançar com você.

Ela lhe deu a mão e eles caminharam entre as mesas. O restaurante era iluminado por uma luz dourada, as mesas eram cobertas por toalhas brancas que ganhavam um tom encardido com a iluminação.

Eles chegaram até a pista onde dois casais dançavam a música lenta que tocava. Ela colou seu rosto no dele e se deixou levar pelo ritmo. Tudo que existia naquele momento eram eles. Durante uma música inteira ela relaxou em seus braços.

Na hora de ir, Vitor colocou as mãos nos bolsos, ele ficou visivelmente preocupado por não encontrar sua carteira.

— Amor, acho que vamos lavar os pratos antes de irmos.

Ela riu dele.

— Você não acha que eu vou estragar minhas unhas, não é? Pode deixar que eu pago.

— Uau — ele disse.

— Não fique sem graça, isso não é o fim do mundo.

O garçom veio caminhando com a conta e quando chegou à mesa direcionou o livreto de couro para Vitor.

— Hoje, ela paga a conta. — Vitor apontou para a amada que sorria triunfante.

O garçom entregou o pequeno livro à Marina.

Ela o abriu.

— Não — disse, surpresa. — Eu não acredito nisso. — Ela colou a mão na boca, demonstrando o quanto fora surpreendida. — Você deve ter errado a mesa. — falou para o garçom.

Ele sorriu e balançou a cabeça em negativa.

Marina pôs as mãos na testa.

Vitor tinha um sorriso de canto a canto. O cotovelo estava apoiado na mesa e a mão no rosto. Ele se divertiu ao ver a expressão de alegria e confusão que Marina fazia.

— Explique-se. — Ela falou para o rapaz. — Pode me dizer o que isto significa?

— Ela abriu o pequeno livro e expôs o que tinha dentro.

— Significa que a conta está paga e que eu estou te pedindo em casamento.

Havia duas alianças presas por uma fita dourada naquele objeto de couro.

Ele levantou-se, despreendeu as alianças e ajoelhou-se diante dela.

— Aceita casar-se comigo?

Marina percebeu que todos estavam olhando a cena. Ela queria falar, mas as palavras estavam presas na garganta. Ela lembrou-se de quando Harisson a pediu em casamento. Jamais esqueceria os momentos bons que tivera com ele, mas sua vida agora estava ligada a Vitor. O rapaz podia ser bem mais jovem que ela, mas sentia-se segura ao seu lado.

Então, todas as pessoas aplaudiram quando ela disse sim.

# CAPÍTULO 41

## FUTURO, PRESENTE E PASSADO

Os dedos dele pressionaram seus olhos. Ela ouviu a porta ranger de leve. Thomas impulsionou seu corpo para frente e a fez entrar na casa. Quando tirou as mãos, ela abriu a boca em surpresa. Estava muito diferente da primeira vez que estivera ali, não havia mais caixas, nem móveis espalhados. Aquele sofá em que ele caiu por cima dela estava em lugar bem mais bonito da sala, acompanhado de outros menores e quadros enormes na parede com figuras geométricas que ela não sabia o que significavam. Havia muitas almofadas e ela teve vontade de pular em cima ou começar uma guerra com elas.

As paredes eram da cor creme, luzes brilhavam no teto cor de gelo, mais parecendo pedras de ouro. O piso de madeira brilhava. Cortinas brancas cobriam grandes janelas de vidro que iam do chão ao teto.

Thomas conseguiu limpar a sujeira que fizera com John antes que ela chegasse, ainda conseguiu escovar os dentes para esconder o bafo da bebida. Ele correu para o portão assim que o telefone tocou e recebeu a jovem com entusiasmo. Ele a abraçou e a convidou para entrar, eles se cumprimentaram e Thomas disse que tinha uma surpresa, queria lhe mostrar como a casa tinha ficado depois de ficar completa.

— Uau, nem parece a mesma casa que vi da última vez — falou, enquanto seus olhos corriam pelo ambiente observando os detalhes.

Ela não tinha notado na ocasião em que estivera ali que o corrimão da escada que dava para o andar de cima era dourado, e havia um belo tapete vermelho vestindo os degraus, Rebeca se imaginou uma princesa descendo por eles para se apresentar aos convidados num baile da realeza.

— Gostou? Deu um trabalhinho deixá-la assim. — Thomas estava com as mãos na cintura, sorrindo como se estivesse apresentando a casa para sua futura esposa.

— É linda. Parabéns, você tem um bom gosto.

— Obrigado — ele disse e se aproximou. Thomas colocou os cabelos que cobriam o rosto atrás da orelha dela. Ele quase se afogou naquele oceano azul que eram os olhos de Rebeca. — Tenho mais coisas para mostrar. Vem ver.

Thomas segurou-a pela mão e a puxou com delicadeza por um corredor. Eles chegaram a uma sala ampla. Havia um piano sobre um tapete redondo e felpudo, e sofás quadrados brancos.

Thomas puxou as cortinas logo após ligar as luzes. Dava para ver a piscina pelas enormes janelas de vidro, a água brilhava como joias.

— Quero que você toque para mim — disse Thomas. Ele estava alegre como uma criança, Rebeca o deixava assim. Ele se esquecia do mundo e de tudo.

A garota estava parada na porta tentando entender o que aquilo significava. Um sorriso se forçou em seu rosto.

— Como sabe que eu sei tocar?

— Já te disse. Talvez eu saiba mais coisas sobre você do que possa imaginar.

Por um segundo ela se sentiu acuada, como se ele a estivesse vigiando, seguindo seus passos.

Thomas provocava uma confusão de sentimentos que ela nunca experimentara. Alegria e medo dançavam juntos, adrenalina percorria seu corpo, euforia, desejo, paz e tempestade, todos juntos num redemoinho. Mas ela gostava daquela sensação porque se sentia viva ao lado dele. A vida ganhava cores, cores novas que nem sabia se existiam de verdade.

— Você andou me vigiando? — ela perguntou, descontraída. Por mais que um pensamento sussurrasse em seu ouvido que ela não o conhecia de verdade, uma estranha sensação mostrava o contrário. Ele não era estranho. Ela o conhecia, ou podia jurar que já o vira antes, talvez não nesse mundo, mas num sonho ou numa lembrança criada. Talvez ele fizesse parte de suas falsas lembranças. — Meu Deus, fui pega pelo lobo mau. — Rebeca colocou as costas da mão direita sobre a testa, fazendo uma cara dramática de desespero.

— Não se assuste chapeuzinho. — Thomas correu para ela e a segurou pela cintura. — O lobo mau dessa história só quer proteger você.

Ele riu e ela retribuiu. A garota se soltou dos braços dele e aproximou-se do piano.

— Me fale como descobriu que eu sei tocar.

— Não sou um maníaco. — Ela sentiu ele se aproximar. Thomas pousou sua mão sobre a dela que estava no piano. Rebeca sentiu a respiração dele, quente e cheia de desejo. — Qualquer um que visite seu instagram descobrirá do que você gosta.

Ela libertou um sorriso de alívio. E se achou ingênua por não lembrar que expunha parte de sua vida nas redes sociais.

— Vi um pequeno vídeo seu, tocando. Então desejei que você tocasse pra mim. Eu luto pelas coisas que eu desejo.

— Confiou tanto que eu voltaria?

Ela se virou e olhou nos olhos dele para ouvir a resposta que já sabia.

— Sim, eu confiei. Só não imaginei que fosse demorar tanto. Este piano esteve esperando por você. Comprei sonhando em ouvir você tocar para mim.

Rebeca o abraçou pela cintura e pousou o rosto no peito dele. Thomas a envolveu em seus braços.

— Você é louco, mas eu gosto do seu abraço — ela disse. — Me faz bem. É estranho porque mal nos conhecemos, mas me sinto segura.

— Sinto como se nos conhecêssemos há mais tempo. Mostre-me seus dons — disse apenas.

Rebeca o soltou e encarou o piano.

— Não sei o que tocar. — No fundo ela sabia, queria ouvir David Guetta, mas precisava saber se ele ainda lembrava-se de como se conheceram.

— A nossa música — disse Thomas. — Toque aquela música de quando nos conhecemos. Ela não me sai da cabeça. Tem ela aí. — Ele apontou para a partitura.

Rebeca sorriu em agradecimento, passou a mão na saia do vestido e sentou-se no banco, feliz por ele ter lembrado. Era engraçado porque sempre ouvira aquela

música, a achava linda e adorava dançá-la, mas depois que conheceu Thomas, depois que ela virou o tema daquele momento, a música tornou-se ainda mais bela, mais profunda. E ela não precisava de consulta.

— Meu pai me ensinou a tocar — Rebeca falou. — O sonho dele era conseguir cantar, mas era desafinado. — Ela sorriu com ternura. — Mas ele aprendeu a tocar instrumentos tão bem que sua voz tornou-se dispensável para ele mesmo.

Thomas sentou-se em outro banco e ficou ao lado dela.

— Imagino que ele sinta muito orgulho da filha.

— Acredito que sim. — Um nó se formou em sua garganta. — Sinto muita saudade dele. É ruim não tê-lo mais todos os dias.

— Mas o que houve com ele? — Thomas mexeu no cabelo dela e admirou o tom do ruivo. Ele lembrava tão bem daquele tom, era perfeitamente igual.

— Meus pais se separaram e ele acabou indo morar em outra cidade pra cuidar dos negócios do vovô. Quase não o vejo, mas vamos ao que interessa. — Ela inspirou todo o ar que pôde, firmou a postura e seus dedos começaram no instante em que ela fechou os olhos.

Tudo ficou escuro. As teclas começaram a reproduzir a melodia da música Titanium. Ela estava perdida naquela densidade sombria, mas ainda era capaz de criar beleza naquilo. Thomas surgiu com um traje de gala, seus cabelos loiros estavam lambidos para trás. Ele veio caminhando sobre o que ela chamaria de escuro, não havia nenhuma cor, nenhum formato diferente. Apenas ele se movimentava no cenário completamente preto e a encontrou e começaram a dançar. Rebeca fez surgir estrelas que explodiam espalhando beleza e destruição daquele escuro agonizante. Ela estava criando, a música inebriava sua imaginação.

Os dois começaram a brilhar, a melodia ecoava na mente deles. Não importava o quão densa fosse aquela escuridão, ela o tinha e juntos podiam ser todas as cores do mundo.

*Somos à prova de balas, somos feitos de titânio. Atire, Atire.*

Rebeca lembrou-se de quando ele disse o que acontecia com o titânio quando era aquecido e os dois começaram a queimar.



Ela abriu os olhos e viu Thomas encantado como uma criança. Rebeca acordou do seu torpor e ele ainda parecia estar em outro mundo.

— O que você achou? — ela quis saber.

— Eu adorei. Quase me esqueci que estava na terra. — Ele sorriu. Estava com o cotovelo apoiado no piano e a mão no queixo.

— Satisfeito ou vai me aprisionar para que eu sempre toque pra você??

— Não quero prender você, quero que venha por vontade própria.

Ele arrastou o banco para bem perto dela. Rebeca pousou a mão sobre o lado

esquerdo do rosto dele e deslizou para a nuca. Thomas impulsionou o corpo para frente e provou de novo dos lábios dela.

— Do que está rindo? — perguntou, após o beijo que pareceu ter durado mais que o real. Ele notou um sorriso na garota.

— De mim mesma. Por eu estar aqui com você. Por eu estar me sentindo bem com um estranho.

— Não sou um estranho, tire isso da cabeça. Além do mais, boas histórias não seguem receita de bolo. E falando em histórias, tem algo que quero te mostrar.

— Mais uma surpresa?

— Não sei se é uma surpresa, mas é algo que vai gostar.

Thomas puxou-a pela mão e a guiou pela escada em espiral que havia naquela sala, era toda prateada, diferente da que Rebeca viu antes.

A garota levou a mão à boca em surpresa quando chegou ao andar de cima.

— Este lugar é mesmo incrível.

Ela passou a mão pelos livros na estante, sentindo a textura das capas e a espessura. Toda a parede estava tomada por uma estante completa com livros, havia uma luz dourada que a iluminava em seus quadrados, Rebeca perguntou-se de onde vinha. Havia livros e mais livros por todos os cantos daquela sala.

— Você leu todos eles?

— Todos. A tia Abigail disse que eu ia ficar louco de tanto ler, mas ela não sabe que ler é a cura para a minha loucura.

Rebeca sorriu.

— Eu acredito nisso, a leitura transforma, acredito no poder das palavras. Mas me diga, se você veio de Londres e faz pouco tempo que está na cidade e nem sabe se vai ficar, por que e como trouxe todos eles?

— Vieram de navio. E eu os trouxe para conquistar você.

— Uau, um navio de livros! Você é mesmo um louco. Que tipo de história você prefere? — ela quis saber.

— Eu gosto de fantasia, romance policial, um bom thriller. E aprecio as histórias sobre vingança, acho que quem a busca, no fundo está buscando justiça.

Se Rebeca o estivesse observando teria visto ele perdido nos próprios pensamentos, mas os olhos dela corriam pelo ambiente. Ela dava voltas pelas estantes. Viu uma poltrona reclinável ao lado de uma parede de vidro.

— Vingança não pode ser confundida com justiça, porque nela não há medida para a punição, e sempre tem consequência — falou ao sentar-se na poltrona. Estava escuro, mas ela pôde ver árvores lá fora, ainda na propriedade da casa. — Você gosta de janelas de vidro — falou com a intenção de mudar de assunto.

Ele despertou dos pensamentos, e admirou a felicidade nos olhos dela.

— Deite-se e aprecie a vista, então verá por que gosto tanto — ele falou.

Rebeca inclinou-se e viu o céu noturno, decorado pelas estrelas.

— Uau, você projetou o paraíso na sua casa.

— Em poucos dias será lua cheia, será uma bela visão de onde você está.

Ela levantou-se e caminhou em direção à outra parede para admirar uma imagem que lhe chamou atenção. Era o castelo de Hogwarts talhado em madeira, ele era uma estante. Partes do castelo eram preenchidas por livros do Harry

Potter.

— Eu coleciono algumas capas — disse Thomas. — Tenho a versão inglesa, duas brasileiras, claro; uma americana, uma italiana. — Ele apontava para onde os livros estavam encaixados.

Rebeca retirou o exemplar de O cálice de fogo do encaixe e admirou a capa dura.

— Este é o meu favorito da série — ela disse. — Tem um capítulo com o qual me identifico. O da penseira. Adoraria poder acessar minhas memórias e reviver todas as coisas boas.

— Eu não gosto muito de memórias. — Thomas tirou o livro das mãos dela e o colocou sobre a mesa de vidro. — Eu prefiro viver o agora. — Ele segurou as mãos dela e as juntou no meio do peito. Rebeca arfou. — Desfrutar das emoções que o presente nos oferece.

— Mas tudo vira história. O presente, o futuro... tudo se torna passado. — Thomas estava bem perto da boca dela e Rebeca encarava os lábios dele com vontade de beijá-lo. — Nosso momento no piano agora faz parte de nossas memórias. É impossível parar o tempo e fazer com que só o presente exista. Somente as lembranças nos dão acesso ao que vivemos e através delas podemos transformar o passado em presente novamente.

— Mas elas nos trazem as coisas ruins também.

Ela sentiu alguma tensão no corpo dele, talvez fosse a respiração pesada.

— É verdade, mas as grandes histórias estão cheias de coisas ruins. Aliás, as melhores histórias não têm finais felizes. — Ela sorriu tristemente. — Eu não queria fazer parte de uma boa história.

— Eu também não — falou. — Vamos construir boas memórias pra nós então. — Thomas agarrou na cintura dela e a puxou para um beijo intenso, os lábios dele grudaram nos dela. — E torcer para que, a nossa, seja uma história ruim — concluiu.

# DIÁRIO DE REBECA

*O meu aniversário de treze anos era pra ter sido o mais bonito da minha vida, mas acabou sendo o mais terrível de todos.*

# CAPÍTULO 42

## O BAZAR

A cama de Rebeca estava repleta de roupas, parecia mais um banco de feira ou de bazar de igreja. Suas clientes eram meninas da sua idade, amigas da escola. Blusas, vestidos, saias, jeans eram as diversas peças de marcas famosas como Carmen Steffens, Dolce&Gabana, Lacoste entre outras.

As cinco garotas pareciam urubus em cima de algum animal morto. Elas reviravam as roupas e provavam, tagarelando entre elas numa confusão de sons que era impossível entender sobre o que conversavam.

Rebeca saiu do closet abarrotada de vestidos, ela jogou as peças em cima da cama e os urubus bateram suas asas em direção a eles.

— Se rasgarem alguma peça sabem que vão pagar, estão avisadas? — disse Rebeca, num tom leve. As garotas riram.

— Não somos loucas de rasgarmos estas maravilhas — falou uma delas com um incrível sorriso de comercial de pasta de dente. Ela segurava um vestido preto Carmen Steffens, grudado no corpo.

— Assim espero — gritou Rebeca, já de volta ao closet.

Ela voltou segurando dois pares de sapatos nas mãos, e mostrou-os empolgada como se fossem dois filhotes.

— Louis Vuitton ou Jimmy Choo? — perguntou Rebeca

Gritos que mais pareciam miados de gatos ecoaram pelo quarto.

O sapato Jimmy Choo era um modelo com um salto em formas geométricas, preto brilhante, quase como se fosse espelhado, ele cobria todo o pé até a altura do tornozelo e era pontudo; o modelo Louis Vuitton era um Pump Betty feito de couro de cabra preto com granulado cinza.

— Sou louca por um Jimmy — suspirou uma das meninas ao arrancar os sapatos das mãos de Rebeca e abraçá-los.

— Estão praticamente novos, usei ele apenas uma vez. — Rebeca entregou o outro modelo a uma garota que estava sentada na cama apreciando uma blusa azul da Lacoste.

— Rebeca vou ficar com essa daqui.

— Tudo bem, vá separando que depois a gente faz as contas.

Rebeca estava descalça, usava um mini short jeans e uma regata. Seu cabelo estava preso. Ela estava radiante como uma vendedora simpática disposta a atender todas as clientes da loja.

— Nicole, você ficou linda nesse vestido. Arrasou, amiga. — Nicole estava se olhando no espelho da porta do closet dela.

— Adorei ele.

— Dá uma voltinha. Vejam isso meninas. — Rebeca segurou a mão da garota e a fez dar um giro.

— Lindo, amiga.

— Perfeito, fica com ele — disse uma garota.

— Fica com ele, faço por sete mil.

— Ah, não. Tá muito caro, Rebeca.

— Ih, minha filha, sabe quanto custa um desses? Estou te vendendo pela metade do preço.

— Já vi você usá-lo várias vezes.

— Tudo bem, cinco mil. Não posso dar um desconto maior que esse.

— Posso pagar dois mil.

— Ah, não, pode deixar que vou usá-lo mais vezes.

— Dois e quinhentos — disse Nicole na esperança de convencê-la.

— Três e quinhentos e não se fala mais nisso — rebateu Rebeca.

— Três mil é tudo o que tenho na bolsa.

— Tudo bem, negócio fechado! — Rebeca apertou a mão da amiga.

Era um Dolce&Gabbana que custara ao avô, quase quinze mil reais, ela pensou. Mas estava precisando de dinheiro. O que podia fazer? Precisava do dinheiro para dar a Cristiano e evitar que ele contasse tudo para sua mãe. Rebeca não sabia o que ele pretendia fazer com o dinheiro, imaginava que ele estivesse metido em alguma dívida contraída em jogo, ou que tivesse se envolvido com algum agiota.

Cristiano sempre pareceu ser um bom homem, sua mudança de comportamento pegou Rebeca de surpresa. Primeiro ele veio com chantagem emocional, dizendo que queria desistir de tudo, bastava ela oferecer dinheiro para que ele aceitasse continuar. Depois passou a pedir mesmo, dizendo que precisava de mais dinheiro, só nunca explicou para quê tanto.

As garotas continuaram provando as roupas, então Rebeca entrou no closet para arrumar a bagunça que fizera. Depois de alguns instantes ouviu seu nome ser pronunciado entre as vozes.

— Queria ter a vida da Rebeca. Ela tem tantas coisas lindas.

— Roupas não fazem ninguém feliz meu bem, sinto informar.

— Não falo apenas disso. Ela é linda, é rica, tem um avô que dá tudo pra ela, uma mãe linda também. Ah, e a vi sair da boate com um gato lindo. O que mais ela quer?

— A vi chorando no banheiro da escola uma vez. Vai ver a vida dela não é tão perfeita assim. Tentei perguntar o que houve, mas ela não quis me falar.

As palavras das meninas deixaram Rebeca um pouco desconfortada, ela parou para pensar que era observada. Talvez as pessoas soubessem de tudo o que ela fazia.

Para não transparecer alguma indisposição, ela respirou fundo, colocou seu mais belo sorriso no rosto e caminhou em direção às garotas. Já haviam passado alguns dias desde o último encontro que tivera com Thomas, eles estavam mantendo contato por telefone. Ele andava muito ocupado e Rebeca não achou ruim passar um tempo sem vê-lo, achou que seria bom para assimilar seu real interesse nesse romance.

Rebeca estava de bom humor e não deixaria se influenciar pelos comentários daquelas garotas.

— Então, vamos fazer as contas? — perguntou.

As garotas concordaram e começaram a separar as peças que iam levar. Fizeram uma fila e Rebeca anotou os valores de cada uma em um caderno. Elas pagaram em dinheiro como Rebeca esperava. Depois se despediram. Rebeca prometeu fazer aquilo mais vezes, mas torceu para que tivesse sido a primeira e última vez.

# CAPÍTULO 43

## COMO VOCÊ SE SENTE?

— Você nos trouxe até aqui para vermos isso?

— Não exatamente — respondeu Gabriel. Ele tirou o cinto de segurança e saiu do carro. — Vamos subir.

O rapaz caminhou até a entrada da construção inacabada. Ele voltou o olhar para elas que continuaram paradas ao lado do carro.

— Vão ficar aí só olhando? — Gabriel gritou.

Amanda olhou em volta e viu o mato verde que crescia sobre a areia, caixas velhas, entulhos, latões de lixo.

— Este lugar me dá arrepios — disse Felicity.

Elas caminharam até ele. Estavam de novo no mesmo local em que Gabriel sequestrou o detetive enviado por Romeu. Amanda achou que encontrariam aquela garota novamente, mas não tinha ninguém além deles.

O lugar era abafado e úmido. Uma lâmpada estava acesa. As duas foram na direção do som de portas de metal sendo arrastadas.

— Venham — chamou Gabriel. Ele estava dentro de um elevador de cargas para obras. — Vamos subir.

Amanda e Felicity entraram. O barulho causado com a subida causou medo nelas. Gabriel estava com uma lanterna, iluminando o ambiente escuro. O telefone dele tocou, era Rebeca, apenas colocou no modo silencioso e o colocou de volta no bolso.

O vento forte soprou os cabelos deles quando chegaram ao terraço do prédio de onze andares.

— Vejam isso.

A cidade inteira diante deles. O céu não estava mais azul, sua cor era laranja vivo, como se estivesse queimando. As ruas estavam iluminadas e pareciam serpentes de fogo. Os prédios eram como colunas erguidas cheias de vagalumes.

Gabriel se aproximou do parapeito. Amanda veio caminhando devagar, estava de braços cruzados e usava um casaco azul. Felicity ficou parada na porta pela qual saiu.

— Por que nos trouxe aqui? — quis saber Amanda. — Ela estava confusa, tentando entender que significado aquele lugar tinha para Gabriel.

— A Rebeca está ligando — falou Felicity, olhando pro seu celular. Seus amigos não disseram nada a respeito.

— Alguma vez você parou pra reparar nisso? Nesta cidade tão grande, nestes prédios — ele falava sem tirar os olhos da imensidão diante de si, e ignorou a pergunta da amiga. — Sabia que neste instante tem alguém morrendo? E roubando e matando? Alguém está nascendo. — Ele ficou calado por um instante, ouvindo o som do vento.

Amanda fez cara de quem estava diante de um louco. Gabriel riu e olhou para

ela, percebeu que Felicity havia se aproximado deles. Ela não atendeu a ligação e guardou o telefone.

— É realmente muito bonito daqui de cima. Nunca vi nada igual — ela falou.

— Por que você nos trouxe aqui, Gabriel? Apenas para apreciar a vista? — insistiu a garota.

— Não seja insensível Amanda, tente ver, além disso — falou Felicity, admirando a paisagem como se estivesse diante de uma obra de arte. — É como o Gabriel falou. Pessoas estão saindo do trabalho para chegar em casa e encontrar os filhos, a esposa ou o marido, ou até mesmo ninguém. Tem gente chegando ao hospital com uma perna quebrada. Gente chorando e sorrindo. Gente bebendo nos bares. Gente se preparando para a noite. Namoros começando e acabando. Gente chorando porque perdeu o emprego ou porque perdeu alguém especial. Gente fazendo coisas que só o Gabriel falaria. — O rapaz sorriu de leve. — E tem a gente, dançando a música de um maluco. Eu vejo a vida pulsando diante de nós, não estamos sozinhos, todo mundo tem seus problemas. Temos que fazer como eles fazem que é lutar para resolver os nossos, porque metade deles somos nós quem causamos.

— É exatamente isso, Fê. — Gabriel voltou a falar. — Trouxe vocês aqui para relaxarmos um pouco, para recarregarmos nossas energias. O que tem acontecido com a gente tem nos deixado perturbados, pelo menos eu me sinto assim. E aqui ninguém nos ouve, podemos gritar, mandar o mundo se foder, ninguém vai ouvir e se ouvirem, que se danem.

O vento ainda soprava forte.

— Vocês estão loucos — disse Amanda.

— Meu pai me obrigou a ir a um psicólogo. — Gabriel continuou. — Ele acha que estou ficando louco, agressivo e que estou fazendo programa. Não sei de onde ele tirou isso, mas... Eu não queria falar nada pra Sarah. — Amanda levantou os olhos ao ouvir o nome da mãe. — É, sua mãe. Ela ficou me fazendo um monte de pergunta que eu achei idiota no momento. Queria saber como eu me sentia. Eu acho que nunca precisei falar pra ninguém como eu realmente me sentia há um bom tempo. Na verdade nunca senti tanta necessidade quanto agora.

Amanda o encarou e deu mais credibilidade às palavras do amigo. Ela continuava com os braços cruzados, sentia o frio provocado pelo vento.

— Eu trouxe vocês aqui pra dizer que eu me sinto um cara mau, é isso. — Ele sentiu vontade de falar mais e continuou. — Era isso que eu diria para sua mãe, Amanda. Se eu pudesse, teria dito que me sentia um cara mau, e isso não é algo bom de sentir. Definitivamente, não é. Eu mereço tudo o que está acontecendo comigo. A droga da lista está me fazendo pagar meus pecados.

Ele se distanciou das amigas, cruzou as mãos atrás da cabeça e teve um instante de silêncio.

— Sua vez — Gabriel falou para Amanda, quando voltou para perto delas. — Vamos, diga como se sente, dê a verdadeira resposta que daria quando as pessoas perguntam “como você está?” e nós respondemos “bem”, sem nem sabermos o que é estar bem de verdade.

Os olhos de Amanda ficaram cheios de lágrimas. Ela começou a entender o que

significava estar ali. Era apenas falar, desabafar um pouco. Eles não haviam parado para conversar sobre tudo o que estava acontecendo com eles. Talvez fosse a hora.

— Me sinto a pior pessoa do mundo. — Uma lágrima rolou pelo rosto dela. — Não queria ser mãe tão nova, mas sei que essa criança não pediu pra nascer e mesmo assim eu desejei que ela morresse. Eu quis perder o bebê, só que agora estou arrependida de ter pensado nisso. Que mãe desejaria a morte de um filho antes mesmo dele nascer? Eu sou um monstro. É assim que me sinto, um monstro. — A essa altura ela já estava chorando, quase aos soluços. Felicity aproximou-se e a abraçou.

— Não pense assim. Isso foi um momento de fraqueza. O importante é que agora você não pensa mais nisso, não é? — Felicity segurava o rosto dela. Amanda balançou a cabeça em sentido afirmativo.

Elas se abraçaram.

Gabriel as encarava.

— Sua vez, Fê — ele disse.

Elas se largaram do abraço.

— Não sei dizer como me sinto... Vazia, talvez. Ou cheia de ódio, porque não importa o que fizemos, a pessoa que está nos chantageando não tem o direito de fazer isso com a gente.

— Falando nisso, vocês dois podiam abrir o jogo. Já sabem que estou nessa porque tem um vídeo meu transando com o prefeito desta imensa cidade. — Ela soou irônica. — Mas eu não sei nada de vocês dois.

O silêncio tornou-se profundo e deu voz ao vento que sussurrou no ouvido deles. O céu estava ficando escuro, eles eram sombras no alto daquele prédio. As estrelas despontavam no céu.

Gabriel e Felicity se encararam como se um pedisse que o outro falasse primeiro.

— Vamos — insistiu Amanda.

— Sou um criminoso. — Gabriel enxugou o nariz com as costas da mão. As garotas se assustaram com a resposta e se perguntaram que tipo de crime ele havia cometido. Como se estivesse escolhendo as palavras ele continuou. — Cometi alguns crimes digitais, falsifiquei documentos. Sim, aquelas identidades falsas que nos tornam maiores de idade eu mesmo falsifiquei, com a ajuda de um amigo, mas eu faço parte disso. Cometemos alguns roubos online, coisa grande. Foi com essa gente que estou metido que consegui esse carro, que tenho a habilitação falsa. Posso ser preso se alguém descobrir. Ir parar num reformatório, na verdade. Mas a pior parte de tudo é acabar com a vida do meu pai, acho que ele não merece a mídia inteira cobrindo um escândalo desses que se tornou a agressão que eu cometi. A parte de fazer programa, eu não sei de onde ele tirou isso. — Ele soltou um riso fraco e deu de ombros quando terminou. — Sua vez agora, Fê.

Ela o encarou, com medo de como suas palavras sairiam.

— Minha mãe matou um homem. — Felicity falou todas as palavras de uma vez só. Gelo tomou conta de Amanda e Gabriel. Eles ficaram imóveis por um instante. — E eu cometi a besteira de escrever em um diário. — Felicity lutava para não derramar lágrimas. — Toda a cena, tudo, escrevi tudo pra ver se eu me livrava

daquilo. Eu vi tudo, vi como ela o matou. Ele queria nos fazer mal, ela só nos defendeu.

E foi impossível não chorar, não sentir de novo a dor daquele dia que a acompanhava todos esses anos que passaram.

Amanda sentiu-se um pouco arrependida por ter pedido que eles contassem. Talvez tivesse sido melhor que os segredos deles continuassem escondidos.

Gabriel estava com uma expressão triste e vazia, suas sobrancelhas estavam caídas, os ombros também caídos. Os três estavam dispostos uma para o outro formando um triângulo.

— Estão ameaçando entregar ela para a polícia? — perguntou Amanda, com cautela.

— É bem pior que isso. Ameaçaram entregar o diário aos irmãos dele. Os dois juraram vingança se descobrissem quem foi.

— Foi o marido dela? O seu padrasto? — perguntou Gabriel.

— Mas por que ela o matou? — quis saber Amanda.

— Ele não aceitou a separação. Queria nos fazer mal. Ela só se defendeu. — Felicity não se sentiu confortável em contar a parte do abuso, ela não teve forças para falar “eu fui abusada”. Foi difícil falar que sua mãe era uma assassina e ao mesmo tempo libertador, ela nunca falou isso para ninguém, só mesmo para seu diário.

A menina tapou o rosto com as duas mãos e chorou.

Gabriel pôs a mão na testa e ficou de costas por alguns segundos, ele olhou para o nada. Como ele queria arrancar aquela parte da história de Felicity, queria apagar aquilo dela só para não ver a dor que a amiga estava sentindo.

O rapaz correu até a menina e a abraçou. Amanda abraçou os dois. Os três se abraçaram.

— Vamos ficar bem, Fê — ele disse com tanta vontade na voz que passou alguma tranquilidade a ela. — Vocês percebem que nós não somos o alvo?

Eles se soltaram devagar. Felicity enxugou as lágrimas.

— O que você quer dizer? — perguntou Amanda.

— Nunca fomos o alvo. Somos na verdade, o dardo. Quem está por trás disso está nos usando para acertar um alvo, ou mais de um. Só demos o azar de termos segredos, por isso fomos escolhidos.

Amanda e Felicity olharam curiosas para o rapaz.

— Sempre estivemos nos perguntando por que estão fazendo isso com a gente. Quando, na verdade, não é conosco diretamente. Se alguém quisesse nos ferrar já teriam feito isso, não existiria o Edgar pra te ajudar naquele incêndio — falou, olhando para a incendiária. — Estamos cometendo ações contra pessoas. Contra o John, a Tereza, a Arabela. Até mesmo contra a escola.

— Sim, isso faz sentido — disse Felicity. — Mas você ficou quase pelado na escola, isso afeta quem? Nos fizeram comer aquelas porcarias no jantar e só vejo que afetou a nós mesmos.

— Para nos desestabilizar, nos confundir. — Amanda gostou do raciocínio de Gabriel. — E o fato de ter alunos desfilando sem roupa só mancha a imagem do colégio, sem contar com a agressão ao professor.

— Tudo isso esteve claro o tempo todo, mas não percebemos. — Gabriel retomou seu raciocínio. — Algumas de nossas próximas ações afetam a escola ou pessoas que não somos nós. Nossos passos estão sendo apagados. Até o momento ninguém descobriu qualquer ligação entre você e o incêndio. Misteriosamente, o John não deu queixa, sumiu do mapa. Estamos a salvo, ainda.

— Tá, mas aonde você quer chegar com essa linha de raciocínio? — perguntou Felicity.

— Quero dizer que nós podemos relaxar um pouco, nada vai nos acontecer se fizermos tudo o que tem na lista, vamos conseguir as provas que têm contra nós. Então temos que focar em terminá-la e ajudar esse maníaco a se vingar.

— Vingar? — questionou Amanda.

— Claro — respondeu Gabriel, empolgado. — Tem alguém querendo se vingar da Tereza, do John, da Arabela, talvez do meu pai, do colégio e sabe-se lá mais quem. Essa, minhas caras amigas, é uma história sobre vingança.

# CAPÍTULO 44

## CHANTAGISTA ARREPENDIDO

Gabriel dirigiu pelas ruas saindo daquele prédio em silêncio. Nem ele, nem as amigas falaram alguma coisa. Ele deixou Amanda em casa e seguiu para entregar Felicity, segura.

Amanda se trancou no quarto e só saiu de lá para comer, depois voltou e passou um bom tempo deitada.

Quando notou que a noite estava tão bonita, ela levantou-se de sua cama e foi até a janela e impressionou-se com a beleza da lua, gigante no céu, dourada quase como o sol. Ela puxou as cortinas e saiu para sua varanda. O vento frio rodopiou pelo seu corpo.

A garota cruzou os braços e ficou ali admirando a beleza do céu, que mais parecia um grande cobertor que amparava a humanidade contra suas dores. Ela usava um robe de seda branco, seus cabelos estavam soltos. Longos e macios. Seus fios eram um orgulho pessoal, se perguntassem do que mais ela gostava em si, diria que era dos cabelos.

Diante dela havia a cidade acesa por luzes, agora mais escura que quando a viu de cima daquele edifício, e o mundo, tão imenso, tão cheio de problemas e coisas boas e ruins, cheio de medo, alegria e dor.

E era para este mundo que ela estava trazendo um novo ser, uma nova vida.

Pela primeira vez, colocou as mãos em volta da barriga e sentiu, além do medo de colocar aquela criança no mundo, algo como um fio de esperança aceso dentro de si. E uma lágrima saltou do seu olho direito, escorreu até chegar ao canto da boca.

Era salgada como todas as outras que derramara em sua vida, mas aquela e as outras que caíram em seguida pareciam ter um poder mais forte de purificar a alma.

Ela lembrou-se do outro dia em que quase foi morta sufocada por Tereza e pensou que se morresse, outra vida morreria também. Então, se sentiu como uma guardiã, alguém responsável por um tesouro que seria seu para toda vida. Ela não queria mais perdê-lo, nem mesmo pensar que já pensou nisso um dia.

Amanda fechou as janelas, mas deixou as cortinas abertas para poder continuar olhando a lua, de sua cama. Ela entrou embaixo do edredom, encolheu-se e pensou em Murilo, o viu esperando-a no altar; viu um bebê chorando em seus braços; se viu de barriga grande, sentindo dores; uma criança correndo pela casa chamando-a de mamãe.

Sem perceber, fechou os olhos e deixou que o futuro se desenhasse em sua mente, em seus sonhos.

Ela não soube quanto tempo se passou até sentir algo estranho embaixo da coberta, podia ser um gato se ela tivesse um. Amanda acordou-se.

— Gustavo, você me assustou. O que está fazendo fora da cama?

— Tive um pesadelo — disse o menino com cara de cachorro no meio da chuva.

— Pesadelos são coisas irreais, eles não fazem mal. Volte pro seu quarto.

— Eles causam medo. O medo faz mal às pessoas.

Eles estavam deitados, olhando um para o outro.

— Às vezes, o medo torna as pessoas mais fortes — disse Amanda.

— Como isso é possível?

— Temos forças desconhecidas dentro de nós, mas nunca as usamos porque não precisamos delas, então quando os monstros surgem à noite, sentimos medo e ele faz a gente usar essas forças e fazermos coisas que não sabíamos que éramos capazes.

— Me deixa dormir aqui esta noite — pediu o menino. — Só hoje. Não quero lutar com monstros.

— Quero ficar sozinha, Gus. Por favor, volte para sua cama.

— Você está chateada comigo? Toma, eu devolvo seu dinheiro. — O garoto colocou um bolinho de notas entre eles.

Amanda olhou para ele, quis rir da cara de assustado e arrependido.

— Me perdoe — pediu o garoto com as duas mãos juntas.

— Você ainda acha que eu matei os gatinhos da Tereza?

— Não acho mais isso, juro.

— Que bom, Gus, porque não fui eu. Não tive nada a ver com aquilo.

— Posso ficar?

— Pode, desde que não toque mais no assunto dos gatos com mais ninguém. Só assim eu perdoe você.

— Tudo bem.

— Pode ficar com esse dinheiro.

— Sério?

— Claro. Agora, me conte sobre o seu sonho.

— Não foi um sonho, foi um pesadelo.

— Tá bom, me conte sobre seu pesadelo.

— Eu acordava e não tinha ninguém em casa, estava escuro e tinha um vento frio assobiando lá fora. Então, um cachorro enorme derrubou a porta e ele tinha os olhos vermelhos como dois morangos. — Amanda quis rir com a comparação do menino, mas conteve-se. — Ele veio latindo atrás de mim pela escada e eu corri. Me acordei assustado e vim parar aqui.

— Por que não foi pro quarto da mamãe?

— Eu fui, mas estava trancado na chave. Você pode acender a luz?

— De jeito nenhum, Gus. Ninguém vai nos fazer mal aqui.

— Tudo bem. Vou tentar dormir.

O celular de Amanda vibrou, ela o pegou da mesinha de cabeceira e viu que tinha uma mensagem. Dizia: SUA LISTA ESTÁ SUSPENSA, TEMPORARIAMENTE, DEVIDO À SUA GRAVIDEZ!

Uma onda de alívio rodopiou no seu estômago. Ela desligou o telefone e voltou a atenção para Gustavo.

— Espere, não olhe para o lado. — Amanda segurou na mão do irmão. — Ele está aqui, estou vendo os olhos dele — falou, num sussurrou de arrepiar.

O menino se encolheu com medo.

— Mentira sua.

— Me abraça e não olha para trás. Vamos ficar quietos para ele ir embora.

O garoto a abraçou forte, tão forte que Amanda sentiu seus ossos espremerem, mas era tudo o que precisava no momento, daquele abraço.

# CAPÍTULO 45

## O COMEÇO DO FIM

Tereza estava debruçada sobre a mesa. O copo estava vazio e a garrafa pela metade. Ela já estava exausta, a porta da cozinha aberta e nela surgiu a figura de um homem mal vestido e barbudo. Era o ladrão que costumava pular o muro. Era Thomas que estava ali.

— Você não é bem vindo aqui — sussurrou a mulher, quase inaudível e falando compassadamente.

— Vamos, deixe de ser mal agradecida, eu sempre te trago presentes. — Thomas entrou e pôs sobre a mesa as sacolas que segurava. Ele começou a tirar algumas garrafas de dentro. — Uísque da melhor qualidade, melhor que essa porcaria que você toma.

Tereza mudou de posição e ficou sentada de forma ereta.

— Por quê?

— Por que, o quê? — perguntou Thomas enquanto abria a garrafa.

Tereza soltou um meio sorriso amargo. Ela estava se sentindo tonta e sonolenta. Thomas encheu o copo dela e pegou outro na pia e o encheu para si.

— Por que voltou?

— Porque hoje é um dia especial. Vim brindar com você. — Thomas rasgou o pacote de gelo que trouxera nas sacolas e colocou algumas pedras dentro dos copos.

— Não, não... Não quero saber por que voltou depois de alguns dias. Quero saber por que voltou depois de tantos anos. Ouvi boatos de que estava morto. Vejo que não passavam de mentiras.

*Se tivesse me ajudado, Thomas pensou.*

*Se tivesse me ajudado.*

*Se tivesse me ajudado, desgraçada. Tudo teria sido tão diferente. Eu nem teria partido.*

Mas ele não falou nada disso, a encarou sério e terminou de preparar a bebida.

— Tome, vamos brindar.

— Brindar a quê? Ao meu fracasso? É pra isso que veio? — Tereza pegou o copo da mão dele e deu um grande gole largando-o sobre a mesa com violência. — Não precisava desse disfarce. Eu reconheceria você com ou sem essas lentes ridículas.

Thomas bebeu um pouco do uísque e ficou a encarando. Após alguns instantes, disse:

— Na verdade, o disfarce não é para me esconder de você, mas para que não seja reconhecido nas ruas.

— Não tente ser esperto — disse, gargalhando. — Você achou que eu não o reconheceria. Você pode sujar o rosto de lama, colorir seus olhos da cor do arco-

íris, mas nunca vai mudar seu semblante, nem a sua alma. Eu aprendi garoto, nas ruas que mais pareciam o inferno, a enxergar as pessoas pela energia delas. Eu sinto a vibração de cada palavra que você profere e imediatamente eu reconheço sua voz como sendo daquele garotinho doce que meu filho adorava. — Os olhos de Tereza encheram-se de lágrimas. — Só que agora ela está carregada de amargura.

— Bom, se quer saber mesmo porque eu voltei, digo apenas que foi para resolver algumas coisas que ficaram pendentes. Uma coisa que me impede de seguir em frente e viver a minha vida. — Ele falava com fúria. Tereza observava seus dentes parecendo presas de um animal feroz.

Ela não fazia ideia das razões pelas quais o garoto retornara, nem muito menos que ele tinha algo a ver com as mortes de seus animais. Tudo o que lembrava era que o menino sentia raiva dela, raiva por ela ter perdido o melhor amigo dele.

— Qual é? Alguma coisa comigo ainda? Me fez atacar a garota para que a Sarah me odeie? Foi isso?— Tereza levantou-se furiosa. — Eu sei que você me odeia, ainda lembro das suas palavras me acusando de ter perdido meu garoto. Mas você era um fedelho idiota que não sabia de nada, então eu relevei, achei que fosse birra, que ia passar. Mas agora olho pra você e vejo que ainda me culpa.

— A culpo sim, porque você não podia ter deixado o menino sozinho pra subir numa maldita árvore atrás de um maldito gato de rua.

— Ele me pediu — berrou Tereza em resposta. Ela empurrou a cadeira que caiu de lado. — Eu não tive culpa, quando descii, ele não estava mais lá. Eu passei a vida inteira procurando meu menino e agora me vem você pra torcer a faca que tenho cravada no peito. Vai embora daqui. — Ela esticou o braço apontando o dedo para a porta da cozinha por onde ele entrou. — Não me interessa o que veio fazer aqui.

— Eu-também-o-procurei. Cacete! — Thomas falou palavra por palavra e deu um murro na mesa quando terminou. Ele levantou-se e agarrou Tereza pelos cabelos, encostou-a na parede e continuou falando bem próximo dela. — Mas eu fiz melhor do que você. Não me tornei um drogado, nem acabei com a minha vida. Olhe só para você! — Thomas fez cara de nojo. — Não pensou em como ele se sentiria vendo a mãe dele assim? Derrotada!

— Por que se importa tanto? — Tereza o empurrou e saiu de perto dele.

— Porque eu esperava que o Nic pudesse ter a mãe dele de volta — gritou Thomas. — Não uma louca feito você.

Thomas sentia raiva e desprezo, apesar daquela mulher ser a mãe do menino que foi seu amigo na infância, ele a odiava por ter sucumbido à dor e se transformado naquela mulher. E a odiava também porque ele gritou por ajuda e só tinha ela ali, no meio da floresta, mas já estava entregue à loucura e fugiu como um animal selvagem.

Tereza parou um instante e ficou repetindo as palavras dele em sua mente.

*Que o Nic pudesse ter a mãe dele de volta.*

— Você nem sabe se ele está vivo — disse ela.

— Eu sei. Sei o que aconteceu com ele. Depois de muitos anos coloquei um exército de detetives para entender o que aconteceu naquele dia. Não sabe como

foi difícil, mas eles descobriram.

— É mentira sua.

— Eu não perderia meu tempo vindo aqui te contar mentiras. — Thomas tirou um pacote do bolso do casaco de mendigo que usava e jogou-o sobre a mesa. — Está tudo aí, a investigação completa e o endereço dele. Tem também o endereço da pessoa que o roubou de você e o vendeu. A história é longa, mas ele acabou sendo adotado e viveu quase a vida inteira no México e voltou pra cá há pouco mais de três anos.

Tereza olhava para a pasta em cima da mesa enquanto Thomas falava. A vida do seu filho estava toda ali naqueles papéis, vinte e cinco anos perdidos. Agora ela sentia medo, pois como ele reagiria ao vê-la? Será que ainda lembrava dela? Será que sentiria vergonha ao ver no que ela se transformou? Provavelmente ele teria sua própria vida, talvez uma esposa e filhos. Onde ela se encaixaria? Em lugar algum, não havia mais lugar para ela na vida do filho. Mas passara a vida inteira para no fim de sua jornada chegar a essa conclusão?

— Faça o que você quiser. Eu fiz a minha parte, agora faça a sua.

Thomas saiu por onde entrou. Tereza olhava para aqueles papéis sobre a mesa, ela teve medo de chegar perto. Após alguns instantes, levantou a cadeira jogada no chão e sentou-se, puxou o pacote para si e tirou o dossiê completo sobre seu filho. O documento estava encadernado, ela começou a folhear e ler os relatos. Nas primeiras páginas havia recortes de jornais com notícias da época do desaparecimento, ela releu um depoimento que dera na época e suas lágrimas começaram a cair. Viu uma fotografia sua em um pedaço de jornal e pensou em como era bonita, em como poderia ter se tornado uma mulher melhor do que era se não tivesse deixado que a dor a destruísse.

Perder o filho daquela forma foi demais. Como se perde um filho num piscar de olhos em plena luz do dia? E aquele marido que ela tinha nem ficou do seu lado, nem lhe deu forças. Ela leu um depoimento que ele deu dizendo que a Tereza foi a culpada, que não cuidou bem do filho deles. Ao ler aquelas palavras lembrou-se da bofetada que recebeu no dia do desaparecimento. *Desgraçado*. Por que não a ajudou a procurá-lo? Por que a abandonou dias depois?

Ela folheou as páginas e encontrou algumas fotografias de um homem, então ficou encantada, passou os dedos na imagem, acariciando o rosto dele. Ela leu um texto abaixo que continha um resumo sobre a vida dele e descobriu que o garoto havia se tornado médico.

Depois de muitos anos, lágrimas de alegria voltaram a inundar seu rosto e ela sorriu de uma forma que nem lembrava mais como era sorrir. As horas passaram e ela entrou pela noite lendo os relatos. Descobriu que o filho tornou-se médico aos vinte e cinco anos e voltara ao Brasil há três anos como dissera Thomas. Ali tinha o endereço do hospital no qual estava trabalhando.

O que mais a deixou chocada foi o relato daquele dia contado pelo próprio sequestrador, segundo o dossiê. Aquilo a desmanchou e tirou do seu peito qualquer resquício de compaixão que ainda pudesse ter pelo maldito que levou seu garoto de si. Para o menino, Tereza estava morta. Além de ter sido vendido, fizeram-no acreditar que seus pais haviam morrido. Ela se perguntou que tipo de lavagem

cerebral fizeram no seu filho, na dor que ele passou até aceitar e em como ele viveu todos esses anos. Aparentemente ele tinha uma vida feliz, era um médico no auge da carreira. Ali não tinha detalhes da vida pessoal, se tinha filhos ou se era casado.

Uma única coisa a deixou feliz, ele ainda se chamava Nicholas.

O jovem médico não sabia que seus pais estavam vivos.

Os dois ainda estavam vivos, o que era uma injustiça para Tereza.



Tereza começou a espalhar a gasolina pela cozinha. Junto com o líquido inflamável, caíam no chão suas lágrimas. As lembranças de sua vida feliz queimariam junto com aquela casa. Ela não queria mais sofrer. Passou a vida inteira procurando pelo menino e era hora de parar, aceitar que ele não fazia mais parte de sua vida. Se aquilo tudo fosse verdade, seria um homem feito e nenhum homem gostaria de ter uma mãe como ela, uma louca drogada e destruída.

Fizera mal à Sarah e estava envergonhada por quase ter enforcado Amanda. Sarah era mãe e se Tereza tinha uma vida desgraçada agora era porque fora mãe um dia e perdera seu bem mais precioso. Ela estava cega quando fez o que fez com Amanda. Quando viu o desespero de Sarah correndo pelo jardim percebeu a dor que havia causado à única mulher que ainda acreditava nela, a que a tirou da rua e lhe deu esperanças de uma vida melhor, longe dos perigos que corria. Sarah estava sendo grata a ela pelo passado, quando Tereza lhe ajudou no momento mais difícil que foi quando a mãe estava prestes a morrer.

O galão de gasolina já estava na metade quando ela jogava sobre o sofá, as paredes estavam molhadas, o piso, os móveis, tudo viraria pó.

Ela se desmanchava por dentro, seu coração derretia como uma vela sendo queimada; suas pernas estavam fracas e o nó na garganta desatou; ela caiu de joelhos e soluçou como uma criança; sentiu-se sozinha como se o mundo tivesse acabado e fosse obrigada a procurar abrigo.

Depois do choro, levantou a cabeça e entendeu que a hora havia chegado. A hora de seguir em frente e fazer como muitos faziam. Ela juntou os restos do seu coração e seguiu com eles na mão, apertou-os tão forte que sentiu o sangue escorrer entre os dedos.

Mas antes de partir, riscou um fósforo. As chamas começaram no chão e subiram lambendo as paredes, em segundos o fogo tomou conta da casa. Ela caminhou devagar pelo jardim, parou e colheu uma rosa. Quando passou pelo portão de madeira, viu o reflexo de um clarão se formar. Havia deixado o gás ligado e a explosão destruiu parte da sua casa, erguendo uma bola de fogo que se dissipou no céu.

Ela queria que junto tivessem ido embora suas memórias, mas foi inútil. E

também era inútil pensar nisso agora.

Tereza caminhou pelas ruas na madrugada fria. Ouviu a sirene do corpo de bombeiros se aproximando da sua casa, ouviu alguns gritos, ouviu outros sons, mas não olhou para trás. Apenas seguiu com aquele pacote debaixo do braço em direção à primeira parada.

# CAPÍTULO 46

## O SEGREDO DE EDGAR

Gabriel deixou Felicity em casa, eles se despediram com um beijo no rosto. Já estava completamente escuro. Ele não voltaria para casa, não naquela hora. Precisava devolver o carro.

Felicity subiu para o quarto e se jogou na cama. Ficou lá sem vontade alguma de comer. Ela adormeceu e não soube quanto tempo passou até que sua mãe entrou.

— Meu bem, acorde.

Felicity sentiu a mão dela sobre seus braços.

— Quero dormir — ela disse, ainda de olhos fechados.

— Mamãe falou que você nem quis descer para comer — disse Christine — O que aconteceu?

— Eu disse pra vovó que comeria mais tarde. Não estou com fome, só isso. Sabe como ela se preocupa com esse lance de comida.

Christine sentiu nas palavras dela uma tristeza profunda. Seu coração de mãe se apertou. Ela sentou na cama e puxou sua filha para seus braços.

— Lance de comida? É assim que se fala? Os gêmeos estão com a vovó, não vai querer vê-los? — Felicity sempre se animava quando estava perto dos dois irmãos. Ela até sentiu vontade de pegá-los no colo, mas naquele momento queria ficar ali com a mãe dela.

— Estou cansada para brincar com eles.

— Por que está tão triste? O que fez do seu dia?— Christine beijou a testa dela. — Fale pra mamãe. Estou aqui.

— Ele não me deixa em paz — ela respondeu soltando uma palavra de cada vez. — Ele ainda me impede de viver em paz. Toda vez que um garoto se interessa por mim, eu me lembro dele e não consigo ser uma garota normal.

Christine sentiu todos os seus órgãos congelarem e virarem brasas de um segundo para outro. O gelo era pela dor da sua filha e as brasas queimavam como o ódio dentro de si. Ele podia voltar do inferno onde estava quantas vezes quisesse, ela o mataria de novo.

Ela queria dizer para que Felicity não pensasse mais em Fernando, só que já havia dito isso várias vezes. Implorou que a menina seguisse em frente, deu exemplos de superação, mas ela sabia que não existia um meio de retirar memórias desagradáveis da mente de alguém, elas permanecerão lá, a vida toda, principalmente se forem ruins. Então decidiu abraçar forte sua menina, porque tinha palavras duras para ela ouvir.

— Você nunca vai esquecer-lo, nem um dia sequer de sua vida. Ele sempre estará lá num canto escondido da sua mente, esperando que você deixe uma brecha para ele passar. E quanto mais você deixar espaço, mais ele vai te assombrar. Vai permear seus sonhos, seus sentimentos, vai se impregnar na sua vida e te impedir

de fazer coisas que as garotas fazem. Mas você pode escolher se vai deixá-lo como expectador, assistindo sua vida dar certo, vendo você ser feliz ou pode permitir que ele participe e destrua tudo o que você construir. Só depende de você, de mais ninguém.

— Não sei o que fazer para vencê-lo.

— Apenas faça aquilo que você quer fazer e ele impede que você faça.

— Marquei um encontro com um amigo da escola e o deixei plantado, não tive coragem de sair com ele, porque eu só pensava naquele desgraçado.

— Posso saber que garoto é esse e onde foi esse encontro?

— O Raphael. E o encontro seria num café, mas eu não tive coragem de entrar lá, deixei ele sozinho.

— Ah, o Raphael é um bom garoto, conheço os pais dele. Acho que não merecia ter ficado plantado.

— Não me julgue também, por favor. Já basta a Amanda e a Rebeca. Tem também a escola toda me pressionando para que eu beije alguém, isso é ridículo.

— É mesmo ridículo, se quiser falo com o Daniel para que eles parem.

— Ah, não, por favor. Vai ser pior, deixe que eu me viro sozinha.

Christine continuava com ela abraçada, no colo.

Felicity ainda estava triste por conta da lista. Ficou se perguntando o que sua mãe diria se soubesse que ela narrou a cena do crime em um diário e não o destruiu.

Christine beijou a testa de Felicity novamente.

— A vovó fez uma sopa deliciosa. Vamos descer e me ajudar a alimentar os gêmeos.

A mãe da menina puxou a coberta de cima dela. Felicity sentiu-se bem por estar ali com ela, com o apoio que sempre teve. Então decidiu levantar e desceu para tomar sopa. Ela se divertiu alimentando seus irmãos pequenos, dois meninos iguaizinhos na aparência e na roupinha azul. Eles se lambuzaram todos, gritaram coisas que ela não conseguia entender. Felicity fez aviãozinho e os enganava de um para o outro, eles riam quando a colher desviava deles.

Ela ajudou a colocá-los para dormir. Christine saiu com o marido para um evento e os deixou aos cuidados da avó.

Felicity já estava dormindo quando o celular começou a vibrar. Quando abriu os olhos viu um número desconhecido. Ela rejeitou a ligação e fechou os olhos novamente, mas o telefone voltou a tocar, então ela atendeu.

— Alô? — disse, com a voz fraca.

— Cabelo de fogo?

Aquela frase pronunciada por aquela voz a despertou.

— Como? Quem está falando? — Ela sentou-se na cama.

— Edgar. Não lembra mais de mim?

Se ele tivesse dado mais tempo ela teria lembrado.

— Sim, lembro. O homem que me ajudou no incêndio. Mas como conseguiu meu número?

— Tenho alguns dados seus e de seus amigos. — Felicity ficou em silêncio e ele continuou falando. — Escute, vou subir até sua janela, se importa?

— É claro que me importo — disse Felicity, de súbito. Ela não ia querer um estranho pendurado na sua janela. — Nem tente isso ou grito por socorro.

— Bom, eu já te liguei pra impedir que você grite. Já estou aqui embaixo, é só permitir que eu suba. Tenho até uma escada.

Felicity levantou-se da cama e foi até a janela. Ela viu pelo vidro o homem lá embaixo, todo de preto. Ele acenou com a mão para ela.

— Vamos, não seja medrosa, não vou te fazer mal. Preciso falar com você sobre sua lista.

— Não quero falar sobre isso. Não é hora. E como você passou pela cerca?

— Tenho meus métodos, isso não importa agora.

— Se não for embora, vou chamar a polícia. E nunca mais me chame de cabelo de fogo.

Ela desligou.

Lá embaixo, Edgar sorriu e começou a subir pela escada. Ele deu umas batidas na janela. Felicity já estava deitada novamente e ficou ouvindo por um tempo até que se irritou com a insistência dele e foi até lá.

— Vai embora — disse, baixinho. Do outro lado Edgar não ouviu bem, mas conseguiu entender o que ela falava.

— Por favor, vai ser rápido. Está frio aqui fora.

Felicity abriu a janela. Edgar viu apenas uma parte dela. Ele viu seu olho direito e percebeu que ela havia chorado.

— Não tente nada, senão te empurro escada abaixo.

— Calma, não vou tentar nada. Você está bem?

— Estou bem. Me diga o que quer e vá embora, não quero que alguém veja você aqui.

— Acho difícil alguém ver com aquela árvore quase escondendo sua casa. Bom, quero falar sobre sua próxima instrução.

Felicity sentiu o vento frio tocar sua pele.

— Sobre o que exatamente você quer saber?

— Na minha lista diz que tenho de ajudá-la.

— Não precisa se preocupar comigo, sei me virar sozinha.

— Se não aceitar minha ajuda, não cumpro minha lista e não terei o que quero.

É melhor deixar de bancar a durona e combinar logo.

— Tá bom, tá bom. Acho que vou mesmo precisar de você.

— Prometo que não vou deixar nada te acontecer — disse Edgar. Agora ele a via quase inteira, o espaço aberto ficou bem maior sem que Felicity percebesse. Ele notou que o pijama que ela vestia era cheio de desenhos dos ursinhos carinhosos.

De alguma forma as palavras de Edgar deixavam Felicity segura, sentia que não estava sozinha. Era como se ele fosse seu anjo da guarda.

A menina desviou o olhar para o céu e viu a lua tão bonita como nunca tinha visto antes, ela estava amarelada, como se tivessem jogado mel sobre ela. Depois olhou para Edgar ali tão próximo, observou os lábios dele e sentiu vontade de beijá-lo. O cenário estava perfeito e ela poderia aproveitar aquele momento para acabar de vez com seu medo. Mas como ela faria aquilo? Pediria permissão pra ele deixar?

Esperaria que ele a beijasse primeiro? Se ele tentasse, talvez permitisse, ficaria parada e deixaria que ele guiasse seus lábios.

— Está frio, precisa ir embora — disse a garota.

— Tudo bem, mas preciso que me diga quando vai assaltar aquela loja.

A menina estremeceu.

— Não vai ser um assalto — disse ela. — É apenas um furto, sem que ninguém veja. Vou precisar que você me ajude a fugir, caso algo dê errado. Não sei quando vai ser ainda, tem alguns detalhes que preciso ver com o Gabriel. Mas eu te aviso, posso te ligar nesse número?

— Pode sim. Vou ficar esperando. — Ele aproximou-se mais dela. — Não tenha medo. — Felicity sentiu o ar quente saindo da boca dele.

Agora ela não sabia se podia se aproximar mais um pouco também, ou se era tudo com ele. As ondas elétricas começaram a subir por suas pernas, a sensação a estava deixando fraca.

— Obrigada por tudo o que fez. — Ela afastou-se dele. — Não teria conseguido sair da floresta sozinha.

Edgar abriu um sorriso grande, piscou o olho pra ela e começou a descer a escada.

— Espera — ela pediu.

Edgar subiu o degrau de volta.

— Me conta como tudo começou. Era você naquele carro?

Edgar lembrou-se do dia em que entregou o convite para o jantar à Felicity.

— Você diz no episódio da coruja?

— Sim. Fiquei muito assustada aquele dia. Achei que fosse ser atropelada.

— Era eu sim, mas estava apenas seguindo as instruções. Não ia passar por cima de você. — Edgar sentiu-se incomodado com a pergunta dela.

— Por que uma coruja?

— Não sei, vai ver quem está por trás disso é fã do Harry Potter. — Ele riu. — Estava na minha lista, tinha que ser daquele jeito. Naquele mesmo dia entreguei o convite da sua amiga. Coloquei em uma das sacolas e ela nem percebeu. Ela é meio tonta.

— Não fale assim dela.

Edgar riu.

— Depois deixei o do Gabriel no carro do amigo dele.

— Você que organizou todo aquele jantar?

— Não. Apenas me preparei para apresentar aquele programa. Estava tudo pronto na casa, tudo combinado com os policiais.

— Ah, aqueles idiotas eram policiais mesmo. — Ela ficou irritada ao se lembrar deles.

— Sim, sim. Foi tudo combinado, eles levariam vocês à delegacia de qualquer forma. Rolou que seu amigo acabou manchando a camisa de sangue, que era de boi — Edgar riu. — Então inventamos aquela história de eles estarem perseguindo um suspeito. A carne que você comeu não era de coruja, estava com o sabor adulterado.

— Como você soube disso tudo? Como souberam que a Amanda estava

grávida?

— Eles contaram detalhes depois. Na época eu ri. Mas hoje, lembrando... eu não riria se pudesse voltar atrás. E eu recebi relatórios sobre vocês todos. Nas informações sobre sua amiga, dizia que ela estava com um comportamento estranho, andou fazendo umas pesquisas na internet sobre atrasos menstruais e testes de gravidez. Era apenas uma suspeita, o cara da lista não tinha certeza, então bolou aquilo pra saber se tava ou não e tirá-la da lista se fosse o caso.

— Então, estamos sendo vigiados o tempo todo. De todas as formas. E Quer dizer que a Amanda vai ficar livre da lista?

— Sim, ela ficará livre.

Felicity sentiu-se aliviada.

— E como foi que tudo começou com você?

— Eu estava no quintal da minha casa consertando uma cadeira, então olhei para o céu e vi um objeto voador, como aquele que você viu. Veio se aproximando e pousou no chão. Achei que fosse explodir. — Ele soltou um riso. — Vi o que era e tinha uma câmera presa a ele junto com um celular. Então o aparelho tocou e eu atendi. Uma voz estranha, modificada em computador, como nos filmes, começou a falar. Achei estranho porque sabia meu nome e de coisas...

Ele ficou em silêncio e Felicity percebeu que estava imerso em lembranças.

— Que coisas? — ela perguntou.

— Coisas que não imaginei que ele soubesse. Me prometeu algo que eu queria muito se o ajudasse no plano misterioso que ele tinha. Não me deu detalhes, mas eu disse que aceitava, sem pensar. Então, passei a receber as primeiras instruções que foi entregar os convites.

— E o que ele prometeu de tão importante?

— Um nome.

Por alguma razão desconhecida, Felicity ficou arrepiada com a resposta dele. As palavras de Edgar soaram tão frias que seriam capazes de congelar o ar.

— Um nome? — perguntou Felicity, confusa com a resposta dele.

— Não um nome qualquer, mas o nome do maldito assassino do meu pai.

Então ela viu aqueles olhos serenos se transformarem em ódio e fogo.

— Eu... eu... eu não sei o que dizer. Não sabia que você tinha perdido seu pai.

— Não diga nada, nem se assuste comigo — pediu, suavizando a névoa que pairava sobre ele.

— O que pretende fazer quando descobrir?

— Se não o matar, farei com que ele se arrependa pro resto da vida por ter matado meu pai.

Edgar não queria assustá-la, mas não podia segurar as palavras que estavam presas em sua garganta, nem o ódio que crescia no coração.

— Então, é tudo por vingança? Tudo o que você faz?

Edgar a encarou, confuso.

— É o que me move — ele falou. — Mas eu te ajudaria de qualquer forma, se é nisso que pensou.

— Não, eu não pensei nada disso. Só achei que pudesse ser por dinheiro, por alguma recompensa, ou qualquer coisa mais nobre que vingança.

— Ponha-se no meu lugar, se fosse seu pai?

Não era muito difícil se colocar no lugar dele. A vingança permeou sua vida desde que aquele homem roubou um pedaço de si. Ela tinha dificuldade para aceitar que desejou que Fernando morresse, mas essa era a verdade. E quando sua mãe o matou ela só sentiu medo que Christine fosse parar na cadeia, nada mais que isso.

— Você já quebrou algum objeto de vidro pra descarregar sua raiva?

— Serve uma garrafa de vinho?

— Serve. Então, assim é a vingança, uma descarga de sua raiva, mas quando você vai limpar toda a sujeira, sempre ficam cacos de vidro escondidos que cedo ou tarde acabam te machucando.

Ela pensava em sua mãe que matou um homem, parte por legítima defesa, parte por vingança. E Felicity também se sentiu vingada, mas a lista acabou se transformando no seu caco de vidro que ficara escondido.

— Levarei isso em consideração. Preciso ir.

— Tudo bem, até breve. — Ela sorriu com doçura.

Ele desceu a escada, estava indo embora. Felicity sentiu que perdeu uma chance de poder dar um beijo nele, seu primeiro beijo poderia ter sido à luz do luar. Mas o homem que estava partindo não era o mesmo que batera em sua janela, o que estava indo embora tinha uma alma ainda mais obscura do que ela imaginou.

Felicity se despediu com um aceno e fechou a janela. Ela voltou para a cama.

E após o instante que teve com Edgar, sentiu-se, estranhamente, melhor.

# CAPÍTULO 47

## A PRIMEIRA PARADA

Depois de muito andar, Tereza chegou naquele bairro que procurava. O local era pobre, o esgoto corria a céu aberto, as casas foram construídas sem nenhum planejamento. Alguns bares ainda estavam abertos naquela madrugada, ela aproveitou para perguntar onde ficava o endereço que tinha anotado. Ficou feliz por saber que o homem morava ali, que certamente também estava na merda, pelo que ouviu das pessoas ao perguntar por ele.

Logo, estava diante daquele barraco que não podia ser chamado de casa. Bateu forte na porta, ninguém abriu. Bateu mais forte, ninguém abriu. Na terceira vez ela gritou: César, seguido de batidas.

César era o maldito que levava seu filho.

Era o maldito ex-marido.

Como um pai pode roubar o próprio filho e vendê-lo a estranhos? Tereza não conseguia entender, mas também era tarde pra isso, só o que importava era que ainda dava tempo fazê-lo pagar. Ela leu naqueles documentos que os detetives, depois de muita investigação, chegaram a César e o próprio confessou tudo o que fez, dissera que vendeu o filho porque tinha certeza de que ele não era o pai, que Tereza o havia traído.

A traição de fato aconteceu, mas Tereza não achou que ele soubesse. A crise no casamento foi superada e ela decidiu viver com o marido na época, ficou grávida logo em seguida. O amante ainda a procurou porque queria saber se o filho era dele, mas ela garantiu que não.

César era o pai.

A luz acendeu dentro daquela casa e Tereza ouviu o homem berrar.

— Quem diabos está batendo na minha porta uma hora dessas?

— César, é uma velha amiga — sussurrou Tereza, com o rosto colado na porta dele.

Ele abriu.

Tereza o viu, ele também estava envelhecido. Os cabelos brancos, uma barba mal feita, uma leve barriga. Também estava acabado. Ela entrou rápido antes que ele fechasse a porta.

— Oh, sua velha doida. Quem é você pra entrar aqui dessa forma? Vai embora, vamos, vamos. — Ele abanou a mão indicando que se retirasse.

— Não me reconhece? — ela perguntou, analisando cada detalhe do corpo dele. — Você também mudou muito.

O homem encarou aquele olhar vazio e faminto.

— Vai embora sua louca. — César a agarrou pelo braço e arrastou-a até a porta, mas hesitou quando a ouviu começar a falar.

— Tereza seu merda, sua ex-esposa — ela vociferou. — Não me reconhece

mais?

Ele a soltou e ficou olhando-a intrigado, tentando achar alguma semelhança entre a jovem mulher que conheceu um dia e aquela mulher que se encontrava diante dele.

— Cacete, é você mesma. Pensei que estivesse morta.

— Não só não morri, como estou bem aqui na sua frente.

Ele fechou a porta e dirigiu-se à cama. O local era apenas um cômodo dividido entre o quarto e a sala. Havia uma pia e um fogão velho, e uma porta que era do banheiro. Tereza olhou em volta.

— Fico feliz que esteja na lama. Que viva sozinho aqui. Seu filho saiu tão barato ou você não soube administrar o dinheiro?

A expressão dela se transformou em fúria e ódio.

— Como é?

— Não se faça de burro — vociferou. — Você vendeu nosso menino.

— Aquele garoto não era meu filho — disse, alterando o tom da voz. Ele levantou-se e ficou de frente para a mulher. — Você me traiu. O idiota do seu amante me contou tudo, insistiu que o menino era dele.

— Não dava o direito de você roubá-lo de mim. — Os olhos dela lacrimejaram e queimaram como brasas. — Você acabou com a minha vida.

— Você se destruiu sozinha. — Ele a olhou com desprezo. — Como conseguiu descobrir? Por onde andou esse tempo todo?

— Pelo inferno.

— Então volte para o inferno de onde veio. — César avançou pra cima dela e agarrou-a pelo cabelo, puxando-a com violência em direção à porta.

Tereza abaixou-se, tentou esquivar-se e soltou gritos.

— Me solte, desgraçado.

Quando César abriu a porta, ainda agarrado aos cabelos dela com a outra mão, sentiu um golpe em sua barriga. Algo o perfurou.

Tereza tinha um punhal escondido no bolso interno do casaco que usava, enquanto estava sendo arrastada ela conseguiu pegá-lo e enfiar no estômago dele com força. Ele gritou de dor.

— Maldita — disse ele.

Tereza torceu o punhal e ele agarrou no pescoço dela, caindo por cima. Tereza estava no chão com César a sufocando. Ela puxou a lâmina e deu uma e outra e mais outra até sentir que ele perdia as forças.

O sangue escorreu pelas mãos dela. Conseguiu jogá-lo de lado. Ele tentava respirar com dificuldade. Tereza tossiu, aproximou-se do ouvido dele e começou a falar.

— Antes de morrer, saiba que aquele menino era seu filho, na verdade ainda é. Está vivo e se tornou um homem muito diferente de você. Ele agora é doutor. De certa forma, foi graças a você que o vendeu para uma família rica. Mas nós podíamos ter feito isso por ele, porra. Podíamos estar orgulhosos por ter transformado nosso menino num doutor, podíamos ser uma família, mas você roubou isso de mim. — Tereza chorava e o homem ainda gemia com os olhos arregalados. O sangue já formava uma poça. — Você nunca vai vê-lo, nunca vai

saber como ele é bonito.

— Certas vidas — disse ele com dificuldade. — Não valem a pena... — Ele fez força para manter a voz firme para que ela pudesse entender. Queria feri-la com murros ou pegar uma faca e riscar a cara dela, mas no momento tudo o que tinha eram suas palavras que podiam cortar tão bem quanto aquele punhal. — Olhe para você. Lutou tanto, todos esses anos pra se tornar uma velha drogada, feia, acabada. — Soltou um riso fraco. — É louca. Acha que ele vai te aceitar? Um médico com uma mãe... Ass.. assa.. sina — murmurou com dificuldade. — Foi tudo em vão. Você.. matou... o pai dele... nunca vai perdoá-la.

— Vai pro inferno — Tereza sussurrou e novamente cravou o punhal no estômago dele, contorcendo-o até notar que, finalmente, estava morto.

# CAPÍTULO 48

## ESMERALDA

Edgar estava sentado à uma mesa de um bar. Depois que deixou Felicity, sentiu uma vontade de beber algo forte. Tocar naquele assunto do pai o deixou perturbado.

A cadeira era revestida por um couro vermelho e bem acolchoada. Ele estava com a perna direita estirada, recostado. Seus pensamentos vagavam entre o passado e o presente. Lembrava do pai, de quando ele estava vivo e também do dia em que morreu. Se perguntava o que faria com o assassino quando o pegasse, afinal, o misterioso sujeito por trás da proposta lhe garantiu que ele estava vivo e bem perto dele.

Edgar tinha vontade de matá-lo da mesma forma que o outro fez com o seu pai. Mas talvez a morte não fosse suficiente. Ele não sabia como se sentiria depois. Na verdade, nem pensava nisso, só pensava em pôr as mãos nele.

O bar estava agitado, garçons andavam de um lado para outro. Conversas e risadas se misturavam com os sons da cidade noturna.

A bebida desceu quente e gelada. Edgar pousou o copo sobre a mesa causando barulho. Ele pediu outra dose. Em instantes seu copo estava cheio.

Uma garota magra passou em direção ao banheiro e lhe lançou um olhar penetrante. Ela tinha os cabelos pretos cortados na altura do ombro e usava um batom vermelho. A imagem dela o fez se endireitar na cadeira. Algo naquela garota o fez lembrar de Felicity, a menina estava ali o tempo todo no turbilhão de seus pensamentos, mas aquela garota transformou todos os outros em fumaça e deixou a mente de Edgar apenas para Felicity e para ela também.

Todos os sentidos de Edgar se acenderam como um fósforo sendo riscado. Havia uma diferença entre elas duas, aquela diante de si cairia em seus braços sem muito esforço, mas Felicity ele teria de conquistar, sentiu ali naquela janela que um beijo seria muito para ela. Ele quis tanto entrar naquele quarto e beijá-la, tocá-la em todas as partes do seu corpo.

Edgar viu quando a garota saiu do banheiro e caminhou até o balcão. Ele percebeu que Felicity jamais seria como ela, toda insinuante e provocante. Ele não tirou os olhos das pernas compridas da moça, seus olhos quase arrancaram a saia. Ela inclinou-se para pedir alguma coisa ao garçom, depois olhou de relance para Edgar.

E foi suficiente para que ele se levantasse e fosse até ela. Esperou que ela o notasse e disse:

— Oi gata.

Ela o encarou com um sorriso largo. Edgar apoiou o cotovelo no balcão e sentou-se em um banco.

— Está sozinha? — perguntou em seguida.

— Sozinha não, mas sem uma companhia masculina sim.

— Que ótimo. — Edgar pôs seu sorriso safado no rosto.

O garçom trouxe a bebida que ela pediu. A garota levou o canudo à boca com os olhos voltados para Edgar. Ele viu como ela tocou os lábios naquele canudo, foi de um jeito que ele os desejou em uma parte de seu corpo.

— Uau — ele falou.

— O que foi? — ela perguntou, curiosa e sorridente.

— Você é linda, sério. — Edgar, agora olhava para o decote da moça.

— Ah, obrigada. Você é bem gato também. — Ela mexia o canudo no copo.

— Está com amigas?

— Ah, sim. Elas estão logo ali. — Ela olhou na direção de três mulheres em uma mesa. Uma delas deu um tchauzinho. Edgar acenou de volta.

— Elas não se importam se eu roubar você um pouquinho delas?

— Desde que me devolva intacta, não tem problemas.

— Ótimo. — Edgar aproximou-se dela e tocou sua coxa. Ela esquivou-se.

— Não seja tão apressado. — Ela segurou a mão dele. Falou de forma doce. Já havia percebido que ele estava levemente alterado por conta do álcool. — Ainda nem sei seu nome.

— Me chamo Edgar. Já posso te dar um beijo?

Ela sorriu e disse:

— Me chamo Esmeralda, prazer Edgar.

— O prazer é todo meu, Esmeralda. — Ele pronunciou o nome dela como se tivesse experimentando uma fruta muito doce. — Gostei do seu nome, Esmeralda. É um nome forte.

A jovem tinha os olhos verdes e isso o fez lembrar novamente de Felicity.

Esmeralda voltou a sugar a bebida pelo canudo. Aqueles lábios, de novo, mexeram com o imaginário de Edgar.

— Não faça isso.

— O que?

— O jeito como você coloca na boca. Seus lábios... mexem comigo. — Edgar coçou a cabeça.

Esmeralda riu dele.

— Tudo bem, não faço mais. — Ela colocou o copo de lado. — Me fale um pouco de você.

— Não estou muito afim de bater papo. — Ele disse, sem ser grosso.

— Tudo bem, quer me devolver pras minhas amigas?

— Ah, não. Quero sair daqui com você. Quero ver o que você sabe fazer com esses lábios.

— Uau, você é muito direto.

— Amigo, pode ver a conta pra mim? Inclui a bebida dela, por favor. — Ele falou para o garçom. Edgar tirou a carteira do bolso e recolheu algumas notas e deixou-as sobre o balcão. — Vem ou não vem? — perguntou para ela.

A jovem olhou para as amigas e elas fizeram gesto indicando que deveria ir com ele.

— Você não é bandido, é?

Edgar riu, ainda mais cheio de desejo. Ele tirou algo do bolso de sua jaqueta e

mostrou. Esmeralda arregalou os olhos e se dispôs a ir.

Ele era policial, ela viu o distintivo dele. Edgar o guardou e caminhou para fora do bar. Esmeralda acenou para as amigas e foi atrás dele.

A rua estava iluminada pelo brilho da lua, havia carros na calçada. Edgar ouviu os passos dela vindo logo atrás. Esmeralda olhou para o céu.

— Está uma noite linda — ela disse.

Edgar parou ao lado do seu carro. Destravou as portas. Ela chegou próximo dele e pousou a mão sobre o peito. Ele a segurou pela cintura e a puxou para junto de si, beijou-a, sedento por aqueles lábios. Imaginou se os de Felicity seriam tão quentes quanto os dela.

— Vejo que a lua cheia está fazendo um efeito formidável em você — ela falou.

— Então, vamos provar desse efeito formidável na minha casa. — Edgar abriu a porta e Esmeralda entrou no carro. Ele deu a volta e quando sentou-se no banco, passou as mãos na coxa dela, enquanto a beijava de novo.

Edgar ligou o carro e dirigiu pelas ruas.

Ela tirou a jaqueta dele e Edgar empurrou a porta do apartamento com o pé. Ele a colocou contra a porta e ofegou em seu pescoço.

— Você é muito gostosa — sussurrou no ouvido da moça. — Está sentindo o efeito da lua cheia? — A voz dele soou rouca e sussurrante. Ele queria que fosse Felicity ali, mas sabia que até conseguir isso dela demoraria muito. Aquela menina não saía dos seus pensamentos.

Esmeralda era alguns anos mais velha que Felicity, Edgar lhe daria vinte e cinco anos.

— Sinto — respondeu, com a voz fraca.

Logo depois, Edgar a soltou. Tirou a camisa e a jogou sobre o sofá. Livrou-se dos sapatos.

Ela tentava controlar sua respiração irregular, desabotoou seus saltos e viu que Edgar estava sentado no sofá. Ele apoiou os braços no encosto e disse:

— Venha me mostrar o que sabe fazer com esses lábios.

# CAPÍTULO 49

## REENCONTRO

Todos esses anos nunca imaginou que o sequestrador fosse o próprio pai do menino, achou que alguma quadrilha de tráfico humano tivesse raptado seu filho. Mas foi o próprio César, o mesmo desgraçado que lhe deu um tapa por ter perdido o filho deles.

Agora caía sobre ela o peso de um assassinato e isto a incomodava apenas quando lembrava do Nicholas, porque quando pensava em César, tinha mais certeza de que o mataria novamente caso ele ressuscitasse.

Tereza limpou todo o sangue do seu corpo na casa do ex-marido e pegou um casaco velho dele.

Ela leu no dossiê que César pegou o garoto naquele dia no parque e o levou para um esconderijo em que seus comparsas ficaram com o menino. César disse a Nicholas que estavam sendo perseguidos por bandidos perigosos que queriam matar a ele e a Tereza, disse que logo traria a mãe dele para que ficassem juntos e que no momento os três teriam de ficar separados para despistar os bandidos.

O garoto ficou com uma velha senhora e um homem mais jovem por alguns dias. Até que numa bela tarde, César chegou ao esconderijo chorando, abraçou o garoto e disse que os bandidos haviam matado sua mãe. O menino caiu no choro, quis procurar a mamãe, disse que queria vê-la e abraçá-la, mas César falou que não era possível, não podiam sair dali porque corriam o risco de morrerem também; o garoto falou que aceitaria morrer para ter sua mãe de volta.

— Eu vou papai, eu vou. Deixa eles me matarem pra eu ir pro céu com a mamãe. — O menino falou soluçando, secando as lágrimas com as mãos.

Na ocasião, a mulher que cuidava dele sentiu pena, ela estava num canto observando a cena que se passava numa cozinha de uma casinha velha. Por um instante ela quis desistir de tudo, pegar aquele menino e devolvê-lo à mãe, mas o plano já estava traçado, o menino seria vendido a uma organização criminosa disfarçada de orfanato que vendia as crianças para famílias interessadas, tudo saía como um processo de adoção legal.

César nem sentiu pena. Fingiu chorar um pouco e depois partiu. Foi a última vez que o menino viu seu pai.

No dia seguinte, a mulher recebeu a visita de um homem bem vestido, ele usava terno e gravata. Nicholas viu os dois entrarem em um quarto e ficarem lá alguns instantes. Depois, a mulher saiu e disse com frieza que o pai do menino havia morrido. Ele se desesperou, esperneou gritando pelos pais, queria ir embora. A mulher disse que ele iria embora com aquele homem que viera buscá-lo, disse que ele seria feliz, teria novos pais e que se acostumasse com aquilo.

Mas o pequenino se desmanchava por dentro, não aceitava que os bandidos tivessem matado seus pais.



Tereza chegou ao hospital naquela madrugada fria. Algumas pessoas dormiam em bancos desconfortáveis. Ela examinou os rostos que circulavam pela recepção como se procurasse identificar seu filho. Mas será que o reconheceria depois de tanto tempo? Ele era um menino de cinco anos. Com toda certeza Nicholas não lembraria dela, mas ela achava que era capaz de reconhecê-lo mesmo depois de todo esse tempo.

— Preciso falar com o Dr. Nicholas — disse ela para a recepcionista.

— Boa noite, senhora. Tem algum parente internado que queira informações?

— Não. Preciso falar com o médico. É urgente. — O olhar dela vagava de um canto para o outro. Ela parecia assustada, com medo que alguém a pegasse antes de ver seu menino.

— Desculpe senhora, mas o Dr. Nicholas trabalha na emergência, ele não atende pacientes para consultas.

Só de saber que seu menino realmente trabalhava ali, sentiu-se aliviada e ao mesmo tempo ansiosa. Mas esperara muitos anos para se preocupar com o que ele acharia dela. Tudo o que queria era vê-lo, nem que isso custasse sua vida.

— Que tipo de emergência?

— Senhora, ele é assistente de cirurgião. Também realiza pequenas cirurgias, atende vítimas de acidente. Não posso falar mais que isso.

— Ouça, preciso vê-lo. — Tereza agarrou no braço da mulher com força. — Tem que me deixar vê-lo. — A mulher sentiu o hálito de Tereza e percebeu que ela estava bêbada.

— Senhora, ele não pode atendê-la. Por favor, solte meu braço.

— Você não entende? Eu sou a mãe dele. Aqui diz tudo. — Tereza tirou o dossiê que carregava dentro do casaco e colocou sobre o balcão.

— Se a senhora não se retirar vou chamar a segurança.

— Por favor, me deixe vê-lo. — Ela começou a chorar.

— Segurança — gritou a recepcionista. — Segurança, tire essa mulher daqui, por favor.

Um homem alto e forte aproximou-se dela e solicitou que se retirasse. Tereza apenas repetia que precisava vê-lo.

— Por favor, senhora me acompanhe. — O segurança segurou no braço dela e forçou-a até a saída. Tereza pegou seu dossiê e caminhou para fora.

O vento estava gelado e uma lua enorme decorava o céu acima de sua cabeça. Havia um homem falando ao telefone, uma mulher fumando e outras pessoas dentro de veículos. Parecia que todos a observavam. Ela sentou-se na calçada e colocou a mão dentro do bolso do casaco. Ainda estava lá, o punhal.

Depois de alguns instantes, ela se levantou. Andou curvada como se estivesse

com dor nas costas. Caminhou com dificuldade até a recepção do hospital. Quando o segurança a viu, dirigiu-se a ela.

— Senhora — disse num grito de pavor.

Antes que pudesse chegar até ela viu seu corpo cair no chão.

— Alguém ajude, por favor — gritou uma voz.

— Ela está ferida.

Uma correria se fez para ajudá-la. Suas mãos estavam cobertas de sangue. O punhal ainda estava cravado em seu estômago.

Ela estava deitada no chão, pálida. Via os rostos das pessoas acima dela. Desejava muito que algum deles fosse Nicholas. Ela procurou o rosto dele. As pessoas formaram um círculo para vê-la. A visão dela começou a ficar borrada e pequenos flashes a despertavam da escuridão que a sugava.

— Ela mesma se feriu. Estava sentada lá fora, ninguém a atacou. Só notei quando vi um rastro de sangue vindo de onde ela estava — disse um homem para ninguém em particular.

*Flash*

Ela sentiu seu corpo ser transferido do chão frio para uma maca.

A recepcionista viu o dossiê caído ao lado dela, estava manchado de sangue. A mulher o pegou e guardou consigo.

*Flash*

Ela viu pessoas estranhas empurrando a maca por um corredor

— Preciso ver o Nicholas — era tudo o que Tereza sussurrava.

*Flash*

Ela se viu entrando em uma sala.

*Flash*

Ela ouviu vozes.

*Flash*

Ela sentiu alguém rasgando sua roupa.

*Flash*

Ela viu um rosto.

*Flash*

Ela sorriu.

*Flash*

Tudo ficou escuro.

# CAPÍTULO 50

## O SEGREDO DE GABRIEL

Gabriel desviou o caminho.

Ele não voltou para casa.

Ricardo estava andando de um lado para outro em sua sala. Segurava o telefone na mão e estava ansioso, esperando que tocasse. Já havia ligado várias vezes para Gabriel e estava na esperança que o garoto retornasse.

Falou para sua esposa que o filho estava bem, que iria dormir na casa de Murilo.

Ele se perguntava no que Gabriel estava metido. Aquelas mensagens que recebera no celular deram a entender que o filho estava fazendo programa. Teve o carro que o filho recebeu, ele nunca engoliu que havia sido um engano na entrega; Gabriel desfilou de cueca pelo colégio; agrediu um professor; mandou fotos dele nu para um número estranho. Tudo levava à prostituição. Mas Gabriel não precisava daquilo. Definitivamente, ele não seria tão idiota de fornecer seu endereço para receber um presente daqueles. Tinha algo muito estranho nisso, algo que Ricardo ainda não conseguia entender.

Horas mais cedo recebera uma mensagem no celular pedindo que ele se dirigisse à sua caixa de correio. Estava começando a escurecer. Ele foi lá e encontrou um envelope que continha uma mensagem que dizia: **DESCUBRA O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM SEU FILHO NO ENDEREÇO E HORA MARCADOS ABAIXO. FIQUE EM SILÊNCIO OU TUDO DARÁ ERRADO.**

Havia também um cartão magnético.

Então chegou a hora e Ricardo saiu de casa, sua esposa já dormia. Ele não se preocupou com ela, pois tinha um sono muito pesado.

O carro parou na frente do prédio. Ricardo desceu e entrou no hotel.

Seu coração estava acelerado. Falou rapidamente com um homem na recepção e em seguida entrou no elevador, havia duas garotas que digitavam algo no celular e um homem segurando uma maleta. Chegou ao nono andar, seguiu pelo corredor até encontrar o quarto correspondente ao cartão magnético que tinha no bolso.

As paredes eram amarelas. Havia um tapete cinza com alguns detalhes floridos forrando todo o corredor. Vasos de plantas decoravam o local. Ele viu uma camareira sair de um dos quartos.

Ricardo aproximou-se da porta e passou o cartão. Ela abriu.

Ele inclinou o corpo para dentro e entrou sorrateiramente. Ele acendeu a luz.

Viu uma garrafa vazia no chão. O quarto cheirava a álcool.

Um homem levantou e ficou sentado na cama, encarando-o.

O rosto de Ricardo começou a ficar vermelho. Não por constrangimento, mas por raiva.

— Como você entrou aqui? — perguntou o jovem rapaz que estava sem camisa e coberto apenas parte das pernas com os lençóis.

Havia outro rapaz deitado de bruços. Ricardo viu apenas suas costas nuas e o cabelo preto, mas sabia que se tratava de Gabriel.

Ricardo ignorou a pergunta e aproximou-se para o lado em que estava seu filho. Ele viu o rosto dele.

— Acorde rapaz — disse, dando três tapas fortes na bochecha dele.

Gabriel acordou-se, assustado e sem forças. As imagens estavam borradas, ele teve a sensação de estar em seu quarto, mas alguma coisa estava diferente, nunca fora acordado por seu pai com tapas tão pesadas na cara. Aos poucos tomou consciência, as imagens borradas ficaram nítidas.

— Pai? — perguntou, confuso. Ele olhou para o lado e viu o homem seminu na cama. — O que está acontecendo aqui?

— Não tenho nada a ver com isso, Gabriel — disse o outro rapaz. — Não sei como seu pai descobriu a gente.

— Como? Ficou louco? — A cabeça de Gabriel pesava uma tonelada, seu cérebro parecia estar sendo espremido.

— Se resolvam os dois — o homem saiu da cama segurando o lençol na cintura, catou suas roupas e desapareceu fechando a porta com força.

Ricardo estava distante, com as mãos na cabeça, olhando a cidade pela janela. Desde mais cedo ele havia olhado para aquela lua tão brilhante no céu e teve a sensação de que aquela seria uma noite estranha. Estava irritado em ver seu filho com outro homem na cama. Não entendia por que Gabriel estava se prostituindo. Ele sempre teve tudo o que quis.

— Pai — sussurrou Gabriel meio sem jeito. Ricardo estava de costas para ele e não falou nada. — Pai...

— Que vergonha, Gabriel — disse ele num tom seco, um tom cortante que Gabriel nunca havia ouvido.

O garoto levantou-se da cama, sua cabeça doía como se estivesse de ressaca. Ele estava só de cueca e aproximou-se do pai.

— Eu posso explicar tudo. Precisa me ou...

Ricardo virou-se e antes de Gabriel terminar de falar, levantou a mão direita como nunca tinha levantado e a fez descer com todo o seu peso no lado esquerdo do rosto do filho.

Gabriel sentiu como se a mão do pai estivesse pegando fogo. Suas pernas não tiveram forças, ele cambaleou e caiu no chão, batendo a testa em alguma parte dura da cama. A dor estremeceu ainda mais sua cabeça. Ele tentou levantar, ficou apoiado com as mãos no chão. Sentiu o gosto de sangue na boca e percebeu que havia cortado a bochecha por dentro.

— Nunca pensei isso de você, Gabriel — Ricardo desafivelava o cinto. Do chão, o garoto viu a imagem borrada. Sua cabeça doía e estava tonto.

Gabriel arquejou quando sentiu o cinto queimar sua pele.

— Vai aprender a ser homem. — Ricardo acertou o cinto novamente na coxa dele. — Não te criei pra isso.

— Pare. — Gabriel tentou gritar, mas sua voz saiu fraca. Ele estava fraco, tonto. Pensou que deram alguma coisa para ele beber, mas não, naquele momento sentiu uma leve dor no antebraço e percebeu alguns furos ali, alguém tinha injetado

alguma droga nele. Então, encolheu-se e esperou o próximo golpe.

Mas a culpa já havia corroído o coração de Ricardo, sugou as forças que o mantinham de pé. Ele largou o cinto após o segundo golpe e andou de costas procurando a parede para se apoiar. Seu corpo deslizou até que ficou sentado no chão.

— Você nunca precisou disso. Sempre te dei tudo. — Ele olhou para o corpo branco de Gabriel, marcado por uma mancha vermelha. As lágrimas saltaram de seus olhos sem pedir qualquer permissão.

Após um breve instante, Gabriel se sentou com dificuldade, apoiou as costas na cama e olhou para o teto. A dor de cabeça e a tontura o fizeram fechar os olhos.

— Mas pai... eu não sou o que você pensa. — Gabriel buscou forças para falar o que estava preso na garganta. — Isso tudo foi... armado. Armaram pra mim... pra você também... Eu sou... sou...

Flashes explodiram em sua mente. Lembranças de horas mais cedo quando foi pego. Um posto de gasolina, um banheiro, sombras saindo de algum lugar que ele não percebeu, uma arma em suas costelas e o medo congelando sua espinha, todas essas imagens surgiram desconexas. Ele foi pego, não sabia como, mas a mesma pessoa por trás da lista tinha armado aquilo tudo, disso ele tinha certeza.

Ricardo estava suado, o rosto vermelho e os olhos molhados pelas lágrimas. Tentava decifrar a confusão de sentimentos que inundavam seu ser. Quando ouviu a voz do seu menino, voltou sua atenção para o garoto, sentindo um medo estranho antes mesmo de ouvi-lo.

— Eu sou um bandido, um ass... a... assassino.

Gabriel, ainda tonto, com a cabeça erguida para o alto, lançou a última palavra como se fosse uma adaga e Ricardo sentiu que ela rasgou seu peito e expôs seu coração que sangrava.

# CAPÍTULO 51

## O SHOW DE HUMOR

O sorriso dela tinha um brilho especial que ninguém jamais descobriria a fórmula do truque chamado felicidade.

Rebeca passou as mãos nos cabelos e eles estavam macios e cheios de vida, seus olhos eram dois cristais. A menina segurou a cintura e se olhou no espelho. Estava pronta. Seu vestido ajustara-se bem ao corpo.

Ela saiu do quarto e quando chegou à sala, seu pai estava sentado no sofá, vendo um programa esportivo. A menina jogou-se nos braços dele e ficou sentada ao seu lado.

A sensação de proteção ao sentir o calor dele se espalhou pela alma.

— Vocês mulheres não perdem a mania de nos deixar esperando — ele falou, acariciando os cabelos da filha.

— A mamãe quem está atrasando a gente, mas espero que ela demore mais porque quero ficar abraçada a você por mais tempo.

— Vocês falam demais — disse Marina ao chegar à sala. Ela colocava o brinco na orelha direita. — Nem demorei tanto assim. Como estou?

Ela deu uma voltinha. Toda sua elegância rodopiou diante deles. Harisson assobiou.

— A senhora está uma gata, mãe.

Harisson levantou-se e cumprimentou-a com um beijo no rosto, ela retribuiu.

— Vamos, então?

— Vou pegar minha bolsa. — Rebeca correu até o quarto e voltou com uma bolsa minúscula de tira presa ao ombro. Ela caminhou até eles que já estavam na porta e sentiu uma tontura.

Pareceu que o mundo havia girado.

— O que houve, filha? — perguntou Harrison, segurando-a a tempo. — Está se sentindo bem?

— Estou bem. — Rebeca segurou as mãos dele e ainda sentia um mal estar.

Ela se concentrou, respirou fundo e recuperou o equilíbrio.

— Tem certeza, meu bem? Não quer esperar um pouco? — perguntou Marina, com um olhar desconfiado para a filha.

— Não, mãe. Estou ótima. Vamos, nosso tempo é curto. — Ela sorriu e entrelaçou o braço do pai no da mãe e eles saíram do apartamento.

Rebeca sentiu-se feliz no banco de trás ao ver seu pai dirigindo e sua mãe ao lado.

— Estava morrendo de saudade dos nossos jantares — ele falou.

— Nós também estávamos, queria muito que o senhor voltasse. Vou pedir ao vovô pra fechar essa fábrica e trazer você de volta.

Ele riu e disse:

— Você quer que muitas pessoas fiquem desempregadas? Muita gente depende

de nossas empresas.

— Ah, que ele venda então.

— Aproveite o momento Rebeca — disse Marina. — Deixe que as coisas se resolvam por si só.

Depois de alguns minutos chegaram ao restaurante.

— Uau — falou Marina. Ela ergueu a cabeça para o céu. — Que lua linda.

— Parece que jogaram mel nela — disse Rebeca, encantada.

— Nunca vi uma lua cheia tão bonita. — Harisson estava ao lado da filha com o braço sobre o ombro dela. — Mas vamos entrar que lua não enche barriga.

Eles caminharam pela calçada e logo entraram no estabelecimento. Foram recebidos por um homem alto e forte. O ambiente estava iluminado por uma luz dourada, uma música lenta e angustiante inundava os ouvidos de Rebeca e ela desejou que mudassem aquela melodia para algo mais animado e como num passe de mágica a música mudou. Agora o som era tão puro quanto o barulho da água da cachoeira, a melodia vitalizava qualquer ser esmorecido.

O homem os acompanhou até a mesa. Harisson puxou a cadeira para Marina e depois para Rebeca. A menina sorriu ao vê-los juntos de novo.

— Então, o que vamos pedir? — Harisson perguntou já folheando o cardápio.

— Adoro camarão. Por favor, Harisson peça o ensopado de camarão, faz tempo que não como. — Marina pediu com um sorriso.

— Eu quero camarão frito. Batatas e macarronada. Estou faminta, papai.

— É muito bom ouvir você falar assim porque estou te achando muito magra, tem que se alimentar bem.

Harisson acenou para o garçom, ele veio até a mesa e anotou o pedido.

— Não imaginei que aquele cara ainda tivesse o show de humor dele aqui — disse Harisson, animado. Ele olhou para o palco e viu a imagem do homem em um cartaz, ele usava uma máscara branca que cobria a parte do rosto acima do nariz.

— Ah, sim. Ele ainda se apresenta aqui. E continua ótimo, por sinal — disse Marina.

— E como vão as coisas com o Vitor?

— Ah, estamos bem. Felizes, posso dizer.

— Que bom, fico feliz que sua vida esteja dando certo.

Rebeca quis interromper a conversa deles porque não gostou de tocarem no assunto Vitor. Aquele momento era só dela, não queria ouvir o nome do namorado da mãe. Ela ia fazê-los parar, mas Harisson disse algo que ela gostou.

— Como foi que você conseguiu se safar na história do sapato? — ele gargalhou.

Rebeca sentiu-se um pouco envergonhada, mas riu também.

— Papai, por favor. Não fale disso.

Marina riu sem demonstrar qualquer fio de constrangimento.

— Harisson, sua filha me fez passar uma vergonha grande. Comprei tênis novos pro Vitor e quando ele abriu o presente, nossa que vergonha. — Ela ria junto com ele. — Tinha sapatos velhos e destruídos dentro. Eu quis um lugar pra me esconder e não achei. Minha sorte que estava no apartamento dele. Mas começamos a rir, de cara soubemos que tinha sido ela.

— Meu bem, nunca mais faça isso, por favor.

— Ah, pai, foi só uma piada. Além do mais, eles riram. Se não fosse minha criatividade teria sido uma noite monótona. E o mendigo ficou super feliz com os tênis novos, precisava ver a cara dele.

— Só a perdoei porque, de verdade, rimos muito, ele da minha cara e eu da dele.

A comida chegou pelas mãos do jovem garçom. Ele colocou o ensopado de camarão, batatas fritas, mais camarão frito, veio a macarronada e outras carnes, acompanhadas de vinho.

— Nossa, que rápido. — Rebeca pegou um garfo e espetou uma tira de batata.

— Que cheiro bom esse camarão. — Ela comeu a batata.

O garçom voltou e aproximou-se dela. Ele disse em seu ouvido: *Vá embora enquanto há tempo.*

Rebeca o encarou, confusa.

— O que ele te disse meu bem?

— Nada pai. Não entendi bem, na verdade.

— Foi alguma grosseria? Pode falar, meu bem.

— Não foi nada, só que...

As luzes se apagaram. Um holofote percorreu o salão iluminando as mesas. Rebeca viu algumas vazias, ela ficou assustada quando a luz pairou sobre ela.

— Pai? O senhor está aí?

Ela sentiu a mão dele segurar a dela.

— Estou, meu bem. Não se assuste, faz parte do show.

Então as luzes se acenderam e o palco se iluminou. Um homem elegante surgiu, sorridente.

— Boa noite meus amigos — ele disse. — Estão prontos para uma experiência única? Querem se alegrar? Estou aqui para isso. Para fazê-los esquecer a vida de mentiras que vocês levam. É isso mesmo. Todos vocês que estão aqui, estão fugindo, fugindo de vocês mesmos, dos problemas que vocês criam. — Ele soltou uma gargalhada tenebrosa. — Riam, o que acabei de falar foi uma piada.

— Esse cara é ótimo — Harisson começou a rir.

— Do que vocês estão rindo? Não tem graça nenhuma, este show está errado.

Ela ouviu mais risadas vindas de outras mesas.

— Não seja insensível minha filha, isso é hilário você não acha? — Marina ria de um jeito que Rebeca nunca tinha visto antes.

— Eu hein. — A jovem deu de ombros.

Quando todos ficaram em silêncio. O homem no palco tirou um lenço branco de dentro do paletó. Ele o sacudiu para a plateia.

— Vocês têm mesmo esperanças de que eu irei solucionar os problemas de vocês? Acham mesmo que eu serei a cura para suas dores? Sabem o que é isto na minha mão? Alguém? Alguém? Alguém?

— O que há de errado com ele? — Rebeca perguntou-se baixinho.

— Ouvi alguém falar. Sei que foi você. — Ele apontou para a garota. — Me responda o que é isto?

— Um lenço — respondeu Rebeca, duvidando de si mesma se aquilo era de fato

um lenço.

O homem sacudiu o tecido branco.

— Uau — alguém exclamou quando viu o pombo surgir na mão dele, do nada, como mágica.

— Ainda acha que é um lenço, mocinha?

— Pare. Agora. — Rebeca falou as duas palavras como uma ordem.

No instante seguinte, o homem agarrou o pombo com as duas mãos e torceu o pescoço dele. Rebeca ouviu o estalar e viu os dentes dele trincarem.

— Esta era sua esperança em mim. Não posso curar a sua dor.

— Do que ele está falando? Peça pra ele parar. — Ela pediu ao pai. — Papai, faça com que ele pare.

— Meu bem, é só um show de humor. Você insistiu tanto que viéssemos pra cá.

Ela ofegava. Esforçou-se para controlar a respiração e então uma música começou a tocar. Aquele homem estava cantando no palco e ele arrancou a máscara que usava.

*Cristiano.*

Rebeca sabia que já o conhecia.

*Love of my life...*

A letra da música fez Rebeca se arrepiar. Tudo estava errado, aquilo não era um show de humor. O homem começou a cantar com muita intensidade, talvez com mais paixão que o próprio Freddie Mercury. Ela olhou para as pessoas à sua volta e todas pareciam enfeitiçadas.

Quem era o amor da vida daquele homem? Por que ele cantava daquela forma? Por que ele estava se aproximando da mesa dela? Para quem era aquela música?

Então Rebeca o viu direcionar a melodia para sua mãe. Ele cantou toda a música para ela e Marina sorria como uma garota apaixonada. Harisson estava ao lado, apenas olhando e bateu palmas assim que ele terminou.

Rebeca estava diante de Cristiano sem acreditar no que estava vendo.

— Pare com isso — ela berrou para o cantor. — Pare Cristiano, pare.

— Meu bem, o que há de errado com você? — Harisson levantou-se e se curvou diante da filha. — Ele está apenas cantando, faz parte do show.

Rebeca estava encolhida na cadeira com as mãos tapando os ouvidos.

— Quero que isso acabe logo — ela falou. Então se levantou e dirigiu-se ao garçom. Agora ela pôde ver a cor dos cabelos dele, os fios eram prateados, como nos livros, ela pensou. Não tinha notado antes. — Faça isso parar — disse para o garoto.

O garçom a encarou com um olhar de pena.

— É tarde demais — falou.

Ela voltou o olhar para a mesa.

— Rebeca — a voz de Cristiano ecoou pelo salão, ele estava falando no microfone. — Vamos acabar com isso de uma vez. — Havia dor na voz dele, uma dor que atingia a alma dela. — Vamos revelar para todo mundo o nosso segredo.

— Você armou tudo isso. Todo esse show de horror foi armado. — Rebeca veio caminhando até ele. Uma lágrima escorreu pelo seu olho esquerdo. — Você não tem o direito de estragar tudo.

— Segredo? Mas que segredo? — quis saber Harisson. — Rebeca, exijo saber do que este homem está falando.

Marina levantou-se e foi abraçar a filha.

— Meu amor, seja o que for nós vamos te entender.

— Harisson, temo que o nosso segredo atinja diretamente você — disse Cristiano. — A Marina mentiu, te enganou esse tempo todo. Eu sou o verdadeiro pai da Rebeca e esta garota que diz ser sua filha sabe de tudo. Ela descobriu e me achou e tem me mantido escondido de todos vocês. Eu sou o verdadeiro.

— Mentiroso — gritou Rebeca. — Fala que é mentira mãe, diz que ele não é meu pai. — Marina permaneceu imóvel. — Anda, fala. — O desespero começou a tomar conta de Rebeca. — Fala.

Ela correu para Harisson, se jogou nos braços dele.

— Você é meu pai, sempre vai ser você. — Ela chorava. — Tudo o que ele fala é mentira. Talvez seja hora de rir, não é? — Rebeca segurou o rosto do pai com as duas mãos e admirou os cabelos ruivos dele, eram iguais aos dela, até a barba tinha o mesmo tom. E os olhos eram verdes como duas esmeraldas. — Faz parte do show tudo isso? — Ela forçou uma risada. — É o show dele, pai. — Ela voltou o olhar para Cristiano. — Ria — berrou. — Riam todos, seus idiotas — gritou para as pessoas que observavam em silêncio.

— Chega de escândalo, Rebeca — disse Marina, num tom firme. Ela caminhou para o lado de Cristiano e segurou no braço dele. — Este homem é seu pai.

— Me aceite como pai — disse Cristiano. — Eu posso ser o seu pai, o pai que você não tem mais. Aceite que ele morreu, Rebeca. O Harisson morreu no dia do seu aniversário de treze anos, você não se lembra? Ele está morto.

Rebeca olhou em volta e tudo o que via eram pessoas chorando. Ela ouvia um choro desesperado e cheio de angústia, uma lamúria penosa que definhava sua alma.

Marina chorava. Cristiano chorava.

O mar revoltado dentro de si transbordou por seus olhos e pela garganta quando ela gritou em desespero.

— Não! Papai! Não é verdade.

Ela caiu de joelhos no chão. O mundo parecia estar se desmanchando. Não sabia mais onde estava.

— É verdade, Rebeca — disse um garoto que ela reconheceu a voz e quando ergueu a cabeça viu Gabriel vestido como um príncipe. O uniforme era branco e tinha botões dourados, ombreiras com detalhes dourados. Ele chorava, seus olhos estavam vermelhos. — Eu sinto muito.

Gabriel ajoelhou-se ao seu lado e a abraçou enquanto ela soluçava.

— Rebeca. — Era Amanda, com um vestido de princesa, azul. Ela era a cinderela. — Amiga, não pode ser.

Felicity entrou em seguida com cabelos longos em uma trança que se arrastava pelo chão. Ela se juntou aos amigos que a abraçavam.

— Estamos aqui, amiga. Vamos te ajudar — falou Rapunzel com lágrimas escorrendo pelos olhos.

Eles se abraçaram e choraram juntos. O choro se tornou um grito de

desespero.

De repente não havia mais ninguém ao lado dela. O silêncio perturbador tomou conta do ambiente. Ela levantou-se, olhou em volta e tudo estava vazio. Não havia palco, nem pessoas, nem garçons. Quando seu olhar completou o giro ela viu algo e ouviu o céu se desmanchar em água.

— Não, não, não, não, não, não, não... — ela repetia aquela palavra emendando uma na outra. O pânico lhe tomou por completo quando viu o pai rodeado por rosas dentro de um caixão.



O corredor era branco e havia uma luz brilhante nele. As portas pareciam feitas de gelo. Havia pessoas andando de um lado para o outro. Rebeca não sabia que lugar era aquele, nem entendia porque as pessoas não lhe davam atenção.

Ela andou e observou as janelas de vidro, atrás delas havia pessoas deitadas em camas. Até que viu alguém que ela conhecia. Cristiano estava caído sobre uma cadeira, o corpo mole, e os olhos de quem havia chorado por horas. Sobre a cama jazia o corpo de um menino, estava com a cabeça enfaixada, pálido como a neve.

Rebeca não soube como entrou na sala, mas estava diante de Cristiano, sussurrando as palavras para que o menino não acordasse.

— Então era por ele? Esse menino é seu filho e está morrendo e não me disse nada? Preferiu fazer chantagem, tirar dinheiro de mim. Eu poderia ter te dado tudo o que você precisava, meu avô teria feito tudo por ele se eu pedisse. Você teria os melhores médicos. — Ela despejou as palavras recheadas de fúria e decepção e seu olhar era de pena do homem que estava diante de si.

Mas Cristiano continuou calado, com o olhar perdido.

— Fale alguma coisa — ela insistiu. Então tocou no ombro dele para tentar fazer com que ele falasse, mas teve uma sensação estranha ao tocá-lo.

Rebeca afastou-se dele com os olhos arregalados, assustada demais para aceitar o que acabara de entender. Ela correu dali. Caminhou por corredores até que viu uma movimentação de pessoas. Dois enfermeiros guiavam uma maca e uma mulher chorava seguindo os passos deles. Havia um homem ao lado dela.

A garota agitou-se e correu para ver, algo a chamava para lá.

Rebeca ficou paralisada no instante em que a maca passou, porque viu uma garota de cabelos ruivos deitada sobre ela.

E naquele instante teve certeza de que estava fora do seu corpo.

# EPÍLOGO

Meu pai sempre gostou daquele restaurante, não pela comida, mas pelas lembranças que o lugar lhe trazia. Foi lá onde conheceu a mamãe, ela me disse uma vez que ele estava bêbado e foi cantar no Karaokê. Ficou irritada quando ouviu a voz dele, porque, segundo mamãe, papai cantava muito mal, muito mal mesmo. Foi a primeira vez que ela o viu e meu pai a encarou enquanto cantava aquela mesma canção, “Love of My Life”. Os olhares deles se cruzaram, minha mãe tentou desviar, mas meu pai manteve-se firme. Então depois que acabou de cantar, ele fez o primeiro contato com ela.

Outro motivo que fez papai gostar mais ainda daquele lugar foi um humorista ótimo em contar piadas, ele adorava o show de humor do Cristiano. Lembro-me que ele se divertia muito com as imitações e o que ele mais admirava era o talento do Cristiano em imitar a voz das pessoas, ele cantava igualzinho aos cantores famosos.

Uma vez no aniversário da mamãe, ele quis fazer uma surpresa, disse que tinha ensaiado a música deles e que iria cantar de novo pra ela. Mamãe implorou que ele não fizesse isso porque sabia que ele continuava desafinado, mas ele teimou, foi lá naquele palco e cantou com todo o amor que sentia por ela. Só que dessa vez, a voz dele estava límpida como o canto de um pássaro, pareceu que havia tirado toda a poeira da garganta que desafinava o canto dele.

Vi os olhos da minha mãe brilharem mais que o sol, o sorriso dela tomou conta do rosto. Eu tinha nove anos e me achava muito esperta, então falei pra ela:

— É uma imitação, mamãe. O comediante é quem canta, papai só faz bater a boca.

— Eu sei, minha filha. Mas ele dubla tão bem que quase pensei que fosse ele — minha mãe me disse, sorrindo. — Acho que se ele tivesse cantado tão bem assim, nem teria reparado nele da primeira vez.

Eu fiquei rindo dos dois. Depois papai voltou para a mesa todo feliz. Vovô estava com a gente e mais alguns tios e amigos dos meus pais. Todos aplaudiram.

Sempre achei aquela canção uma péssima escolha para ser tema de um casal feliz, mas depois ela acabou servindo bem aos dois. Meu pai quebrou o coração da minha mãe em alguns pedacinhos, meses depois de ter cantado “belamente” para ela. Não sei como, mas minha mãe descobriu que ele a estava traindo e não teve perdão, ela sempre foi muito dura e se separou dele.

Meu pai queria muito voltar, mas ela não quis, nunca quis, nunca teve nenhum tipo de ensaio para uma volta. Eu que fantasiava, criava coisas, inventava histórias na minha cabeça de que eles voltariam um dia.

Mais tarde o Vitor entrou na vida dela e nossa relação começou a ficar estremecida porque eu a culpava por meu pai não estar mais em casa, então ele foi morar em uma cidade distante para cuidar de uma fábrica de cerâmica que pertence a meu avô. Tudo ficou mais difícil pra gente, mas tive que me acostumar com a nova vida.

Então, no dia trinta e um de agosto de dois mil e doze, Harisson Flores morreu

em um acidente de carro, causado por jovens embriagados. O meu pai morreu no dia do meu aniversário de treze anos.

Minha alma se espatifou e eu senti a dor de cada fragmento dela se partindo e ainda assim eu não morri, tive que suportar e continuar viva e despedaçada por completo.

Minha festa era à fantasia, todos os convidados estavam vestidos de algum personagem da Disney. Eu estava fantasiada de Ariel, mas porque meu avô insistiu, disse que eu era igualzinha a ela, que não podia ser outra princesa com o cabelo daquela cor. Então eu aceitei ser a Ariel porque no fundo eu sabia que ele via a filha dele que morreu, em mim. Não conheço bem a história da tia Annabel, mas sei que ela morreu afogada ainda criança.

Gabriel era um príncipe lindo, a Amanda foi de Cinderela e a Fê, de Rapunzel. Sempre fomos amigos desde pequenos porque nossos pais eram amigos e sempre se juntavam para que os filhos deles fizessem amizade.

Eu insisti muito para que meu pai viesse à festa, fiz ele prometer, jurar de pés juntos que viria. Ele prometeu e cumpriu.

Eu estava muito ansiosa esperando por ele, as horas passavam e nada dele chegar. Eu vi minha mãe preocupada porque não estava conseguindo falar com papai.

Então a notícia veio como uma rajada de vento. Eu não me lembro como foi, quem foi a pessoa que disse pra mamãe, não sei se eu ouvi ou se eu soube pela expressão dela, mas eu gritei e chorei muito e não soube mais o que estava acontecendo, eu só vi todas as pessoas chorando, minhas princesas e meus príncipes estavam chorando comigo. Eu vi minha outra tia desmaiar, pessoas assustadas e muitos olhares de pena sobre mim.

Choramos juntos a morte do nosso rei.

Mais tarde eu soube que um carro com quatro jovens bêbados perdeu o controle e se chocou contra o carro do meu pai, ele estava entrando na cidade e os outros saindo. Três deles se foram com papai e apenas um sobreviveu, o motorista. Ele deu uma entrevista dizendo que se pudesse escolher teria partido com os outros.

Em nenhum momento eu desejei que ele tivesse morrido, pelo contrário, espero que tudo o que ele falou seja verdade e viva muitos anos atormentado por ter tirado a vida do meu pai e dos amigos dele.

Todas as pessoas diziam que foi porque Deus quis, que era a hora deles. Eu nunca aceitei isso, nunca superei a dor.

Eu sei que minha mãe sofreu muito também, ela podia não querer mais voltar com ele, mas tiveram uma história juntos. Só que ela conseguiu seguir em frente, ou seguiu com a dor dela mesmo.

Passei a ter muitos sonhos com meu pai. Desde pequena meus sonhos sempre foram muito reais, então durante a noite eu perdia a noção da realidade, eu estava com ele e, pra mim, aquilo era verdade. Quando eu acordava me desesperava por me dar conta que eu não podia abraçá-lo. Minha mãe ficou muito preocupada comigo, até fiz terapia durante algum tempo, depois abandonei, não quis mais saber.

Preferi ficar com os meus sonhos, ao invés de ficar angustiada com eles, passei a usá-los como uma espécie de portal mágico para me encontrar com meu pai. Antes de dormir eu recordava os sonhos que tinha tido e me concentrava para sonhar de novo.

Sempre disseram que podemos conseguir coisas extraordinárias com o poder de nossa mente, procurei por relatos de pessoas que diziam dominar os próprios sonhos, procurei aprender, treinei minha mente para poder sonhar com ele quando quisesse.

É muito difícil conseguir, mas eu consegui algumas vezes, tive sonhos lúcidos que são reais demais, eu sentia o abraço dele, o cheiro do perfume que usava, consigo me lembrar de detalhes e esses sonhos ficam na minha mente como lembranças verdadeiras, como se de fato tivessem acontecido de verdade e às vezes eu acabo confundido as coisas.

Meu pai dizia pra mim: “Trate de viver bem para que suas lembranças não se tornem um fardo que você tenha de carregar”.

E foi o que tentei fazer, construir boas lembranças. Mas às vezes meto os pés pelas mãos, como quando me deixei levar pelo momento e me entreguei ao Gabriel, tive a intenção de ter uma lembrança boa da minha primeira vez, achei que, por ele ser bonito, educado, o garoto perfeito para qualquer menina, seria bom, mas não foi.

Depois de um tempo, os sonhos começaram a ficar escassos, por alguma razão não conseguia mais com tanta frequência.



A minha história com o Cristiano começou oito meses atrás, quando vi um cartaz que anunciava o show de humor dele no Teatro das Rosas. Eu me lembrei na hora de como ele havia imitado bem a voz do meu pai e me bateu uma vontade louca de ouvi-lo de novo. Uma estranha sensação tomou conta de mim e uma ideia me passou pela cabeça.

Eu procurei o Cristiano no teatro, pedi que me deixassem vê-lo, que era uma fã e queria muito tirar foto, pedi pra avisarem que eu era a filha de Harisson Flores, ele lembraria, sabia quem era meu pai. E assim consegui falar com ele.

O olhar que me direcionou era igual ao que todas as pessoas que conheciam minha história lançavam sobre mim, de pena.

— Tudo bem com você? — perguntou, com cautela na voz.

— Eu estou bem. E você, como vai?

— Vivendo na medida do possível.

Cristiano estava um pouco diferente. Eu lembrava dele com mais alegria no semblante.

— Desculpe incomodar você. É que...

— Não se preocupe, você não incomoda.

— Meu pai gostava muito de você — falei em seguida, com medo de que um silêncio assombroso se instaurasse entre nós.

— Eu me lembro dele. E de você também. O Harisson era mais que um fã, o considerava como amigo.

Eu sorri em agradecimento.

— Lamento muito pelo que aconteceu. Meus sinceros sentimentos. — Eu ainda não tinha visto o Cristiano desde que meu pai havia morrido. Lembro que ele foi ao enterro, mas não nos falamos. — Então, o que a trouxe aqui? — ele perguntou com gentileza.

Quase não soube o que dizer, por onde começar. Eu só queria que ele cantasse.

— Eu... eu vi o cartaz do seu show. E... lembrei na hora... lembrei...

Não consegui segurar a lágrima que insistia em rolar pelo meu rosto. Minha garganta travou. Cristiano me ofereceu um lenço que retirou de uma caixinha que estava sobre a penteadeira. Estávamos no camarim dele. Eu no sofá e ele numa cadeira de frente pra mim.

— Lembrou dele?

— Lembrei de você imitando a voz dele — falei. — Aquele dia em que você cantou e fez parecer ser meu pai. Foi incrível, a mamãe quase acreditou.

Soltei um riso ao lembrar, enquanto secava meus olhos.

Cristiano soltou a respiração, parecia já saber o que eu queria. O encarei e pedi.

— Queria ouvir de novo. — Mais lágrimas saltaram dos meus olhos.

Eu vi os pelos do braço dele se eriçarem.

— Não sei se consigo — falou, após um instante de silêncio. — Não com você nesse estado.

Eu lutei para conter minhas emoções, apertei o polegar contra os meus lábios e fechei os meus olhos.

— Apenas cante, por favor.

Aquela mesma música entrou pelos meus ouvidos. Era a voz dele, tão perfeita e desafinada, mas que preenchia meu coração. Eu percebi que o Cristiano quis ser o mais verdadeiro possível. Eu preferi daquele jeito, era mais real, exatamente como ele cantava pra mim.

Quando terminou, eu estava me sentindo melhor. Trocamos mais algumas palavras, depois fui embora.

À noite eu sonhei com papai, fazia muitos dias que não tinha sonhado com ele, estava com saudades. E foi daqueles sonhos reais. Estávamos em um piquenique com a mamãe, felizes. Nós duas ríamos das piadas que ele contava. Tive outros sonhos nos dias seguintes, mas depois foram embora.

Na semana seguinte eu procurei o Cristiano novamente, com o mesmo objetivo. Eu insisti, mas não para cantar dessa vez, apenas para me contar piadas com a voz do meu pai.

Ele disse que não faria aquilo de novo, eu saí do camarim, chorando. Estava num corredor em direção à saída quando ouvi a voz do meu pai, na verdade, a imitação do Cristiano. Ele falou meu nome. Ele se arrependeu e me fez rir com

piadas bobas, com a voz que eu queria ouvir.

Os sonhos voltaram naquela semana. O Cristiano me fazia sonhar com meu pai, mas era como uma droga, a euforia passava e vinha aquela sensação de falta, de querer mais.

Eu voltei lá, dessa vez com um telefone e uma proposta. Ele me encarou horrorizado, disse que era loucura, que eu tinha que parar com aquilo. Insisti, mas ele disse para eu não o procurar mais. Que meu pai não iria gostar daquilo. Eu ofereci dinheiro. Ele pareceu reconsiderar, mas praticamente me expulsou de lá.

Eu saí com o coração apertado, andei rápido sem saber para onde ir, como se não existisse um caminho pelo qual pudesse seguir. Me senti perdida.

Três dias depois, eu vi um cartaz na escola anunciando que seria a última semana do show, ele iria se apresentar em outra cidade. Gabriel insistiu para que fôssemos ver, eu apoiei a ideia e nós fomos juntos com a Amanda e a Fê no último dia. Eles riram muito e eu fingi achar graça, na verdade tinha alguma graça, mas eu não estava com vontade de rir.

Quando terminou, enquanto as pessoas se amontoavam para tirar fotos com ele, eu entrei nos bastidores, sem que ninguém me visse. Encontrei um segurança no corredor, ele quis me impedir, mas insisti, falei que seria rápido, que só queria deixar um presente pro Cristiano. Como ele já tinha me visto das outras vezes, me deixou entrar. Deixei sobre a mesinha do camarim, um pacote, com um telefone dentro.

Dois dias depois, meu telefone tocou. Olhei para a tela e estava escrito "papai", fiquei encarando, tentando decidir se atendia ou não. Decidi atender, achei que ele fosse gritar comigo, que fosse me chamar de louca.

Mas eu soube que o Cristiano havia aceitado minha proposta quando ouvi a voz do meu pai ao telefone.

E assim começou nosso acordo. Ele aceitou o dinheiro em troca de se passar pelo meu pai. Ele agiria da forma mais natural possível, me ligaria pra saber como estava me saindo na escola, como ia minha vida e da minha mãe, enfim, ele fez tudo como combinamos. Isso me ajudou a ter sonhos com papai, a reencontrá-lo em outro mundo, eu conseguia criar pequenas narrativas como um passeio no parque, tinha longas conversas com ele. E eu gostava tanto de ouvir o Cristiano falando por ele, sentia como se ainda estivesse vivo.

O mais mágico nisso tudo era que eu podia voltar para um sonho, foi muito difícil conseguir, mas depois de muito tentar passei a controlá-los, as coisas aconteciam como eu queria.

Estava tudo indo muito bem, mas três meses depois de ter começado, Cristiano disse que estava precisando de dinheiro, eu dei o que ele pediu sem problemas. O show dele não era tão famoso, talvez tivesse precisando de alguma coisa e o dinheiro não cobria.

Mas dias depois ele me pediu mais, passou a ficar estranho e ficamos nesse jogo. Ele ameaçava desistir. Minhas economias estavam se esgotando, eu poderia pedir mais ao meu avô, mas não quis para não levantar suspeita. Da última vez, ele quis quinze mil reais, disse que contaria tudo pra minha mãe se eu não desse, eu não o reconheci mais, estava me chantageando e aquele não era o homem que

conhecia.

Decidi vender algumas roupas caras que eu tinha para umas meninas da escola, juntei com o que tinha guardado e consegui o valor. Eu estava disposta a colocar o Cristiano contra a parede e exigir saber por que ele estava fazendo aquilo comigo. Mas aquele não seria meu dia.

Começou mal com aquelas garotas fofoqueiras enchendo meus ouvidos com a newsletter da semana, assim que chegaram, uma delas falou uma coisa que me deixou pra baixo. Disse que a Amanda estava grávida.

Eu nem acreditei, porque ela teria me dito. Eu acho que teria me dito. A menina falou que a mãe era muito amiga da Sarah e tinha sabido que o pai era o Murilo e que eles iam casar, foi muita informação para absorver. Ela sempre me disse que nunca tinha rolado nada entre eles.

Eu não deixei aquilo me abalar e continuei minha negociação com elas, joguei todas as roupas em cima da cama e avançaram em cima. Ainda ousaram falar de mim, enquanto estava no closet.

Quando foram embora, só deu tempo me arrumar para me encontrar com o Cristiano. Mamãe, às vezes, usa meus batons, brincos e sapatos, temos o mesmo número e ela diz que tenho bom gosto. Mas acho que ela faz isso para ficarmos mais amigas. Eu queria meu batom de um tom rosa, bem clarinho e não o encontrei. Então fui procurar no quarto dela, sempre se esquece de devolver minhas coisas.

Eu o encontrei, aproveitei para procurar qualquer outro objeto meu que estivesse nos aposentos dela. Mas achei outra coisa. Uma caixinha vermelha escondida atrás dos vidros de perfume. Eu a abri e dentro tinha uma aliança.

Não era a que meu pai tinha dado pra ela.

O segundo golpe do dia atingiu meu estômago.

Ela ia casar de novo.

Com o Vitor.

Eu fiquei aborrecida. Desejei mais do que nunca ter meu pai naquela hora. Ele não estava ali pra impedir aquilo, ele a amava, lutou por ela, e sei que levou todo o amor que tinha para debaixo da terra.

Mesmo abalada fui ao encontro do Cristiano. Já estava no finalzinho da tarde. Fui ao teatro onde ele estava se apresentando, agora com aquela peça. Quando descii do táxi e fui atravessar a rua, ouvi a buzina de um carro que parou à minha frente. Cristiano gritou por mim e fui até ele.

Entrei no veículo, o cumprimentei, mas ele não respondeu. Pela cara, vi que ele não estava bem, soube na hora que havia chorado. Dirigiu por alguns metros e parou numa rua tranquila. Ele abriu o porta-luvas e retirou um objeto.

O celular que eu dei pra ele falar comigo.

— Acabou — ele disse, esperando que eu pegasse o aparelho da mão dele.

— Mas eu trouxe seu dinheiro. — Retirei o pacote da bolsa e ficamos um oferecendo algo ao outro.

— Eu disse que acabou. — A voz dele estava tão seca, tão dolorosa. — Vou devolver todo o seu dinheiro.

— Cristiano — pronunciei o nome dele, quase sem forças.

Era o terceiro golpe transformando os meus pedaços em pó.

— Não quero mais fazer parte disso. — Ele estava chorando. — Você precisa se tratar, tem que aceitar as coisas como elas são.

— Eu não sou louca, Cristiano — falei, aborrecida.

— Deixe os mortos em paz. Eles precisam de descanso, não entende isso? Talvez exista algo melhor do outro lado que essa droga de mundo. Eles podem estar esperando por nós.

Não entendi por que ele estava tão perturbado. As palavras dele estavam me deixando ainda mais angustiada. Eu peguei o celular das mãos dele e saí do veículo, não quis saber do dinheiro, deixei pra ele fazer o que quisesse e bati a porta do carro com força.

Corri pelas ruas, chorando, esperando encontrar qualquer pessoa que me abraçasse, que me dissesse que tudo ia acabar rápido, que aquilo era um pesadelo terrível, mas não apareceu ninguém. Algumas pessoas me olhavam, curiosas. Acho que pensaram que eu tinha brigado com o namorado. Mas eu estava perdendo meu pai pela segunda vez.

Quando me cansei, continuei caminhando devagar. Eu vi a abertura do esgoto em uma calçada e joguei o celular que peguei do Cristiano lá dentro.

Achei que fosse a hora de aceitar.

Cheguei ao parque e procurei um lugar calmo onde pudesse ficar sozinha. Me escondi atrás do tronco de uma árvore e fiquei lá. Tomei quase toda a água da garrafinha que havia comprado.

Eu senti vontade de gritar, gritar até explodir e desaparecer. As imagens estavam vindo umas atrás das outras formando um monstro que tentava me destruir por dentro. Minha festa, meus amigos, a notícia, o enterro dele, ele sorrindo, o Cristiano cantando, minha mãe, o Vitor, vozes sussurravam na minha mente dizendo que eu era culpada, que não devia ter insistido tanto que ele viesse à minha festa.

Aquilo estava me enlouquecendo e não aguentei.

Liberei o grito que estava preso na minha garganta e senti arder como se estivesse pegando fogo.

Me assustei, quando ouvi alguém falar “veio de lá”. Saí dali porque não queria dar explicações. Corri de novo pra rua.

Eu precisava dele, precisava do Thomas pra me ajudar a ficar bem. Ele tem o poder de afastar os monstros que me perseguem, senti isso desde o primeiro contato.

Liguei, liguei, liguei e ele não atendeu. Não o tinha visto desde nosso último encontro.

Liguei pro Gabriel repetidas vezes e nada, tentei o telefone da Felicity e nada. Tentei a Amanda e lembrei que estava grávida, que não tinha me contado. De repente, me dei conta que eles estão cheios de segredos. Eu sinto que estão mais distantes de mim.

Não me restou escolha a não ser entrar num táxi.

Cheguei em casa quando o sol era uma fina camada laranja no céu.

Minha mãe estava saindo, disse que ia para um evento de arquitetura. Quis me

levar, mas eu falei que não. Me perguntei se ela estava querendo criar uma oportunidade para me contar sobre o noivado. Eu olhei para sua mão e não tinha aliança.

Me esforcei para que minha atuação ficasse perfeita, não queria que me notasse triste, não teria como explicar pra ela sem falar do Cristiano.

Fiquei sozinha no silêncio daquele apartamento. Tudo o que comi foi uma salada. Tentei esvaziar minha mente, coloquei música alta para que eu não ouvisse meus próprios pensamentos.

Eu senti vontade de me despedir dele, queria dar adeus ao meu pai nos meus sonhos. Deixá-lo em paz, como disse o Cristiano.

Peguei o potinho com os remédios e coloquei todos na mão, nem contei quantos tinham. Coloquei na boca e engoli com bastante água.

A maior dificuldade em controlar um sonho é se manter nele. Quando você percebe que está sonhando, muitas vezes vem um susto que te faz acordar. Outras vezes, basta qualquer barulho que te desperta. Então passei a tomar remédios pra dormir quando queria ficar mais tempo com ele.

Naquela noite eu queria que durasse mais, se possível, toda eternidade.

Eu estava lá para concluir minha narrativa onírica. A parte em que meu pai voltava pra casa. Eu tentei sonhar com ele no aeroporto dias antes, mas não consegui, minha mente reproduziu aquele sonho da praça do pôr do sol e foi perfeito.

Quando estava saindo do apartamento com meus pais, percebi que estava sonhando, me deu uma tontura. Aquele foi o momento em que me dei conta que havia chegado ao sonho, é uma sensação estranha. Quando não tinha controle, eu ficava com medo e acordava. Mas consegui me manter lá.

Tudo estava indo bem. Consegui fazer aquela música triste mudar. Ali comecei a me preocupar que algo desse errado. Era pra ser um sonho feliz.

Eu perdia a consciência por alguns instantes, mas recuperava o controle.

As coisas começaram a ficar estranhas. Aquilo estava se transformando num pesadelo e não conseguia mais acordar por conta dos remédios. Fiquei presa lá.

O garçom de cabelos prateados me alertou. Naquele momento eu poderia ter ido embora, teria conseguido sair daquele sonho, mas eu não quis.

Entrei em desespero com aquelas coisas, não sabia mais se estava acordada ou dormindo.

O pesadelo acabou quando vi meu pai dentro do caixão.

Depois daquilo fui sugada para uma escuridão profunda.

E não sei como saí dela, como fui parar naquele corredor iluminado. Me senti leve e não tinha qualquer lembrança do que aconteceu naquele restaurante, nem por que estava ali. Havia muita luz, pensei que eu estava morta, eu vi o Cristiano com aquele menino e ficou claro pra mim que o garoto estava doente e que o pai estava tirando dinheiro de mim pra tentar curá-lo. Eu tentei tocar o Cristiano, mas minha mão atravessou o corpo dele. Me controlei para não deixar o pânico me tomar, aquilo era diferente de sonho.

Depois disso, a imagem seguinte que lembro é da minha mãe chorando ao lado de uma maca, o Vitor estava com ela, agora entendo que percebeu que não acordei

e teve de me levar ao hospital.

Eu soube que não era um sonho quando me vi desacordada, e tenho mais certeza agora porque a lembrança é ainda mais real, eu estive, de fato, naquele corredor.

Não consigo explicar como se dá a passagem de um cenário a outro, ou como a alma viaja, se atravessa portais, mas eu fui a outro lugar.

Estava em uma praia. Tudo o que ouvia era o barulho da água.

Se o paraíso existisse, eu estava nele. Nada pesava em minha cabeça, era como se eu tivesse acabado de nascer. Tudo era muito bonito, as cores eram vivas, o sol brilhava e eu ouvia o som puro da natureza.

Um barquinho surgiu na praia e comecei a ouvir outros sons.

Risadas de um homem e uma garota vinham daquele barquinho de madeira. Eu nadei até eles. A água estava calma como a de um lago.

Agarrei-me a um pedaço de madeira que flutuava ali perto e fiquei olhando o barco se aproximar.

Era ele. O garçom do meu sonho.

— É ela — ouvi ele gritar. — Garota — gritou mais alto. — Fique onde está.

A garota que estava com ele era igualzinha a Felicity, mas o cabelo dela era loiro e tinha um semblante diferente, mais feliz eu acho. Eu não sei por que minha amiga prefere pintar o cabelo de vermelho se ela é tão linda com os fios naturais.

Talvez seja loucura, mas eu entendi que foi essa Felicity do barco que me indicou O Sol é para todos, de alguma forma, foi ela, em um sonho ou numa viagem astral.

O garoto pulou na água e me assustei, nadei até conseguir chegar à areia. Saí da água, só então notei que estava com uma roupa de hospital.

Me aproximei de um grupo de rapazes e tentei pedir ajuda. De novo, senti a sensação da minha mão atravessando um corpo.

— Espere — ouvi o garoto me chamar. — Ele caminhava devagar, com a mão estendida como se quisesse me tocar ou estivesse com medo que eu fugisse. — Não tenha medo — falou.

— Que lugar é esse? Por que eles não conseguem me ver? Eu estou morta?

Ele me encarou, impressionado. Os rapazes haviam se afastado.

— Não consegui tocar neles. Você agiu como se me conhecesse quando me viu — continuei falando quando ele não disse nada. — Pode me explicar o que está acontecendo? — Minha voz começou a falhar.

— Não posso te contar muita coisa agora. Não faria sentido pra você. Preciso apenas que me escute.

Ele entrou em pânico quando percebeu que eu estava desaparecendo.

— Não sinta medo. Respire. Preciso que fique mais alguns instantes.

Olhei para as minhas mãos e vi através delas.

— Está desaparecendo porque está com medo.

Tentei controlar minha respiração como ele falou.

— Precisa encontrar a Maggie. Lembra-se dela? Procure-a e ouça o que ela tem a dizer.

Eu abri os olhos.

Estava numa cama de hospital.

Não sei se acordei no instante seguinte ou quanto tempo passei na escuridão que seguiu após as palavras dele. *Precisa encontrar a Maggie.*

Lembrei da mulher que falou sobre os meus sonhos naquele consultório, estranhamente eu não lembrava mais dela.

Mamãe estava recostada numa cadeira com um cobertor sobre o corpo. Meu coração encolheu, me senti culpada, as imagens do sonho voltaram à minha mente em fragmentos, levei alguns minutos para juntá-los.

Estava fraca, minha cabeça doía. Levantei da cama silenciosamente, vi minha bolsa numa cadeira, peguei meu telefone e tinha várias chamadas do Thomas. Um pedaço de papel me fez lembrar do sonho ou da viagem astral, não consegui saber naquela momento. Estava escuro, mas a luz do corredor me permitia enxergar as coisas, entendi que já era noite ou madrugada, meus pensamentos eram confusos.

Localizei roupas minhas, teria alta assim que amanhecesse, pelo visto. Me troquei com cuidado para que mamãe não acordasse, devia estar muito cansada.

Eu quis sair dali logo porque não estava preparada pra conversar com ela sobre o que aconteceu. Passei batom sem nem me olhar em algum espelho, mas confiei na minha precisão.

Peguei minha bolsa e abri a porta, caminhei sem encarar as pessoas, com medo que descobrissem que eu era uma paciente, não sabia qual deles estava cuidando de mim.

Encontrei o elevador sem que nenhum enfermeiro me interceptasse no caminho. É estranho como a mente se acostuma com padrões, se eu estivesse com aquela bata horrível, centenas deles teriam me impedido de ir embora.

O céu estava escuro e fazia frio quando cheguei à rua, mas o sol já anunciava sua chegada. Entrei em um táxi e falei o endereço ao motorista, já estava gravado na minha cabeça.

Trinta minutos depois, chegamos ao local. O dia estava raiando, pedi para o taxista esperar o dia clarear mais, disse que pagava a espera e ele aceitou.

Dormi um pouco e o senhor ainda cochilava quando abri os olhos. A rua era de casas pequenas, algumas crianças jogavam bola na rua. O número da casa que procurava era o vinte e sete, quando localizei vi que se tratava de uma casa abandonada. Havia um muro e um portão de barras de ferro. Toquei o botão que certamente seria a campainha, gritei pelo nome Maggie. O vidro da janela estava quebrado, a pintura da parede desbotada, e o mato crescia no piso de pedra.

Era impossível alguém morar ali.

— Garoto — chamei o pequeno jogador de futebol. Aproximei-me mais dele. — Sabe me dizer se mora uma mulher chamada Maggie naquela casa?

O menino devia ter uns doze anos, ele parou de correr atrás da bola quando me aproximei, deixou seus amigos disputarem por ela.

— Aquela ali? — Ele apontou para a casinha.

— Sim. Conhece a senhora que mora lá?

— Conheço... quer dizer conhecia. — O menino fitou o olhar na moradia desgastada pelo tempo.

— O que aconteceu com ela? Por acaso se mudou?

— Sim — ele respondeu sem tirar os olhos daquela casa.

— Saber me dizer para onde ela foi?

— Para o céu — ele disse, desviando o olhar para mim.

Senti um arrepio e logo em seguida a bola atingir minhas costas. Arqueei baixinho e passei a mão por trás do ombro.

— Cuidado com a moça, vocês estão cegos?

— Tudo bem, não se preocupe. Você está querendo dizer que ela morreu?

— Sim, faz um tempo já. Acho que mais de um ano.

— Mas é impossível. Eu a encontrei faz pouco tempo, não tem nem um mês.

— Só se você viu o fantasma dela, porque a vi morta. Ela foi enterrada e tudo.

De repente, o mundo girou e não sabia mais o que era verdade e o que era ilusão. Me perguntei se ainda estava viajando pelos sonhos. Estava confusa.

Me senti louca naquele instante. Os loucos veem coisas que ninguém mais vê.

Olhei para aquele papel na minha mão, não queria dizer nada, ele podia não ser real.

— Consegue me dizer como ela era?

— Ah, era baixinha, cabelos curtos e brancos, usava óculos. Não era magra, mas também não era gorda.

— E tem certeza de que ela morreu?

— Claro. E você tem certeza de que a viu?

Tinha certeza até antes dele falar na morte da mulher.

— Tenho — respondi mesmo assim.

— Pois então você está ficando louca — disse o menino. Ele voltou a se juntar aos amigos.

Chutou a bola de volta para o coleguinha. E voltei a falar com ele.

— Sabe dizer com quem ela morava?

— Com a filha dela.

Uma onda de alívio percorreu meu corpo.

— E sabe onde posso encontrá-la? A filha.

O garoto estava disputando a bola com os amigos.

— Não sei — ele gritou. — Mas minha mãe deve saber. Casa trinta e dois.

— Obrigada — gritei em resposta.

Caminhei até o taxi e pedi que o homem esperasse mais um pouco, ele cochilava, mas o acordei, era gordo e tinha bigodes grandes. Andei olhando para as casas até localizar a daquele garoto. Vi uma mulher lavando roupa na pia que ficava do lado de fora da casa em uma área coberta que a protegia do sol. O vento balançava as folhas da palmeira que tinha ao lado da casa.

— Senhora — a chamei.

A mulher me olhou. Fez uma cara de quem tentava me reconhecer. Ela secou as mãos em sua saia e se aproximou.

— Em que posso ajudá-la? — perguntou, deixando escapar um sorriso.

— Estou procurando a Dona Maggie. A que morava no número vinte e sete.

A expressão da mulher se desfez como quem tem uma notícia ruim para dar.

— Não sabe o que aconteceu com ela?

— Faz pouco tempo que a conheci... bem... falei com um menino que disse ser

seu fil...

— Espere, espere. Disse que a conheceu faz pouco tempo?

— Sim — falei, com medo da reação da mulher.

— Quanto tempo exatamente?

— Bom... — Fiquei em dúvida se falava ou não. — Não tem nem um mês.

— Isso é algum tipo de piada? — perguntou, claramente irritada.

— Ela me deu esse endereço. — Procurei o papel na bolsa, mas não o encontrei, acho que o perdi. Há lacunas na minha memória que não consigo preenchê-las, como o fato de não lembrar se de fato eu o guardei ou deixei cair. — Devo ter perdido, não está aqui. Mas a conheci, eu juro.

— Isso é impossível. Ela morreu faz mais de um ano, menina.

— Minha senhora, desculpe. Não estou inventando nada. Tudo isso é muito estranho pra mim. — Segurei as grades do portão, só então me dei conta o quanto estava com fome e fraca. — Tem certeza de que estamos falando da mesma pessoa?

— Eu que devo perguntar se você tem certeza se está mesmo procurando a velha Maggie. — A senhora estava com uma expressão confusa. — Qual é seu interesse? Você por acaso é uma parente perdida?

O vento colocou uma mecha do meu cabelo ruivo na minha boca e o retirei em seguida, colocando atrás da orelha.

— Não. A encontrei por acaso num consultório médico. Conversamos, ela me deu o endereço pra o caso de eu querer falar com ela de novo.

— Sobre o que conversaram?

— Sobre a vida. — Achei melhor não tocar no assunto dos sonhos, aquela mulher ia me chamar de louca como fez o garoto. — Surgiu uma espécie de amizade entre a gente.

A senhora me encarou, procurando algum sinal de mentira.

— Pode me dizer como ela morreu? — perguntei.

— Teve um tumor raro no cérebro. Ela foi operada, mas morreu na sala de cirurgia.

— Espere, não pode ser. Ela me contou que sobreviveu a essa cirurgia. Por quantos procedimentos ela passou?

— Você está brincando com os mortos, menina? — perguntou a mulher com desprezo na voz. — O que quer contando essas mentiras?

— Não são mentiras, tá bom? Tem algo estranho, mas conheço a história dela. O marido morreu jovem e ele foi bom pra ela. Morava com a filha. Ela teve essa doença, mas se curou. Ela me disse.

— Se sabe tudo isso, deve saber também que ela morreu há mais de um ano. Não tem porquê se fazer de louca. Você deve ter lido sobre a morte dela em algum jornal. O caso dela também foi noticiado na TV local.

— Ela não morreu. — A mulher deu as costas. — Espere, sabe onde posso encontrar a filha dela?

— Qual o nome dela?

— Como?

— O nome da filha dela, se sabe que ela teve uma filha, sabe o nome. Se me disser, te digo onde encontrá-la.

Mas eu não sabia. Ou não lembrava se ela chegou a me dizer.

— Vai embora e não apareça mais aqui. Vá tratar sua loucura.

Todos estavam me chamando de louca.

Liguei pro Thomas, ele atendeu no primeiro toque, parecia estar me esperando. Ouvir a voz dele foi como ser salva, como ser tirada do fundo do mar. Eu comecei a chorar e disse que precisava muito vê-lo, precisava dele. Quis ir me buscar onde eu estava, mas falei que chegaria lá.

O táxi parou em frente à casa do Thomas. Tive que negociar a corrida, pois o pouco dinheiro que tinha não cobriu o valor, o taxista não fez questão da diferença.

O portão da casa abriu. Eu o vi caminhando em minha direção visivelmente preocupado. Ele me abraçou forte, apenas me entreguei aos braços dele, não tinha força para abraçá-lo.

Ele me pegou no colo e caminhou comigo até a casa, eu apenas chorava. Encostei meu rosto no peito dele.

Thomas subiu as escadas comigo, eu lembrei do nosso primeiro encontro. Com ele, não me arrependo de nada. Ele abriu a porta do quarto com dificuldade e a empurrou com o pé. Eu vi por sobre o ombro dele aquele quarto do final do corredor e tive uma súbita curiosidade de saber o que tem lá dentro, mesmo que não tenha nada, que seja só um quarto, fiquei curiosa desde o primeiro dia, somente porque ela não estava aberta. Talvez eu descubra em breve.

— Você está pálida. O que houve com você? — ele perguntou quando me colocou na cama com cuidado.

— Não estou bem. Aconteceram algumas coisas — falei. Não sabia o que dizer, se devia falar algo. — Só quero me esconder aqui com você.

— Tá, tudo bem. Mas se acalme.

Eu ainda chorava. Ele beijou meu rosto. Fui tomada por uma estranha calma. Falei que estava com muita fome. Ele saiu correndo do quarto e voltou com uma bandeja que continha um copo de leite, cereais e alguns pedaços de frutas. Comi tudo, depois fui tomar banho.

Ficamos abraçados na cama em silêncio por alguns instantes. Mas decidi contar a ele sobre o meu pai, sobre como ele morreu e o quanto sinto a falta dele. Falei dos sonhos sem entrar em detalhes e não mencionei o Cristiano, falei dos remédios, de que algumas vezes eu confundo esses sonhos com lembranças reais, disse que tinha fugido do hospital e ele me convenceu a ligar pra minha mãe e explicar que estava bem. Ela só fazia chorar do outro lado da linha, mas pedi desculpas, expliquei que queria ficar sozinha e que voltaria pra casa logo e estava com um amigo, alguém de confiança.

Ela insistiu para falar com o Thomas e deixei que trocassem duas palavras para que se acalmasse. Thomas me convidou para fazer o almoço.

— Sou um desastre na cozinha — falei pra ele. — Não lembra do ovo frito?

Ele sorriu e beijou meus lábios.

Falou que gostava de preparar a própria comida quando tem tempo.

Estamos em um domingo, não sei quanto tempo passei no hospital, minha mãe pode ter me encontrado na sexta à noite ou no sábado pela manhã.

Eu pedi a ele algumas folhas e uma caneta e que me levasse à sua sala de

livros.

Sentei-me na poltrona dele e a reclinei, apoiei a prancheta com as folhas nas minhas coxas e comecei a escrever. Precisava descarregar meus pensamentos, tirar todas as últimas lembranças ruins que me aconteceram e tentar organizá-las para entender o que havia acontecido comigo.

Sempre gostei da escrita, tenho até alguns diários preenchidos. Depois que meu pai se foi, senti ainda mais necessidade de escrever. Ele me falava muito da importância de viver bem, de nunca esquecer os momentos bons. Só que ele não me disse que para viver bem não depende só da gente, depende de um monte de bêbados irresponsáveis.

Gosto de registrar todos os momentos que vivenciei e julguei importantes para que eu nunca esqueça deles ou para o caso de um dia esquecer, poder revivê-los através das minhas palavras. É como guardar as memórias em um lugar mágico.

Eu acredito no poder das palavras, acho que escrever um desejo é uma forma de pedir com toda a intensidade da alma. Então, escrevi no meu diário que meu pai retornaria de vez no meu aniversário, mentalizei a ideia com força para que desse certo, mas dessa vez não deu.

Passei a escrever alguns sonhos estranhos que tinha, alguns muito reais que me deixaram fascinada. E agora, somente agora, eu percebi uma coisa: aquele garoto me observando no sonho da floresta era o mesmo do sonho da praça do pôr do sol, o que passou de bicicleta por mim, e ele também era o garçom naquele pesadelo maldito e era um dos guardas no sonho do rei que me pedia ouro. O homem da minha vida que o rei falou que ia trazer de volta ao mundo dos vivos era meu pai, não o Thomas.

Tudo ficou claro pra mim, aquele garoto não apareceu nos meus sonhos agora, lembro de outros antigos em que ele aparece com aqueles cabelos prateados, ainda é difícil descrever os traços dele, mas sei que é bonito. Ele disse que estava chegando a hora, mas não sei que hora é essa, queria esquecer tudo isso, parar de pensar nessas coisas, talvez sejam histórias que inventei das vezes que tentei controlar meus sonhos.

Mas algo dentro de mim diz que ele existe e caminha pelos meus sonhos em busca de algo.

De repente, eu tenho a estranha sensação de ainda estar dormindo, de não estar com o Thomas de verdade, mas isso dura poucos segundos até quando ele bateu na porta e colocou parte do corpo pra dentro. Ele disse que o almoço estava pronto, nem me dei conta de quantas horas haviam passado. Eu levantei e deixei as folhas na poltrona, nos abraçamos e nos beijamos. Pedi só mais um tempinho para terminar o que estava escrevendo, ele ficou ali em pé na porta me esperando terminar estas palavras.

Qualquer dúvida que eu tinha de estar ainda em um sonho se dissipou quando senti seu calor, também não estou louca, pelo menos não quando estou perto dele.

Thomas reconstrói meus pedaços e faz com que me sinta inteira novamente, acho que encontrei o meu refúgio. Assim que colocar o ponto final nesta folha, irei almoçar com ele e tentar ter um dia bom. Quero uma chance de encontrar minha paz.

Vou entregar-lhe meu coração porque, ao seu lado, tenho esperanças que a vida pode voltar a ser boa.

# AGRADECIMENTOS

Muito obrigado a você que chegou até aqui. Se gostou desta história, me ajude a fazê-la criar asas. Comente nas redes sociais, indique para alguém que possa gostar, avalie no Skoob ou na Amazon e venha falar comigo sobre o que achou dela.

Sou muito grato aos blogs e instagrams que fizeram as primeiras resenhas do livro e me ajudam na divulgação. São elas: Eduarda Garcez, do @caminhadaliteraria; Monica Rafaelly, a Rafa do @sentimentosebooks; Nadyne Garcia, do @meuslivrosmeusvicios (espero ler seu livro em breve, sim o da Camy srsrsr); Malane Quadros do @vainamalablog.

Aos instagrams que se dispuseram a ler: o @naviodoslivros da Dine Lima; @meuslivros.minhasdicas, da Lara Prazeres e a Simone do @fernanda\_avellar\_eventos, que ajuda na divulgação.

Tais Rocha, uma das primeiras leitoras, obrigado por conversar comigo sobre esta história.

Agradeço à Alyne Nascimento, que leu rapidamente e deu sua opinião, amiga de muitos livros lidos e promoções.

Aos amigos divulgadores: Alisson Farias, Talita Almeida, Thays Portela, Roberta Leal; minhas irmãs divulgadoras Marcela, Marisa, Graça e Gabriela e as primas divulgadoras Thais Oliveira e Jéssica Oliveira.

Aos amigos Severino Neto e Basílio Lira pelas previsões motivadoras que fazem para minha carreira de escritor, espero que todas se cumpram (rsrs).

Obrigado a todos os amigos que sorriram quando souberam que eu era autor de um livro, são muitos e não consigo citá-los.